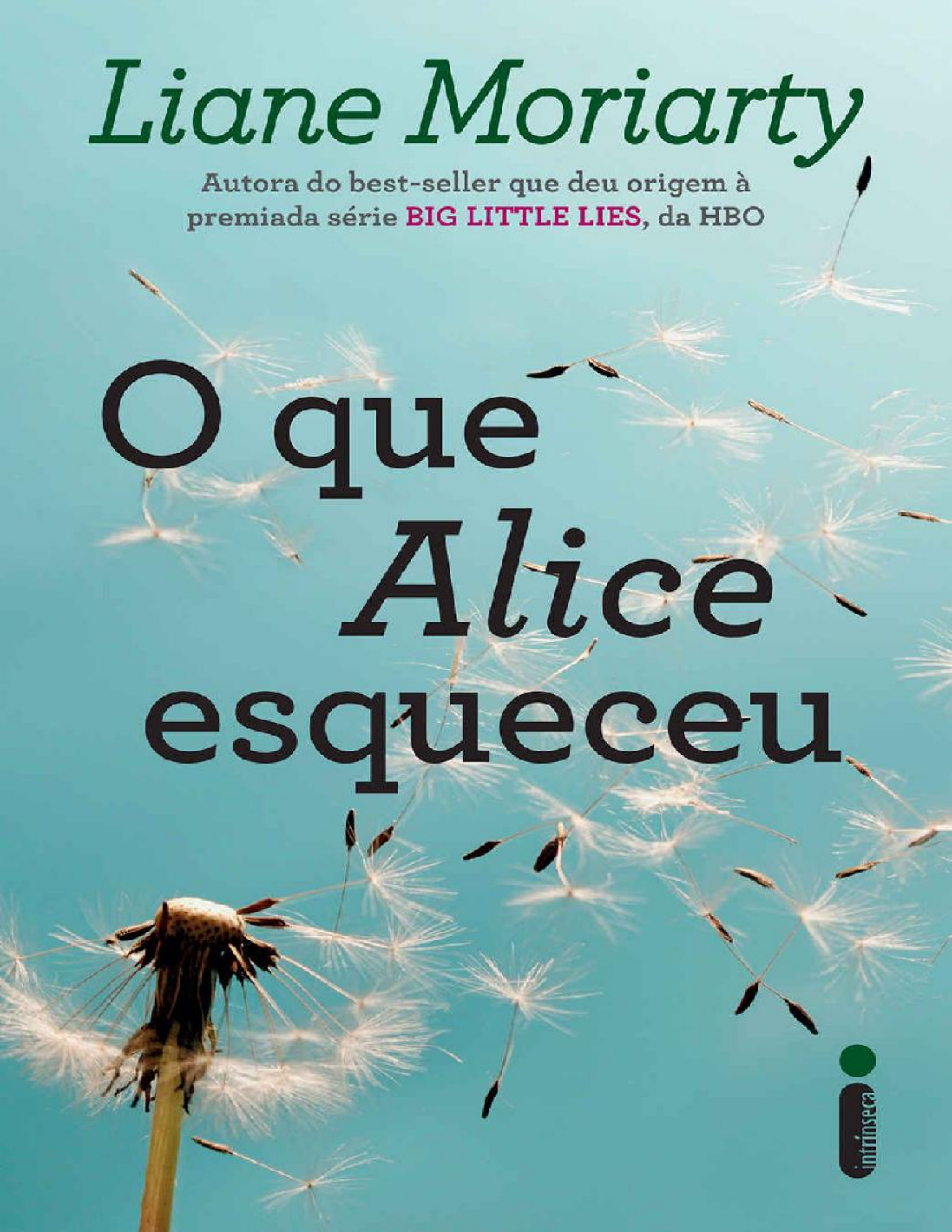
Liane Moriarty

Autora do best-seller que deu origem à premiada série **BIG LITTLE LIES**, da HBO

O que *Alice* esqueceu



intrínseca

Liane Moriarty

O que *Alice* esqueceu

TRADUÇÃO DE
Julia Romeu



Copyright © Liane Moriarty, 2009

TÍTULO ORIGINAL
What Alice Forgot

REVISÃO
Raphani Margiotta
Juliana Pitanga

DESIGN DE CAPA
Sarah Oberrender

FOTO
Dandelion in the wind © Buena Vista Images | Getty Images (RF - 200194596-001)

ADAPTAÇÃO
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE E-BOOK
Cristiane Pacanowski

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0347-3

Edição digital: 2018

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Sumário
Dedicatória

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois

Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Vinte e sete
Vinte e oito
Vinte e nove
Trinta
Trinta e um
Trinta e dois
Trinta e três
Trinta e quatro
Trinta e cinco
Epílogo
Agradecimentos

Sobre a autora
Conheça outros títulos da autora
Leia também

Para Adam

UM

Ela estava flutuando com os braços abertos e a água batendo no corpo, sentindo um cheiro típico do verão: uma mistura de sal e coco. Havia um gosto agradável em sua boca, uma sensação boa de saciedade, de quem tomara café, comera bacon e, possivelmente, croissants. Ela ergueu o queixo e o sol da manhã brilhou com tanta força na água que foi preciso semicerrar os olhos para enxergar seus pés à frente por entre os raios de luz. Tinha as unhas pintadas uma de cada cor. Vermelho. Dourado. Roxo. Que engraçado. Não havia passado o esmalte direito. Estava borrado e com bolinhas. Alguém boiava na água bem perto dela. Alguém de quem ela gostava muito, que a fazia rir, e estava com as unhas dos pés pintadas do mesmo jeito. A outra pessoa mexeu amistosamente os pés multicoloridos e ela sentiu uma preguiça gostosa. A certa distância, uma voz masculina gritou "Marco?" e um coro de vozes infantis respondeu "Polo!". O homem repetiu "Marco, Marco, Marco?" e as vozes responderam "Polo, Polo, Polo!". Uma criança riu; uma risadinha demorada e borbulhenta, feito uma cascata de bolhas de sabão. Uma voz baixa e insistente soou em seu ouvido: "Alice?" Ela inclinou a cabeça para trás e deixou a água fresca escorrer pelo rosto.

Pontos minúsculos de luz se mexeram diante dos seus olhos.

Era um sonho ou uma lembrança?

— Não sei! — disse uma voz assustada. — Não vi quando aconteceu!

Não precisa ficar histérica.

O sonho, a lembrança ou o que quer que fosse se dissolveu e desapareceu como um reflexo na água. Em seu lugar, pensamentos fragmentados começaram a surgir, como se ela estivesse acordando de um sono longo e profundo num domingo de manhã.

Cream cheese é considerado um queijo mole?

Bom, não é um queijo duro.

Não é...

...nem um pouco duro.

Então, claro, você acha que...

...sei lá.

Qualquer coisa lógica.

Lavandas são lindas.

Claro que são.

Preciso aparar as lavandas!

Estou sentindo o cheiro delas.

Não estou, não.

Estou, sim.

Nesse instante ela se deu conta da dor que sentia na cabeça. Um dos lados doía muito, como se alguém tivesse lhe dado uma bela pancada com um martelo.

Seus pensamentos ficaram mais claros. Que diabo era aquela dor na cabeça? Ninguém tinha comentado nada sobre dor de cabeça. Ela havia feito uma lista completa com os sintomas peculiares para os quais deveria se preparar: azia, gosto metálico na boca, tontura, fadiga extrema. Mas nunca ouvira falar de uma dor pulsante na lateral da cabeça. Alguém deveria ter mencionado, porque doía muito. Mas claro que, se ela nem ao menos conseguia aguentar uma dorzinha de cabeça *de nada*, então...

O cheiro de lavanda parecia ir e vir feito uma brisa suave.

Ela relaxou.

A melhor coisa a fazer seria dormir de novo e voltar para aquele lindo sonho com água e unhas multicoloridas.

Na verdade, talvez alguém tenha mencionado dores de cabeça e se esquecido de... Isso mesmo! Dores de cabeça, claro! Horríveis. Ótimo.

Tanta coisa para lembrar. Nada de queijos moles, nem salmão defumado, nem sushi, por causa do risco de uma doença que ela nem sabia que existia: listeriose. Tinha a ver com alguma bactéria. Faz mal para o bebê. Por isso, não se deve comer as sobras na geladeira. Uma mordida na coxinha de galinha guardada na geladeira podia matar o bebê. As responsabilidades de ser mãe eram mesmo brutais.

Por enquanto, ela ia voltar a dormir, só isso. Era a melhor coisa a fazer.

Listeriose.

Glisteriose.

Glicínia.

A glicínia na cerca lateral vai ficar linda se florescer.

Listeriose, glicínia.

Rá. Que palavras engraçadas.

Sorriu, mas na verdade sua cabeça doía muito. Ela estava tentando ser corajosa.

— Alice? Está me ouvindo?

O cheiro de lavanda se intensificou. Era um pouco enjoativo.

Cream cheese é parecido com requeijão. Não é mole nem duro demais. É na medida certa. Que nem a cama do ursinho menor, na história da Cachinhos Dourados.

— Os cílios dela estão se mexendo. Como se estivesse sonhando.

Não adiantava. Ela não conseguia voltar a dormir, por mais que se sentisse exausta, capaz de dormir para sempre. Todas as grávidas andavam por aí com dores de cabeça como aquela? Será que o intuito era deixá-las mais preparadas para as dores do parto? Quando saísse da cama, ia dar uma olhada em um dos livros sobre gravidez.

Ela sempre esquecia como a dor era uma coisa incômoda. Cruel. De magoar mesmo. A gente só quer que passe, por favor, agora mesmo. O negócio era contar com a anestesia. Uma anestesia para minha dor de cabeça, por favor. Obrigada.

— Alice, tente abrir os olhos.

Será que cream cheese era considerado queijo? Ninguém servia colherada de cream cheese numa tábua de queijos. Talvez cheese não significasse queijo no contexto do cream cheese. Ela não ia perguntar ao médico, porque podia ser um daqueles erros que fazia todo mundo dizer: "Ai, Alice!"

Não conseguia encontrar uma posição confortável. O colchão parecia de concreto. Se ela se esticasse até o outro lado, conseguiria cutucar Nick com o pé, até que ele a puxasse, ainda dormindo, para perto e lhe desse um abraço de urso. Ele era sua bolsa de água quente em forma humana.

Onde estava Nick? Será que já tinha se levantado? Talvez estivesse preparando um chá para ela.

— Não tente se mexer, Alice. Fique parada e abra os olhos, querida.

Elisabeth ia descobrir a resposta para a questão do cream cheese. Ia dar uma daquelas risadas sarcásticas de irmã mais velha e ser bem precisa. Mamãe não teria a menor ideia. Ficaria apavorada. Diria: "Ah, não, imagina! Com certeza comi queijo mole quando estava grávida de você e da sua irmã. Não tínhamos essas informações naquela época." Ia falar sem parar, com medo de que Alice tivesse violado alguma regra. Mamãe acreditava em regras. Alice também, na verdade. Frannie não saberia, mas ficaria toda orgulhosa ao pesquisar em seu computador novo, assim como antigamente ficava orgulhosa ao ajudar Alice e Elisabeth a encontrar informações na Enciclopédia Britânica para os trabalhos da escola.

Sua cabeça estava doendo muito mesmo.

E olha que aquela dor devia ser um milésimo da dor do parto. Que maravilha.

Mas ela não tinha comido nada com cream cheese. Pelo menos, não que lembrasse.

— Alice? *Alice!*

Ela nem gostava muito de cream cheese.

— Alguém chamou uma ambulância?

Lá veio aquele cheiro de lavanda de novo.

Certa vez, enquanto eles soltavam o cinto de segurança, Nick dissera (em resposta a algum comentário carente dela), com a mão na maçaneta da porta do carro: "Não seja ridícula, sua boba, você sabe que sou louco por você."

Ela havia aberto o carro, sentido o sol nas pernas e o cheiro da lavanda que tinha plantado perto da porta de entrada.

Louco por ela.

Foi um momento de êxtase com aroma de lavanda quando eles estavam voltando do supermercado.

— Está chegando. Liguei para a emergência pela primeira vez na vida! Fiquei toda tímida. Quase disquei 911, como se fosse americana. Cheguei a digitar o nove. Isso é prova de que vejo televisão demais.

— Tomara que, tipo, não seja nada sério. Quer dizer, ninguém vai me processar nem nada, vai? Minha coreografia não era tão difícil assim, era?

— Acho que a última pirueta é um pouco exagerada, porque a gente já está tonta de virar para a esquerda depois de levantar a perna duas vezes.

— Mas é uma turma avançada! As pessoas reclamam quando é muito fácil. Eu dou *opções*. Tem para todos os gostos. Cara, o povo reclama de tudo o que eu faço.

Será que estava escutando o rádio? Ela detestava esses programas de rádio em que os ouvintes ligavam para conversar. Eles eram chatos e tinham uma voz muito anasalada. E sempre ficavam impressionados com alguma coisa. Certa vez, Alice dissera que nunca tinha se impressionado com nada. Elisabeth respondera que isso sim era impressionante.

Ela manteve os olhos fechados e disse em voz alta:

— Você ligou o rádio, Nick? Acho que estou com dor de cabeça.

Soou impaciente, o que nunca acontecia, mas, afinal, ela estava *grávida*, com dor de cabeça, frio, e se sentindo meio… esquisita.

Será que aquilo era o tal enjoo matinal?

Será que estava de manhã?

Ai, Alice!

— Alice, você está me ouvindo? Está me ouvindo, Alice?

Passinha, você está me ouvindo? Está me ouvindo, Passinha?

Todas as noites, antes de irem dormir, Nick encostava um rolo de papel higiênico na barriga de Alice para conversar com o bebê. Tirara essa ideia de um programa de rádio. Eles disseram que assim o bebê ia passar a reconhecer a voz do pai, além da voz da mãe.

"Atenção!", dizia ele. "Está me ouvindo, Passinha? Aqui é seu pai falando!"

Eles tinham lido que o bebê estava do tamanho de uma uva-passa. Por isso, começaram a chamá-lo de Passinha. Mas só quando estavam sozinhos, claro, pois eram futuros pais blasé. Nada de sentimentalismo em público.

Passinha dizia ao papai que estava bem, obrigado, um pouco entediado às vezes, mas bem. Aparentemente, queria que a mãe parasse de comer aquelas coisas verdes horríveis e pedisse uma pizza, para variar. "Chega de comida de coelho!", exigia.

Passinha, quase com certeza, era menino. Era um bebê de personalidade masculina. Danadinho. Ela e Nick concordavam nisso.

Nessas ocasiões, Alice se recostava e ficava observando o topo da cabeça de Nick. Ele tinha alguns fios de cabelo grisalho. Ela não sabia se Nick tinha reparado, por isso não comentava. Ele estava com trinta e dois anos. Aqueles fios brancos lhe deixavam com os olhos cheios d'água. Culpa dos hormônios malucos da gravidez.

Alice nunca conversava em voz alta com o bebê. Falava com ele em pensamento, de forma tímida, quando estava na banheira. (E a água não podia ser quente demais. Eram muitas regras mesmo.) *Oi, bebê*, pensava ela. Em seguida ficava tão maravilhada com a situação que fazia ondas na água com as palmas das mãos viradas para baixo, alegre feito uma criança à espera do Natal. Alice ia fazer trinta anos em breve, tinha pedido um empréstimo assustador para comprar a casa, estava casada e com um filho a caminho, no entanto se sentia mais ou menos a mesma pessoa desde os quinze.

Só que quando tinha quinze anos ela não ficava em êxtase depois de ir ao supermercado. Ainda não tinha conhecido Nick. Seu coração teria que ser partido algumas vezes antes de ele aparecer e colá-lo de forma definitiva com expressões como "louco por você".

— Alice? Você está bem? Por favor, abra os olhos.

Era uma voz feminina. Alta e estridente demais para ser ignorada. Arrastava Alice para um estado de consciência, recusando-se a deixá-la em paz.

Uma voz que fez Alice sentir uma irritação familiar, como a que sentimos ao vestir uma meia-calça apertada demais.

Aquela pessoa não devia estar no seu quarto.

Ela virou a cabeça para o lado.

— *Ai!* — disse.

Abriu os olhos.

Viu um borrão de cores e formas irreconhecíveis. Não conseguia enxergar a mesa de cabeceira, onde deixara seus óculos. Sua visão devia estar piorando.

Alice piscou sem parar e, então, como se alguma pessoa tivesse ajustado um telescópio, tudo ficou em foco. Ela estava olhando para os joelhos de alguém. Que engraçado.

Joelhos brancos e ossudos.

Alice ergueu o queixo alguns milímetros.

— Até que enfim você acordou!

Por mais estranho que fosse, era Jane Turner, uma colega de trabalho, ajoelhada ao seu lado. Jane estava com o rosto vermelho e mechas de cabelo suado grudadas na

testa. Parecia abatida. Pela primeira vez, Alice reparou que o pescoço dela era gorducho e pelancudo. Usava uma camiseta com imensas manchas de suor e um short. Seus braços eram finos, brancos e com pintinhas escuras. Alice nunca tinha visto o corpo de Jane tão à mostra. Que vergonha. Coitadinha.

— Listeriose, glicínia — disse Alice, querendo ser engraçada.

— Você está delirando — respondeu Jane. — Não tente se sentar.

— Aff — resmungou Alice. — Não quero me sentar.

Ela teve a impressão de que não estava na cama. Parecia que suas costas se apoiavam em um piso encerado. Será que tinha bebido? Será que se esquecera de que estava grávida e *caíra de bêbada*?

Seu obstetra era um homem refinado que usava gravata-borboleta e seu rosto redondo tinha uma semelhança desconcertante com o de um dos ex-namorados dela. Ele falara que não se incomodava com "digamos, um *apéritif* seguido de uma taça de vinho no jantar". Alice achara que *apéritif* era um drinque específico ("Ai, Alice!", dissera Elisabeth ao saber disso). Nick então explicou que *apéritif* era um drinque tomado antes do jantar. Ele vinha de uma família que tomava *apéritif*. Já Alice vinha de uma família que tinha apenas uma garrafa empoeirada de Baileys guardada esperançosamente no fundo da despensa, atrás do espaguete enlatado. Apesar do que o obstetra dissera, ela só havia bebido meia taça de champanhe desde que fizera o teste de gravidez e se sentia culpada, por mais que todo mundo dissesse que não tinha problema.

— Onde estou? — perguntou Alice, morrendo de medo de ouvir a resposta.

Será que estava em alguma boate sórdida? Como ia explicar para Nick que tinha se esquecido de que estava grávida?

— Na academia — respondeu Jane. — Você caiu e desmaiou. Quase morri do coração, apesar de ter ficado feliz por arranjar uma desculpa para interromper a aula.

Na academia? Alice não frequentava academia nenhuma. Será que tinha acordado *bêbada* numa *academia*?

— Você se desequilibrou — disse uma voz aguda e alegre. — Foi o maior tombo! Quase matou todo mundo de susto, sua desengonçada! A gente chamou uma ambulância, então não precisa se preocupar. Eles estão chegando!

Ajoelhada ao lado de Jane estava uma menina magra de pele cor de café e o cabelo descolorido preso num rabo de cavalo. Ela usava um short de lycra brilhante e um top vermelho com as palavras "Step Crazy" na frente. Alice sentiu uma antipatia instantânea por ela. Não gostava que a chamassem de desengonçada. Ofendia sua dignidade. Um dos defeitos de Alice, de acordo com sua irmã Elisabeth, era a tendência a se levar a sério demais.

— Eu desmaiei? — perguntou Alice, torcendo para que fosse isso.

Grávidas desmaiavam. Ela nunca tinha desmaiado, apesar de ter passado a maior parte do quarto ano praticando na escola, na esperança de ser uma daquelas meninas sortudas que desmaiavam durante a missa e tinham que sair carregadas pelos braços musculosos do professor de Educação Física, o Sr. Gillespie.

— É que estou *grávida* — justificou Alice.

Aquela menina ia aprender a não chamá-la de desengonçada.

A boca de Jane se escancarou.

— Mentira, Alice!

A tal menina do Step Crazy exibiu um bico, como se tivesse flagrado Alice fazendo alguma besteira.

— Ah, querida, perguntei no início da aula se alguma de vocês estava grávida. Você devia ter falado. Eu teria sugerido certas mudanças no exercício.

A cabeça de Alice estava latejando. Todo mundo ali só dizia coisas sem sentido.

— Grávida — disse Jane. — Logo agora. Que desastre.

— Desastre nada.

Alice pôs uma mão protetora na barriga, para que Passinha não ouvisse e ficasse ofendido. A situação financeira deles não era da conta de Jane. O correto era as pessoas ficarem animadas quando você anunciava uma gravidez.

— O que você vai *fazer*? — perguntou Jane.

Pelo amor de Deus!

— Como assim, o que vou fazer? Vou ter um bebê! — respondeu Alice, fungando. — Você está com cheiro de lavanda. Eu sabia que estava sentindo cheiro de lavanda.

O olfato dela andava muito aguçado por causa da gravidez.

— É meu desodorante.

Jane estava mesmo esquisita. Seus olhos pareciam diferentes. Dava para notar. Seria bom ela usar algum creme antirrugas.

— Tudo bem com você, Jane?

Ela deu uma risada sarcástica.

— Estou ótima. Você é que me preocupa, mulher. Não sou eu que estou grávida e desmaiando por aí.

O bebê! Alice, muito egoísta, estava pensando só na própria cabeça, sendo que devia estar preocupada com o coitado do Passinha. Seria uma péssima mãe.

— Espero não ter machucado o bebê quando caí — disse ela.

— Ah, não é fácil machucar um bebê. Não se preocupe.

Era a voz de outra mulher. Pela primeira vez, Alice ergueu a cabeça e se deu conta de que estava cercada por uma multidão de mulheres de meia-idade com roupas de ginástica e o rosto vermelho. Algumas estavam inclinadas para a frente, olhando para ela com o interesse ávido de quem observa um acidente na estrada,

enquanto outras apoiavam as mãos no quadril e conversavam como se estivessem numa festa. A sala era comprida e iluminada por lâmpadas fluorescentes. Ela ouviu uma música estridente ao longe, o som de metal batendo e uma súbita gargalhada masculina.

— Mas você não devia estar fazendo exercício de alto impacto se está grávida — disse outra mulher.

— Mas não faço exercício *nenhum* — afirmou Alice. — Eu devia fazer mais.

— É impossível você fazer mais exercício, menina — retrucou Jane.

— Não sei do que você está falando.

Alice olhou para os rostos estranhos ao redor. Aquela situação era tão... estúpida.

— Não sei onde estou — disse ela.

— Deve ter sofrido uma concussão — afirmou uma mulher animada. — Pessoas que sofrem concussão ficam zonzas e desorientadas.

— Iiiih, chegou a doutora!

— Acabei de fazer um curso de primeiros socorros na escola das crianças. Eu me lembro dessas palavras: zonzas e desorientadas. Tem que ver se não houve compressão do cérebro. Isso é muito perigoso.

A menina do Step Crazy ficou assustada e acariciou o braço de Alice.

— Ah, querida, VOCÊ PODE TER SOFRIDO UMA CONCUSSÃO.

— É, mas acho que isso não causa surdez — disse Jane, irritada, baixando a voz e inclinando a cabeça na direção de Alice. — Está tudo bem. Você está na academia. Estava fazendo sua aula de step de sexta, para a qual você vivia querendo me arrastar, lembra? Na verdade, não adorei tanto assim. Enfim, você levou um tremendo tombo e bateu a cabeça, só isso. Vai ficar tudo bem. O mais importante é: por que não me contou que estava grávida?

— O que é uma aula de step de sexta? — perguntou Alice.

— Ai, meu Deus, isso é mau sinal! — exclamou Jane, exaltada.

— A ambulância chegou! — disse alguém.

A menina do Step Crazy ficou aliviada. Ela se levantou num pulo e gritou com as mulheres como se fosse uma dona de casa cheia de energia com a vassoura em mãos.

— Muito bem, pessoal, vamos abrir espaço!

Jane continuou ajoelhada no chão ao lado de Alice, dando-lhe tapinhas distraídos no ombro. De repente parou.

— Ah, olha! Por que você sempre se dá bem?

Alice virou a cabeça e viu dois homens bonitos de macacão azul vindo a passos largos na direção delas, com kits de primeiros socorros nas mãos. Morrendo de vergonha, ela fez um esforço para se sentar.

— Fique no chão, meu bem! — disse o homem mais alto.

— Ele é igual ao George Clooney — sussurrou Jane no ouvido de Alice.

Era mesmo. Sem querer, Alice ficou um pouco mais animada. Parecia que tinha acordado num episódio de *ER*.

— Oi, moça — cumprimentou George Clooney, agachando-se ao lado das duas com as mãos grandes apoiadas nos joelhos. — Qual é o seu nome?

— Jane — respondeu Jane. — Ah. O nome dela é Alice.

— Qual é o seu nome completo, Alice? — perguntou George, segurando o braço dela com delicadeza e encostando dois dedos para sentir sua pulsação.

— Alice Mary Love.

— Levou um tombinho, não foi, Alice?

— Parece que sim. Não lembro.

Alice se sentiu importante e com vontade de chorar, como em geral acontecia quando ela conversava com qualquer profissional de saúde, até mesmo um farmacêutico. Culpava sua mãe por isso, porque ela fizera uma tempestade em copo d'água toda vez que Alice ficava doente na infância. Ela e Elisabeth eram exageradamente hipocondríacas.

— Você sabe onde está? — perguntou George.

— Na verdade, não — respondeu Alice. — Parece que numa *academia*.

— Ela caiu na aula de step — disse Jane, ajeitando a alça do sutiã por debaixo da blusa. — Eu vi quando aconteceu. Ela deu um mortal para trás impressionante e bateu a cabeça no chão. Ficou desmaiada por uns dez minutos.

A menina do Step Crazy voltou, balançando o rabo de cavalo. Alice reparou, impressionada, em suas pernas compridas e lisas e em sua barriga dura e negativa. Parecia até de mentira.

— Acho que ela se desconcentrou por um minuto — disse a menina do Step Crazy para George Clooney, no tom confidencial usado numa conversa de dois profissionais. — Realmente não recomendo esse tipo de aula para grávidas. Eu *perguntei* se alguém estava grávida.

— Você está com quantas semanas, Alice? — perguntou George.

Ela se preparou para responder, mas, para sua surpresa, teve um branco.

— Treze — disse ela, após um segundo de hesitação. — Quer dizer, quatorze. Quatorze semanas.

Eles tinham feito a ultrassonografia de doze semanas há pelo menos quinze dias. Passinha tinha dado um pulinho engraçado, tipo um passo de dança disco, como se alguém houvesse cutucado suas costas e, depois, Nick e Alice ficaram tentando imitar o gesto para as pessoas. Todo mundo tinha sido educado e afirmado que era mesmo impressionante.

Alice levou uma das mãos à barriga de novo e, pela primeira vez, notou que estava usando tênis de corrida e meias brancas, um short preto e uma regata amarela

com um adesivo dourado. Parecia um dinossauro com um balão de diálogo, com as palavras "Eu quero é rock!" saindo da boca. Eu quero é rock?

— De onde vieram essas roupas? — perguntou ela para Jane. — Não são minhas.

Jane ergueu uma sobrancelha para George, com uma expressão significativa.

— Tem um dinossauro grudado na minha camiseta — disse Alice, atônita.

— Que dia da semana é hoje, Alice? — perguntou George.

— Sexta — respondeu ela.

Estava colando, porque Jane dissera que elas estavam fazendo a "aula de step de sexta". Fosse lá o que isso significasse.

— Você lembra o que comeu no café da manhã?

Enquanto falava, George ficou examinando com gentileza a lateral da cabeça dela. O outro paramédico colocou um aparelho de medir pressão em seu antebraço e foi enchendo o balão de ar.

— Torrada com manteiga de amendoim?

Isso era o que ela costumava comer no café da manhã. Era um bom chute.

— Ele não *sabe* o que você comeu no café da manhã — explicou Jane. — Está querendo descobrir se você *lembra* o que comeu.

O aparelho de pressão apertou com força o braço de Alice. George se sentou sobre os próprios pés e disse:

— Por favor, Alice, me diga o nome do nosso ilustre primeiro-ministro.

— John Howard — respondeu ela, obediente.

Torceu para que ele não fizesse mais perguntas sobre política. Não era seu forte. Ela nunca conseguia se impressionar com nada.

Jane fez um barulho estranho e explosivo: uma risada de desdém.

— Hum. Ah. Mas ele ainda é o primeiro-ministro, não é? — disse Alice, mortificada.

As pessoas iam passar anos caçoando dela por isso. Ai, Alice, você não sabe quem é o primeiro-ministro! Será que ela perdera alguma eleição?

— Mas tenho certeza de que ele é o primeiro-ministro — insistiu.

— E em que ano nós estamos? — perguntou George, sem parecer muito preocupado.

— Em 1998 — respondeu Alice na mesma hora.

Disso tinha certeza. O bebê ia nascer no ano seguinte, em 1999.

Jane tapou a boca com a mão. George ia dizer algo, mas Jane foi mais rápida. Ela colocou uma das mãos no ombro de Alice e lançou um olhar penetrante para a amiga. Seus olhos estavam arregalados de comoção. Havia bolinhas minúsculas de rímel nas pontas dos seus cílios. Ela exalava uma combinação de deixar qualquer um tonto: desodorante de lavanda com bafo de alho.

— Quantos anos você tem, Alice?

— Vinte e nove, *Jane* — respondeu ela, irritada com o tom dramático da outra e sem entender aonde queria chegar. — A mesma idade que você.

Jane se afastou, olhou para George Clooney com uma expressão triunfante e disse:

— Acabei de receber o convite da festa de quarenta anos dela.

Este foi o dia em que Alice Mary Love foi à academia e, num descuido, perdeu uma década de vida.

DOIS

Jane disse que só não ia ao hospital com ela porque tinha que estar no tribunal às duas.

— Por que você vai para o tribunal? — perguntou Alice.

Ela não se incomodou nem um pouco por Jane não ir ao hospital. Já tinha aguentado Jane demais por um dia. O convite da festa de quarenta anos dela. Que diabo quis dizer com aquilo?

Jane deu um sorriso estranho e não respondeu à pergunta de Alice sobre o tribunal.

— Vou ligar para alguém ir até o hospital esperar por você.

— Para alguém, não — retrucou Alice, vendo os paramédicos armarem a maca que parecia um pouco frágil. — Para Nick.

— Ah, *claro*. Vou ligar para *Nick*.

Jane pronunciou com cuidado as palavras, como se fosse uma atriz de teatro infantil.

— Para falar a verdade, tenho certeza de que consigo andar — disse Alice para George Clooney.

Ela não gostava de ser carregada por ninguém, nem por Nick, que era bem forte. Sentia medo por causa do seu peso. E se ao levantar a maca os paramédicos grunhissem e fizessem caretas como se estivessem mudando um móvel de lugar?

— Estou ótima. Só bati a cabeça — insistiu.

— Você sofreu uma concussão bem séria — disse George. — Temos que ser cuidadosos com ferimentos na cabeça.

— Fala sério, a melhor parte deste emprego é poder carregar mulheres bonitas de um lado para outro na maca — brincou o segundo socorrista. — Não nos tire isso.

— Não tire isso dos rapazes, Alice — incentivou Jane. — Você sofreu um dano cerebral. Acha que tem vinte e nove anos.

O que exatamente ela queria dizer com aquilo?

Alice voltou a se deitar no chão e deixou que os dois homens a erguessem e a colocassem na maca com muita eficiência. Quando sua cabeça virou para o lado, a

dor lhe deixou tonta.

— Ah, esta é a bolsa dela.

Jane pegou uma mochila num dos cantos da sala e a enfiou ao lado de Alice.

— Isso não é meu — disse Alice.

— É, sim.

Ela olhou espantada para a mochila de lona vermelha. No bolso de cima, havia uma fileira de três adesivos brilhantes de dinossauro, iguais ao de sua camiseta. Ela achou que ia vomitar.

Os dois paramédicos ergueram a maca. Não pareceram ter dificuldade em carregá-la. Alice concluiu que parte das funções deles era levantar pessoas de todos os tamanhos.

— O trabalho! — disse Alice, subitamente em pânico. — É melhor você ligar para o meu trabalho. Por que não estamos trabalhando se hoje é sexta-feira?

— É mesmo, não faço ideia! Por que *nós* não estamos trabalhando? — repetiu Jane, imitando de novo uma voz de teatro infantil. — Não se preocupe. Vou ligar para *Nick* e depois para o *trabalho*. Quando você diz trabalho, imagino que queira dizer ABR Bricks, não é?

— Isso mesmo, Jane — respondeu Alice com cautela.

Já fazia três anos que elas trabalhavam na ABR. Será que a coitadinha estava com alguma doença mental?

— É melhor você avisar a Sue que não vou poder ir hoje — disse Alice.

— Sue — repetiu Jane, devagar. — Quando você diz Sue, imagino que seja Sue Mason.

— Isso, Jane. Sue Mason.

(Jane definitivamente estava pirada.)

Sue Mason era a chefe delas. Exigia pontualidade, atestados médicos e roupas apropriadas para o ambiente de trabalho. Alice mal podia esperar o início da licença-maternidade para dar o fora daquele lugar.

Ela viu Jane observando-a ser levada pelos paramédicos. Estava apertando o lábio inferior entre o polegar e o indicador, o que a deixava com cara de peixe.

— Melhoras! — exclamou a menina do Step Crazy de um palco na frente da sala, com a voz ampliada por um microfone preso à cabeça.

Quando a maca chegou à porta, uma música pulsante começou a tocar alto. Alice olhou para trás e observou a menina do Step Crazy dar passos rápidos para cima e para baixo em uma pequena plataforma de plástico. As mulheres que haviam rodeado Alice imitavam cada gesto nas próprias plataformas.

— Vamos lá, MENINAS! Primeiro o passo básico, depois joguem o pé para trás, agora SEGURA, PEÃO!

As mulheres se sentaram nas plataformas e giraram cordas imaginárias acima da cabeça.

Nossa. Ela precisava se lembrar de cada segundo daquele dia maluco para contar tudo a Nick. Ia ter que repetir a mímica do "segura, peão". Ele ia achar hilário. É, aquele dia estava mesmo de morrer de rir.

(A não ser, é claro, pelo fato de também estar de morrer de medo, pois o que ela estava fazendo numa academia com uma Jane Turner pirada?)

Eles passaram por uma porta de vidro e chegaram a uma sala ampla e comprida, do tamanho de um supermercado. Nada daquilo era familiar para Alice.

Havia algumas máquinas complexas sendo operadas por homens e mulheres que pareciam estar se esforçando para erguer, puxar ou empurrar coisas pesadas demais para eles. O lugar tinha o clima sério e compenetrado de uma biblioteca. Ninguém parou o que estava fazendo quando a maca passou. Apenas a seguiram com os olhos, demonstrando um interesse vago e impessoal, como se Alice fosse uma notícia passando na televisão.

— Alice!

Um homem desceu de uma esteira, tirando os fones do ouvido, os quais ficaram pendurados nos ombros.

— O que aconteceu com você? — perguntou ele.

Alice nunca tinha visto aquele rosto, que estava bastante vermelho e encharcado de suor. Ela encarou o homem, tentando pensar em algo educado para dizer. Era surreal conversar com um desconhecido deitada numa maca. Alice devia estar tendo um sonho daqueles em que se vai de pijama à uma festa.

— Bateu o coco — respondeu George Clooney por ela, sem soar nem um pouco profissional.

— Ah, não! — disse o homem, passando uma toalha na testa. — Ainda mais essa, e com o grande dia chegando!

Alice tentou fazer uma cara de preocupação por causa do grande dia que estava chegando. Talvez ele fosse colega de Nick e estivesse falando de algum evento do trabalho que ela deveria saber.

— Quem manda ser rata de academia, não é, Alice?

— Ô — disse ela.

Não sabia o que tinha tentado dizer, mas saíra isso: "Ô."

Os paramédicos seguiram em frente e o homem subiu de novo na esteira, falando alto:

— Cuide-se, Alice! Vou pedir para Maggie ligar para você!

Ele aproximou o indicador e o polegar do ouvido, imitando um telefone. Alice fechou os olhos. Estava com o estômago embrulhado.

— Tudo bem, Alice? — perguntou George Clooney.

Ela abriu os olhos.

— Estou um pouco enjoada — disse.

— Não tem problema. Isso é normal.

Eles pararam diante de um elevador.

— Realmente não sei onde estou — reforçou a George, achando que era algo digno de ser repetido.

— Não se preocupe com isso por enquanto — disse George.

A porta do elevador se abriu com um ruído e uma mulher de cabelo chanel extremamente liso saiu.

— Alice! Tudo bem? O que aconteceu? — exclamou a mulher, que tinha o mesmo sotaque dos ingleses ricos. — Que coincidência! Estava pensando em você neste exato momento! Eu ia ligar para falar do... Hum, do probleminha na escola. Chloe me contou, coitada de você! Nossa, mais essa! E ainda tem amanhã à noite e o grande dia está chegando!

Enquanto ela falava, os paramédicos manobravam a maca para entrar no elevador e apertavam o botão do térreo. A porta deslizou diante da mulher, que esticava o polegar e o indicador ao lado do ouvido que nem o cara da esteira, ao mesmo tempo que alguém perguntava: "Era *Alice Love* ali naquela maca?"

— Você conhece um monte de gente — disse George.

— Não — retrucou Alice. — Pior que não.

Ela pensou em Jane dizendo "Acabei de receber o convite da festa de quarenta anos dela".

Alice virou a cabeça e vomitou bem em cima dos sapatos lindos e brilhantes de George Clooney.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

O horário de almoço estava quase terminando quando recebi o telefonema. Só me restavam cinco minutos até voltar e eu deveria ter ido no banheiro conferir se não havia nada nos meus dentes. A pessoa disse "Elisabeth? Oi, é Jane. Estou com um problema", como se só existisse uma Jane no mundo (afinal de contas, alguém que se chama *Jane* deveria ter o hábito de dizer o sobrenome também), e eu fiquei pensando *Jane, Jane, uma tal de Jane com algum problema*, até que me dei conta de que era Jane Turner. A Jane da Alice.

Ela disse que Alice tinha caído na academia durante uma aula de step.

Então lá estava eu, com cento e quarenta e três pessoas sentadas em suas mesas, servindo-se de água gelada, chupando balas de menta, olhando cheias de expectativa

para o palco e segurando as canetas no ar, e cada uma tinha pagado dois mil novecentos e cinquenta dólares para assistir à minha palestra, ou dois mil e quinhentos dólares, no caso daqueles que aproveitaram o desconto dos primeiros inscritos. Isso é quanto me pagam para que eu ensine a criar uma campanha de marketing bem-sucedida. Pois é! Esse mundo comercial sórdido é completamente desconhecido para você, não é, Dr. Hodges? Dava para perceber que você só balançava a cabeça por educação enquanto eu tentava explicar o que faço. Tenho certeza de que nunca parou para pensar que aquelas cartas e folhetos que recebe são escritos por gente de verdade. Gente como eu. Aposto que tem um adesivo "NADA DE PROPAGANDA" na sua caixa de correio. Mas não se preocupe. Não estou julgando.

Enfim, aquele não era o momento mais conveniente para ir correndo atrás da minha irmã que tinha sofrido um acidente na *academia* (algumas pessoas trabalham, sabe, e não têm tempo de ir à academia no meio do dia). Principalmente porque eu não falava com ela desde o incidente com os muffins de banana. Sei que conversamos bastante sobre tentar enxergar o que Alice fez por meio de uma "perspectiva mais racional", mas ainda não fizemos as pazes. (Claro que minha irmã não *sabe* que não estou falando com ela, mas, com licença, me deixe sentir uma satisfação infantil.)

Perguntei a Jane (com um pouco de irritação e arrogância, admito): "Foi sério?" Por algum motivo, nunca pensei que realmente pudesse ser sério.

Jane disse: "Ela acha que é 1998, que tem vinte e nove anos e que nós ainda trabalhamos na ABR Bricks, então é tudo muito esquisito, com certeza." E depois acrescentou: "Ah, e imagino que você deva saber que ela está grávida."

Estou tremendamente envergonhada da minha reação. Tudo o que posso dizer, Dr. Hodges, é que foi involuntário e impossível de conter, como um espirro.

Senti uma raiva trêmula subir zunindo do estômago à cabeça e falei: "Desculpe, Jane, mas preciso desligar." E foi o que fiz.

* * *

George Clooney não reclamou dos sapatos. Alice ficou horrorizada e tentou sair da maca para ajudar a limpá-los — se conseguisse encontrar um lenço de papel em algum lugar, talvez dentro daquela estranha mochila de lona —, mas os dois paramédicos foram muito rigorosos e insistiram que ela não se mexesse.

Alice sentiu o estômago melhorar quando estava na parte de trás da ambulância. O plástico branco, grosso e limpo ao seu redor lhe dava segurança. Tudo ali parecia sensato e esterilizado.

A ida até o hospital foi tranquila, como se ela estivesse em um táxi. Pelo que notou, eles não estavam cantando pneu pelas ruas, com a sirene ligada para que os outros carros saíssem da frente.

— Então, pelo visto não estou morrendo, não é? — perguntou para George.

O outro cara dirigia e George Clooney ia atrás com ela. Ele tinha sobrancelhas peludas, percebeu Alice. Nick também tinha sobrancelhas bem grossas. Certa vez, tarde da noite, Alice tentara tirar alguns pelos com a pinça, mas ele gritou tanto que ela ficou com medo de que a Sra. Bergen, da casa ao lado, desempenhasse seu papel de vizinha vigilante e chamasse a polícia.

— Logo mais vai poder voltar para a academia — respondeu George.

— Não frequento nenhuma academia — disse Alice. — Não acredito em academias.

— Também não — concordou George, sorrindo e dando tapinhas no seu braço.

Ela viu partes de outdoors, prédios comerciais e do céu passar depressa pela janela da ambulância, atrás da cabeça de George.

Bem, aquilo era uma grande bobagem. A "batida no coco" estava deixando tudo estranho. Era uma versão mais demorada e intensa daquela estranha sensação onírica que a gente tem quando acorda no meio das férias e não sabe onde está. Não havia motivo para pânico. Era *interessante* até! Ela só precisava se concentrar.

— Que horas são? — perguntou Alice para George, com determinação.

— Está quase na hora do almoço — respondeu ele, olhando para o relógio.

Certo. Hora do almoço. Sexta-feira na hora do almoço.

— Por que você perguntou o que eu tinha comido no café da manhã?

— É uma das perguntas-padrão que fazemos para quem sofre um ferimento na cabeça. É uma tentativa de definir o estado mental da pessoa.

Então presume-se que se ela conseguisse lembrar o que tinha comido no café da manhã, tudo o mais se encaixaria.

Café da manhã. O café daquela manhã. Ah, não era possível que ela não conseguisse lembrar.

A *ideia* de um café da manhã num dia de semana estava clara em sua mente. Duas torradas pulando juntas da torradeira, a chaleira fervendo, irritada, a luz da manhã batendo de forma enviesada no chão da cozinha e iluminando a enorme mancha marrom no linóleo que parecera que não ia dar trabalho algum para tirar... Ledo engano. Olhar para o relógio de parede antigo que a mãe de Nick dera a eles de chá de panela, com a esperança fervorosa de que pudesse ser mais cedo do que ela pensava (era sempre mais tarde). O som cheio de estalidos da rádio ABC ao fundo, com vozes preocupadas e intensas discutindo sobre questões importantes no mundo todo. Nick escutava e às vezes fazia comentários como "Está de brincadeira", enquanto Alice ignorava as vozes e tentava fingir que ainda estava com sono.

Ela e Nick detestavam acordar cedo. Gostavam disso um no outro, pois já haviam namorado pessoas que eram insuportavelmente alegres de manhã. Eles diziam apenas frases curtas e ríspidas, às vezes era brincadeira, um mau humor exagerado; outras vezes, não, mas não tinha problema, afinal sabiam que as verdadeiras personalidades deles estariam de volta à noite, depois do trabalho.

Alice tentou se lembrar de um café da manhã *específico*.

Teve aquela manhã fria em que eles estavam no meio da pintura da cozinha. Chovia muito e um cheiro forte de tinta fazia cócegas nas narinas dela enquanto eles comiam torrada com manteiga de amendoim em silêncio, sentados no chão, porque todos os móveis estavam cobertos por plástico. Alice ainda estava de camisola, mas tinha colocado um casaco por cima e calçara as velhas meias de algodão de Nick, esticando-as até os joelhos. Nick estava com a barba feita e arrumado para sair, só faltava a gravata. Na noite anterior, ele lhe dissera que precisava fazer uma apresentação importante e assustadora para o Careca Babaca, o Grande Filho da Puta e o Poderoso Chefão, os três ao mesmo tempo. Alice, que morria de medo de falar em público, chegou a sentir o estômago se revirar em solidariedade. Naquela manhã, Nick tomou um gole de chá, deixou a xícara no chão, abriu a boca para morder a torrada e deixou-a cair em sua camisa preferida de listras azuis. A torrada ficou grudada. Eles se olharam, chocados. Nick desgrudou devagar a torrada e deixou à mostra um enorme retângulo gorduroso de manteiga de amendoim. Ele disse, no mesmo tom de um homem que acabou de levar um tiro fatal: "Era minha única camisa limpa." Então pegou o pedaço de torrada e deu um tapa forte na própria testa.

Alice disse: "Não é, não. Lavei algumas roupas enquanto você jogava squash ontem à noite." Eles ainda não tinham máquina de lavar e estavam levando todas as roupas para a lavanderia no fim da rua. Nick tirou a torrada amassada do rosto e disse: "Não." Alice respondeu: "Sim." E ele engatinhou por entre as latas de tinta, colocou as mãos no rosto dela e lhe deu um beijo demorado e carinhoso com gosto de manteiga de amendoim.

Mas isso não tinha acontecido naquela manhã. Fazia meses, ou semanas, sei lá. A cozinha já estava toda pintada. E ela não estava grávida naquela época. Ainda bebia café.

Houve os cafés da manhã seguidos, na época em que eles estavam com mania de comida saudável e passaram a tomar iogurte com frutas. Quando foi isso? A mania saudável não durou muito, apesar de terem ficado superempolgados no começo.

Houve os cafés da manhã em que Nick estava viajando a trabalho. Nessas ocasiões, Alice comia sua torrada na cama, desfrutando do sofrimento romântico que era sentir saudade dele, como se fosse um marinheiro ou um soldado. Era como a sensação boa de sentir fome quando você sabia que ia comer muito no jantar.

Houve o café da manhã em que eles brigaram — caretas, olhos faiscando, portas batendo — porque tinha acabado o leite. Esse não tinha sido tão bom (e com certeza não tinha sido naquela manhã. Alice lembrava que haviam se perdoado na mesma noite, enquanto assistiam à irmã mais nova de Nick desempenhar um papel minúsculo numa peça pós-moderna absurdamente longa que nenhum dos dois havia entendido. "Aliás, eu perdoo você", sussurrara Nick no ouvido dela, inclinando-se para perto. Alice sussurrara de volta: "Com licença, sou eu que perdoo você." A mulher à frente tinha se virado e resmungado: "Psiu! Calem a boca, vocês dois!", como uma professora de colégio zangada, e eles riram tanto que acabaram tendo que sair do teatro, passando por cima dos joelhos dos outros e deixando a irmã de Nick furiosa).

Houve o café da manhã em que ela leu, num tom irritado, nomes de bebê em um livro, enquanto ele respondia sim ou não, também num tom irritado. Dessa vez foi legal, pois definitivamente eles estavam só fingindo irritação naquela manhã. "Não acredito que vão nos deixar escolher o *nome* de uma pessoa", dissera Nick. "Parece uma coisa que só o rei devia fazer." "Ou a rainha", retrucara Alice. "Ah, eles nunca deixariam uma *mulher* dar o nome de alguém", afirmara Nick. "Óbvio que não."

Será que *aquilo* tinha acontecido naquela manhã? Não. Tinha sido... em algum momento. Não naquela manhã.

Alice não fazia a menor ideia do que tinha comido no café da manhã daquele dia.

— Eu só disse que tinha comido torrada com manteiga de amendoim porque isso é o que costumo comer — confessou ela para George Clooney. — Mas não consigo me lembrar de nada do café de hoje.

— Tudo bem, Alice — respondeu ele. — Acho que também não lembro o que comi no café da manhã.

Ué, então que história era aquela de definir o estado mental dela? Será que George sabia mesmo o que estava fazendo?

— Talvez você também tenha sofrido uma concussão — disse Alice.

George riu com educação. Parecia estar perdendo o interesse nela. Talvez estivesse torcendo para que seu próximo paciente fosse mais interessante. Provavelmente gostava de usar aqueles desfibriladores e não sei mais o quê. Alice gostaria, se fosse paramédica.

Houve um domingo em que Nick estava de ressaca e Alice tentou convencê-lo a ir à praia com ela. Ele estava deitado no sofá, com os olhos fechados, ignorando-a, e ela disse: "Oh, não, o coração dele parou de bater!" Pegou duas espátulas, esfregou uma na outra e pressionou no peito dele, gritando: "Afastem-se!" Nick tinha cooperado, fingindo um espasmo no momento exato. Mas mesmo assim não se mexia, até que Alice gritou: "Ele não está respirando! Precisamos entubá-lo *agora*!" E tentou enfiar um canudo em sua garganta.

A ambulância parou no sinal e Alice se remexeu um pouco. Seu corpo estava todo esquisito. Havia um cansaço aterrador no fundo dos seus ossos, mas, ao mesmo tempo, uma energia inquieta e trêmula lhe dava vontade de se levantar e fazer alguma coisa. Devia ser a gravidez. Todo mundo diz que o corpo não parece mais seu.

Ela baixou o queixo para olhar de novo as roupas estranhas e úmidas que estava usando. Não pareciam ter sido escolhidas por ela. Alice nunca usava amarelo nem regatas. Entrou em pânico outra vez e desviou o olhar, fixando-o no teto da ambulância.

A questão era que também não conseguia lembrar o que jantara na noite anterior.

Nada. Não estava nem na ponta da língua.

Aquela sua receita de atum com feijão? O cordeiro com curry, que era o preferido de Nick? Alice não fazia ideia.

Claro que os dias de semana costumavam se embaralhar uns com os outros. Ela decidiu se esforçar para lembrar o que tinha feito no fim de semana passado.

Um emaranhado de lembranças de diversos fins de semana surgiu em sua mente, como um cesto de roupa suja sendo revirado. Sentada na grama do parque, lendo jornal. Piqueniques. Caminhar por lojas de plantas, discutindo sobre o que comprar. Reformar a casa. Sempre, sempre reformar a casa. Filmes. Jantares. Café com Elisabeth. Sexo no domingo de manhã, depois dormir, depois comer croissants na padaria vietnamita. Aniversário de amigos. Um casamento de vez em quando. Viagens. Eventos com a família de Nick.

De alguma forma, Alice tinha certeza de que nada disso havia acontecido no último fim de semana. Ela não sabia quando fora. Há muito ou há pouco tempo. Mas com certeza ocorrera.

O problema era que ela não conseguia definir "hoje", ou "ontem", ou até mesmo "semana passada". Estava flutuando, impotente, sobre o calendário, feito um balão solto.

Uma imagem surgiu em sua mente: a de um céu cinza e nublado, repleto de balões cor-de-rosa amarrados com fitas brancas, feito buquês. Os buquês de balões estavam sendo ferozmente açoitados por um vento terrível e Alice sentiu uma pontada de tristeza.

A sensação desapareceu como uma onda de enjoo.

Nossa. O que tinha sido *aquilo*?

Alice estava louca para ver Nick. Ele ia dar um jeito em tudo. Diria a ela exatamente o que tinham jantado na noite anterior e o que haviam feito no fim de semana.

Com sorte, Nick estaria esperando por Alice no hospital. Talvez já houvesse comprado flores para ela. Provavelmente sim. Mas Alice torceu para que ele não

tivesse feito isso, porque era algo extravagante demais.

Só que, no fundo, claro que ela torcia para que ele tivesse comprado flores. Ela teve que ir para o hospital numa *ambulância*. É claro que merecia flores.

Outra imagem surgiu na cabeça de Alice. Dessa vez, foi a de um enorme arranjo de cravos-de-amor e rosas vermelhas de cabo longo no vaso de cristal que a prima de Nick lhes dera de presente de casamento. Por que ela estava imaginando uma coisa dessas? Nick nunca lhe dava rosas. Ele sabia que ela só gostava de rosas no jardim. As do florista não tinham cheiro e, por algum motivo, sempre faziam Alice pensar em assassinos em série.

A ambulância parou e George ficou de pé num pulo, abaixando-se para não bater a cabeça.

— Chegamos, Alice. Como se sente? Parecia perdida em pensamentos.

Ele empurrou a alavanca que abria a porta dos fundos da ambulância, de modo que a luz do sol inundou lá dentro, fazendo-a piscar.

— Eu me esqueci de perguntar seu nome.

— Kevin — respondeu George, sem graça, como se soubesse que sua resposta seria decepcionante.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

A verdade é que às vezes o trabalho me deixa um pouco agitada, Dr. Hodges, por mais que eu tenha vergonha de admitir. Não agitada demais. Mas com uma onda de adrenalina, sem dúvida. Quando as luzes diminuem e a plateia fica em silêncio, percebo que estou sozinha no palco, então Layla dá seu ok seríssimo, como se a gente estivesse testemunhando um lançamento da NASA. O holofote atinge meu rosto como um raio de sol e tudo o que ouço são os copos d'água tilintando e talvez uma ou duas tossezinhas respeitosas. Gosto do cheiro limpo, fresco e organizado das salas de reunião dos hotéis e do ar gelado pelo ar-condicionado. Tudo isso clareia meus pensamentos. E, quando falo, o microfone suaviza minha voz, dando-me certa autoridade.

Por outro lado, em ocasiões diferentes, subo no palco e sinto um peso na nuca, baixando a cabeça e encurvando as costas, como se eu fosse uma bruxa velha. Quero aproximar a boca do microfone e perguntar: "Qual é o sentido disso tudo, senhoras e senhores? Vocês parecem pessoas legais, então me ajudem a entender qual é o sentido!"

Na verdade, eu sei qual é o sentido.

O sentido é que essas pessoas estão me ajudando a pagar a prestação da casa. Cada uma delas está contribuindo para nosso supermercado, nossa luz, nossa água e nosso cartão de crédito. Estão todos generosamente ajudando a pagar as seringas, aquelas roupas largonas de hospital e o último anestesista com olhos tão gentis quanto os de um cachorro que segurou minha mão e disse: "Pode dormir, meu bem." Perdi o fio da meada... Mas é isso que você quer que eu faça. Quer apenas que eu escreva o que surgir na minha cabeça. Eu queria saber se você me acha chata. Sempre demonstra interesse de forma educada, mas talvez tenha dias em que eu entre no consultório supercarente, morrendo de vontade de lhe contar todos os detalhes patéticos da minha vida, e o que você mais quer é colocar os cotovelos na mesa, apoiar o queixo nas mãos e perguntar: "Qual é o sentido disso tudo, Elisabeth?" Então lembra que o sentido é que eu estou pagando pelo *seu* cartão de crédito, pela sua casa, pelo seu supermercado... E por aí vai.

Um dia desses, você mencionou que o sentimento de inutilidade é um sinal de depressão. Mas, veja bem, eu não sofro de depressão, porque sei qual é o sentido. O sentido é ganhar dinheiro.

Depois que desliguei na cara de Jane, meu celular tocou de novo (devia ser ela, achando que a ligação tinha caído) e desliguei no meio do toque. Um homem passou por mim e disse: "Às vezes, a gente fica na dúvida se não seria melhor não ter esses trecos." Eu respondi: "Pode crer!" (Nunca tinha usado essa expressão na vida, mas, por algum motivo bizarro, foi o que surgiu na minha cabeça naquele momento. Gostei. Talvez eu a use na minha próxima sessão, para ver se deixo você chocado.) E ele disse: "Aliás, parabéns. Já fui a vários workshops e nunca vi ninguém com tanto bom senso."

Ele estava dando em cima de mim. Isso acontece às vezes. Deve ser por causa do microfone e das luzes fortes. É engraçado, porque sempre acho que deve ficar óbvio para todos os homens do mundo que a sexualidade foi sugada de mim. Eu me sinto uma fruta seca. Isso mesmo. EU SOU UM DAMASCO SECO, Dr. Hodges. Não um daqueles gostosos e macios, mas um duro, enrugado e sem gosto, que deixa o maxilar doendo.

Inspirei algumas vezes o ar condicionado revigorante, respirando fundo, depois coloquei o microfone de volta no casaco. Eu estava tão louca para voltar ao palco que meu corpo chegava a tremer. Pode ser que eu tenha enlouquecido temporariamente esta tarde, Sr. Hodges. Podemos discutir isso na nossa próxima sessão.

Ou talvez a insanidade temporária não passe de justificativa para um comportamento injustificável. Talvez eu esteja envergonhada demais de lhe contar que alguém me ligou para dizer que minha única irmã tinha sofrido um acidente e eu desliguei na cara da pessoa. Faço uma performance para você. Quero parecer

problemática, para que você sinta que há algo a fazer por mim, mas, ao mesmo tempo, quero que pense que sou gente boa, Dr. Hodges. Uma pessoa problemática, mas boa.

Subi naquele palco com a autoconfiança de um astro do rock, comecei a falar sobre "visualizar seu objetivo" e arrasei. Fiz a plateia rir. Levei-os a competir uns com os outros ao gritar as respostas para mim. E, enquanto todo mundo visualizava o objetivo, eu visualizava minha irmã caçula.

Pensei que bater a cabeça pode ser algo bem grave.

Pensei que Nick estava viajando e que aquilo não era responsabilidade de Jane.

E, por fim, pensei: Alice estava grávida de Madison em 1998.

TRÊS

Nick não estava no hospital esperando Alice com flores. Não havia ninguém esperando por ela, o que a fez se sentir ligeiramente heroica.

Seus dois paramédicos desapareceram como se nunca tivessem existido. Alice não se lembrava de ter escutado eles se despedirem, portanto não teve a chance de agradecer.

No hospital, ela entremeou turbilhões de coisas com períodos em que ficava sozinha numa maca, olhando para o teto de um quarto tão pequeno que parecia uma caixinha de fósforo.

Um médico apareceu, acendeu uma lanterna tão fininha quanto um lápis diante dos olhos dela e lhe pediu que seguisse o movimento dos dedos dele. Uma enfermeira com olhos verdes impressionantes que combinavam com o uniforme parou na beirada da maca com uma prancheta e lhe perguntou sobre seguro-saúde, alergias e contatos familiares. Alice elogiou a cor dos seus olhos e a enfermeira respondeu que eram lentes de contato, fazendo-a soltar um "Ah" e se sentir enganada.

Uma bolsa de gelo foi colocada no que a enfermeira de olhos verdes chamou de "ovo de avestruz", na parte de trás da cabeça de Alice, e num minúsculo copinho de plástico lhe deram dois comprimidos brancos para aliviar a dor, mas ela explicou que a dor não estava tão ruim assim e que não queria tomar nada porque estava grávida.

Não paravam de lhe fazer perguntas num tom de voz alto demais, como se Alice estivesse dormindo, embora olhasse diretamente para as pessoas. Ela se lembrava de ter caído? Ela se lembrava de ter ido até o hospital de ambulância? Sabia que dia da semana era? Sabia a data?

— Mil novecentos e noventa e oito? — perguntou uma médica que parecia estressada e a observava através dos óculos de armação de plástico vermelho. — Tem certeza?

— Tenho — respondeu Alice. — Sei que estamos em 1998 porque meu bebê vai nascer no dia oito de agosto de 1999. Oito do oito de noventa e nove. Fácil lembrar.

— Só que, na verdade, estamos em 2008 — afirmou a médica.

— Mas isso é impossível — retrucou Alice, da forma mais gentil que pôde.

Talvez a médica fosse uma daquelas pessoas muito inteligentes que têm dificuldade com coisas simples, como datas.

— E por que é impossível?

— Porque ainda não teve a virada do milênio — disse Alice, triunfante. — Parece que o mundo inteiro vai ter um apagão por causa de um bug de computador.

Ela sentiu orgulho de saber disso. Era o tipo de coisa que só as pessoas bem informadas sabiam.

— Acho que você deve estar confusa. Não se lembra da virada do milênio? Dos lindos fogos de artifício na Harbour Bridge?

— Não — respondeu Alice. — Não me lembro de fogo de artifício nenhum.

Por favor, pare, ela queria dizer. Isso não tem graça e na verdade só estou sendo corajosa em relação à dor na minha cabeça. Porque está doendo, sim.

Alice lembrava que, certa noite, Nick dissera: "Você já parou para pensar que na noite da virada do milênio vamos ter um bebê de quatro meses?" Ele segurava uma marreta nas mãos, pois estava prestes a derrubar uma parede. Alice tinha baixado a máquina fotográfica para registrar o fim da parede. "É mesmo", dissera, maravilhada e aterrorizada com a ideia. Um bebê de quatro meses: uma pessoa de verdade em miniatura, que seria criada por eles e lhes pertenceria, mas seria um serzinho independente.

"É, vamos ter que arrumar uma babá para o moleque", dissera Nick, num tom forçadamente casual. Então ele deu a primeira marretada cheio de entusiasmo e Alice tirou uma foto no momento em que foram atingidos em cheio por uma chuva de fragmentos de gesso cor-de-rosa.

— Talvez eu devesse fazer uma ultrassonografia para confirmar que meu bebê está bem depois da queda — disse Alice com firmeza para a médica.

Era assim que Elisabeth se comportaria numa situação como aquela. Alice se perguntava *O que Elisabeth faria?* sempre que precisava ser assertiva.

— Você está grávida de quantas semanas? — perguntou a médica.

— Quatorze — respondeu Alice, mas deu aquele branco estranho em sua mente de novo, como se ela não tivesse certeza absoluta do que estava dizendo. — Você podia pelo menos ouvir o coração — sugeriu, imitando o tom de voz de Elisabeth.

— Huummm — murmurou a médica, empurrando os óculos nariz acima.

A lembrança de uma voz de mulher com um leve sotaque americano surgiu na cabeça de Alice. "Desculpe, mas o coração não está batendo."

Era uma lembrança muito vívida. Uma pausa minúscula após "desculpe".

"Desculpe, mas o coração não está batendo."

Quem era aquela mulher? Quem dissera aquilo? Será que isso tinha acontecido mesmo? Os olhos de Alice se encheram de lágrimas e ela voltou a pensar nos buquês de balões cor-de-rosa açoitados pelo vento num dia de céu nublado. Será que vira aqueles balões num filme triste há muito esquecido? Um filme extremamente triste? Ela experimentou outra onda forte de sentimento tomar seu peito da mesma forma que havia acontecido na ambulância. Uma mistura de tristeza e fúria. Imaginou-se soluçando, urrando, cravando as unhas na própria pele (sendo que nunca tinha feito aquilo). E, no instante em que achou que aquela sensação ia arrebatá-la de vez, tudo passou. Muito estranho…

— Quantos filhos você tem? — perguntou a médica.

Ela havia erguido a camiseta de Alice e baixado seu short para apalpar o abdômen. Alice piscou para afastar as lágrimas e respondeu:

— Nenhum. É minha primeira gravidez.

A médica parou e olhou para ela.

— Mas isso aqui parece uma cicatriz de cesárea.

Alice ergueu a cabeça e viu que a médica estava apontando uma unha pintada para o seu baixo ventre. Ela semicerrou os olhos e notou uma linha roxa bem clarinha logo abaixo de onde começavam os pelos pubianos.

— Não sei o que é isso — disse Alice, mortificada.

Pensou na expressão solene da mãe quando dizia às filhas: "Nunca mostrem as partes íntimas para alguém." Nick morreu de rir na primeira vez que ouviu essa frase. Por que ele não tinha notado aquela cicatriz estranha? Já passara bastante tempo examinando as partes íntimas dela.

— Seu útero não parece expandido para alguém que está com quatorze semanas — comentou a médica.

Alice olhou para a própria barriga e notou que, na verdade, estava bem reta. Tão reta quanto a barriga de uma pessoa magra, o que em geral seria um bônus inesperado, a não ser pelo fato de que ela ia ter um bebê. Nick ficava dando risadinhas sempre que Alice colocava uma roupa que marcava sua barriga redonda.

— Tem certeza de que não faz menos tempo? — perguntou a médica.

Alice observou a barriga reta — muito reta! — e não disse nada. Foi tomada pela confusão, pelo medo e por um constrangimento mortal. Então percebeu que seus seios — que tinham ficado tão pesados, tão sensíveis, tão *aparentes* — tinham voltado ao estado discreto de sempre. Ela não se sentia grávida. Era verdade que se sentia diferente, mas não grávida.

(O que era aquela cicatriz? Alice pensou nas histórias de pessoas que drogam outras e removem os órgãos para vender. Será que ela havia ido à academia, bebido até cair e alguém tinha aproveitado a oportunidade para pegar seus órgãos?)

— Talvez eu não esteja grávida de quatorze semanas — disse para a médica. — Pode ser que eu tenha me enganado. Estou muito confusa. Meu marido já deve estar chegando. Ele vai explicar tudo.

— Então relaxe e tente não se preocupar com nada por enquanto — disse a médica, ajeitando as roupas de Alice com delicadeza. — Primeiro, você vai fazer uma tomografia computadorizada para descobrirmos se sofreu algum dano grave, mas aposto que logo mais as coisas vão começar a se encaixar. Lembra o nome do seu obstetra? Posso ligar para ele e perguntar com quantas semanas você está. Não quero que fique nervosa tentando ouvir o coração se ainda não tiver chegado o momento de fazer isso.

"Desculpe, mas o coração não está batendo."

Era uma lembrança tão vívida... Parecia que tinha acontecido de verdade.

— Dr. Sam Chapple. O consultório dele fica em Chatswood.

— Ótimo. Não se preocupe. É perfeitamente normal ficar confusa depois de uma pancada feia na cabeça.

A médica deu um sorriso compreensivo e foi embora. Alice a observou se afastar e então ergueu a camiseta de novo para olhar sua barriga. Não só estava mais reta, como tinha linhas prateadas finíssimas marcando de cima a baixo as laterais. Estrias. Atônita, ela passou os dedos nas marcas. Aquela era mesmo sua barriga?

Uma cicatriz de cesárea, dissera a médica. (Mas podia ter se enganado, claro. Talvez não fosse uma cicatriz de cesárea, e sim alguma coisa totalmente normal, tipo uma... cicatriz. De outra coisa.)

Mas, se ela estivesse certa, isso significava que algum médico (será que o próprio Dr. Chapple?) havia aberto sua barriga com um bisturi e tirado um bebê sangrento aos berros lá de dentro, e ela não se lembrava de nada disso.

Será que uma pancada na cabeça poderia mesmo apagar algo tão significativo da sua memória? Não era um pouco de *exagero*?

Alice pensou nas vezes em que estava assistindo a um filme com Nick e dormiu na metade com a cabeça no colo dele. Ela odiava isso, porque acordava com a boca grudenta e descobria que a vida dos personagens tinha mudado e aquele casal que antes se odiava agora dividia um guarda-chuva sob a Torre Eiffel.

— Você já teve o bebê — disse Alice num tom incerto para si mesma. — Lembra?

Aquilo era um absurdo. Claro que ela não ia dar um tapinha na lateral da cabeça e falar: "Ah, o *bebê*, claro que eu já tive o bebê! Que coisa, como fui esquecer?"

Como podia não se lembrar do bebê crescendo, chutando e se virando dentro dela? Se era verdade que já tivera o bebê, isso significava que já tinha feito o curso de pré-natal com Nick e comprado suas primeiras roupas de grávida. Eles já tinham

pintado o quarto e comprado o berço, o carrinho, as fraldas e uma cômoda com trocador.

Significava que já *existia* um bebê.

Alice se sentou, pressionando a barriga com as mãos.

Então onde ele estava? Quem estava cuidando do bebê e dando comida para ele?

Aquilo era muito mais sério do que um simples momento "Ai, Alice". Era seríssimo. Aterrorizante.

Pelo amor de Deus, onde estava Nick? Na verdade, ela ia dar uma bronca quando ele finalmente aparecesse, mesmo que tivesse uma boa desculpa.

A enfermeira de olhos verdes voltou para o quarto e perguntou:

— Como está se sentindo?

— Bem, obrigada — disse Alice, sem pensar.

— Lembra por que está aqui e o que aconteceu com você?

Aquelas perguntas constantes deviam ser para conferir o estado mental dela. Alice pensou em gritar NA VERDADE, ESTOU QUASE PIRANDO!, mas não quis envergonhar a enfermeira. Gente maluca deixava os outros constrangidos. Em vez disso, indagou:

— Pode me dizer em que ano estamos?

Falou depressa para o caso de a médica de óculos voltar e flagrá-la se inteirando dos fatos pelas costas dela.

— Em 2008.

— Tem certeza?

— Tenho. Hoje é dia 2 de maio de 2008. Fim de semana que vem é Dia das Mães!

Dia das Mães! Seria o primeiro Dia das Mães de Alice.

Só que, se fosse mesmo 2008, estava longe de ser o primeiro Dia das Mães dela.

Se fosse 2008, Passinha tinha nove anos. Era muito maior que uma uva-passa. Teria progredido de passa para uva, depois para pêssego, para bola de tênis e para… bebê.

Alice sentiu uma risada imprópria presa na garganta.

Seu bebê tinha nove anos.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Para o horror de Layla, parei no meio da seção "Visualizando seu objetivo" e passei para "Olimpíada de ideias". Tenho certeza, Dr. Hodges, de que vai ficar impressionado em saber que este é o momento em que peço que eles olhem

embaixo das mesas, onde está o "produto secreto". Todo mundo fica bastante animado com isso e se enfia depressa debaixo das mesas. É incrível como tantas pessoas diferentes conseguem pensar *exatamente* nas mesmas piadas. Isso reforça a sensação que eu tenho de que os anos passam mas nada muda. Sou o exemplo perfeito da expressão "andando em círculos".

Olha, *Grey's Anatomy* vai começar em dez minutos. Essa história de diário não pode prejudicar as inúmeras horas que passo vendo televisão todas as noites. Não importa o que meu marido Ben diga, sem os efeitos narcóticos da TV, eu já teria enlouquecido há muito tempo.

Enquanto toda a plateia estava escrevendo ideias em papel kraft sobre como vender seus "produtos secretos", tentei ligar de volta para Jane. Mas é claro que Jane tinha desligado o telefone *dela*, então eu disse "Foda-se" e vi Layla sorrir de nervoso. Eu a ofendera mudando a ordem da programação, como se isso não tivesse importância, apesar de a programação ser a razão da sua vida.

Expliquei para Layla que minha irmã tinha sofrido um acidente e eu não sabia em que hospital ela estava e ainda precisava arranjar alguém para buscar os filhos dela na escola. Layla disse: "Tudo bem, mas quando você vai terminar a seção 'Visualizando o objetivo'?" (Acho que tamanha dedicação é uma qualidade em uma funcionária, mas não é um pouco patológico, Dr. Hodges? Qual sua opinião, você que é especialista?)

Liguei para minha mãe e também caiu na caixa postal. Ah, que saudade de quando mamãe não tinha nada para fazer. Parece que nem faz tanto tempo assim desde a época em que Frannie seria a primeira pessoa para quem eu ligaria. Ela sempre manteve a calma durante as crises. Mas Frannie decidiu parar de dirigir quando se mudou para o retiro de idosos. (Ainda acho isso inexplicavelmente perturbador. Ela era tão boa motorista...) Liguei para a escola e fiquei esperando, ouvindo uma mensagem gravada sobre a importância da família. Telefonei para a academia de Alice e fiquei esperando, ouvindo uma gravação sobre a importância da nutrição.

Por fim, liguei para Ben.

Ele atendeu no primeiro toque, me ouviu tagarelar e disse: "Deixa comigo."

QUATRO

Disseram a Alice que sua tomografia não tinha mostrado "nada de excepcional", o que a fez sentir vergonha de sua mediocridade. Ela se lembrou dos seus boletins escolares, nos quais recebia um "Satisfatório" para todas as matérias e comentários do tipo "Aluna quieta. Precisa participar mais da aula". Era mais fácil terem escrito logo na primeira página "Tão sem graça que a gente na verdade não sabe nem quem é". Os boletins de Elisabeth vinham com "Extraordinário" em algumas matérias e "Abaixo da média" em outras, além de comentários como "Um pouco bagunceira às vezes". Alice morria de vontade de ser um pouco bagunceira, mas não sabia por onde começar.

— Estamos preocupados com sua perda de memória, então você vai ficar em observação até amanhã — disse a médica com óculos de armação de plástico vermelho.

— Ah, tudo bem, obrigada.

Alice ajeitou o cabelo, nervosa, imaginando vários médicos e enfermeiras com pranchetas, sentados ao lado da sua cama, observando-a dormir. (E ela roncava de vez em quando.)

A médica abraçou a prancheta e lançou um olhar simpático para ela, como se quisesse conversar.

Ah. Nossa. Alice tentou pensar num assunto interessante e disse, por fim:

— Então, você ligou para o meu obstetra? O Dr. Chapple? Entendo se não tiver dado tempo...

Ela não queria que a médica rosnasse "Desculpe, estava ocupada salvando a vida de outra pessoa". A mulher ficou séria.

— Na verdade, liguei. Parece que Sam Chapple se aposentou três anos atrás. A secretária me contou que ele comprou uma ilha, o que é muito bizarro.

— Ele comprou uma ilha? — repetiu Alice.

Ela ficou incomodada com o fato de que a médica usava expressões como "muito bizarro". Aquilo a fazia parecer jovem e surpresa demais. Nada devia ser uma surpresa para uma médica. Era que nem George Clooney na ambulância. Esses profissionais da saúde aparentavam ser muito impressionantes, mas acabavam

decepcionando quando demonstravam ser pessoas normais, como todo mundo. De qualquer maneira, o que a médica dissera parecia muito improvável para Alice. Ninguém saía por aí comprando uma *ilha*.

— Você deve ter ajudado a pagar pela ilha dele! — disse a médica, animada.

Alice não conseguia acreditar que o Dr. Chapple não estava mais sentado em sua enorme poltrona de couro, anotando com atenção as respostas a suas perguntas educadas em cartões brancos com sua linda caligrafia. Na verdade, ele estava deitado numa rede, bebendo um drinque enfeitado com guarda-chuva de papel. Será que ainda usava gravata-borboleta? Ela o imaginou vestindo apenas bermuda de surfista e gravata-borboleta, igual a um stripper. Memorizou aquela imagem para descrevê-la a Nick. (*Onde* estava ele, aliás?)

Claro que, se fosse mesmo 2008, então dez anos haviam se passado e era de se esperar que muita coisa tivesse mudado na vida do Dr. Chapple e, mais importante, na vida dela mesma, além do fato de que SUPOSTAMENTE JÁ TINHA UM BEBÊ.

Muitas, muitas coisas deviam ter acontecido naqueles dez anos.

Um milhão de coisas. Um bilhão de coisas. Um trilhão de coisas!

Seria fascinante, se não fosse apavorante. Ela realmente precisava resolver esse… esse *problema* de uma vez por todas. Um, dois e já!, como dizia Frannie. Será que Frannie ainda estava viva em 2008? Avós morriam. Era de se esperar. Ao menos era permitido ficar muito chateado com isso. Por favor, que Frannie não tenha morrido. Por favor, que ninguém tenha morrido. "Ninguém mais na nossa família vai morrer", prometera Elisabeth quando elas eram crianças. "Porque não seria justo." Alice acreditava em tudo o que a irmã dizia.

Será que Elisabeth tinha morrido? Ou Nick? Ou mamãe? Ou o bebê?

"Desculpe, mas o coração não está batendo."

Pela primeira vez em anos, Alice experimentou a mesma sensação que costumava ter quando era pequena, depois que o pai delas morreu: de que alguém que amava estava prestes a morrer. Ela queria reunir todo mundo que amava e guardar debaixo da cama com suas bonecas preferidas. Às vezes, o estresse era tão absurdo que Alice se esquecia de respirar e Elisabeth tinha que trazer uma sacola de papelão para que ela respirasse devagar lá dentro e se acalmasse.

— Acho que vou precisar de uma sacola — disse Alice para a médica.

— Uma sacola?

Que ridículo. Ela não era mais aquela criança que tinha crises de ansiedade ao pensar que alguém poderia morrer.

— Eu estava com uma sacola — corrigiu-se Alice. — Uma mochila vermelha com alguns adesivos colados. Você sabe o que aconteceu com ela?

A médica pareceu vagamente irritada com essa pergunta corriqueira, mas então disse:

— Ah, sim. Está aqui. Você quer?

Ela pegou a mochila estranha numa prateleira na lateral do quarto e Alice olhou para ela, apreensiva.

— Quero. Não. Quero, sim, por favor.

A médica lhe entregou a mochila e disse:

— Bom, fique descansando e daqui a pouco alguém passa aqui para levar você para o quarto. Desculpe por ter que esperar tanto. Hospital é assim mesmo.

Ela deu um tapinha maternal no ombro de Alice e correu para ir embora, subitamente apressada, como se houvesse se lembrado de outro paciente esperando.

Alice passou os dedos nos três adesivos brilhantes em forma de dinossauro no bolso da mochila. Cada um tinha um balão de diálogo dizendo "DINOSSAUROS SÃO LEGAIS!" ou "DINOSSAUROS SÃO MANEIROS!". Ela olhou para o adesivo na camiseta e o descolou. Definitivamente era igual. Colou-o de volta (sentiu que, por algum motivo, devia fazer isso) e esperou surgir alguma sensação ou lembrança.

Será que esses adesivos eram do Passinha? Sua mente fugiu dessa ideia como um animal assustado. Alice não queria saber. Não queria um bebê já crescido. Queria seu futuro bebezinho de volta.

Isso não podia estar acontecendo com ela. *Mas está, então se controle, Alice*. Ela começou a abrir a mochila e suas unhas chamaram a atenção. Ergueu as mãos diante dos olhos. As unhas estavam muito bem-feitas, compridas e pintadas de um tom bege clarinho. Em geral, eram ásperas, quebradas e cheias de sujeira de quando eles cuidavam do jardim, pintavam uma parede ou faziam outra tarefa qualquer durante a reforma da casa. Suas unhas só tinham ficado com aquela aparência no dia do seu casamento, quando Alice fora a uma manicure. Tinha passado a lua de mel inteira mostrando as mãos para Nick e dizendo: "Olhe, sou uma mocinha!"

Fora isso, aquelas mãos ainda pareciam as suas. Pensando bem, até que estavam bonitas. Nenhuma joia, mas Alice só colocava anel quando ia a algum lugar especial, e pelo jeito a academia não fazia parte dessa lista. O problema era que os anéis acabavam agarrando nas coisas, principalmente enquanto ela estava cuidando da casa. Ergueu a mão esquerda e viu que havia uma marca fina e branca deixada pela aliança, que não estava mais ali. Isso lhe causou uma sensação desconexa, como tinha acontecido quando vira as listras clarinhas na sua barriga. Sua mente achava que tudo estava igual, mas seu corpo lhe dizia que o tempo passara sem esperar por ela.

O tempo. Alice levou as mãos ao rosto. Se ela estava mesmo convidando pessoas para seu aniversário de quarenta anos, se tinha… *trinta e nove* — ela ficou sem ar ao pensar nisso —, então seu rosto devia estar diferente. Mais velho. Havia um espelho acima da pia no canto do quarto. Alice via o reflexo dos seus pés, com meias brancas curtas. Uma das enfermeiras do batalhão que tinha passado por ali tirara seus tênis

(um troço enorme de borracha) e os colocara no chão ao lado da cama. Bastava pular da cama e andar até o espelho para se ver.

Mas devia ser contra as regras do hospital sair da cama. Alice havia machucado a cabeça. Podia desmaiar e sofrer outra concussão. Ninguém a tinha proibido de sair da cama, mas provavelmente achavam que isso era óbvio.

Ela devia se olhar no espelho. Mas não queria ver. Não queria saber. Não queria que aquilo fosse verdade. Além do mais, estava *ocupada* naquele momento. Precisava analisar sua mochila. Alice abriu depressa os fechos e enfiou a mão lá dentro, como se estivesse fazendo um sorteio. E tirou… uma toalha.

Uma toalha de banho azul, comum, inofensiva, limpa. Alice a observou e se sentiu constrangida. Estava remexendo os objetos de outra pessoa. Jane Turner obviamente tinha pegado a mochila errada e insistido que era dela, sem olhar direito. Era a cara da Jane fazer isso. Ela era muito mandona e impaciente.

Bem…

Alice olhou de novo para suas lindas unhas feitas. Ela voltou a enfiar uma das mãos na mochila e tirou uma sacola plástica dobrada. Era da Country Road. Huummmm, loja cara. Alice jogou todo o conteúdo no colo.

Roupas de mulher. Calcinha e sutiã. Um vestido vermelho. Um cardigã creme com um único botão de madeira. Botas bege na altura dos joelhos. Uma caixinha de joias.

A calcinha e o sutiã eram de cetim cor de creme com renda nas bordas. Em geral, Alice usava lingeries desbotadas e com estampas engraçadas. Calcinhas com cavalos-marinhos alegres e sutiãs de algodão roxo que fechavam na frente.

Ela ergueu o vestido à sua frente. Era lindo. Um modelo simples, de um tecido parecido com seda e uma estampa de flores minúsculas cor de creme. O tom do cardigã era exatamente igual ao das flores do vestido.

Alice conferiu a etiqueta. Tamanho 38. Pequeno demais para ela. Não podia ser seu.

Ela dobrou as roupas e abriu a caixa de joias, tirando lá de dentro um cordão fino de ouro com um grande pingente de topázio. A pedra era grande demais para seu gosto, mas ela a colocou em cima do vestido e teve que concordar que era uma linda combinação. Quem escolheu estava de parabéns.

A outra joia ali era sua pulseira de berloque da Tiffany.

— Olhe só quem está aqui — disse Alice.

Ela pegou a pulseira, colocou-a no pulso e se sentiu reconfortada, como se Nick finalmente tivesse chegado.

Ele tinha comprado aquela pulseira para Alice um dia depois de descobrir que ela estava grávida do Passinha. Não devia ter gastado tanto dinheiro, pois eles estavam passando pelo que Nick definia como uma "crise financeira grave", afinal cada

mínima reforma que faziam na casa acabava custando mais do que o planejado, mas ele disse que podia incluir a pulseira na planilha de "itens extraordinários" (seja lá o que isso significasse), porque um bebê era algo extraordinário demais.

Passinha fora concebido numa quarta à noite, o que na verdade não parecia uma noite excitante o suficiente para um acontecimento tão importante, e o sexo nem fora muito apaixonado ou romântico. Acontece que não tinha nada passando na televisão, aí Nick bocejou e disse: "A gente devia pintar o corredor." Alice respondeu: "Tenho uma ideia melhor, vamos transar." Nick bocejou de novo e disse: "Huummm. Tá." Então eles descobriram que não havia nenhuma camisinha na cômoda ao lado da cama, mas aí já estavam no meio do caminho e nenhum dos dois quis se levantar para procurar uma no banheiro; além do mais, era só uma *quarta-feira*, era só *uma vez,* e afinal de contas eles eram casados. Podiam ter um bebê se quisessem, o que significava que não era muito provável que isso acontecesse. No dia seguinte, Alice descobriu que na verdade tinha uma camisinha no fundo da gaveta e, se ela tivesse se dado ao trabalho de esticar só um pouco mais os dedos… Mas aí já era tarde. Passinha já tinha começado o processo para virar uma pessoa.

Um dia depois de fazerem o oitavo teste de gravidez que deu positivo (para o caso de os sete primeiros terem errado), Nick chegou em casa do trabalho e deu para Alice uma caixinha com um cartão que dizia "Para a mãe do meu filho", e dentro havia a pulseira.

Para falar a verdade, ela amava mais aquela pulseira do que sua aliança de noivado.

Mas para falar a verdade *mesmo*, ela não amava nem um pouco sua aliança de noivado. Sentia ódio dela.

Nenhuma pessoa no mundo sabia disso. Era o único segredo de verdade que Alice tinha, por isso era uma pena que não fosse mais interessante. A aliança era uma antiguidade do período eduardiano que pertencera à avó de Nick. Alice nunca chegara a conhecer vovó Love, que tinha fama de ter sido assustadora, porém adorável (para Alice, ela parecia apavorante). As quatro irmãs de Nick, que ele chamava de "as lelés", por causa dos seus hábitos inegavelmente excêntricos, eram loucas por aquela aliança e tinham feito vários comentários ressentidos quando vovó Love a deixou para Nick. Uma ou outra lelé vivia pegando a mão esquerda de Alice e suspirando, dizendo "não fazem mais joias assim".

Na opinião de Alice, a aliança era feia. No meio do círculo de diamantes tinha uma enorme esmeralda em formato de flor. Por algum motivo, aquilo a fazia pensar num hibisco, uma flor da qual nunca fora muito fã, mas não devia entender nada do assunto, porque todas as outras mulheres do mundo achavam a aliança *divina* e ainda valia *uma pequena fortuna*.

Esse era outro problema. A aliança era a joia mais cara que Alice já ganhara, e ela perdia tudo. Sempre. Vivia refazendo os passos, esvaziando lixeiras e ligando para estações de trem, restaurantes e lojas de conveniência para perguntar se tinham encontrado sua bolsa, seus óculos de sol ou seu guarda-chuva.

"Ai, *não*!", dissera Elisabeth, ao saber que a aliança de Alice era uma joia de família insubstituível. "Você vai ter que, sei lá, fazer uma cirurgia para prender de vez esse anel no dedo."

Durante a maior parte do tempo, com exceção de eventos especiais ou de quando ia encontrar as lelés, Alice simplesmente não usava a aliança de noivado. Usava a de casamento, um anel simples de ouro, ou então nada. De qualquer maneira, nunca fora muito fã de joias.

No entanto, adorava aquela pulseira de ouro da Tiffany. Ao contrário da aliança, parecia representar todas as coisas maravilhosas que tinham acontecido nos últimos anos: Nick, o bebê, a casa.

Alice colocou a pulseira, recostou a cabeça no travesseiro branco do hospital e abraçou a mochila. Ela pensou que devia haver milhões de pulseiras iguais por aí e que aquela podia muito bem ser de outra pessoa, afinal ela não havia reconhecido mais nada dentro da mochila. Mas, de algum modo, soube que era a pulseira dela.

Alice estava começando a ficar irritada consigo mesma. *Ande logo! Lembre-se das coisas! Por que você é sempre tão idiota? Por que esse tipo de coisa sempre acontece com VOCÊ?*

Furiosa, ela enfiou de novo a mão na mochila e tirou uma bolsa preta. Era um retângulo luxuoso, comprido e de couro. Alice revirou o objeto nas mãos. A palavra Gucci estava escrita em letras minúsculas e discretas. Nossa. Ela abriu a bolsa e a primeira coisa que viu foi seu rosto estampado na carteira de motorista.

Seu rosto. Seu nome. Seu endereço.

Bem, ali estava a prova de que aquela mochila era sua.

A foto tinha uma resolução ruim, como a de qualquer carteira de motorista, mas Alice reparou que estava usando uma camisa branca e algo que parecia um cordão comprido de contas pretas. Um cordão comprido de contas? Será que tinha se tornado o tipo de pessoa que usava cordões compridos de contas? Seu cabelo estava logo acima do ombro e parecia tingido de um tom forte de louro. Ela havia cortado o cabelo! Certa vez Nick a fizera prometer que nunca cortaria o cabelo. Alice tinha achado isso encantadoramente romântico, mas, quando contou para Elisabeth, ela imitou o barulho de alguém vomitando e disse: "Você não pode prometer que vai ter o mesmo cabelo de menina de quatorze anos quando estiver com quarenta."

Quando estiver com quarenta.

Ah.

Alice levou a mão à nuca. Tinha percebido vagamente que seu cabelo estava preso num rabo de cavalo, mas não se dera conta de que era mais um rabinho de

porco. Ela tirou o elástico e passou os dedos no cabelo. Estava ainda mais curto que na foto da carteira de motorista. Alice se questionou se Nick gostava assim. Logo teria que tomar coragem e se encarar no espelho.

Mas claro que continuava bastante ocupada para isso. Sem pressa.

Ela enfiou de volta a carteira de motorista na mochila e começou a vasculhar a carteira. Havia vários cartões de crédito e débito com seu nome em relevo na frente, incluindo um American Express Gold Card. Um cartão desses não era só um símbolo de status para pessoas que dirigiam uma BMW? Cartão da biblioteca. Cartão do seguro do carro. Cartão do plano de saúde.

Um cartão de visitas branco e simples dizia "Michael Boyle, Fisioterapeuta registrado". O endereço era em Melbourne. Ela virou o cartão e encontrou uma mensagem escrita à mão.

Alice,

Estamos bem, nos acomodando aqui. Penso sempre em você e em tempos mais felizes. Ligue quando quiser.

Bjs,

M.

Alice largou o cartão no colo. O que aquele Michael Boyle queria dizer quando tinha a presunção de se referir a "tempos mais felizes"? Ela não queria ter tido tempos mais felizes com um fisioterapeuta de Melbourne. Ele parecia ser horrível. Alice imaginou um sujeito careca e barrigudo, com mãos macias e lábios úmidos.

Cadê Nick, cacete?

Talvez Jane tivesse se esquecido de ligar para ele. Ela estava se comportando de um jeito muito estranho na academia. Alice devia simplesmente ligar para ele e explicar que aquilo era muito sério e precisava que ele saísse do trabalho naquele instante. Por que não havia pensado nisso antes? De repente, ficou desesperada para arranjar um telefone e ouvir a linda voz familiar de Nick. Estava com a sensação estranha de que fazia séculos que não falava com ele.

Ela procurou freneticamente pelo quarto, mas claro que não havia nenhum telefone ali. Não havia nada naquele quarto, com exceção da pia, do espelho e de um cartaz que ensinava a lavar as mãos da maneira correta.

Um celular! Era disso que ela precisava. Tinha acabado de comprar seu primeiro aparelho. Era velho e tinha sido do pai de Nick, mas funcionava bem, precisava só de um elástico para não desmontar. Alice imaginou que àquela altura provavelmente já devia ter um celular mais caro e, quando abriu o zíper de um bolso na frente da

mochila, descobriu que tinha razão: havia um aparelho fininho, prateado e reluzente bem ali, como se ela já soubesse onde guardava. (Será que sabia? Não tinha certeza.)

Também havia uma agenda com capa de couro, que Alice abriu depressa, só para confirmar que era mesmo 2008. E ainda percebeu, com um espanto aterrador, que sua caligrafia preenchia as páginas. Estava escrito 2008 em letras pretas, daquelas de não deixar dúvida, no topo de cada página: 2008, 2008, 2008. Ela parou de folhear a agenda e pegou o telefone reluzente, com a respiração ofegante, como se uma enorme barra de metal pressionasse seu peito.

Será que ela ia saber mexer naquele telefone esquisito? Alice era péssima com aparelhos eletrônicos que não conhecia, mas seus dedos elegantes com as unhas feitas pareciam saber o que fazer, apertando os botões prateados nas laterais do telefone, ligando-o com um estalo. Ela digitou o número da linha direta de Nick e aproximou o celular da orelha. Começou a chamar. *Por favor, atenda, por favor, atenda*. Alice achou que ia chorar de alívio assim que ouvisse a voz dele.

— Departamento de vendas!

Era a voz de uma menina, exalando bom humor. Alguém perto dela estava morrendo de rir.

— Nick está? — perguntou Alice. — Nick Love?

Houve uma breve pausa. Quando a menina voltou a falar, parecia ter levado uma tremenda bronca. A risada ao fundo parou abruptamente.

— Desculpe, você caiu no setor errado, mas posso transferir a ligação para a assistente do Sr. Love.

Alice demorou um segundo para responder, achando graça do fato de Nick ter uma assistente. Que chique. A menina continuou falando, como se Alice houvesse dito algo que a desmentisse.

— Na verdade, o Sr. Love está em Portugal esta semana, então é melhor a senhora falar com a assistente dele mesmo.

Portugal!

— O que ele está fazendo em Portugal? — perguntou.

— Foi para uma conferência internacional, acho — respondeu a menina, em dúvida. — Vou só transferir a senhora e…

Uma viagem a Portugal e uma assistente. Ele devia ter sido promovido. Teriam que comemorar com champanhe!

Alice (esperta) perguntou:

— Hum, você pode me dizer qual é o cargo do Sr. Love?

— Ele é nosso gerente — disse a menina, num tom do tipo "todo mundo sabe disso".

Minha nossa.

Nick tinha o cargo do Grande Filho da Puta.

Aquilo era mais que uma promoção. Era um pulo gigantesco, de super-herói, na hierarquia. Alice ficou toda boba ao imaginar *Nick* marchando pelo escritório e dando ordens a torto e a direito. Será que as pessoas não riam na cara dele?

— Vou transferir a senhora para a assistente dele — disse a menina com firmeza.

O telefone fez um clique e voltou a chamar. Outra mulher atendeu, com uma voz doce:

— Escritório do Sr. Love. Annabelle falando. Como posso ajudar?

— Ah — disse Alice. — Aqui é a esposa do Nick, quer dizer, do Sr. Love. Eu estava tentando falar com ele, mas, é....

A voz da mulher ficou afiada como uma lâmina:

— Oi, Alice. Como vai?

— Bem, na verdade...

— Como você sabe, Nick só volta para Sydney no domingo de manhã. Claro que, se houver algum problema urgente, posso mandar uma mensagem para ele, mas prefiro não incomodá-lo. Ele está ocupadíssimo.

Por que essa mulher estava sendo tão rude? Era evidente que conhecia Alice. O que ela podia ter feito para que a detestasse tanto?

— Então, você pode esperar ou não, Alice?

Não era imaginação sua. Havia um ódio real, tangível em sua voz. A dor na cabeça de Alice piorou. Ela queria dizer: "Ei, moça, estou no hospital, vim para cá de *ambulância*!"

Elisabeth vivia dizendo para ela: "Você não devia ser tão mole com as pessoas." Às vezes, muito depois de Alice ter esquecido um incidente, sua irmã comentava: "Passei a noite em claro pensando no que aquela mulher disse para você na farmácia. Não acredito que você ouviu *calada*. Só pode ter sangue de barata!" Alice se jogava no chão, mexendo as pernas, para comprovar sua condição de barata, e Elisabeth resmungava: "Ah, pelo amor de Deus."

O problema era que Alice precisava saber com antecedência quando era necessário ser assertiva. Essas situações eram muito inesperadas. Ela precisava de horas para pensar direito sobre a questão. Será que a pessoa tinha sido má mesmo, ou ela é que fora sensível? E se a pessoa houvesse descoberto naquela manhã que tinha uma doença terminal, tendo o direito de estar de mau humor?

Alice estava prestes a murmurar uma súplica patética para a assistente de Nick, quando, contra sua vontade, seu corpo iniciou uma sequência de ações que não lhe eram familiares. Ela esticou as costas. Ergueu o queixo. Contraiu os músculos da barriga. Abriu a boca e não reconheceu a própria voz: era firme, mordaz e decididamente esnobe.

— Não, não posso esperar — disse ela. — É urgente. Aconteceu um *acidente*. Por favor, peça para Nick me ligar o mais rápido possível.

Alice ficou tão surpresa quanto ficaria se tivesse dado um mortal triplo para trás. A mulher suspirou.

— Tudo bem, Alice. Vou ver o que posso fazer.

O desprezo dela ainda era palpável.

— Muito obrigada. — Alice desligou e disse: — Vaca. Piranha. *Vagabunda*.

Cuspiu as palavras pelo canto da boca, como se fossem cápsulas de veneno.

Depois engoliu em seco. Aquilo fora ainda mais surpreendente: parecera até uma menina tatuada que gostava de brigar na rua de vez em quando.

O celular tocou em sua mão e Alice se sobressaltou.

Devia ser Nick, pensou ela, aliviada. Mais uma vez, seus dedos souberam o que fazer. Alice apertou o botão com o desenho de um telefone verde e disse:

— Nick?

— Mãe? — retrucou uma voz infantil irritada.

CINCO

Observações sublimes de uma bisavó!

Estou um pouco irritada hoje. Tomara que vocês não se incomodem por eu ser "sincerona", como dizem os jovens de hoje (na verdade, não suporto essa expressão, mas as gírias pegam mesmo!).

Como muitos de vocês sabem, sou a presidente do Comitê de Atividades Sociais aqui do retiro de idosos Bosque da Tranquilidade. Nos últimos meses, estivemos organizando o Show dos Parentes. Vai ser na quarta-feira que vem. Os membros das nossas famílias — netos, bisnetos etc. — vão fazer apresentações dos mais diversos tipos. Será uma noite divertida! Bem, sem dúvida, algumas apresentações serão terríveis, mas pelo menos vão nos fazer esquecer a artrite.

Hoje um novo morador apareceu na reunião do Comitê de Atividades Sociais. Ora, eu sempre gosto de ouvir novas ideias, por isso adorei receber o Sr. X. (Acho que ninguém do Bosque da Tranquilidade lê meu blog — apesar de eles serem uns amores, a maioria não entende nada de internet —, mas é melhor eu tomar cuidado e não revelar a identidade de ninguém.)

O Sr. X chegou cheio de sugestões.

Vamos servir chá, café, sanduíches e bolinhos no Show dos Parentes. O Sr. X se intrometeu e sugeriu que deveríamos ter um open bar! Disse que passou um ano trabalhando como barman numa ilha no Caribe e sabia preparar um drinque capaz de "me fazer perder a cabeça". Não estou brincando. Foi assim mesmo que ele falou.

Depois disse que conhecia uma moça que não era exatamente sua parente, mas queria saber se ela poderia se apresentar. Respondi que sim, claro. Ele disse que maravilha, pois ela fazia uma apresentação de pole dance muito divertida. Todos os homens caíram na gargalhada, daquela de dar tapa no próprio joelho. Isso não tem graça, gente! É machista. Nojento. Até algumas mulheres riram. Rita riu que nem uma maluca. Ela é senil, mas mesmo assim foi chato.

Aconteceu uma coisa muito estranha. Senti uma vontade absurda e constrangedora de chorar. Na hora, parecia que eu estava novamente diante da primeira turma da faculdade da qual fui professora. (Caso você ainda não tenha lido a seção **Quem sou eu** aqui do blog, trabalhei durante vinte anos como professora de matemática. Dez como vice-diretora. Mais dez como diretora. Dediquei minha vida ao sistema educacional.) Tinha um menino na turma chamado Frank Neary. Eu me lembro direitinho da cara de levado dele. Era um garoto inteligente, mas impossível de controlar. Vivia contando piada, fazendo os outros garotos rirem. Aquilo me deixava tão sem graça, tão chata... Igual a uma tia solteirona.

Claro que em todas as turmas têm um Frank Neary e em pouco tempo aprendi a amedrontar todos eles. Mas, naquele primeiro ano, quando eu era jovem e inexperiente, Frank me fez sentir uma chata. E foi assim que me senti hoje.

Juro que tenho ótimo senso de humor, pessoal! Gosto de uma boa piada, juro! Mas pole dance?! Vocês não acharam graça, acharam?

Bem, o item seguinte na pauta do Comitê de Atividades Sociais era aquele **passeio controverso** que mencionei no último post. (Vocês deixaram vários comentários sobre o assunto. Acho que assustei muita gente!) Tive a premonição de que o Sr. X não ia me apoiar nessa questão e...

ADIVINHEM SÓ?!

Nossa, estou muito nervosa. Acabei de ser interrompida por um telefonema da minha "filha" **Barb** com a notícia perturbadora de que minha "neta" **Alice** sofreu uma queda grave na academia que frequenta (até demais para o meu gosto) e está no hospital. Isso me deixa muito chateada, até porque Alice vem enfrentando um **período difícil** e podia ter passado sem essa. Parece que Alice teve uma perda de memória depois da pancada na cabeça e acredita que estamos em 1998. Minha nossa! Tenho certeza de que logo mais ela vai recuperar a memória, mas isso é muito preocupante e sem dúvida coloca meus problemas triviais em perspectiva. Vou terminar este post por aqui, mas dou notícias assim que tiver novidades.

COMENTÁRIOS

Beryl disse:
Estou com você, Frannie! Diga a esse tal de X que ele não é bem-vindo no Comitê de Atividades Sociais. Mande beijos para Alice e diga que estamos rezando por ela.

Cara de Brisbane disse:
Sei que talvez eu seja o único homem comentando aqui no blog, então pode ser que as mulheres caiam em cima de mim, mas preciso perguntar: por que não pode ter um open bar nessa festinha dos parentes? Vai ser muito mais divertido. Estou com o X!

(E me desculpe, Frannie, mas eu achei graça. Pegue leve com o cara. Ele só queria fazer o pessoal rir um pouco.)

DorisdeDallas disse:
Que tal convidar o Sr. X para tomar um drinque e conversar sobre isso? Use seus dotes femininos! Você podia fazer aquela quiche de queijo com cebola que mencionou em outro post. P.S.: Por que usa aspas quando escreve "filha" e "neta"?

Vovó Moderna disse:
Coitada de você e da Alice. Desgraça pouca é bobagem. Dê notícias.

Lady Jane disse:
Diga à Alice que uma vez eu desmaiei na seção de congelados do mercado e, quando acordei e perguntaram como eu me chamava, dei meu nome de solteira! E eu já estava casada há quarenta e três anos! É engraçado como nossa cabeça funciona...

Frank Neary disse:
Oi, tia Frannie. Joguei meu nome no Google e encontrei seu post. Desculpe se eu era respondão, mas só guardo boas lembranças da sua aula de matemática. Acho que eu tinha até uma paixonite por você. Virei engenheiro e tenho certeza de que devo o sucesso da minha carreira ao seu esforço como professora.

LoucaMabel disse:
Faz pouco tempo que descobri seu blog. Parabéns! É muito divertido! Também sou bisavó, mas do outro lado do mundo (Indiana, EUA!), e estou pensando em começar a escrever um blog. Uma dúvida: o que sua família acha de você escrever sobre eles? Imagino que minha família vai achar um pouco esquisito.

AB44 disse:
Aquele comentário foi mesmo do Frank Neary, seu ex-aluno? Que hilário! A internet é mesmo incrível.

* * *

— Mãe? — repetiu a criança, impaciente.

Alice não conseguiu discernir se era menino ou menina. Era apenas uma voz comum de criança. Ofegante, apressada, um pouco anasalada. Meio fofa. Ela quase nunca falava com crianças ao telefone, com exceção de uma conversa ou outra no aniversário de um dos sobrinhos de Nick, mas sempre ficava impressionada com a fofura das vozes deles. Sempre pareciam muito maiores, mais assustadores e sujos pessoalmente.

Sua mão estava suada. Alice apertou com força o telefone, passou a língua nos lábios e disse, com a voz rouca:

— Alô?

— Mãe! Sou *eu*!

A voz da criança transbordou do telefone, como se estivesse gritando bem no ouvido de Alice.

— Por que você achou que era o papai? Ele vai ligar de Portugal? Ah! Se você falar com ele, pode, por favor, dizer que o jogo de Xbox que eu quero é Lost Planet: Extreme Condition? Ouviu? Porque acho que falei o nome errado para ele. Mãe, isso é muito importante, acho melhor você anotar. Quer que eu fale devagar? Lost. Planet. Extreme. Condition. Mas, então, cadê você? A gente tem aula de natação e você *sabe* que odeio me atrasar, porque aí tenho que usar aquela prancha idiota. Ah, olha tio Ben ali! Ele vai levar a gente para a natação hoje? Então tá! Legal! Por que você não falou? OI, TIO BEN! Tá bom, vou desligar. Beijo, mãe!

Houve um ruído arrastado, um baque, e crianças gritando ao longe. Uma voz de homem disse: "Oi, campeão!" Depois a ligação caiu.

Alice largou o telefone no colo e olhou fixamente para a frente, para o corredor do hospital, visível pela porta aberta. Alguém passou depressa, usando uma touca de banho verde e falando alto: "Dá um tempo!" Em algum lugar distante, um recém-nascido chorou.

Será que ela havia acabado de *conversar* com Passinha?

Nem sabia o nome do bebê. Eles ainda estavam discutindo. Nick queria Tom — um nome bom e honesto para um menino — e Alice queria Ethan — um nome sensual, de homem bem-sucedido. E, se Passinha os surpreendesse e fosse menina, Alice queria Madeline, mas Nick queria Addison, pois, aparentemente, meninas não precisavam de "nomes bons e honestos".

Não posso ser mãe de uma criança e não saber o nome dela. É impossível. Não há qualquer possibilidade, pensou Alice.

Talvez tenha sido engano! A criança havia mencionado um tal de tio Ben. Não tinha nenhum Ben na família de Alice. Ela não conhecia nenhum Ben. Achava que nunca tinha sido apresentada a um. Procurou na memória e só conseguiu se lembrar de um homem barbado e enorme que era designer de letreiros neon. Ela o conhecera quando foi ajudar a irmã mais velha de Nick, Dora (talvez a mais lelé das lelés), na sua loja de produtos esotéricos. Mas, espere aí... Talvez esse cara se chamasse Bill ou Brad.

O problema era que a criança tinha perguntado "Por que você achou que era o papai?" quando Alice dissera o nome de Nick. Além disso, sabia que Nick estava em Portugal.

Não havia qualquer possibilidade de ser real, mas, por outro lado, aquela parecia uma prova conclusiva.

Alice fechou os olhos por um instante e os abriu de novo, tentando imaginar um filho de quase dez anos. Qual seria a altura dele? A cor dos olhos? O cabelo?

Parte dela queria gritar diante do horror completo daquela situação, e parte queria cair na gargalhada, porque era tudo muito ridículo. Uma piada absurda. Uma história hilária que Alice ia passar anos contando. "E *aí* liguei para Nick e uma mulher me disse que ele estava em Portugal! E fiquei pensando *Portugal*?"

Ela pegou o celular com cautela, como se fosse um explosivo, e pensou em ligar para outra pessoa: Elisabeth? Sua mãe? Frannie?

Não, não queria mais ouvir vozes estranhas lhe dizendo coisas que não sabia sobre as pessoas que amava.

Ela sentia o corpo pesado e enfraquecido. Mas não ia fazer nada. Nadinha mesmo. Em determinado momento, alguma coisa iria acontecer, alguém iria aparecer. Os médicos dariam um jeito em sua cabeça e tudo ficaria bem. Alice começou a enfiar as coisas de volta na mochila. Quando pegou a agenda de capa de couro, uma foto caiu.

Era uma foto de três crianças de uniforme escolar. Obviamente uma foto posada, pois estavam sentados em fileira em um degrau, com os cotovelos apoiados nos joelhos e os queixos nas mãos. Havia duas meninas e um menino.

O menino estava no meio. Tinha cabelo louríssimo e desgrenhado, orelhas de abano e nariz arrebitado. Havia inclinado a cabeça para o lado e cerrado os dentes, fazendo uma careta grotesca que, Alice sabia, devia ser um sorriso. Sabia porque já devia ter visto pelo menos cem fotos da irmã fazendo uma cara idêntica. "Por que eu faço isso?", dizia Elisabeth com tristeza ao ver a foto.

À direita do garoto estava uma menina que parecia mais velha. Tinha um rosto impassível e inexpressivo, além de cabelo liso e castanho preso num rabo de cavalo que caía em um dos ombros. Estava inclinada para a frente numa pose que deixava evidente sua opinião: "Não quero me sentar nessa posição ridícula." Seus lábios

estavam comprimidos numa linha reta e ela olhava, irritada, à direita da lente da máquina. Havia um corte feio em um dos seus joelhos ossudos e seus cadarços estavam desamarrados. Ela não se parecia nem um pouco com alguém conhecido.

À esquerda do garoto estava uma menininha com cachos louros presos em marias-chiquinhas volumosas. Ela sorria com entusiasmo, exibindo uma covinha em cada bochecha angelical. Havia algo colado na gola do seu uniforme. Alice aproximou a foto do rosto. Eram adesivos brilhantes de dinossauro, igual ao da sua camiseta.

Alice virou a foto e viu que atrás havia uma etiqueta com um texto digitado:

Crianças (da esquerda para a direita): Olivia Love (Jardim 2), Tom Love (Quarto ano — Turma B), Madison Love (Quinto ano — Turma M)
Responsável: Alice Love
Número de cópias pedidas: 4

Alice virou a foto de novo e voltou a olhar para as três crianças.

Nunca vi vocês na vida.

Havia um zumbido distante em seus ouvidos. Ela sentiu a respiração ofegante, o peito arfando depressa, como se estivesse num local de grande altitude. *Nossa, foi tão engraçado! Eu estava lá olhando para a foto, né, de três crianças... Sendo que eram meus filhos eu nem reconheci! Foi hilário!*

Uma enfermeira que Alice ainda não tinha visto entrou no quarto, deu uma olhada rápida nela e pegou a prancheta pendurada na beirada da cama.

— Mil desculpas pela demora. A chefia me garantiu que daqui a alguns minutos teremos uma cama disponível para a senhora. Como está se sentindo?

Alice encostou as pontas dos dedos trêmulos na cabeça.

— O problema é que não me lembro dos últimos dez anos da minha vida.

Sua voz estava tremendo, um pouco histérica.

— Acho que consigo um chazinho e uns sanduíches para a senhora — disse a enfermeira, olhando para a foto no colo de Alice. — São seus filhos?

— Pelo visto... — respondeu ela.

Deu uma risadinha que virou um soluço e o gosto das lágrimas em sua boca foi tão familiar que ela pensou *Pare! Estou cansada, cansada, cansada de chorar!* Mas não entendeu o que isso significava, porque não chorava desse jeito desde criança e, de qualquer maneira, não ia conseguir parar mesmo se quisesse.

SEIS

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Durante o chá da tarde, liguei para o celular de Ben e ele, em meio ao que parecia uma algazarra de vinte crianças, não três, me disse que tinha buscado as crianças na escola e ia levá-las para a aula de natação. Segundo Ben, ele tinha sido avisado que era impossível faltar uma aula de natação, pois Olivia havia acabado de virar um crocodilo, ou um ornitorrinco, ou alguma coisa assim, e eu ouvi a risadinha borbulhante de Olivia, que gritou: "Um GOLFINHO, seu bobo!" Também ouvi a voz de Tom, que devia estar na frente ao lado de Ben, dizendo em um tom monótono: "Você está cinco quilômetros ACIMA do limite de velocidade, você está quatro quilômetros ACIMA do limite de velocidade, você está dois quilômetros ABAIXO do limite de velocidade."

Ben parecia estressado, mas feliz. Mais feliz do que estivera nas últimas semanas. Buscar as crianças e levá-las para a aula de natação não era o tipo de coisa que Alice nos pedia para fazer (pode acreditar), e eu sabia que Ben devia estar radiante por ter ganhado essa responsabilidade. Imaginei que quem reparasse no carro parado no sinal veria um pai comum (talvez um pouco maior e mais peludo que a maioria) com os três filhos.

Se eu pensar demais nisso, vou sofrer muito, então não vou pensar.

Ben me disse que Tom tinha acabado de falar com Alice e, de acordo com ele, ela não disse nada sobre ter caído na academia e estava "com a voz da mamãe, mas de dez a quinze por cento mais emburrada que o normal". Acho que ele está aprendendo porcentagens na escola.

É estranho, mas eu nem tinha pensado em ligar para o celular de Alice. Na mesma hora digitei o número dela.

Quando Alice atendeu, estava com uma voz tão estranha que não reconheci e achei que uma enfermeira tinha pegado seu celular. Falei: "Ah, me desculpe, eu estava tentando falar com Alice Love", mas então me dei conta de que era ela mesma, que, aos soluços, dizia: "Ah, Libby, graças a Deus é você!" Parecia muito mal, histérica, e começou a tagarelar sobre uma foto, adesivos de dinossauro, um

vestido vermelho que não ia caber nela de jeito nenhum, mas era muito lindo, sobre estar bêbada na academia, e sem entender por que Nick estava em Portugal, e ela não sabia se estava grávida ou não e achava que era 1998, mas todo mundo dizia que era 2008. Fiquei assustada. Não lembro a última vez que vi ou ouvi Alice chorar (ou me chamar de Libby). Por mais que houvesse motivos para ter chorado no ano passado, ela não chora na minha frente. Ultimamente, nossa conversa é marcada por uma seriedade horrível, e nós duas usamos um tom de voz superformal.

Na verdade, meio que foi bom ouvir Alice chorar. Foi verdadeiro. Faz muito, muito tempo que ela não precisa de mim e isso costumava ser uma parte bastante importante da minha identidade: ser a irmã mais velha que protegia Alice do mundo. (Eu devia economizar dinheiro e me autoanalisar, Dr. Hodges.)

Então falei para ela não se preocupar, porque eu estava indo para lá e a gente ia resolver tudo. Voltei para o palco e disse que uma emergência familiar surgira e eu precisava ir embora, mas minha assistente Layla, uma pessoa muito competente, ia assumir o microfone. Quando a encarei e vi sua reação, ela estava corada e radiante, como se tivesse acabado de encontrar Jesus. Ou seja, tudo certo.

Claro que o hospital tinha que ser o Royal North Shore.

Sempre sinto um desconforto — como se tivesse engolido um objeto enorme — quando entro de carro naquele estacionamento. O objeto que engoli tem o formato de uma âncora e está descendo pela garganta, indo parar nas laterais da minha barriga.

Outra coisa: o céu sempre parece gigantesco, como uma grande concha vazia. Por que isso acontece? Deve ser porque eu sempre olho para cima quando chego de carro, ou talvez tenha algo a ver com o fato de que me sinto minúscula e inútil, ou talvez seja apenas uma questão geográfica, pelo amor de Deus, e tenha uma subida na estrada antes de descer até o estacionamento.

Estou aqui por causa da Alice, fiz questão de lembrar ao sair do carro.

Mas, para onde quer que eu olhasse, encontrava versões mais antigas de mim e Ben. Nós assombramos aquele lugar. Se algum dia você for nesse hospital, Dr. Hodges, fique de olho. Lá estaremos nós, num dia ensolarado e gélido, descendo desanimados a rua que leva até o estacionamento, eu com uma saia feia e cor-de-rosa de hippie que não tiro do corpo porque não precisa passar a ferro, segurando a mão de Ben, deixando que ele me leve, olhando para o chão e repetindo meu mantra: "Não pense nisso. Não pense nisso. Não pense nisso." Você vai nos ver diante do balcão da recepção, preenchendo formulários, com Ben perto de mim, massageando minha lombar com pequenos movimentos circulares, e eu sentindo que aqueles círculos, de alguma forma, são o que me faz respirar — inspirando, expirando, inspirando, expirando — que nem um respirador hospitalar. Lá estaremos nós, espremidos no fundo do elevador com uma família animada, os braços repletos de

flores e balões que dizem "É menina!". Nós dois estaremos envolvendo a barriga com os braços, exatamente na mesma posição, como se estivéssemos nos abraçando, para que toda aquela alegria não nos machuque.

Você me disse, na outra semana, que isso não me define, mas define, *sim*, Dr. Hodges. Define e ponto final.

Não pense nisso.

Ao percorrer aqueles corredores onde os sons ecoam (clop, clop, clop, fazia meu sapato de salto alto, e o *cheiro*, bom, você deve saber como é horrível o cheiro de batata cozida, Dr. Hodges, que invade nosso nariz com lembranças de todas as outras vezes que estivemos em um hospital), ignorei os fantasmas malvestidos de outras idas ao hospital e me concentrei em Alice, questionando se ela ainda acreditava que estava em 1998 e, caso achasse, como seria isso. A única coisa levemente parecida que já aconteceu comigo foi uma vez na adolescência em que fiquei muito bêbada numa festa de vinte e um anos, me levantei e fiz um longo brinde emocionado em homenagem ao aniversariante, que conhecera naquela noite. No dia seguinte, não me lembrava de nada, nadinha mesmo, nem ao menos uns lampejos confusos. Pelo que me disseram, usei a palavra "exiguidade" no discurso, e isso me deixou perturbada, porque eu achava que nunca tinha usado aquela palavra em voz alta quando estava sóbria, e nem tinha certeza se sabia o significado. Nunca mais fiquei tão bêbada. Sou controladora demais para deixar que os outros rolem no chão de tanto rir ao me contar o que fiz.

Se não consegui suportar a perda de duas horas de memória, como seria perder dez anos?

Enquanto eu procurava pela seção do hospital onde Alice estava, tive uma lembrança súbita de mamãe, Frannie e eu, zonzas de alegria, igual àquela família ali no elevador, quase correndo pelos corredores de outro hospital, procurando pelo quarto de Alice quando Madison nasceu. Por acaso vimos Nick logo à frente, gritamos seu nome e ele se virou. Enquanto esperava que o alcançássemos, ficou correndo em círculos sem sair do lugar e deu dois socos no ar que nem o Rocky, e Frannie disse carinhosamente: "Ele é um pândego!" Eu estava saindo com um urbanista arrogante na época e naquele instante decidi que ia terminar com ele, porque Frannie nunca teria dito que ele era um pândego.

Se Alice tinha mesmo perdido todas as lembranças dos últimos dez anos, pensei, então ela não se lembraria daquele dia e nem de Madison bebê. Não se lembraria de como todos nós dividimos uma lata de chocolate Quality Street quando o pediatra veio examinar Madison. Ele a virou para um lado e depois para o outro e a segurou na palma da mão com o ar casual de quem faz aquilo sempre, e Alice e Nick gritaram "Cuidado!" ao mesmo tempo. Todos nós rimos e o pediatra sorriu e disse: "Sua filha ganhou nota dez." Aplaudimos e comemoramos a primeira nota boa de

Madison enquanto o médico voltava a embrulhá-la no cobertor branco, um pacotinho perfeito de filé de peixe com batata, e a apresentava solenemente para Alice.

Eu estava só começando a pensar na grandiosidade de tudo o que aconteceu com Alice nos últimos dez anos quando achei a seção do hospital onde ela estava e, ao olhar pela porta, encontrei-a no primeiro cubículo envolto por uma cortina, encostada em alguns travesseiros, olhando para a frente, com as mãos no colo. Ela estava sem cor, usando uma camisola branca, deitada em um travesseiro branco e com um curativo de gaze branco em volta da cabeça, e até mesmo seu rosto estava totalmente branco. Foi estranho vê-la tão imóvel… Alice está sempre fazendo movimentos súbitos e rápidos. Mandando mensagens de texto pelo celular, sacudindo as chaves do carro, agarrando uma das crianças pelo cotovelo e dando uma bronca no ouvido delas. É dessas mulheres que tamborilam as unhas, ocupadíssima.

(Há dez anos, Alice não era assim nem de longe. Ela e Nick dormiam até meio-dia no domingo. "*Como* eles vão ter tempo de reformar aquela casa enorme?", dizíamos mamãe, Frannie e eu, parecendo tias velhas.)

A princípio Alice não me viu e, enquanto eu me aproximava, seus olhos tremularam, parecendo muito grandes e azuis no seu rosto pálido. Porém, o mais importante foi que ela me encarou de um jeito diferente, mas familiar, não sei como descrever, só sei que tive um pensamento estranho: "Você voltou."

Quer saber a primeira coisa que ela me disse, Dr. Hodges?

Ela falou: "Ah, Libby, o que *aconteceu* com você?"

Eu disse que isso me define.

Ou vai ver foi só por causa das rugas.

* * *

Alice finalmente tinha saído da sala de triagem do hospital, ganhado uma camisola, um controle remoto para a televisão e uma cômoda branca para guardar suas coisas. Uma senhora lhe trouxe em um carrinho uma xícara de chá fraco e um misto-quente cortado em quatro triângulos minúsculos. A enfermeira tinha razão: o chá e os sanduíches fizeram com que ela se sentisse melhor, mas não ajudaram a preencher o imenso abismo vazio de sua memória.

Quando Alice ouvira a voz de Elisabeth ao telefone, fora exatamente como todas as vezes em que ligara para casa durante aquela desastrosa viagem pela Europa que fizera aos dezenove anos, quando estava tentando fingir que tinha uma personalidade diferente — uma personalidade aventureira, extrovertida, do tipo de pessoa que *ama* explorar catedrais e ruínas sozinha o dia todo e conversar com meninos bêbados

de Brisbane nos hostels à noite — sendo que, na verdade, estava com saudade de casa, sentindo-se sozinha e, muitas vezes, entediada, sem conseguir entender nada dos horários dos trens. O som da voz de Elisabeth, tão nítido numa cabine telefônica estranha no outro lado do mundo, sempre fazia os joelhos de Alice relaxarem de alívio, e ela encostava a testa no vidro e pensava *Isso aí, eu existo de verdade*.

"Minha irmã já está vindo", dissera para a enfermeira assim que desligou, como se estivesse dando suas credenciais de pessoa normal que tinha família, uma família que reconhecia.

Mas na verdade Alice não reconheceu Elisabeth quando ela se aproximou da sua cama. Presumiu vagamente que aquela mulher de terninho creme, óculos e cabelo liso na altura do ombro era uma gerente do hospital que estava ali para resolver alguma questão administrativa, mas então alguma coisa na postura da mulher, com aquelas costas eretas e aquele ar de "pode deixar que eu cuido disso", algo que fazia parte da essência de Elisabeth, entregou o jogo.

Foi um choque, porque a impressão era de que Elisabeth tinha engordado muito da noite para o dia. Ela sempre tivera um corpo forte, ágil e atlético, afinal remava, corria e fazia várias coisas desse tipo. Não estava gorda, mas definitivamente mais larga, menos musculosa e com o peito maior: uma versão mais cheia, como se alguém a houvesse enchido de ar, como se ela fosse uma boia de plástico. *Elisabeth não vai gostar disso*, pensou Alice. Sempre tinha sido tão rígida em relação a comidas gordurosas que chegava a ser engraçado vê-la recusar uma fatia de pavlova como se fosse crack. Certa vez, quando Nick, Alice e Elisabeth viajaram juntos em um fim de semana, ela passou horas diante da mesa de café da manhã analisando a informação nutricional de um pote de iogurte, avisando, muito séria: "É preciso tomar *muito* cuidado com iogurte." Desde então, sempre que Alice ou Nick comiam iogurte, um deles gritava: "Cuidado!"

Quando Elisabeth chegou mais perto e a luz acima da cama iluminou o rosto dela, Alice viu linhas finíssimas ao redor de sua boca e de cada lado dos olhos, por trás dos óculos elegantes. Elisabeth, assim como Alice, tinha grandes olhos azul-claros com cílios pretos, uma característica herdada do pai delas. Eram olhos que rendiam elogios, mas estavam parecendo menores e mais claros, como se a cor tivesse começado a desbotar.

Aqueles olhos desbotados pareciam magoados, cautelosos e exaustos, como se Elisabeth houvesse sofrido uma grande derrota numa briga que esperava ganhar.

Alice ficou preocupada. Algo terrível devia ter acontecido.

Mas quando perguntou, Elisabeth disse:

— Como assim, o que aconteceu *comigo*?

Ela falou com tanta firmeza e energia que Alice duvidou de si mesma.

Elisabeth pegou uma cadeira de plástico e se sentou. Alice reparou na saia esticada de maneira nada atraente em sua barriga e desviou os olhos depressa, porque isso lhe deu vontade de chorar.

— Você é quem está no hospital — retrucou. — A questão é: o que aconteceu com *você*?

Alice sentiu que reassumiu o papel de pessoa incontrolável e desajeitada.

— É muito bizarro. Parece um sonho. Pelo visto, caí na academia. Eu na academia! Imagine só! De acordo com Jane Turner, eu estava no meio de algo chamado "aula de step de sexta" — disse Alice, sentindo que podia agir como uma boba, pois a irmã estava ali para ser a pessoa sensata.

Elisabeth a encarou com uma concentração tão séria e assustada que Alice sentiu seu sorriso bobo murchar. Ela esticou o braço para pegar a foto que tinha deixado na cômoda ao lado da cama e a entregou para Elisabeth, dizendo, num tom baixo e educado:

— Por acaso, esses são meus... — Alice nunca tinha se sentido tão idiota na vida. — Esses são meus filhos? — perguntou.

Elisabeth pegou a foto e deu uma olhada. Uma expressão complicada surgiu em seu rosto, um tremor quase imperceptível, que logo desapareceu. Ela deu um sorriso hesitante e disse:

— São, Alice.

Alice, tremendo, suspirou fundo e fechou os olhos.

— Nunca vi essas crianças na vida.

Ela ouviu a irmã suspirar fundo também.

— Tenho certeza de que deve ser temporário. Provavelmente você só precisa descansar e...

— Como elas são? — perguntou Alice, abrindo os olhos. — Essas crianças? São... boazinhas?

— Elas são maravilhosas, Alice — afirmou Elisabeth, com mais firmeza.

— E eu sou uma boa mãe? Cuido delas direitinho? O que dou para elas comerem? São tão grandes!

— Seus filhos são sua vida, Alice — disse Elisabeth. — Daqui a pouco você vai lembrar. Sua memória vai voltar. Só...

— Posso fazer cachorro-quente — falou Alice, animando-se. — Criança adora cachorro-quente.

Elisabeth a encarou, atônita.

— Você nunca daria cachorro-quente para elas.

— Achei que estivesse grávida — continuou Alice. — Mas fizeram um exame de sangue e me disseram que com certeza não estou. Não me sinto grávida, mas não acredito que não estou. Não acredito!

— Não. Bom, acho que não seria possível você estar grávida…

— *Três* filhos! — exclamou Alice. — A gente só vai ter dois.

— Olivia foi um acidente — disse Elisabeth com frieza, como se desaprovasse.

— Nada disso parece real. Estou me sentindo Alice no país das maravilhas. Lembra como eu odiava esse livro? Porque nada fazia sentido. Você também não gostava. A gente preferia coisas que faziam sentido.

— Imagino que deva parecer *muito* estranho, mas isso não vai durar, sua memória vai voltar a qualquer momento. Você deve ter batido muito feio a cabeça…

— Pois é, foi muito sério — afirmou Alice, pegando a foto de volta. — Esta menina aqui… É a mais velha, então foi minha primeira filha, certo? Quer dizer que foi uma menina?

— Foi, sim.

— A gente achava que ia ser menino.

— Eu lembro.

— E o parto! Fiz três partos? Como foram? Estou tão nervosa com isso. Quer dizer, estava.

— Acho que o de Madison foi bem tranquilo, mas houve complicações no de Olivia — contou Elisabeth, remexendo-se na cadeira de plástico. — Olhe, Alice, acho que eu devia conversar com um dos seus médicos. A situação está crítica. É estranho. É bem… assustador.

Alice esticou a mão para pegar o braço de Elisabeth, em pânico. Ela não ia suportar ter que ficar sozinha de novo.

— Não, não, não vá. Alguém vai chegar daqui a pouco. Toda hora passa alguém aqui para ver como eu estou. Ah, Libby, liguei para o trabalho de Nick e me disseram que ele está em Portugal! Portugal! O que ele está fazendo lá? Deixei um recado com uma secretária malvada. Fui firme com ela. Você ficaria orgulhosa de mim! Não fui nem um pouco frouxa. Fui dura como *aço*.

— Que bom — disse Elisabeth.

Ela parecia ter acabado de comer algo que lhe causara indigestão.

— Mas ele ainda não retornou minha ligação — comentou Alice, suspirando.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Só quando Alice começou a falar que Nick estava em Portugal me dei conta do óbvio, e fiquei ainda mais chocada do que quando ela me perguntou se seus filhos eram *bonzinhos*.

Alice tinha mesmo se esquecido de tudo.

Até de Gina.

SETE

– É *sério* que você não se lembra de nada, nadinha, do que aconteceu desde 1998? — perguntou Elisabeth, aproximando a cadeira de plástico da cama de Alice e se debruçando sobre ela, como se estivesse na hora de desvendar aquilo de uma vez por todas. — Nada mesmo?

— Bem, alguns lampejos engraçados surgem na minha mente — contou Alice. — Mas nenhum faz sentido.

— Então me conte sobre eles — insistiu Elisabeth.

Seu rosto estava mais próximo de Alice e as rugas ao redor de sua boca eram ainda mais fundas do que ela achara. Nossa. Sem querer, Alice pressionou as pontas dos dedos na própria pele. Ainda não tinha se olhado no espelho.

— Bom, quando acordei — disse ela —, eu estava sonhando, mas não sei se era um sonho ou alguma coisa que aconteceu de verdade. Eu estava nadando numa linda manhã de verão, e minhas unhas dos pés estavam pintadas de cores diferentes. Tinha mais alguém comigo e as unhas dos pés da pessoa tinham sido pintadas que nem as minhas. Ei, será que a outra pessoa era você? Aposto que sim!

— Não — disse Elisabeth —, não me lembro de nada disso. O que mais?

Alice pensou nos buquês de balões cor-de-rosa flutuando no céu cinza, mas não quis contar a Elisabeth sobre aquela imensa onda de tristeza que às vezes a envolvia e não estava com muita vontade de descobrir seu significado. Por isso, disse:

— Eu me lembro de uma mulher americana dizendo: "Desculpe, mas o coração não está batendo."

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Admito que achei estranhamente tocante que, em meio a todas as memórias significativas que poderiam surgir na mente de Alice, essa fosse uma das primeiras.

Ela sempre foi boa em imitar sotaques e falou de maneira idêntica àquela mulher. O tom e o ritmo foram exatamente como eu lembrava e, por um segundo, achei

que estivesse outra vez naquela sala melancólica, tentando entender. Faz muito tempo que não penso nisso…

Imagine, Dr. Hodges, se eu pudesse voltar no tempo até aquele dia e sussurrar no meu ouvido: "Isso é só o começo, querida." E depois inclinar a cabeça para trás e dar uma daquelas risadas insanas de bruxa.

Na verdade, você não gosta muito quando começo com essa história de humor negro, não é? Já notei que dá um sorriso educado e um pouco triste, como se eu estivesse passando vergonha e você soubesse exatamente por que, ou como se eu fosse uma adolescente incapaz de controlar minhas emoções constrangedoras.

Bem, eu não queria falar sobre a mulher americana com Alice. Óbvio que não. Principalmente com *Alice*. E também não quero muito falar com você. Ou pensar no assunto. Ou escrever sobre isso. Foi só uma coisa que aconteceu. Como todas as outras coisas.

* * *

Com a mão espalmada, Elisabeth alisou o cobertor branco perto da perna de Alice. Seu rosto pareceu ainda mais frio.

— Desculpe, mas também não me lembro disso — disse ela. — Não faço ideia do que seja.

Por que parecia zangada? Alice sentiu que havia feito algo errado, mas não identificou o que era. Sentiu-se desajeitada e burra, como uma criança tentando compreender algo sério e importante que os adultos se recusavam a lhe contar.

Os olhos de Elisabeth encontraram os de Alice. Ela deu um sorrisinho e desviou o olhar depressa.

Uma mulher com flores entrou ali, olhou para Alice e Elisabeth toda esperançosa, piscou com desinteresse e seguiu para o próximo cubículo. Elas ouviram alguém exclamar:

— Eu estava pensando em você!

— Eu devia ter trazido flores… — murmurou Elisabeth.

— Você se casou! — disse Alice de repente.

— Como é que é?

Alice pegou a mão esquerda da irmã.

— Está usando uma aliança de noivado! É linda. É exatamente o tipo de aliança que eu teria comprado se pudesse ter escolhido. Não que eu não ame o anel da vovó Love, imagina.

— Você odeia e despreza o anel da vovó Love, Alice — afirmou Elisabeth secamente.

— Ah. Contei isso para você? Não lembrava.

— Anos atrás, acho que você tinha bebido demais. Por isso não entendo por que... Ah, esquece.

— Ei, vai me deixar no suspense? — perguntou Alice. — Com quem você se casou? Foi com aquele urbanista gatinho?

— *Dean*? Não, não me casei com Dean, e nosso namoro só durou uns cinco minutos. Além disso, ele morreu num acidente de mergulho. Trágico. Enfim, eu me casei com Ben. Você não se lembra do Ben? Ele é quem está cuidando dos seus filhos agora.

— Ah, que legal da parte dele. Que bom — disse Alice, hesitante.

Ela se sentiu péssima de novo, pois imaginava que uma boa mãe teria verificado imediatamente quem estava cuidando dos seus filhos. A questão é que ainda era um absurdo que eles existissem. Alice pressionou uma das mãos em sua barriga reta, onde não havia mais nenhum bebê, e tentou conter a vertigem. Caso se permitisse pensar demais naquilo, poderia começar a gritar e nunca mais conseguir parar.

— Ben — disse Alice, concentrando-se em Elisabeth. — Quer dizer que você se casou com alguém chamado Ben.

Ela se lembrava daquela criança fanha dizendo "tio Ben" ao telefone. Por algum motivo, era pior ainda quando as coisas se encaixavam, como se tudo no mundo fizesse sentido, exceto ela.

— Que engraçado, mais cedo eu estava pensando que o único Ben que conheço é um homem grandalhão que é designer de letreiros neon e a quem me apresentaram um dia na loja da irmã do Nick. Nunca mais me esqueci desse cara, porque ele era tão grande, lento e calado, parecia um urso gigante que tinha sido transformado em homem.

Elisabeth caiu na gargalhada e o som da sua risada (era rouca, generosa e sempre deixava Alice com vontade de dizer outra coisa engraçada), além da maneira como inclinava a cabeça para trás, a fez parecer a pessoa que ela conhecia.

— Não entendi — disse Alice, sorrindo e disposta a entender.

— Foi com esse Ben que me casei. Nós nos conhecemos na inauguração da loja de Dora. Estamos casados há oito anos.

— Jura?

Elisabeth tinha se casado com aquele designer de letreiros neon, aquele urso gigantesco? Ela costumava namorar executivos bem-sucedidos e engraçadinhos que faziam Alice se sentir burra.

— Mas ele não tinha *barba*? — perguntou.

Não era possível que Elisabeth tivesse se casado com um homem de barba. Ela estava se sacudindo de tanto rir.

— Tinha e ainda tem.

— E ele continua fazendo letreiros neon?

— Continua e são lindos. Meu preferido é o da Rob's Ribs and Rumps, em Killara. Tirou segundo lugar no Prêmio de Design em Neon no ano passado.

Alice lançou um olhar desconfiado para Elisabeth, mas ela parecia estar falando sério.

— Então ele é meu cunhado... Imagino que a gente deva se conhecer. Muito bem, inclusive. E Nick se dá bem com ele? Nós quatro saímos juntos?

Elisabeth hesitou e Alice não conseguiu decifrar sua expressão.

— Anos atrás, antes de Ben e eu nos casarmos, quando Madison era pequena e você estava grávida de Tom, nós quatro alugamos uma casa em Jervis Bay, durante a Páscoa. Foi bem na Hyams Beach, que é conhecida por ser a praia com a areia mais branca do mundo. O clima estava perfeito e Madison era muito fofa, todos nós estávamos apaixonados por ela. Jogamos alguns jogos bobos de baralho, tipo Duvido, e numa noite Nick e Ben ficaram bêbados e dançaram músicas dos anos 1980. Sendo que Ben *nunca* dança. Acho que essa foi a única vez que vi meu marido dançando. Eles estavam muito bobos! Nós rimos tanto que acordamos Madison, aí ela saiu da cama e dançou com eles de pijama. Foi um feriado muito especial, na verdade. Fiquei até com saudade agora. Faz séculos que não penso nisso.

— Não me lembro de nada... — disse Alice.

Parecia muito cruel que ela tivesse esquecido um feriado maravilhoso, como se outra Alice tivesse vivido no lugar dela. O tom de voz de Elisabeth mudou de forma abrupta, ficando um pouco agressivo:

— Estou impressionada que você não se lembra do Ben. — Ela olhava com desconfiança para Alice, como se a desafiasse a dizer alguma coisa. — Vocês se viram ontem. Ele foi na sua casa ajudar a consertar seu carro. Você fez os muffins de banana que ele ama. E tiveram uma conversinha muito interessante...

— Bem — disse Alice, nervosa —, quer dizer que a gente tem um carro?

— Hummm. Tem, sim, Alice.

— E eu faço muffins de banana?

O rosto de Elisabeth se suavizou.

— Com pouca gordura. E alto teor de fibra. Mas surpreendentemente deliciosos.

A mente de Alice pulou de um fato a outro até deixá-la tonta, indo daquelas três crianças desconhecidas sentadas em fileira a muffins de banana, depois um carro (ela não gostava de carros, mas de ônibus, de barcas... Além disso, não era boa motorista) e enfim para Elisabeth casada com um designer de letreiros neon chamado Ben.

Ela se agarrou a um pensamento repentino que a magoou.

— Ei! Você se casou e não me convidou!

Alice adorava casamentos. Nunca se esqueceria de um.

— Alice, você foi minha madrinha e Madison foi a daminha de honra — retrucou Elisabeth. — Vocês usaram vestidos iguais, da cor da orquídea que é a flor nacional de Singapura. Você fez um discurso engraçado e passou o maior vexame com Nick quando dançaram "Come on Eileen". E ainda nos deram um liquidificador de presente.

— Ah — disse Alice, sentindo a frustração transbordar. — Não consigo acreditar que não me lembro de *nada* disso! Nada me parece familiar!

Ela enfiou os dedos nos buracos do cobertor que cobria suas pernas e o apertou com as mãos, num gesto bobo e infantil.

— É que tem tanta... *coisa*! — exclamou.

— Calma, calma.

Elisabeth massageou o ombro de Alice com um vigor excessivo, como se ela fosse uma boxeadora, e olhou ao redor, nervosa, como se procurasse ajuda.

— Você precisa me deixar ir atrás de um médico para conversar sobre isso — disse.

Elisabeth gostava de resolver problemas. Sempre queria encontrar uma solução.

Ouviram gargalhadas femininas no cubículo ao lado, onde as duas mulheres exclamaram "Mentira!" e depois "Verdade!". Alice e Elisabeth ergueram as sobrancelhas numa irritação mútua e silenciosa, e Alice se sentiu envolta por uma afeição fraternal tranquilizadora. Ela largou o cobertor e, com esforço, apoiou as mãos de volta no colo, recomposta.

— Por favor, não vá — pediu. — Daqui a pouco vai aparecer uma enfermeira para ver como estou e você pode conversar com ela. Fique aqui e continue conversando comigo. Acho que é isso que vai me curar.

— Não tenho tanta certeza... — disse Elisabeth, conferindo o relógio de pulso e voltando a se sentar na cadeira.

Alice se remexeu nos travesseiros para ficar mais confortável. Pensou em fazer outras perguntas sobre as crianças da foto. (*Três*! Um número incontornável e impossível...) Mas aquilo era tão surreal que chegava a ser bobo, como um filme tão pouco crível que você ficava se remexendo na cadeira, tentando não rir. Era melhor perguntar sobre a vida de Elisabeth.

A irmã estava cabisbaixa, coçando uma área qualquer do pulso. Alice observou mais uma vez as rugas que pareciam puxar a boca de Elisabeth para baixo, como se fosse uma careta de tristeza. Será que aquilo era só da idade? (Será que sua boca também se curvava para baixo daquele jeito? Daqui a pouco ela ia olhar. Mas só daqui a pouco.) E ainda havia algo mais: Elisabeth exalava uma melancolia profunda que parecia encurvá-la. Será que seu casamento com o homem-urso não era feliz?

(Era possível amar um homem de barba? Que pensamento infantil! Claro que era possível. Mesmo se fosse uma barba exageradamente *grossa*.)

Enquanto Alice observava, algo se moveu no pescoço de Elisabeth enquanto ela engolia em seco de maneira convulsiva.

— No que você está pensando? — perguntou Alice.

Elisabeth se sobressaltou e ergueu os olhos.

— Sei lá, em nada — respondeu ela, controlando-se para não bocejar. — Desculpe. Não é que eu esteja entediada. Só cansada. Dormi duas horas essa noite.

— Ah — disse Alice.

Não precisou de explicação. Tanto ela quanto Elisabeth haviam sofrido de insônia a vida toda. Herdaram isso da mãe. Depois que o pai delas morreu, muitas vezes as duas passavam a noite em claro com a mãe, sentadas de camisola no sofá, assistindo a vídeos e bebendo achocolatado Milo, até que dormiam o dia seguinte todo enquanto o sol entrava pelas frestas da casa silenciosa e abafada.

— Como anda minha insônia? — perguntou Alice.

— Na verdade, não sei. Não sei se você ainda sofre com isso.

— Não sabe?

Alice ficou confusa. Ela e Elisabeth sempre se mantinham atualizadas sobre as batalhas contra a insônia.

— Mas a gente… não se fala? — perguntou.

— Claro que a gente se fala. Mas acho que você anda muito ocupada, com as crianças e tudo o mais, então só conversamos rapidinho.

— Ocupada — repetiu Alice.

Ela não gostou nem um pouco disso. Sempre desconfiara das pessoas ocupadas, do tipo de gente que falava "Eu não paro! Sou frenética!" Para que a pressa? Por que não diminuíam o ritmo? O que elas tanto faziam para serem ocupadas assim?

— Entendi… — disse Alice, ficando inexplicavelmente constrangida.

Pelo visto as coisas não iam muito bem entre ela e Elisabeth. Às vezes, parecia haver uma educação amistosa, porém formal, como se fossem boas amigas que não se viam mais com tanta frequência.

Ela ia perguntar a Nick. Essa era uma de suas melhores características: ele gostava de conversar sobre as pessoas, analisá-las e compreendê-las. Ele se interessava pela complexidade dos relacionamentos. Além disso, amava Elisabeth e, quando caçoava ou reclamava dela (o que às vezes era muito irritante), fazia isso de maneira fraternal e Alice achava que não era preciso defendê-la.

Ela observou o terninho creme de Elisabeth, que tinha um corte lindo (o guarda-roupa das duas parecia ter melhorado em 2008) e perguntou:

— Você ainda trabalha naquele lugar que faz catálogo? O baú do tesouro?

Elisabeth trabalhava escrevendo o texto de um imenso catálogo postal chamado *O baú do tesouro*. Ela precisava descobrir coisas interessantes e persuasivas para dizer sobre centenas de produtos que iam de gloss sabor banana e um recipiente para fazer ovo cozido no micro-ondas até um rádio à prova d'água que dava para ouvir no chuveiro. Ela ganhava um monte de coisa para dar de presente, o que era bom, e, todo mês, quando o catálogo saía, a família inteira lia suas frases preferidas para Elisabeth. Frannie exibia com orgulho todas as edições de *O baú do tesouro* e obrigava seus amigos a lerem quando iam visitá-la.

— Ah, parece que isso faz tanto tempo... — disse Elisabeth, olhando para Alice e balançando de leve a cabeça, como se nunca tivesse visto algo parecido. — Você é tipo uma viajante no tempo, sério.

— Isso quer dizer que você não trabalha mais lá?

Alice estava irritada. Ia ser cansativo se todo mundo a olhasse com espanto sempre que fizesse uma simples pergunta. Quanta coisa podia ter mudado em dez anos? Pelo visto, tudo.

— O baú do tesouro agora é um site — disse Elisabeth. — E saí de lá há uns seis anos. Trabalhei para uma agência durante uns quatro anos e faz dois anos que comecei a dar seminários sobre como escrever mala direta. Ou spam, como a maior parte das pessoas chama. Eles fazem muito... Na verdade, fazem bastante sucesso, por mais estranho que pareça. Enfim, dá para pagar as contas. Eu estava no meio de um seminário quando Jane me ligou para falar de você.

— Então você é dona do próprio negócio?

— Sou.

— Uau! Que impressionante. Você é um sucesso. Mas eu sempre soube que seria. Posso assistir a um?

— Assistir a um seminário? A um dos *meus* seminários? — perguntou Elisabeth, bufando.

— Ah, acho que já devo ter feito isso, né?

— Não, Alice, você nunca demonstrou qualquer interesse em ver um dos meus seminários — retrucou Elisabeth, com um tom de voz frio de novo.

— Ah — disse Alice, atordoada. — Parece que... Bom, por que será que não?

Elisabeth suspirou.

— Você vive ocupada, Alice. Só isso.

Lá estava aquela palavra de novo: ocupada.

— Além disso, acho que você considera minha carreira um pouco... cafona.

— Cafona? Eu disse isso? Eu disse isso sobre você? Nunca diria uma coisa dessas!

Alice ficou horrorizada. Será que havia se tornado o tipo de pessoa que criticava os outros por causa da carreira que tinham escolhido? Sempre sentira orgulho de

Elisabeth. Ela era a irmã inteligente, a que ia vencer na vida, enquanto Alice continuava no mesmo lugar, sã e salva.

— Não, não, você nunca disse isso, na verdade — retrucou Elisabeth. — Não deve nem pensar isso. Esqueça o que eu disse.

Talvez, pensou Alice, amedrontada, *a outra Alice que viveu minha vida nos últimos dez anos não seja uma pessoa muito boa*.

— Mas e eu? — perguntou ela. — Trabalho com o quê?

Alice trabalhava como assistente administrativa na tesouraria da ABR. Não amava nem odiava, era só um emprego. Não se interessava muito em construir uma carreira. "Você é totalmente do lar. Parece uma dona de casa dos anos 1950", dissera Elisabeth para ela certa vez, quando Alice admitira que tivera um dia ótimo cuidando do jardim, fazendo cortinas novas para a cozinha e preparando um bolo de chocolate para Nick.

— Você não trabalha — disse Elisabeth com uma expressão inescrutável.

— Oba, gostei disso! — exclamou Alice, feliz.

— Mas vive ocupada.

Por que sempre aquela maldita palavra?

— Participa de muitas atividades na escola — explicou Elisabeth.

— Na escola? Que escola?

— Na escola das crianças.

Ah. Elas. Aquelas três pessoinhas estranhas e assustadoras.

— Frannie — disse Alice, de repente. — E Frannie? Ela não... ficou doente nem nada, não é?

Não queria nem pensar na palavra "morreu".

— Está ótima. Cheia de energia.

O celular prateado que estava na cômoda ao lado da cama de Alice fez um ruído altíssimo.

— Deve ser Nick, finalmente! — disse Alice, inclinando-se para pegar o telefone.

Elisabeth se levantou num pulo.

— Deixa que eu falo com ele primeiro! — exclamou.

— Sem essa — retrucou Alice, afastando o celular da irmã. — Por quê?

Sem esperar resposta, ela apertou o botão verde e aproximou o telefone do ouvido.

— Alô?

— Ah, oi, sou eu.

Era Nick. Alice sentiu um alívio maravilhoso correndo por suas veias, como se fosse um gole de conhaque.

— O que aconteceu? Foi com uma das crianças? — perguntou ele.

Sua voz estava mais grave e áspera do que o normal, como se ele estivesse resfriado.

Quer dizer que Nick também sabia das "crianças". Todo mundo sabia das crianças!

Elisabeth estava saltitando e balançando os braços no ar, pedindo o celular. Alice mostrou a língua para ela.

— Não, foi comigo — disse ela, pensando que havia tanta coisa para contar a ele, que não sabia por onde começar. — Eu caí na, hum, na academia, com Jane Turner e bati a cabeça. Desmaiei. Eles precisaram chamar uma ambulância, ah, e eu vomitei no elevador em cima dos sapatos de um cara, quase morri de vergonha! E preciso lhe contar sobre aquelas mulheres fazendo pose de "segura, peão"! Foi tão engraçado... Ei, você está em Portugal, nem acredito! Como é aí?

Havia tanta coisa para contar a Nick... Alice tinha a impressão de que não o via há anos. Quando ele voltasse de Portugal, iam ter que jantar naquele restaurante mexicano que adoravam e conversar por horas. Iam tomar margaritas. Ela podia beber, afinal não estava grávida. Ah, como ela *queria* estar no restaurante com Nick naquele instante, sentada na mesa escura do canto, o polegar dele acariciando a palma da sua mão.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. Nick devia estar em choque.

— Mas estou bem! — garantiu Alice, para tranquilizá-lo. — Não foi nada grave. Vai ficar tudo bem. Estou ótima!

— Então que porra foi essa de me pedir para ligar? — disse ele.

Alice sentiu sua cabeça ser jogada para trás como se houvesse levado uma pancada. Nick nunca, nunca tinha falado com ela daquele jeito, nem quando eles brigavam. Era de se esperar que ele desse um jeito naquele pesadelo, e não que o piorasse.

— Nick?

A voz de Alice tremia. Mais tarde, ela ia ter uma discussão muito séria com ele sobre aquilo. Estava *muito* magoada.

— O que aconteceu? — perguntou ela.

— Isso é alguma estratégia? Porque não estou entendendo e, para ser sincero, não tenho tempo para essas coisas. Você não quer mudar o que a gente combinou para o fim de semana, quer? Por isso quis que eu ligasse? Ou não venha me dizer que foi para falar do Natal de novo?

— Por que você está falando assim comigo? — O coração de Alice estava disparado. Aquilo era mais assustador do que qualquer outra coisa que acontecera com ela naquele dia. — O que foi que eu fiz? — perguntou ela.

— Ah, pelo amor de Deus, não tenho tempo para essa porra de teatrinho agora!

Ele estava gritando. Estava gritando de verdade, por mais que ela estivesse no *hospital*.

— Páprica — sussurrou Alice. — Você vai ter que lavar a boca com páprica, Nick.

Elisabeth ficou de pé.

— Me dá isso aqui — exigiu.

Ela arrancou o celular dos dedos trêmulos de Alice, levou-o ao ouvido e tapou a outra orelha com um dedo. Então virou o rosto para o lado oposto e baixou o queixo.

— Nick, é Elisabeth. Na verdade, é bem grave. Ela bateu feio com a cabeça e perdeu a memória. Esqueceu tudo o que aconteceu desde 1998. Entendeu o que eu disse? *Tudo*.

Alice deixou a cabeça cair de novo no travesseiro, com a respiração entrecortada. O que significava aquilo?

Elisabeth parou de falar e ficou escutando, com o cenho franzido.

— Sim, sim, eu entendo, mas na verdade ela não se lembra de nada disso. — Outra pausa. — Estão com Ben. Ele levou os três para a natação, e acho que a gente pode passar a noite lá com eles. E depois... — Pausa. — Tudo bem, aí sua mãe pode buscar os três como combinado, e tenho certeza de que no domingo à noite Alice já vai estar bem e tudo vai voltar ao normal. — Pausa. — Não, ainda não falei com nenhum médico, mas vou fazer isso logo. — Pausa. — Certo. Ok, você quer falar com Alice de novo, então?

Alice esticou o braço para pegar o telefone — sem dúvida, Nick já devia ter voltado ao normal —, mas Elisabeth disse:

— Ah. Tá. Bom, tchau, Nick.

Ela desligou.

— Ele não quis falar comigo? — perguntou Alice. — Jura que ele não quis falar comigo?

Nesse instante ela sentiu pontadas de dor pelo corpo inteiro, como se o dedo comprido de uma bruxa lhe cutucasse com crueldade. Elisabeth fechou o celular com um estalo, colocou a mão no braço de Alice e disse gentilmente:

— Você vai lembrar daqui a pouco. Não se preocupe. Mas você e Nick não estão mais juntos.

Alice teve a impressão de que tudo ao seu redor estava sendo sugado para o meio dos lábios de Elisabeth. Ela se concentrou naqueles lábios. Estava com batom cor de vinho e havia um contorno mais escuro. Elisabeth devia usar lápis labial. Que chique. Devia *delinear os lábios*.

O que ela estava dizendo? Não podia ser...

— O quê? — perguntou Alice.

— Vocês estão se divorciando — repetiu Elisabeth.
Ora, veja só.

OITO

Naquela noite Alice tomou uma taça de champanhe com as madrinhas enquanto elas estavam sendo maquiadas, metade de outra taça na limusine, três taças e um quarto durante a recepção (junto com alguns morangos) e mais uma taça sentada com Nick na cama *king size* no quarto de hotel.

Ou seja, estava um pouco altinha, mas não tinha problema, porque ela era a noiva, aquele era o dia do seu casamento e todo mundo dissera que ela estava linda, ou seja, era uma bebedeira linda e romântica que não ia causar nenhuma ressaca.

— Você não amou de paixão meu vestido de noiva? — perguntou Alice a Nick, talvez pela terceira vez.

Ela passou a mão pelo tecido luxuoso e reluzente. Era cetim *duchese* na cor marfim, e tocá-lo lhe dava a mesma satisfação sensorial de quando era pequena e passava a ponta do dedo na pelúcia cor-de-rosa do forro de sua caixa de música, só que, desta vez, era melhor ainda, porque naquela época Alice queria mesmo estar dentro da caixa de música, rolando pelo cetim cor-de-rosa.

— Amo meu vestido de noiva — continuou ela. — Ele meio que parece um sorvete dourado mágico, não acha? Dá vontade de *comer*!

— Normalmente, abriria meu apetite — disse Nick. — Mas estou com a barriga cheia de bolo. Comi três pedaços. O bolo estava extraordinário. Todo mundo vai falar sobre o bolo do nosso casamento durante anos. Quase todo bolo de casamento é sem graça, mas o nosso... Estou muito orgulhoso do nosso bolo. Não fui eu que fiz, mas estou orgulhoso. Dá-lhe bolo!

Parecia que Nick também tinha bebido bastante champanhe.

Alice deixou a taça na mesa de cabeceira e se deitou de costas, provocando um delicioso farfalhar de tecido. Nick deslizou para o lado dela. Ele tinha tirado a gravata e aberto os botões da camisa social branca. Sua barba já começava a crescer e seus olhos estavam um pouco injetados, mas o cabelo continuava perfeito, com um topete que parecia uma cordilheira. Alice o tocou e em seguida retirou a mão.

— Seu cabelo parece palha! — exclamou.

— Foram minhas irmãs — explicou Nick. — Com um gel. — Ele passou os dedos no cabelo dela e disse: — Já o seu cabelo parece sintético, esposa.

— Foi laquê. Muito laquê, marido.

— É mesmo, esposa?

— É, sim, marido.

— Que interessante, esposa.

— Vamos falar assim para sempre, marido?

— De jeito nenhum, esposa.

Eles olharam para o teto e não disseram nada.

— E o discurso de Ella? — perguntou Alice.

— Acho que ela pensou que era comovente.

— Ah.

— E o vestido da sua tia Fulana?

— Acho que ela pensou que era… estiloso.

— Ah.

Eles riram baixinho.

Alice se virou para o lado e disse:

— Imagine… — Seus olhos se encheram de lágrimas. Sempre ficava emotiva quando bebia champanhe demais. — Imagine se a gente nunca tivesse se conhecido.

— Era o destino — afirmou Nick. — A gente acabaria se conhecendo no dia seguinte.

— Mas não acredito em destino! — resmungou Alice.

Ela curtiu a sensação voluptuosa de lágrimas quentes e grossas rolando pelas bochechas. As três camadas de rímel iam se espalhar por todo o seu rosto. Era mesmo assustador que fora um mero acaso ter conhecido Nick. Poderia muito bem não ter acontecido, e então ela teria uma existência fantasmagórica, pela metade, como um animal silvestre qualquer que nunca vê a luz do sol, sem nunca nem *saber* quanto podia amar e ser amada. Certa vez, Elisabeth dissera — num tom severo e definitivo — que o homem certo não completava você, que era preciso encontrar a felicidade sozinha, e Alice tinha assentido alegremente enquanto pensava *Ah, completa, sim*.

— Se a gente nunca tivesse se conhecido — continuou Alice —, hoje ia ser só mais um dia e neste momento estaríamos vendo televisão em casas separadas, e eu estaria usando uma *calça de moletom* e… nossa lua de mel não seria amanhã. — De repente, ela se deu conta do horror completo dessa possibilidade e exclamou: — A gente ia ter que trabalhar amanhã! *Trabalhar*!

— Venha aqui, minha linda noivinha inebriada.

Nick puxou Alice para perto. Ela apoiou a cabeça em seu peito e sentiu o cheiro de sua loção pós-barba: estava bem mais forte do que o normal, ele devia ter passado mais naquela manhã, e imaginá-lo fazendo isso era tão insuportavelmente adorável que a fez chorar ainda mais.

— O importante é o seguinte — disse ele. — Preste atenção, porque o que vou dizer é muito esperto e importante. Está preparada?

— Estou.

— A gente *se conheceu*.

— É — admitiu Alice. — A gente se conheceu.

— Então deu tudo certo.

— É verdade — disse Alice, fungando. — Deu tudo certo.

— Deu tudo certo.

E então os dois caíram num sono profundo e exausto, com o vestido de cetim *duchese* cor de marfim por cima deles e um único confete vermelho grudado na bochecha de Nick, que o deixaria com um círculo vermelho pelos três primeiros dias da lua de mel.

* * *

— A gente deve ter tido uma discussão muito séria — disse Alice para Elisabeth. — Não estamos nos divorciando de verdade. Nunca faríamos isso.

Aquela palavra — divórcio — era tão feia... Seus lábios se comprimiram como os de um peixe após a primeira sílaba. Di-*vórcio*. Não. Eles, não. Nunca, jamais.

Os pais de Nick se divorciaram quando ele era criança. E ele lembrava cada detalhe do processo. Sempre que ouvia falar de um casal se divorciando — mesmo que fosse um casal de celebridades espalhafatoso e risível — Nick dizia "Ah, que pena" num tom triste, como se fosse uma vovozinha irlandesa. Ele acreditava em casamentos. Achava que as pessoas desistiam muito fácil dos relacionamentos. Certa vez, dissera a Alice que, se eles estivessem com problemas no casamento, faria o possível e o impossível para resolver as coisas. Ela não conseguiu levar aquilo a sério, porque o impossível não precisaria ser feito. Qualquer problema no relacionamento deles sempre podia ser resolvido com algumas horas em cômodos separados, um abraço no corredor, uma barra de chocolate deixada em silêncio debaixo do cotovelo do outro ou até uma cutucada gentil e significativa nas costelas que significasse "Vamos parar de brigar agora".

Nick tinha fobia de divórcio. Era sua única fobia! Se fosse verdade, ele estaria arrasado, destruído. O que mais temia tinha acontecido. Alice ficou de coração partido por ele.

— Nós tivemos alguma discussão feia? — perguntou a Elisabeth.

Ia desvendar o mistério e acabar com aquela história.

— Acho que não foi só uma discussão... Imagino que tenham sido várias pequenas questões. Mas, para ser sincera, você não falou muito sobre isso comigo.

Só me ligou um dia depois de Nick sair de casa e disse…

— Ele *saiu* de casa? De verdade?

Era inacreditável! Alice tentou imaginar a cena: Nick jogando as coisas numa mala, batendo a porta com força, um táxi amarelo esperando na porta (tinha que ser amarelo, do tipo americano, porque isso não podia ser real, era a cena de um filme com uma trilha sonora de partir o coração).

— Alice, vocês estão separados há seis meses, mas, sabe, quando sua memória voltar, você vai perceber que não tem problema, está tudo bem. Isso é o que você quer. Perguntei na semana passada se você tinha certeza, e você respondeu: "Absoluta. Esse casamento estava morto e enterrado há muito tempo."

Mentira tem perna curta. E aquilo não podia ser verdade. Tinha que ser ficção. Alice tentou não demonstrar a raiva que estava sentindo.

— Você só está inventando isso para que eu me sinta melhor, não é? Eu nunca diria isso. "Morto e enterrado!" Não é o tipo de coisa que eu falo. Não sou assim. Por favor, não invente coisas. A situação já está difícil demais.

— Ai, Alice! — disse Elisabeth com tristeza. — Eu garanto que é só a batida na cabeça, é só… Ah, ei, oi!

Uma enfermeira que Alice não tinha visto até então abriu a cortina do cubículo delas com um movimento enérgico e Elisabeth a cumprimentou com um alívio evidente.

— Como você está se sentindo?

A enfermeira inflou mais uma vez o aparelho de medir pressão no braço de Alice.

— Ótima — respondeu ela, resignada.

Já conhecia o processo. Tirar a pressão. Checar as pupilas. Fazer perguntas.

— Sua pressão arterial deu um salto desde a última vez que eu tirei — comentou a enfermeira, fazendo uma anotação na prancheta.

Meu marido acabou de gritar comigo como se eu fosse sua pior inimiga. Meu amado Nick. Meu Nick. Quero contar para ele, porque ficaria furioso se ouvisse alguém falando comigo desse jeito. Nick é a primeira pessoa para quem quero contar que alguém me deixou chateada. Enfio o pé no acelerador, desesperada para chegar em casa do trabalho só para contar a ele, porque, assim que eu conto, assim que seu rosto se ilumina de fúria em minha defesa, a situação melhora, conserta.

Nick, você nunca vai acreditar no jeito que esse homem falou comigo. Você vai querer dar um soco na cara dele quando ficar sabendo. Mas o estranho é que esse homem era você, Nick.

— Ela sofreu alguns choques — disse Elisabeth.

— É realmente importante que você tente relaxar.

A enfermeira se inclinou na direção de Alice e fez um movimento rápido e leve como uma pluma para erguer suas pálpebras ao iluminar cada uma das pupilas com a

lanterna em miniatura. O perfume da enfermeira fez Alice se lembrar de algo — de alguém —, mas a sensação passou assim que a mulher se afastou. Será que sua vida seria desse jeito dali em diante? Um caso permanente e irritante de *déjà-vu*, que mais parecia uma urticária?

— Agora vou fazer as mesmas perguntas chatas de novo, tudo bem? Qual é o seu nome?

— Alice Mary Love.

— Onde você está e o que está fazendo aqui?

— Estou no Hospital Royal North Shore porque bati a cabeça na academia.

— E que dia é hoje?

— É sexta-feira, dia 2 de maio de… 2008.

— Muito bom, excelente!

A enfermeira se virou para Elisabeth, como se esperasse impressioná-la.

— Estamos verificando se o raciocínio cognitivo dela não foi afetado pela pancada.

Elisabeth piscou, irritada.

— Entendi. Tudo bem, ótimo, mas ela ainda acha que é 1998.

Dedo-duro, pensou Alice.

— Não acho, não — disse ela. — Eu sei que é 2008. Acabei de falar isso.

— Mas ela não se lembra de nada do que aconteceu *desde* 1998. Ou de quase nada. Não se lembra dos próprios filhos. Não se lembra da separação.

Separação. Ela e Nick podiam estar separados, como roupas numa lavanderia.

Alice fechou os olhos e visualizou o rosto de Nick todo marcado depois de uma noite de sono, deitado no travesseiro ao seu lado numa manhã de domingo. Às vezes, de manhã, o cabelo dele ficava todo espetado no meio da cabeça. "Você está com um moicano", disse Alice na primeira vez que viu aquilo. "Claro", respondeu Nick. "Hoje é domingo. Dia de moicano." Mesmo de olhos fechados, ele sabia quando ela estava acordada, deitada, olhando para ele, sonhando com uma xícara de chá trazida na cama. "Não", dizia Nick, antes mesmo de Alice pedir. "Pode esquecer, mulher." Mas ele sempre ia pegar para ela.

Alice daria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, para estar na cama com Nick, sonhando com uma xícara de chá. Será que ele tinha se cansado de preparar chá para ela? Tinha sido isso? Será que Alice havia parado de dar valor a ele? Quem ela achava que era? Alguma princesa, para ficar deitada na cama esperando que lhe oferecessem xícaras de chá, antes mesmo de escovar os dentes? Alice não era bonita o suficiente para se comportar desse jeito e não sofrer as consequências. Devia ter pulado da cama antes de Nick acordar, arrumado o cabelo, se maquiado e preparado panquecas com morangos, e isso tudo usando uma camisola longa de renda. Pelo amor de Deus, era assim que se mantinha um casamento. Todas as revistas femininas que ela

já lera estavam repletas de conselhos sobre o assunto. O mundo inteiro sabia! Alice sentiu que tinha cometido uma negligência imperdoável — Descuidada! Desastrada! — com a dádiva mais preciosa que já recebera.

Ela ouviu Elisabeth, nervosa, sussurrando com a enfermeira, perguntando se podia falar com o médico, querendo saber quais testes tinham sido feitos.

— Como vocês sabem que ela não está com um *coágulo* no cérebro?

A voz de Elisabeth assumiu um tom levemente histérico e Alice deu um sorrisinho discreto. Sua irmã era muito dramática.

(Mas, pensando bem, será que poderia haver um coágulo? Algo escuro e sinistro flutuando dentro de sua cabeça, feito um morcego maligno? Pois é, deveriam se certificar de que não havia.)

Talvez Nick tivesse ficado entediado com ela. Será que havia sido esse o motivo? Certa vez, no ensino médio, Alice ouvira uma menina dizendo: "Quem, Alice? Ah, ela é legal, mas é meio *sem graça*."

Meio sem graça. A menina tinha dito isso casualmente, sem maldade, como se fosse um fato e, aos quatorze anos, Alice sentira um arrepio diante da confirmação oficial de tudo o que sempre acreditara. Sim, claro que ela era sem graça, ela própria morria de tédio consigo mesma! A personalidade das outras pessoas era muito mais substancial. Naquele mesmo ano, quando fora ao boliche, um menino se inclinara na direção dela com um hálito doce de Coca-Cola e dissera: "Você tem cara de porco." E isso apenas confirmou outra suspeita de Alice: sua mãe estava errada quando dizia que seu nariz era de botão. Aquilo não era um nariz, era um *focinho*.

(O menino tinha rosto fino e olhinhos pequenos, como os de um rato. Só aos vinte e cinco anos Alice pensou que podia ter retrucado o insulto com outra comparação com um animal, mas a regra universal era que os meninos tinham o direito de decidir quais meninas eram bonitas, não importava se eles fossem feios.)

Talvez Nick estivesse lhe trazendo uma xícara de chá certa manhã e subitamente um véu se erguera diante dos seus olhos e ele pensara *Ei, espere aí, como foi que acabei me casando com essa mulher preguiçosa com personalidade chata e sem graça e cara de porco?*

Ai, meu Deus, será mesmo que todas aquelas inseguranças estavam assim tão latentes, prontas para ressurgir? Ela já era adulta, tinha vinte e nove anos! Há bem pouco tempo, estava voltando a pé para casa do salão de beleza, sentindo-se maravilhosa, quando um grupo de meninas adolescentes passara na direção contrária, e o som das risadas estridentes delas a fizera mandar um recado até o passado, para o seu eu de quatorze anos: "Não se preocupe, dá tudo certo. Sua personalidade se desenvolve, você arranja um emprego, descobre como arrumar o cabelo direito e conquista um menino que acha você linda." Alice se sentira tão *confiante*, como se toda aquela angústia da juventude e todos os relacionamentos fracassados anteriores a

Nick houvessem feito parte de um plano perfeitamente aceitável que levara àquele momento, em que ela teria vinte e nove anos e tudo, afinal, fosse como devia ser.

Trinta e nove. Não vinte e nove. Tinha trinta e nove anos. E aquele dia em que cruzara com as adolescentes devia ter sido dez anos atrás.

Elisabeth voltou e se sentou de novo ao lado de Alice.

— A enfermeira vai tentar trazer a médica aqui. Ao que tudo indica isso é um grande favor, porque você só está em observação e a médica está "muito ocupada", mas ela "vai ver o que pode fazer". Então acho que praticamente não temos chance.

— Por favor, diga que é mentira — pediu Alice. — Essa história com Nick.

— Ai, Alice!

— Por que eu amo ele. De verdade. Muito.

— Você amava mesmo Nick…

— Não, eu *amo*. No presente. Sei que ainda amo.

Elisabeth resmungou um "tsc tsc" cheio de pena e ergueu as mãos num gesto desesperado.

— Quando sua memória voltar…

— Mas a gente é tão feliz! — interrompeu Alice freneticamente, tentando convencer Elisabeth. — Não é possível ser mais feliz.

As lágrimas escorreram por suas bochechas, impossíveis de conter, e fizeram cócegas ao entrar em seus ouvidos.

— O que aconteceu? Ele se apaixonou por outra pessoa? Foi isso?

Claro que não. Era impossível. O amor de Nick por Alice era real. Um *fato*. A gente tinha o direito de confiar nos fatos. Certa vez, um amigo estava caçoando de Nick por ele ter concordado em ir com Alice a um musical (embora, na verdade, ele gostasse bastante de musicais). "Estou vendo a coleira que ela colocou no seu pescoço, hein", dissera o amigo. Nick deu de ombros e respondera: "O que eu posso fazer, cara? Gosto mais dela do que de oxigênio."

Tudo bem que ele tinha bebido muita cerveja, mas dissera isso num pub, enquanto tentava ser machão. Gostava mais dela do que de oxigênio.

E agora ele não precisava mais de oxigênio?

Elisabeth pôs o dorso da mão na testa de Alice e acariciou seu cabelo.

— Pelo que eu sei, ele não se envolveu com ninguém. E, tem razão, vocês eram felizes juntos e tinham um relacionamento maravilhoso e especial. Eu lembro. Mas as coisas mudam. As pessoas mudam. Acontece. É a vida. O fato de vocês estarem se divorciando não muda todas as coisas lindas que viveram juntos. E eu juro que, quando sua memória voltar, você não vai se importar com isso.

— Vou, sim — disse Alice, fechando os olhos. — Vou, sim. Eu quero me importar com isso.

Enquanto Elisabeth continuava fazendo carinho em sua testa, Alice se lembrou do dia em que era criança e foi para casa depois de uma festa de aniversário, ainda pulando de alegria por ter ganhado a brincadeira *O mestre mandou*. Ela carregava um balão e uma cesta de papelão brilhante cheia de balas. Elisabeth a encontrou na porta e ordenou: "Venha aqui."

Alice saiu trotando atrás da irmã, pronta para qualquer outra brincadeira que Elisabeth devia ter organizado e para dividir as balas — menos as em formato de dentadura, pois eram suas preferidas — e, quando passaram pela sala, com o balão atrás, ela notou que o cômodo parecia repleto de adultos estranhos ao redor da sua mãe, que estava sentada no sofá com o encosto num ângulo estranho (muito esquisito, mas talvez ela estivesse com dor de cabeça). Alice não chamou a mãe, porque não queria ter que falar com todos aqueles adultos estranhos e continuou seguindo Elisabeth, atravessando o corredor até chegar ao seu quarto, onde a irmã lhe disse: "Preciso contar uma coisa que vai deixar você muito mal, então acho que devia colocar o pijama e se deitar na cama, para não sofrer demais."

Alice não disse "O quê? O que foi? Fale logo!", pois tinha seis anos e nada de ruim havia acontecido com ela. Além do mais, sempre fazia o que Elisabeth mandava. Então vestiu obedientemente o pijama enquanto Elisabeth encheu uma bolsa de água quente e enfiou numa fronha para não queimar a pele. Ela também trouxe uma colher de mel, Vick VapoRub, meia aspirina e um copo d'água. A mãe separava todas essas coisas quando elas ficavam doentes, e Alice adorava ficar doente. Depois que Elisabeth a pusera na cama e passara Vick VapoRub em seu peito, ela começou a afastar o cabelo de Alice da testa, igualzinho a mãe fazia quando uma das filhas estava com uma dor de barriga terrível. Alice fechou os olhos e aproveitou todo o lado bom de estar doente, sem o mal-estar. Então Elisabeth disse: "Agora preciso dar a notícia ruim. Você vai ter uma surpresa chata, então se prepare, está bem? Pode chupar o dedo, se quiser." Alice abriu os olhos e franziu o cenho, porque não chupava mais o dedo, a não ser quando tivera um dia muito ruim, e mesmo assim era só a ponta, não o polegar inteiro. Então Elisabeth disse: "Papai morreu."

Alice nunca conseguiu lembrar o que aconteceu depois e o que ela sentiu ao ouvir essas palavras. Só lembrava como Elisabeth se esforçara para protegê-la da "surpresa chata". Ela já era adulta quando se deu conta, com um sobressalto, de que a própria irmã também não passava de uma criança pequena na época. Alice ligou para Elisabeth para conversar sobre isso e agradecer, e o mais engraçado foi que Elisabeth se lembrava da morte do pai delas de uma maneira completamente diferente e se esquecera de que havia colocado Alice na cama.

Claro que também teve a vez em que Elisabeth jogou uma tesoura de unha, que ficou cravada na nuca de Alice. Mas mesmo assim…

Alice abriu os olhos e disse para Elisabeth:

— Você é uma irmã mais velha tão boa…

Elisabeth afastou a mão da testa dela e falou, rispidamente:

— Não sou, não.

Nenhuma das duas disse nada durante alguns segundos, até que Alice perguntou:

— Você é *feliz*, Libby? Porque parece…

"Incrivelmente triste", foi o que ela quis dizer.

— Estou ótima.

Elisabeth parecia estar pensando em coisas para dizer, sem conseguir escolher nenhuma. "Seja normal", Alice sentiu vontade de gritar. Por fim, Elisabeth disse:

— Acho que nossa vida não acabou sendo exatamente o que imaginávamos quando tínhamos trinta anos.

Uma voz interrompeu as duas.

— Finalmente encontrei vocês! Achei que nunca fosse conseguir.

Havia uma mulher parada diante da cama, com o rosto momentaneamente oculto, pois segurava com cerimônia um enorme buquê de tulipas amarelas.

Ela baixou as tulipas e revelou o rosto. Alice piscou repetidas vezes.

NOVE

— Mãe? — disse Alice.

Era a sua mãe parada diante da cama, mas aquela Barb Jones era extraordinariamente diferente da que Alice conhecia.

Para começar (e havia tantos pontos por onde começar), seu cabelo não estava mais curto e castanho, naquele corte humilde de freira que era o único que Alice já vira nela. Em vez disso, tinha uma bela cor de mogno e estava comprido, passando do ombro, com uma madeixa de cada lado do rosto jogada para trás (deixando suas orelhas pontudas comicamente proeminentes) e preso no alto com uma bela flor tropical de seda. Sua mãe, aquela mulher discreta que gostava de passar despercebida e costumava usar apenas uma quantidade tímida de batom da Avon do tom de rosa mais claro que havia, estava usando o que só poderia ser descrito como uma maquiagem teatral: os lábios estavam do mesmo tom de mogno do cabelo, as pálpebras estavam roxas, as bochechas, brilhantes, o rosto com uma base escura exagerada e — não era possível — aquilo era *cílio postiço*? Ela vestia uma blusa de gola alta e sem manga, apertada na cintura e com um cinto enorme preto, e uma saia vermelha rodada. Alice ergueu o queixo e viu que o toque final da roupa eram meias arrastão e sapatos de salto bem alto.

— Está tudo bem, querida? — perguntou a mãe dela. — Eu sempre disse que essas aulas de step iam fazer mal para suas juntas, e olhe só o que aconteceu!

— Você está indo para uma festa a fantasia? — perguntou Alice, com uma inspiração súbita.

Isso explicaria sua aparência, apesar de ainda assim ser inacreditável.

— Ah, não, sua boba, a gente estava fazendo uma apresentação na escola quando Elisabeth deixou um recado... Então corri para cá e nem troquei de roupa. Algumas pessoas ficam me encarando, mas já me acostumei com isso! Enfim, deixe para lá, me conte o que aconteceu e o que os médicos disseram. Você está mais branca que um fantasma.

A mãe de Alice se sentou ao seu lado na cama e deu tapinhas em sua perna. Pulseiras cintilantes deslizaram para cima e para baixo no braço dela. Seria possível que mamãe estivesse *bronzeada*? Dava para acreditar que estava usando *decote*?

— Apresentação de quê? — perguntou Alice.

Ela não conseguia tirar os olhos daquela criatura exótica. Era sua mãe, mas ao mesmo tempo não era. Ao contrário de Elisabeth, ela não tinha nenhuma ruga nova. Na verdade, a grossa camada de maquiagem deixava sua pele ainda mais lisa, então ela parecia mais nova.

— Alice perdeu grande parte da memória, mãe — disse Elisabeth. — Ela não se lembra de nada que aconteceu desde 1998.

— Ih! — disse Barb. — Não estou gostando nada disso. Eu *sabia* que ela estava pálida demais. Aposto que você sofreu uma concussão. Alice, querida, não durma *de jeito nenhum*!

— Isso é mito — afirmou Elisabeth. — Eles não aconselham mais isso.

— Bom, não sei, não, porque se não me engano li há pouco tempo um artigo na *Seleções* sobre um menininho chamado Andy. Ele bateu a cabeça quando estava andando em uma dessas bicicletas elétricas no mato, exatamente o que aconteceu com o neto da Sandra, e, olhe, se eu fosse você, não deixava Tom andar numa dessas, Alice, mas aposto que o danado ia adorar, porque são um perigo, mesmo se usar capacete, mas o menino Andy estava sem… Acho que era Andy o nome dele, talvez fosse Arnie, se bem que esse nome é antigo e pouco usado hoje em dia…

— Mãe? — interrompeu Alice.

Ela sabia que aquela história de Andy/Arnie era um labirinto sem saída. Sua mãe sempre fora uma tagarela patológica, embora, normalmente, quando estava em público como naquele momento, baixasse o tom de voz, demonstrando um respeito irritante com as pessoas em volta, de forma que era necessário pedir: "Fale mais alto, mãe!" Se alguém que não era amigo íntimo de Barb há pelo menos vinte anos aparecia, a tagarelice parava no meio da frase como se alguém tivesse desligado um rádio, e ela baixava a cabeça, evitava qualquer contato visual e dava um sorriso tão humilde que era de enlouquecer de raiva. Barb era tão tímida que ficava literalmente enjoada de nervoso antes de se reunir com os professores de Alice e Elisabeth, depois voltava para casa pálida e trêmula de exaustão, sem conseguir se lembrar de uma palavra do que eles tinham dito, como se o objetivo fosse apenas aparecer e não prestar atenção, o que deixava Elisabeth louca, porque sempre queria saber todas as coisas boas que os professores diziam sobre ela. (Alice não se importava, porque sabia que a maioria dos professores não devia saber quem ela era, afinal era tão tímida quanto a mãe. Era como se houvesse herdado uma doença socialmente inaceitável, feito eczema.)

A mãe de Alice estava falando num tom normal (na verdade, um pouco mais alto do que o estritamente necessário), sem olhar com cuidado ao redor para conferir se algum desconhecido importante estava prestes a chegar. Além disso, parecia ter adotado uma nova postura de cabeça, com o queixo inclinado para a frente e o

pescoço espichado, como se fosse um pavão. Aquilo fazia Alice se lembrar de alguém… de quem com certeza *não* se esquecera, alguém que conhecia muito bem, embora naquele momento não soubesse quem.

— Mas ainda não entendi por que você está vestida assim, mãe — disse Alice. — Você está… inacreditável.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Eu estava pensando *Por favor, não mencione Roger, mãe. Alice não vai aguentar mais um choque. É capaz de o cérebro dela explodir*.

— Bom, como eu falei, querida, Roger e eu estávamos fazendo uma apresentação de salsa na escola, quando Elisabeth deixou o recado. Foi um choque tão grande ouvir…

— Você disse salsa?

— Não é possível você ter esquecido que a gente dança salsa! E vou dizer mais: você disse que nosso último show foi inesquecível. Outro dia desses, na quarta passada! Olivia foi para o salão com a gente, mas claro que não conseguimos convencer nem Madison nem Tom a tentar, e nem *você*, aliás… O que deixou Roger bastante desapontado, mas tentei explicar que…

— Roger? — perguntou Alice. — Quem é Roger?

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Doce ilusão. Até parece que ela passa mais de cinco minutos sem mencionar Roger.

* * *

— Roger, claro. Você não pode ter esquecido *Roger*. Pode? — A mãe ficou bastante assustada e virou-se para Elisabeth. — Isso é muito sério, não é? Eu sabia que ela estava pálida demais. Está literalmente sem cor.

Alice tentava pensar em nomes parecidos com Roger. Rod? Robert? A mãe dela tinha o hábito de confundir um pouco o nome das pessoas, de modo que Jamie virava Johnny, Susan virava Susannah e por aí vai.

— O único Roger que conheço é o pai de Nick — disse Alice, dando uma risadinha, pois ele era um pouco engraçado.

A mãe a encarou, atônita. Parecia uma boneca com aqueles cílios pretos espetados.

— Ora, mas é desse Roger que estou falando, querida. Meu marido Roger.

— Seu *marido*?

— Ai, dai-me forças — pediu Elisabeth.

Alice se virou para ela.

— Mamãe se casou com *Roger*?

— Pior que sim.

— Mas… com Roger? Jura?

— Com Roger. Juro.

Então aquele era mais um casamento ao qual a outra Alice tinha comparecido em seu lugar, mas ela nem sequer conseguia imaginar aquilo.

Em primeiro lugar, sua mãe nunca mencionara a possibilidade de *namorar* outros homens. "Ah, estou velha demais para isso", dizia ela. "É preciso ser nova e bonita para namorar! Além do mais, a gente só tem um amor na vida e o meu foi seu pai. Nenhum outro homem vai chegar aos pés dele." Embora Elisabeth e Alice sempre tivessem tentado convencê-la de que ainda era jovem e atraente e de que papai não ia querer que ela ficasse de luto para sempre, no fundo Alice sentira orgulho da devoção da mãe. De certa maneira, era algo bonito e comovente, embora também fosse irritante, porque significava que Alice e Elisabeth eram responsáveis por toda a vida social dela.

Então, muito bem, sua mãe tinha superado o medo de namorar (e provavelmente tinha sido essa a questão, e não a devoção eterna), mas se casar com o pai de Nick, logo ele?

— Mas por quê? — perguntou Alice, perdida. — Por que você se casaria com Roger?

E ela pensou *Lembrei, é Roger que mexe a cabeça assim, igual a um pavão*.

Barb arregalou os olhos e fez biquinho, exibindo uma expressão tão bizarramente atípica que Alice precisou desviar os olhos, como se tivesse flagrado a mãe fazendo algo perverso.

— Eu me apaixonei perdidamente por ele — contou —, você lembra, claro que lembra. Tudo começou no batizado da Madison, quando Roger me falou que estava pensando em fazer aula de salsa e perguntou se eu estava interessada. Na verdade, ele não me deu chance de recusar, apenas deixou claro que eu iria junto, e não quis decepcionar, porque achei que seria falta de educação. Então, por mais que eu estivesse muito nervosa com isso e tenha pensado até em marcar uma consulta com o Dr. Holden para pedir que ele receitasse algum remédio para me acalmar, vocês duas ficaram tão emburradas com isso, como se eu fosse virar uma viciada ou sei lá o quê, pelo amor de Deus, era só um comprimidinho de Valium, eu não queria nada

além disso, dá apenas a sensação de estar flutuando, o que é uma delícia, mas eu não consegui marcar uma consulta... É sempre assim, claro, aquela recepcionista nova é tão metida, não sei o que aconteceu com Kathy, que era uma querida...

— Há quanto tempo você está casada? — interrompeu Alice.

Ela ficou mais uma vez aterrorizada por não saber os fatos da própria vida. Sentia-se num daqueles brinquedos dos parques de diversão que jogam a gente para a esquerda, depois para a direita, e depois viram de cabeça para baixo, fazendo-nos vislumbrar coisas familiares em ângulos estranhos. Alice detestava esses brinquedos.

— Bem, vai fazer cinco anos. Você se lembra da cerimônia, Alice, claro que sim. Madison foi daminha. Ela estava muito linda naquele vestido amarelo, ela fica linda de amarelo, sendo que não é todo mundo que fica... Comprei uma blusa amarela para ela de Natal, mas se vai usar, aí já é outra história...

— Mãe — disse Elisabeth rispidamente —, Alice não se lembra nem de *Madison*. A última lembrança é de estar grávida dela.

— Não se lembra de Madison? — repetiu Barbara, perplexa. Ela respirou fundo e começou a falar com um tom de voz alegre e nervoso, como se quisesse usar sua animação para obrigar Alice a deixar aquela bobagem de lado. — Bem, entendo que você queira esquecer Madison *agora*, que ela anda tão chatinha, mas tenho certeza de que essa fase vai passar logo... E é claro que você se lembra de Tom e da fofinha da Olivia, não é? Ai, não acredito que estou fazendo essa pergunta. Com certeza lembra. A gente não esquece os próprios filhos! É... inimaginável.

Havia certa apreensão em sua voz que, por algum motivo, Alice achou reconfortante. É, mãe, isso é assustador. É, isso é inimaginável.

— Mãe — disse Elisabeth mais uma vez. — Por favor, tente entender. Ela não se lembra de *nada* do que aconteceu desde 1998.

— Nada?

— Tenho certeza de que é temporário.

— Ah! Claro! Temporário!

A mãe dela mergulhou no silêncio e passou a unha ao redor da boca com uma camada exagerada de batom.

Alice tentou inserir esse novo fato em sua mente: *Minha mãe se casou com o pai do meu marido*.

Era uma coisa tão inesquecível quanto *Tenho três filhos* e *Meu marido, por quem sou apaixonada, saiu de casa*, mas, de alguma forma, ela conseguira esquecer.

Nada disso podia ser verdade. Só podia ser uma grande e elaborada pegadinha. Um sonho incrivelmente realista. Uma alucinação vívida. Um pesadelo interminável.

Roger! Que bicho tinha mordido sua mãe, aquela mulher meiga e cautelosa, para fazê-la se "apaixonar perdidamente" (mamãe nunca dizia coisas extravagantes como

"me apaixonei perdidamente") por alguém como Roger? Ele, com sua loção pós-barba estonteante, sua voz de locutor de rádio e seu hábito de dizer "parece-me" e "quiçá"? Ele, que, depois de tomar uns drinques nas festas de família, encurralava Alice num canto e a enchia com um monólogo sobre sua vida e seu eterno fascínio pela própria personalidade complexa. "Sou atlético? Definitivamente, sim. Sou intelectual? Bem, talvez não no sentido mais rigoroso da palavra, de quem enche a boca para dizer que tem doutorado. Mas, olhando de outro modo, sou uma pessoa *inteligente*? A resposta só pode ser sim, afinal tenho doutorado na universidade da vida, Alice. E se você perguntar se sou espiritualizado, parece-me que a resposta teria que ser sim, com a mais absoluta certeza."

Alice apenas assentia, sem saber o que fazer, tentando não respirar fundo para não enjoar com o cheiro da loção pós-barba, até que Nick aparecia e dizia: "Parece-me que ela precisa de uma bebida, pai."

E quanto a Nick? O que achava daquele casamento? Ele tinha um relacionamento tão estranho e frágil com o pai. Nick o imitava sem piedade pelas costas e falava quase com ódio ao discutir como Roger tinha tratado sua mãe durante o divórcio, mas, por outro lado, Alice notava que sempre que ele estava perto do pai, usava um tom de voz mais grave, endireitava os ombros e, muitas vezes, mencionava por acaso uma grande negociação que fizera no trabalho ou um outro feito qualquer do qual ela nem sabia, como se, no fundo, ele ainda quisesse a aprovação do pai, embora negasse isso com veemência e até raiva.

Alice não conseguia imaginar qual seria a reação de Nick àquela notícia. Isso significava que agora Nick e ela eram *parentes*? Ele era meio-irmão dela! A princípio, Alice imaginou que Nick e ela deviam ter morrido de rir daquilo, transformado a história numa brincadeira boba, feito comentários lascivos sobre incesto e fingido que eram Greg e Marcia Brady. Mas talvez não tivesse sido nada engraçado. Talvez ele houvesse ficado com raiva por causa da sua mãe, embora ela parecesse encarar o ex-marido como um tio distante meio excêntrico.

Mas e as lelés? Ai, meu Deus, as lelés. As irmãs malucas de Nick agora eram suas meias-irmãs. Era impossível que elas tivessem reagido com tranquilidade a essa notícia: não reagiam com tranquilidade a nada. Desmaiavam, choravam, paravam de falar umas com as outras, ficavam ofendidas com os comentários mais inocentes. Havia sempre pelo menos uma irmã passando por uma crise. Alice nunca se dera conta de que a vida familiar podia ser tão dramática até conhecer os parentes de Nick, todas aquelas irmãs, sogras, namoradas, tias e dúzias de primos. Sua família pequena, tão quietinha e educada, comparada à dele lhe parecera um tédio.

— É por isso que Nick e eu estamos... — disse Alice. — Porque ficou chateado por mamãe ter se casado com o pai dele?

— Claro que não! — exclamou sua mãe, recobrando a energia. — Esse divórcio é um grande mistério para todos nós, mas com certeza não tem nada a ver comigo e com Roger! Ele ficaria arrasado se soubesse que você chegou a imaginar uma coisa dessas. Mas claro que ele tem as próprias teorias sobre o divórcio...

— Mamãe e Roger estão juntos há anos — interrompeu Elisabeth. — Você e Nick acharam meio esquisito na época, e as lelés ficaram histéricas, claro, mas todo mundo se acostumou e ninguém mais pensa no assunto. Juro, Alice, todas essas coisas que parecem muito chocantes, na verdade não são. Quando sua memória voltar, você vai morrer de rir de si mesma.

Alice não queria voltar a ser a pessoa que não achava nada chocante o fato de Nick e ela estarem se divorciando. Ela não conseguia acreditar na casualidade com que sua mãe se referira ao "divórcio", como se fosse algo sólido e real, como se fosse uma *coisa*.

— Bom, na verdade não vou mais me divorciar — disse Alice. — Não vai ter divórcio.

— Ah! — disse sua mãe, unindo as mãos como se fosse rezar. — Mas isso é maravilhoso!

— Mãe, você tem que prometer que não vai dizer nenhuma palavra sobre isso para Roger nem para mais ninguém — disse Elisabeth. — Ela não sabe o que está dizendo.

— Sei, sim — retrucou Alice, sentindo-se um pouco bêbada. — Pode contar para o mundo inteiro, mãe. Conte para Roger. Conte para as lelés. Conte para nossos três filhos. Não vai ter divórcio. Nick e eu vamos resolver o problema, seja qual for.

— Maravilhoso! — exclamou Barb. — Estou tão feliz!

— Não vai achar isso maravilhoso quando recuperar a memória — afirmou Elisabeth. — Você já começou a tomar as providências legais. Jane Turner vai ter um ataque cardíaco se você desistir.

— Jane Turner? — disse Alice. — O que ela tem a ver com isso?

— Jane é sua advogada — explicou Elisabeth.

— Advogada? Ela não é "advogada".

Alice se lembrou da ocasião em que um cara qualquer tinha sido vencido por Jane Turner numa discussão no trabalho e dito: "Você devia ser advogada." E ela respondera: "É, eu sei disso."

— Ela se formou em Direito há anos e agora é especialista em divórcio — disse Elisabeth. — Está ajudando você a se... Bom, a se divorciar do Nick.

Que ridículo, que *idiota* que Jane Turner estivesse lhe ajudando a "se divorciar do Nick". "Só dá para aturar Jane em pequenas doses", dissera Nick certa vez, e Alice concordara. Como essa mulher podia ter alguma relação com a vida deles?

— Você e Nick estão disputando a guarda das crianças — disse Elisabeth. — A coisa está séria.

Disputando a guarda. Parecia disputando o guarda. Alice imaginou ela e Nick brincando de cabo de guerra com um guarda fardado rindo e gritando.

Mas imaginou que disputar a guarda não devia ser algo tão divertido.

— Bom, isso também não vai mais acontecer — declarou Alice. (Por que diabo ia querer a guarda de três crianças que nem conhecia? Ela queria Nick.) — Não precisamos brigar pela guarda, porque não vamos nos divorciar e ponto final.

— Viva! — exclamou a mãe dela. — Estou muito feliz por você ter perdido a memória. Esse acidente vai se tornar uma bênção.

— Bom, só temos um probleminha... — disse Elisabeth.

— Qual?

— Nick não perdeu a memória.

DEZ

— Nick? — chamou Alice.

— Desculpe, meu bem. Sou eu de novo — disse a enfermeira.

Estavam acordando-a de hora em hora para verificar como ela estava, acender a lanterninha em suas pupilas e depois fazer as mesmas perguntas de sempre.

— Alice Mary Love. Hospital Royal North Shore. Bati a cabeça — murmurou.

A enfermeira riu.

— Muito bem. Desculpe incomodar. Pode voltar a dormir.

Alice dormiu e sonhou que era acordada por enfermeiras.

Acorde! Está na hora da sua aula de salsa, disse uma enfermeira com um enorme chapéu que, na verdade, era um profiterole.

Sonhei que a gente ia se divorciar, disse Alice para Nick. *Tínhamos três filhos e mamãe tinha se casado com seu pai e Elisabeth estava tão triste...*

E por que você acha que me importo, porra?, respondeu Nick.

Alice se assustou e começou a chupar o dedo. Nick desgrudou um confete vermelho do pescoço e mostrou a ela.

Brincadeirinha!, disse ele.

Nick?, chamou Alice.

Não te amo mais, porque você ainda chupa o dedo.

Não chupo, não!

Alice ficou tão constrangida a ponto de achar que ia morrer.

Qual é o seu nome?, gritou uma enfermeira.

Mas ela também podia não ser real, porque estava flutuando no ar, segurando um buquê de balões cor-de-rosa. Alice a ignorou.

— Sou eu de novo — disse a enfermeira.

— Nick? — chamou Alice. — Estou com dor de cabeça. Uma dor de cabeça horrível.

— Não, não é Nick. É Sarah.

— Você não é uma enfermeira de verdade. Isso é só um sonho.

— Não, sou de verdade. Pode abrir os olhos e me dizer qual seu nome?

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Oi, sou eu de novo, Dr. Hodges. São três e meia da manhã e dormir parece uma coisa impossível e idiota que só as outras pessoas fazem. Acordei pensando em Alice e em como ela me disse: "Você é uma irmã mais velha tão boa..."

Mas não sou. De jeito nenhum.

Ainda nos gostamos, claro. Não é isso. Nunca íamos esquecer o aniversário uma da outra. Na verdade, meio que estamos fazendo uma competição tácita para ver quem dá o melhor presente a cada ano, como se estivéssemos sempre buscando o papel de irmã mais generosa e atenciosa. Nós nos vemos com certa frequência. Ainda rimos juntas. Somos iguais a milhões de irmãs. Então, nem sei exatamente o que estou querendo dizer. O fato é que não é mais igual a quando éramos jovens. Mas a vida é assim, não é, Dr. Hodges? Os relacionamentos mudam. Ninguém tem *tempo*. Pergunte à Alice! Ela se tornou uma mãe ocupada de North Shore, como se isso fosse uma religião.

Talvez se eu tivesse prestado mais atenção... Acho que, como irmã mais velha, era minha responsabilidade não deixar a gente se afastar.

Mas só consegui superar os últimos sete anos me fechando como se eu fosse um pacotinho amarrado com um barbante cada vez mais apertado. Está tão apertado que quando falo sobre qualquer coisa (com exceção de como escrever uma campanha de marketing direto bem-sucedida), sinto minha garganta se fechar, como se minha boca não abrisse o suficiente para conversar com naturalidade.

O problema é a raiva. Está sempre ali fervilhando, mesmo quando não percebo. Se me machuco de repente ou deixo cair uma caixinha de blueberries no chão da cozinha, essa raiva se esparrama como leite fervendo. Você devia ter escutado o grito irracional de fúria que dei quando bati a testa num armário aberto um dia desses, enquanto esvaziava o lava-louça. Eu me sentei no chão da cozinha, encostada na geladeira, e passei vinte minutos chorando. É muito constrangedor.

Antes de Alice e Nick se separarem, às vezes eu sentia que surgiam palavras imperdoáveis na ponta da língua quando eu falava com minha irmã, tais como: "Você acha que o mundo gira em torno do seu umbigo, da sua familiazinha perfeita e da sua vidinha perfeita, e acha que estressante é encontrar o tom certo de almofada que combine com seu sofá novo de dez mil dólares."

E eu quis escrever essas coisas porque são maldosas e nem sequer são verdadeiras. Não acho nada disso, mas podia ter dito tudo, ainda poderia dizer, na verdade, e, se isso acontecesse, as palavras ficariam nas memórias de nós duas para sempre. Então, era mais seguro não dizer nada e fingir, e ela sabia que eu estava fingindo, portanto

fingiu também. E assim nós acabamos esquecendo como ser verdadeiras uma com a outra.

Foi por isso que, quando Alice me ligou para contar que Nick tinha saído de casa, foi tão chocante quanto se alguém tivesse morrido. Eu não fazia ideia, nem de longe, de que eles estavam tendo problemas. Era evidente que não compartilhávamos mais segredos. Mas eu devia ter me inteirado com o que estava acontecendo na vida dela, para que me pedisse sábios conselhos de irmã mais velha. Mas não pediu. Ou seja, eu a decepcionei tanto quanto ela me decepcionou.

E foi por isso que, quando me falaram de Gina, fiquei sem saber muito bem qual era a coisa certa a fazer. Será que eu devia ligar para Alice? Devia ir direto para lá? Devia ligar e perguntar primeiro? Eu não fazia ideia do que minha irmã ia preferir. Eu estava preocupada com a etiqueta, como se ela fosse uma pessoa que eu não conhecesse direito. E É CLARO que eu devia ter ido direto para lá, pelo amor de Deus. Como pude ter ficado na dúvida?

Enquanto saíamos do hospital, mamãe me disse, num tom desanimado e totalmente atípico: "Aposto que ela também não se lembra da Gina, não é?" E eu respondi: "Acho que não." Nem ela nem eu sabíamos o que dizer sobre isso.

Como você encontra o fio que leva ao começo de tudo, e o segue pelo emaranhado de telefonemas, Natais e festas infantis, até quando éramos só Alice e Libby Jones? Você sabe, Dr. Hodges?

Bem… eu devia tentar dormir.

Não. Nem sequer consigo fingir um bocejo.

Amanhã vou ao hospital buscar Alice e levá-la para casa. Disseram que ela deve ter alta às dez. E nem teve dúvida de que era eu quem iria buscá-la. Se estivesse normal, ia fazer questão de não depender de mim. Ela só aceita favores das mães das outras crianças da escola, porque podem ser retribuídos com combinações complicadas de programas com os pequenos.

Será que Alice vai ter recuperado a memória amanhã? Será que vai sentir vergonha das coisas que disse esta tarde, em especial do que falou sobre Nick? Mas quem falou aquilo foi a verdadeira Alice, a velha Alice, ou só uma Alice confusa que levou uma pancada na cabeça? Será que, no fundo, ela está arrasada com o divórcio? Aquilo foi um vislumbre do que realmente está sentindo? Não sei. Não sei mesmo.

A médica com quem conversei parece ter certeza de que Alice vai recuperar a memória até amanhã de manhã. É uma das médicas mais simpáticas que já conheci em todos esses anos repletos de médicos. Ela até me olhou nos olhos e esperou que eu acabasse de falar. Mas percebi que aquela médica só considerou o fato de que a tomografia computadorizada não tinha mostrado nenhum sinal de algo chamado "hemorragia intracraniana". Ela ficou um pouco assustada quando eu disse que Alice não se lembrava dos próprios filhos, mas falou que as pessoas podem ter diversas

reações a uma concussão e que a melhor coisa era descansar. Disse que, conforme o ferimento for melhorando, a memória dela vai voltar. Pelo visto, queria deixar claro que eles já tinham feito muito além do que os procedimentos normais para um caso de concussão ao deixá-la internada durante a noite.

Eu me senti inexplicavelmente culpada por deixar Alice no hospital. Ela parece tão jovem... Foi isso que não consegui explicar direito para a médica. Alice não está só confusa... É como se eu *literalmente* estivesse conversando com a Alice de vinte e nove anos. Até seu jeito de falar está diferente. Mais lento, mais suave, menos cauteloso. Ela simplesmente diz o que passa na sua cabeça.

"Eu tive uma festa de aniversário de trinta anos?", perguntou ela antes de a gente ir embora, e eu não conseguia recordar de jeito nenhum. Mas depois, já no carro voltando para casa, lembrei que eles fizeram um churrasco. Alice estava com uma barriga enorme de grávida e eles estavam no meio da reforma da casa. Havia escadas, latas de tinta, buracos gigantescos nas paredes. Eu me lembro de estar na cozinha ajudando Alice e Nick a colocar velas no bolo, quando ela disse: "Acho que o bebê está com soluço." Nick encostou na barriga da esposa e depois pegou minha mão e a colocou ali também, para que eu sentisse os movimentos esquisitos. Eu me recordo muito bem do rosto deles voltado para mim, com os olhos brilhando, corados de animação diante daquele prodígio. Os dois estavam com pontinhos de tinta azul nas sobrancelhas, porque tinham pintado o quarto do bebê. Eles eram lindos. Meu casal preferido.

Eu costumava observar Nick escondido enquanto ele ouvia Alice contar uma história. A expressão de carinho e orgulho que ele exibia, o jeito de rir mais que todo mundo quando ela dizia algo engraçado ou totalmente típico de Alice. Nick entendia Alice tanto quanto nós, talvez até mais. Ele a tornava mais confiante, engraçada, inteligente. Destacava todas as suas características e a deixava ser ela mesma, em sua forma mais plena, de modo que ela parecia emanar uma luz interna. Ele a amava tanto que a deixava ainda mais fácil de ser amada.

(Será que Ben me ama desse jeito? Sim. Não. Não sei. Talvez no começo. Toda essa coisa cintilante de amor não parece mais relevante. Isso é para gente mais jovem, mais magra, mais feliz e, além do mais, um damasco seco não pode ser brilhante.)

Estou com saudade do velho Nick e da velha Alice. Quando penso neles de pé naquela cozinha, colocando velas no bolo, tenho a impressão de que estou me lembrando de pessoas que conheci e se mudaram para outro país, mas não mantiveram contato.

* * *

Às quatro e meia da manhã, Alice acordou com um sobressalto e com um pensamento nítido: Não perguntei à Elisabeth quantos filhos ela tem.

Como podia não saber a resposta para essa pergunta? E, pior ainda, como podia ter se esquecido de *perguntar*, se não sabia? Era egoísta, autocentrada e fútil. Não era à toa que Nick queria se divorciar dela. Não era à toa que Elisabeth não olhava mais para ela do mesmo jeito.

Alice decidiu que ia ligar para a mãe no dia seguinte e perguntar para ela, e depois, claro, fingiria que não tinha esquecido os filhos de Elisabeth (só os seus) e dizer: "Aliás, como vai o pequeno fulaninho?"

Mas ela não tinha certeza se o telefone da sua mãe continuava o mesmo. Nem sabia onde ela morava. Será que se mudara para o apartamento de Roger em Potts Point, com todos aqueles móveis bege com detalhes em cromo? Ou será que Roger tinha ido morar na casa dela, com centros de mesa de crochê, objetos fofos de decoração e vasos de planta? As duas possibilidades pareciam ridículas.

A menina no cubículo ao lado estava roncando. Era um som agudo e irritante, como o de um mosquito. Alice virou de barriga para baixo e afundou a cara no travesseiro, como se tentasse se sufocar.

Essa é a pior coisa que já me aconteceu, pensou.

Mas, na verdade, não podia sequer ter certeza disso.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Quando saímos do hospital, mamãe e eu fomos à casa de Alice encontrar Ben e as crianças. Jantamos pizza. (Ainda bem que Roger tinha uma assembleia no Rotary, porque eu estava sem paciência para aguentá-lo, como todo mundo. Só minha mãe tinha paciência com ele.) Nós não contamos para as crianças que Alice perdeu a memória. Só dissemos que ela bateu a cabeça na academia e que vai ficar bem. Olivia uniu as mãos e disse: "Minha mamãe querida! Que tragédia horrível!" E eu vi as costas de Ben se sacudindo enquanto ele tentava conter o riso diante da gaveta de talheres. Madison fez uma careta e perguntou, com desprezo: "Por acaso meu pai sabe disso?" Depois foi marchando para o quarto, como se já soubesse qual seria a resposta. Tom esperou até que Olivia estivesse sentada à mesa da cozinha, usando canetinhas coloridas e purpurina para fazer um cartão de melhoras para Alice, para me pegar silenciosamente pela mão e me levar até a sala. Ele me fez sentar, encarou-me e disse: "Muito bem, me conte a verdade. Mamãe está com um tumor no cérebro?" Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: "Não minta! Sou ótimo

em detectar mentiras! Se você erguer os olhos para a direita, quer dizer que está mentindo." Tive que fazer um esforço sobrenatural para não olhar para a direita.

Até que foi uma noite divertida. Não sei por quê. Uma noite divertida às custas da coitada da Alice.

Ah, um bocejo! Um bocejo precioso de verdade! Preciso ir, Dr. Hodges. Pode ser o sono chegando.

* * *

Quando o céu começou a clarear, Alice caiu no sono mais profundo daquela noite longa, estranha e fragmentada. Sonhou que Nick estava sentado diante de uma mesa comprida de pinho que até então nunca tinha visto. Ele balançou a cabeça, pegou uma xícara de café e disse: "É sempre Gina, não é? Gina, Gina, Gina." Nick bebeu o café e Alice sentiu a mais pura antipatia, então virou-se de costas e começou a esfregar vigorosamente uma mancha seca de gordura num banco de granito.

Ainda dormindo, Alice teve um espasmo tão forte que a cama se moveu.

Ela sonhou que estava de pé numa sala pequena e escura, com Elisabeth deitada ao seu lado, olhando-a assustada e perguntando: "Como assim o coração não está batendo?"

Sonhou com um rolo de massa gigantesco. Tinha que empurrá-lo ladeira acima com milhares de pessoas olhando. Era importante que ela fizesse aquilo parecer fácil.

— Bom dia, dorminhoca! — disse uma enfermeira.

Sua voz animada e enérgica parecia som de vidro se espatifando.

Alice se sobressaltou, ofegante, como se houvesse acabado de soltar o ar.

ONZE

Observações sublimes de uma bisavó!

Hoje eu acordei com as galinhas. Não consigo dormir desde as cinco da manhã, então achei melhor me levantar e postar.

Muito obrigada por todos os e-mails carinhosos que vocês mandaram. Tenho boas notícias sobre a **queda de Alice**. Barb me ligou ontem à noite e me garantiu que vai ficar tudo bem com ela. Eles fizeram um exame chamado tomografia computadorizada (acho que é como um raio x, só que mais avançado) e parece tudo normal. Barb disse que ela ia passar a noite internada, mas achavam que ia receber alta hoje de manhã. O estranho é que, ontem à noite, Alice ainda não se lembrava de nada do que aconteceu desde 1998. Achava que não tinha se separado do seu marido Nick, e agora Barb está comemorando, porque acha que Alice e Nick vão se reconciliar, o que me parece improvável. Barb ficou muito otimista desde que começou a dançar salsa.

A perda de memória de Alice me faz lembrar da minha querida amiga Ellen, que recentemente foi diagnosticada com **demência senil**. Um dia desses, estávamos conversando ao telefone e ela me pareceu bastante lúcida. Ellen disse que andara ocupada fazendo um bolo de bailarina para a bisneta até que comentou por acaso que não estava ouvindo o som do cortador de grama, então Ernie já devia ter terminado o trabalho e ela precisava preparar o jantar dele. Ora, Ernie morreu em 1987. Eu tomei um susto. Lembrei a Ellen que Ernie já havia falecido e ela chorou como se tivesse recebido a notícia naquele momento. Fiquei me sentindo péssima, mas não quis que ela passasse as duas horas seguintes descascando batatas para Ernie (certa vez, eu o vi comer dezessete batatas assadas sem piscar. O homem era guloso).

Por sorte, Alice é jovem demais para ter demência senil. E tenho certeza de que vai estar perfeitamente bem hoje, quando eu for vê-la. Vou ter que comprar um presentinho. Mas não sei o que dar. É difícil. Sempre tenho a sensação de que não escolho mais os presentes certos. Era tão fácil quando elas eram crianças... Eu adorava ver a carinha de felicidade que faziam. Agora fico com medo de estarem sendo educadas. Alguma sugestão?

Acredito que foi DorisdeDallas quem perguntou por que digo que Barb é minha "filha" e Alice é minha "neta". Bem, o motivo é que não somos parentes de sangue. Fui vizinha delas por muitos anos. Para ser sincera, se o marido de Barb não tivesse morrido quando as meninas eram pequenas, talvez eu nunca houvesse passado de uma mera conhecida. No entanto, Barb não lidou muito bem com a perda do marido. Ela não tinha nenhum outro parente, então me prontifiquei e virei uma avó "honorária". Como nunca me casei e não tenho sobrinhos nem sobrinhas, foi uma bênção para mim. Agora tenho **três lindos "bisnetos"** que me dão muita alegria!

Mas vamos em frente!

No meu último post, parei no meio da história sobre a reunião do Comitê de Atividades Sociais. Quando todo mundo deixou de dar risadinhas bobas por causa do pole dance, o item seguinte a ser discutido era o passeio de ônibus que organizei. Vai ser uma excursão muito divertida. Vamos assistir a um debate entre especialistas (um médico, um advogado etc.), discutir a questão da **eutanásia** e depois almoçar no jardim botânico. Ora, como seria de se esperar, o Sr. X é o tipo de pessoa que devia ficar calada quando se trata de escolher como vamos morrer. "A vida é para ser vivida", cacarejou ele. "Aproveite o momento!" e outros clichês desse tipo. Obviamente nunca viu alguém que amava sofrendo, como aconteceu

comigo quando minha mãe querida morreu de câncer trinta anos atrás. Expliquei, com a maior simplicidade possível (pois é evidente que ele não é um homem muito culto), que eu queria escolher como e quando vou deixar o mundo. É uma questão de dignidade. De controle. E acho que fui bastante eloquente. O Sr. X ficou me olhando por alguns instantes e pensei que talvez ele tivesse conseguido absorver o que eu disse. Até que perguntou: "Por que, em vez de fazer isso, a gente não salta de paraquedas?" E o idiota do Harry Palisi levantou a mão na mesma hora e disse: "Tô dentro!" (Acho importante mencionar que Harry é cadeirante.) Depois disso, a reunião se desintegrou.

Desde então, as pessoas estão desistindo de ir à minha excursão intitulada "A escolha é sua" e se inscrevendo numa excursão que o Sr. X organizou *no mesmo horário*. Ele deu o nome de "Vamos viver!". Não sei bem para onde eles vão. Estão falando em fazer uma maratona de bares, assistir ao show de uma drag queen e praticar snorkel na praia de Coogee.

Ainda há um número considerável de pessoas inscritas na minha excursão, mas tenho que admitir que não são as melhores companhias. Só gente rabugenta e chata. Do tipo que vai reclamar do café do jardim botânico. Até minha melhor amiga aqui, a Shirley, me perguntou se eu me importava que ela fosse na excursão do X. Estou muito chateada. Não foi uma tremenda grosseria da parte do X (não vou mais chamá-lo de "Sr.") marcar a excursão para o mesmo horário?

Isso me faz sentir rabugenta e chata. E como posso questionar meu temperamento nessa idade? Estou velha demais para isso. Já está muito tarde para mudar de personalidade! Mas, no fundo, estou tão insegura quanto há quarenta anos.

Quero contar uma coisa que nunca contei a ninguém. Em 1975, quando eu dava aula de matemática, algumas professoras organizaram um passeio na praia, só as mulheres. Eu fui a única não convidada! Descobri por acidente quando cheguei um dia e encontrei algumas delas olhando as fotos. Minha nossa. Como fiquei magoada. Lembro como se fosse hoje.

Ora! Que bobagem. Vou sair para dar uma caminhada.

Ah, quase ia esquecendo. Duvido muito que aquele tenha sido meu antigo aluno Frank Neary. Ouvi dizer que ele morreu no Vietnã.

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse:
Obrigada por explicar a questão da sua "filha", "neta" etc. Vocês se veem com frequência? Conte mais! Acho que não precisa desse negócio de aspas. Parece que você é uma bisavó de verdade! Ah, aceitou meu conselho e convidou o X para tomar um drinque? Acho que esse é o segredo. Vire amiga dele! Talvez tenham mais coisas em comum do que você pensa.

Beryl disse:
Quando eu tinha dez anos, todo mundo na minha turma foi convidado para a festa de aniversário de Mary Murray, menos eu. Isso aconteceu sessenta anos atrás e eu ainda penso no assunto. Por que não fui convidada? O que foi que eu fiz? Então entendo como você está se sentindo, Frannie. Concordo com Doris, acho que você deve ficar amiga do X. Como é aquela frase sobre manter os amigos por perto e os inimigos mais perto ainda? Ah, e que tal comprar um talco bonito para Alice? Minhas bisnetas gostam.

Cara de Brisbane disse:
Claro que eu acredito em eutanásia em determinadas situações, mas não quero me estender no assunto. Talvez seja assim que X se sente. Ou talvez não goste de pensar na morte. Deixe o cara fazer a maratona de bares dele!

Frank Neary disse:
Não, estou cheio de vida, tia Frannie! Ei, me conte: por que você nunca se casou? Era muito bonita. Pensei que alguém fosse amarrar você. (Aposto que foi por isso que as outras

professoras não lhe convidaram para passear na praia. Com certeza você era a mais bonita. Elas não queriam ver você toda linda no biquíni de bolinha amarelinha tão pequenininho!)

LoucaMabel disse:
Fiquei surpresa e enojada ao ler seu post. O suicídio é um pecado mortal. Não existe nenhum argumento a favor. Confie na sabedoria do Senhor. Sinto muito, mas nunca mais vou ler este blog.

Vovó Moderna disse:
Bom saber que Alice está se sentindo melhor. Ignore X. Eu mesma não acredito na eutanásia (com bons cuidados paliativos, esse método não é necessário), mas Frannie tem o direito de discutir o assunto. Ninguém está obrigando você a ler este blog, LoucaMabel! Aliás, alguém mais achou esse Frank Neary um pouco atrevido? Você vai levar uma palmatória, rapazinho!

* * *

Muito bem! Hora de começar a se arrumar. Primeiro um banho quentinho. Depois vestir a roupa. Ajeitar o cabelo. Passar maquiagem.

A última enfermeira tinha ido embora e agora havia uma voz apressada e mandona na mente de Alice lhe dizendo o que fazer.

Estou cansada demais, respondeu ela com truculência. Seus olhos estavam secos e ardendo. *Acabei de ter a pior noite da minha vida. Além disso, acho melhor esperar e perguntar para a enfermeira se pode.*

Que besteira! Você vai ficar mais acordada depois do banho. É sempre assim!

É?

É! E está na hora de se olhar no espelho, pelo amor de Deus. Você só tem trinta e nove anos, não oitenta e nove. Não pode ser tão ruim assim.

E a toalha? Não sei qual toalha usar. Talvez tenha um procedimento correto.

Você está fedendo a suor, Alice. Por causa da aula na academia. Precisa tomar banho.

Alice se sentou na cama. Não suportava a ideia de ter qualquer cheiro corporal. Era a pior das humilhações. Ficava horrorizada até mesmo quando Nick mencionava que ela estava com hálito de alho um dia depois de eles terem jantado algum prato com muito alho. Ela colocava a mão diante da boca, ia correndo escovar os dentes e passava o dia mascando chiclete. Nick achava graça de todo aquele estardalhaço. Ele nem se importava se estava com algum cheiro. Depois de passar o dia inteiro reformando a casa, ele farejava alegremente as axilas como se fosse um macaco e anunciava: "Estou fedendo!"

Talvez Nick quisesse se separar porque ela passara a ter o pior bafo do mundo.

Alice tocou com cuidado o calombo em sua cabeça. Ainda doía, mas definitivamente estava melhor. Era mais a lembrança da dor de ontem.

Mas ela não se lembrava daquelas crianças e nem de Nick ter saído de casa.

Alice colocou os pés descalços no chão frio e olhou ao redor. As tulipas que sua mãe lhe dera formavam enormes bulbos dourados que contrastavam com o branco da parede do hospital. Ela tentou imaginar a mãe dançando salsa com Roger, os quadris dos dois se mexendo ao mesmo tempo. Era fácil pensar no quadril de Roger se mexendo, mas no da mãe? Alice sentiu fascínio e repugnância ao mesmo tempo. Mal podia esperar para falar sobre isso com Nick.

Quer dizer...

Ela se lembrou da voz dele ao telefone no dia anterior, cheia de ódio. Tinha que ser algo pior do que mau hálito. Se esse fosse o motivo, ele teria usado um tom de compaixão e constrangimento.

Mesmo com a lembrança daquele telefonema (e como ele tinha falado palavrão!), ainda lhe parecia impossível que Nick não estivesse prestes a chegar a qualquer momento, ofegante e amassado, pedindo desculpas pelo mal-entendido e abraçando-a apertado. Alice não conseguia ficar chateada de verdade com essa história de divórcio, porque era uma coisa idiota demais. Querer se divorciar de *Nick*! Seu Nick. Assim que ela o reencontrasse, ia ficar tudo bem.

A mochila com os adesivos de dinossauro estava dentro do armário ao lado da cama. Ela pensou naquele lindo vestido vermelho. Talvez conseguisse se apertar dentro dele.

Alice colocou a mochila debaixo do braço e, com uma das mãos, fechou pudicamente a camisola de hospital na parte de trás, para que a calcinha não aparecesse. Mas não houve necessidade. As cortinas ao redor da cama da outra menina estavam fechadas e ela continuava com o ronco tão agudo quanto o zumbido de um mosquito.

Talvez, com a idade, os roncos de Alice tivessem piorado e por isso Nick decidira ir embora. Ela podia comprar um daqueles protetores bucais horríveis para usar à noite. Era uma coisa fácil de resolver. *Volte para casa, Nick.*

Alice estava tão cansada que parecia estar pisando em concreto líquido.

Acho que eu devia voltar para a cama.

Não se atreva a voltar para a cama. Eles vão se atrasar para a escola de novo e passar anos reclamando.

Alice inclinou a cabeça para trás, surpresa. De onde viera aquilo? Ela pensou na foto das três crianças de uniforme escolar. Talvez fosse responsabilidade sua não deixar que se atrasassem para a escola todos os dias.

Quem sabe houvesse uma lembrança discreta, efêmera, daquelas de canto de olho, de passos marchando por um corredor, portas batendo, uma buzina soando, uma criança gritando, a impressão de uma broca cavando bem no meio da sua testa.

Mas, assim que Alice tentou agarrá-la, ela desapareceu como se não tivesse passado de pura invenção.

Era como se ela estivesse voltada para a frente e logo à direita e à esquerda houvesse dez anos de lembranças: bastava descobrir uma maneira de virar a cabeça para encará-las.

Alice entrou no banheiro apertado que ela e a menina que roncava compartilhavam, trancou a porta e acendeu a luz fluorescente. Piscou por causa da claridade. Na noite anterior, tinha conseguido usar o banheiro e lavar as mãos sem se olhar no espelho acima da pia. Mas aquilo era passado. Hoje era dia de ação sem rodeios.

Ela soltou os nós no pescoço e nas costas, deixou a camisola cair no chão e se aproximou do espelho.

Dava para ver da cintura para cima.

Magrinha, pensou, passando as pontas dos dedos na curva da cintura e depois roçando as costelas. O pior é que dava para ver as costelas. *Você é uma mulher magra*. Sua barriga era dura e reta como a daquela menina na academia. Como isso tinha acontecido?

Alice, claro, vivia dizendo que devia começar a fazer exercícios e perder peso, mas nunca tomava uma providência. Era algo que precisava dizer para as amigas de vez em quando, para mostrar que era uma mulher de verdade: "Meu Deus, como estou gorda!" Quando estava com Richard, com quem namorou antes de Nick, ele dizia "Força aí!" ao vê-la puxar a calça jeans pelas coxas. Uma pequena insatisfação com seu corpo às vezes se transformava em ódio de si mesma, e ela passava fome durante o dia e depois jantava um pacote de biscoitos de chocolate. Até que conheceu Nick, e ele lhe disse que ela era linda. Sempre que Nick encostava nela, era como se seu toque a deixasse tão linda quanto ele parecia acreditar que ela era. Então por que Alice deveria se privar de uma segunda fatia de torta mousse de chocolate ou de mais uma taça de champanhe, se Nick estava ali com a faca ou a garrafa nas mãos, dando um sorriso perverso e dizendo "A gente só vive uma vez", como se cada dia fosse uma comemoração? Ele gostava tanto de doces quanto uma criança, e sabia apreciar uma boa comida, um bom vinho e dias bonitos. Comer e beber ao sol com Nick era como fazer sexo. Ele deixava Alice se sentindo um gato feliz e alimentado: gorducho, radiante, ronronando de satisfação sensual.

Alice não conseguiu decidir se tinha ou não gostado de sua nova barriga chapada. Por um lado, havia uma clara sensação de orgulho, como se tivesse descoberto uma nova habilidade. Olhe só o que eu fiz! Tenho uma barriga de supermodelo! Por outro, o osso duro sob a pele lhe deu uma leve sensação de nojo, como se toda a sua gordura houvesse sido raspada.

O que Nick achava desse novo corpo magro? Talvez não se importasse. "Então que porra foi essa de me pedir para ligar?"

Alice notou que seus seios estavam muito menores e não tão empinados. Na verdade, estavam horríveis, alongados e murchos feito meias que pendiam na direção da barriga. Ela os ergueu e os deixou cair de novo. Ai, eca. Não estava gostando nada daquilo. Sentiu saudade dos seus seios bonitos, redondos, alegres e balançantes.

Será que estavam assim porque ela amamentara três crianças? Isso não seria um problema se Alice tivesse lembranças boas de ter passado madrugadas numa cadeira de balanço com um bebê de cabelinho ralo nos braços, mas ela *não* tinha. Estava ansiosa para amamentar. Era algo que devia acontecer no futuro, não no passado.

Tudo bem, deixe os seios para lá. O rosto. Estava na hora do rosto.

Alice se aproximou do espelho e prendeu a respiração.

A princípio, sentiu alívio, porque encontrou o mesmo rosto de sempre observando-a com cara de boba. Não estava terrivelmente deformada. Não tinha crescido nenhum chifre em sua testa. Na verdade, até que gostou do seu rosto mais fino. Parecia ter mais definição e deixava seus olhos maiores. Suas sobrancelhas estavam muito bem-feitas e seus cílios estavam escuros. Ela não tinha mais tantas sardas. Sua pele parecia lisa e sem manchas, mas, espere, havia alguns arranhõezinhos esquisitos ao redor da sua boca e dos seus olhos. Será que era por causa da queda? Alice se inclinou para examiná-los.

Ah.

Não eram arranhões. Eram rugas, exatamente como as de Elisabeth, talvez piores. Havia dois vincos fundos entre os olhos. E não sumiam nem quando ela parava de franzir a testa. Havia pequenas bolsas de pele rosada sob os olhos e Alice lembrou que, quando vira Jane no dia anterior, a princípio achara que havia algo errado com os olhos dela. Mas não tinha nada de errado com Jane, ela só estava dez anos mais velha.

Alice esfregou a ponta do dedo nas linhas que pareciam arranhões ao redor da boca e dos olhos, como se pudesse apagá-las. Parecia errado que estivessem ali. Não, obrigada, não quero, isso não pertence ao meu rosto.

Ela desistiu e se afastou um pouco do espelho, para não ver as rugas.

Seu cabelo ainda estava preso com o elástico da noite anterior. Alice o soltou e olhou para ele na palma da mão, mais uma vez atônita por não reconhecer aquele elástico preto nem se lembrar de tê-lo colocado.

Seu cabelo caiu até pouco abaixo dos ombros. Ela devia ter cortado, como suspeitava. O que será que a levara a tomar aquela decisão? A cor também estava diferente. Em vez de castanho, estava quase louro, um louro-escuro, meio acinzentado. Estava despenteado por causa da noite maldormida, mas, quando Alice passou os dedos nele, percebeu que tinha escolhido um corte elegante que fazia uma

curva na altura do pescoço, dando a impressão de que era mais comprido. Não era muito do seu gosto, mas precisava admitir que combinava melhor com seu rosto do que qualquer outro corte que já fizera.

Ela virara adulta. Era isso. Uma adulta a observava do espelho. Mas Alice não se sentia adulta.

Muito bem. Essa é você, Alice. É quem você é. Uma adulta magra, mãe de três crianças, passando por um divórcio e disputando a guarda.

Ela semicerrou os olhos e imaginou seu velho eu, seu eu verdadeiro, observando-a do espelho. Cabelo castanho e comprido meio sem corte; um rosto mais redondo e suave; seios maiores e mais empinados; uma barriga maior (bem maior); mais sardas, praticamente nenhuma ruga; apaixonada por Nick e grávida do primeiro filho.

Mas essa pessoa não existia mais. Não havia sentido ficar pensando nela.

Alice se virou de costas para o espelho e, olhando ao redor daquele banheiro desconhecido, sentiu-se muito solitária. Pensou de novo naquela viagem boba que fizera sozinha pela Europa, escovando os dentes em qualquer banheiro, vendo seu reflexo em espelhos manchados, sentindo, zonza, que não se reconhecia e tentando descobrir quem era sem as pessoas que amava para refletir sua personalidade. Não estava num país estranho onde as pessoas falavam outra língua, mas num mundo novo e desconhecido onde todos sabiam o que estava acontecendo, menos ela. Alice era a boba desajeitada, dizendo coisas erradas, sem conhecer as regras.

Ela suspirou fundo, tremendo.

Aquilo era algo temporário. Logo mais, sua memória ia voltar e a vida ia continuar normal.

Mas será que ela *queria* recuperar a memória? Será que queria se lembrar de tudo? O que queria mesmo era pular numa máquina do tempo e voltar para 1998.

Bem. Que pena. Lide com isso, querida. Já para o banho. Está na hora de tomar café e comer bagel com cream cheese antes que as crianças acordem.

"Antes que as crianças acordem." O jeito que essa voz mandona e mordaz surgia em sua cabeça lhe deixava bastante assustada. E que história era aquela de "bagel com cream cheese"? Como assim? Ela não gostava de comer isso no café da manhã.

Ou será que gostava? Alice passou a língua nos lábios, pensativa. Bagel com cream cheese ou torrada com manteiga de amendoim? As duas opções pareciam deliciosas e repugnantes ao mesmo tempo.

Não chega a ser uma questão de vida ou morte, não é, Alice?

Ah, cale a boca. Sem querer ofender, mas você é uma mala, Alice.

Ela se aproximou da mochila e pegou a nécessaire chique. Presumia que a nova Alice não teria se esquecido de levar xampu e condicionador. Remexeu diversos potes e frascos enormes que pareciam caros (gente, isso tudo só para ir à academia?)

e encontrou dois compridos e finos de cor escura. Eram de marcas que não reconheceu e prometiam "efeito de salão de beleza".

Enquanto Alice estava debaixo do chuveiro passando xampu no couro cabeludo, o cheiro forte de pêssego invadiu suas narinas e foi tão familiar que seus joelhos tremeram. *Mas é claro!* Ela arquejou ao se lembrar da vez em que estava sob as águas torrenciais de um chuveiro, com o vapor se espalhando, apoiando a testa numa parede de azulejos azuis e gemendo baixinho enquanto a espuma do xampu de pêssego caía em seus olhos. *Não vou aguentar. Não vou... Não vou...*

Por um segundo, a lembrança foi tão forte que podia estar acontecendo naquele instante. Então, no segundo seguinte, sumiu junto com a espuma do xampu.

O cheiro do xampu continuou intensa e ridiculamente familiar, mas Alice não conseguiu recuperar outra lembrança.

Restou apenas a sensação de tristeza desesperada e de só querer que a dor passasse.

Será que se lembrara de ter chorado por Nick?

Se aquelas eram as memórias presentes em sua mente — memórias de um casamento maravilhoso se desintegrando, de se apoiar na parede do chuveiro enquanto chorava —, será que realmente queria recuperá-las?

Alice desligou o chuveiro e se secou com a toalha azul que encontrou dentro da mochila. Enrolada na toalha, tirou os frascos e os potes da nécessaire e os enfileirou à sua frente. O que ela fazia com aquilo tudo?

Ande logo, ande logo.

Sua mão se aproximou instintivamente de um pote com tampa dourada. Ela o abriu e descobriu que era um hidratante espesso e cremoso. Com movimentos rápidos e eficientes, passou-o no rosto com a ponta dos dedos. Sem nem ao menos pensar, pegou um frasco de vidro cheio de base, colocou um pouco numa esponja e começou a espalhar pelo rosto. Uma parte de sua mente estava perplexa com isso. Base? Ela nunca usava base. Quase não se dava ao trabalho de se maquiar. Mas suas mãos se moviam depressa e sua cabeça se inclinava para um lado e para outro, como se já tivesse feito aquilo um milhão de vezes. Em seguida, foi a vez do bastão dourado brilhante que ela passou nas bochechas. Alice foi abrindo potes, frascos e garrafinhas. Rímel. Lápis de olho. Batom.

De repente — todo o processo não deve ter levado mais que cinco minutos — ela terminou e guardou os frascos na nécessaire. Sem parar, Alice abriu o zíper de um bolso na lateral da mochila, perguntando-se o que estaria procurando até tirar de lá um secador portátil e uma escova redonda. Ah, muito bem, hora de fazer uma escova no cabelo. Ela colocou o secador na tomada e, mais uma vez, suas mãos começaram a se mover sem esperar um comando seu. A escova ia para a frente e para trás. O secador rugia ao soprar ar quente.

Muito bem, então, quando você sair daqui vai ter que...

Deu um branco.

...vai ter que...

O cabelo estava pronto.

Alice desligou o secador com um estalo, tirou-o da tomada, enrolou o fio ao redor do aparelho e o enfiou de volta na mochila, começando a procurar outra coisa. Meu Deus. Por que fazia tudo tão *depressa*? Precisava apagar algum incêndio, por acaso?

Ela pegou a bolsa achatada de plástico com as roupas, sacudiu-a para abri-la e tirou lá de dentro uma calcinha e um sutiã cor de creme combinando e um vestido. A calcinha era deliciosamente macia e o sutiã levantava os seios, deixando-os empinados como costumavam ser. Com certeza aquele vestido lindo não ia caber, mas Alice o enfiou pela cabeça, fechou o zíper lateral sem ter que procurar por ele e não ficou gordurinha sobrando, porque não havia mais nenhuma em seu corpo.

Joias. Ela colocou o colar de topázio e a pulseira de Nick. Sapatos. Deslizou o pé para dentro deles.

Alice parou para olhar a mulher no espelho e notou que seu lábio inferior se escancarou de espanto.

Ela estava... Bem, precisava admitir que estava muito bonita. Virou-se para um lado e depois para o outro, olhando-se por cima do ombro.

Uma mulher atraente, magra e elegante. O tipo de mulher que nunca imaginou que seria. Alice se tornara uma *daquelas* mulheres, as *outras*, com uma aparência tão perfeita que não parecia real.

Por que Nick queria se separar dela, se estava parando o trânsito daquele jeito?

Ainda faltava um detalhe.

Perfume.

Alice o encontrou no bolso com zíper na parte da frente da nécessaire. Passou nos pulsos e, de repente, teve que se segurar nas laterais da pia para não cair. O cheiro era de baunilha, tangerina e rosas. Sua vida inteira estava bem ali naquele perfume. Ela estava sendo sugada para um enorme turbilhão de tristeza e fúria, para o trim-trim-trim do telefone, para os gritos agudos cada vez mais altos de uma criança, para a tagarelice da televisão, e para Nick sentado na beirada da cama, inclinado para a frente com as mãos entrelaçadas na nuca.

— Com licença? — Alguém bateu na porta do banheiro. — Com licença. Você vai demorar muito? Estou apertada para fazer xixi!

Alice se ergueu devagar. Todo o sangue sumira do seu rosto. Será que ia vomitar de novo, como tinha feito ontem? Não.

— Desculpe! — gritou. — Só um segundo.

Ela colocou as mãos na pia e usou o sabonete líquido cor-de-rosa para esfregar com força os locais onde passara perfume. Conforme o cheiro simples e estimulante de chiclete de morango com desinfetante invadia suas narinas, a tontura ia passando.

Eu não lembro.

Eu não lembro.

Não vou lembrar.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Alice estava vestida me esperando quando fui buscá-la no hospital. Tinha olheiras escuras e olhos muito vermelhos, mas seu cabelo estava arrumado e a maquiagem, perfeita como sempre.

Estava com uma aparência tão normal que eu tive certeza de que sua memória devia ter voltado e de que aquele estranho interlúdio de nossas vidas chegara ao fim.

— Você se lembrou de tudo? — perguntei.

— Quase tudo — disse ela.

Alice não me olhou nos olhos e imaginei que estivesse envergonhada por causa do que dissera sobre Nick. Ela falou que tinha sido examinada pela médica, assinado todos os formulários e mal podia esperar para voltar para casa e se deitar na própria cama.

Alice não falou muito enquanto saíamos do hospital, e eu também não. Quando finalmente abriu a boca, estávamos no carro indo para casa e tive certeza de que ela ia começar a listar as inúmeras coisas que tinha para fazer naquele fim de semana e reclamar do tempo precioso que perdera no hospital. Em vez disso, ela perguntou:

— Quantos filhos você tem?

— Alice! — exclamei, quase girando o volante.

— Desculpe não ter perguntado ontem, acho que eu estava em choque. Pensei em ligar para mamãe e perguntar, mas não tinha certeza se o número dela ainda era o mesmo e aí pensei: "E se Roger atender?"

Eu disse que achava que ela havia recuperado a memória: ledo engano.

Comecei a insistir em voltar para o hospital e a perguntar se Alice tinha mentido para a médica com o intuito de receber alta e ela ergueu o queixo (igualzinha à Madison). Disse que, se eu a levasse de volta para o hospital, ia dizer que não fazia ideia do que eu estava falando, porque sua memória estava perfeita, e então o hospital precisaria decidir qual irmã estava maluca e ela apostava que seria eu, e eles iam me colocar numa camisa de força.

Eu disse que achava que eles não usavam mais camisa de força. (Usam, Dr. Hodges? Você tem uma de emergência na gaveta, pronta para alguma eventualidade?)

Alice cruzou os braços e se debateu, gritando:

— Socorro! Minha irmã é doida! Eu sou a normal!

Fiquei atônita. Ela estava sendo tão... boba. Igual à velha Alice.

Logo começamos a rir como duas crianças. Rimos sem parar enquanto eu dirigia até a casa dela, porque não sabia mais o que fazer. Foi muito estranho rir daquele jeito com Alice. Foi como sentir o gosto de algo delicioso que eu não comia havia anos. Tinha me esquecido daquela sensação embriagada e eufórica de morrer de rir. Nós duas choramos de verdade quando rimos muito. É uma característica que herdamos do nosso pai. Que engraçado. Tinha me esquecido disso também.

* * *

Depois de algum tempo, elas pararam de rir e ficaram em silêncio.

Alice se perguntou se Elisabeth comentaria sobre voltar para o hospital, mas ela não disse nada. Em vez disso, passou a ponta do dedo embaixo dos olhos para enxugá-los, fungou e esticou o braço para ligar o rádio do carro. Alice se preparou. Elisabeth gostava daquele heavy metal de bater cabeça que em geral só meninos adolescentes escutavam nas alturas dentro do carro e que deixava Alice com dor de cabeça. Mas o carro foi tomado por uma melodia lenta e uma voz feminina suave, como se elas estivessem num bar de jazz enfumaçado. O gosto musical de Elisabeth tinha mudado. Alice relaxou e olhou pela janela. As ruas de Sydney não pareciam muito diferentes do que ela lembrava. Será que aquele café sempre estivera ali? Aquele condomínio parecia novo, mas era bem possível que estivesse ali há vinte anos e ela nunca houvesse reparado.

O trânsito estava incrivelmente ruim e todos os carros pareciam iguais. Quando Alice era criança, achava que no ano 2000 todo mundo viveria numa era futurística espacial que incluiria até carros voadores.

Ela observou o perfil de Elisabeth. Sua irmã ainda exibia um sorriso depois do ataque de riso.

— Na noite passada — disse Alice —, sonhei de novo com aquela mulher de sotaque americano dizendo que o coração não estava batendo, só que dessa vez você estava presente. Tem certeza de que não se lembra disso?

O sorriso de Elisabeth desapareceu e suas bochechas, que estavam infladas e rosadas de tanto rir, pareceram sugadas para dentro. Alice se arrependeu de ter aberto a boca.

Por fim, Elisabeth disse:

— Isso aconteceu há seis anos.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Então contei tudo para Alice, como se fosse uma história. Para falar a verdade, de repente fiquei desesperada para contar, antes que ela lembrasse sozinha. Antes que pudesse esquecer aquilo, como um incidente triste, mas pouco importante, que ocorrera havia muito tempo.

O que aconteceu foi o seguinte, Dr. Hodges. Só para você saber.

Alice e eu engravidamos na mesma época. O nascimento do bebê dela estava previsto para exatamente uma semana depois do meu.

A terceira gravidez da minha irmã foi outro acidente, claro, algo complicado e típico da Alice (típico da velha Alice, não da versão nova e melhorada, que já vem com mãos feitas, pés feitos, depilada, maquiada e cabelo pintado), uma questão qualquer quando ela trocou de pílula.

Minha gravidez não foi um acidente. A mera ideia de uma gravidez acidental parece muito casual e despreocupada. É algo que me faz pensar em férias de verão, em beijar por horas, em pele macia e jovem e... sei lá, numa piña colada. Parece algo impossível para mim, não só por causa do meu maldito corpo, mas porque não tenho a personalidade certa. Não sou espontânea o bastante. Não me deixo levar pelo momento. Sinto vontade de perguntar às pessoas: "Por que vocês não usaram ANTICONCEPCIONAL?" Certa vez, Alice me contou que se ela tivesse esticado um pouquinho mais os dedos, teria alcançado a camisinha no fundo da gaveta da mesa de cabeceira e Madison nunca teria sido concebida. Achei isso tremendamente irritante, porque, afinal, não é muito difícil esticar os dedos, não é, ALICE?!

Ben e eu passamos dois anos tentando engravidar de forma natural. Tentamos tudo que todo mundo tenta. Medir a temperatura, montar a tabelinha, fazer acupuntura, tomar ervas chinesas, embarcar em viagens durante as quais você finge que não está pensando no assunto, comprar aqueles kits que usam sua saliva e formam uma figura bonita no formato de uma samambaia para mostrar que você está ovulando.

Mas o sexo ainda era bom. Veja bem, Dr. Hodges, isso foi antes que eu virasse um damasco seco, quando meu corpo era magro e musculoso. Embora às vezes eu notasse que Ben tinha a mesma expressão séria e determinada de quando está tentando consertar alguma coisa complicada no carro.

Fiquei chateada porque não conseguíamos engravidar, mas eu continuava otimista, porque era uma pessoa otimista. Lia muitos livros de autoajuda na época.

Até passava fins de semana em seminários para encontrar minha força interior, gritava e abraçava desconhecidos. Sim, eu acreditava. Se alguém me desse limões, eu fazia uma limonada. Eu pregava frases motivacionais no quadro acima da minha mesa. Aquela era minha montanha e eu estava pronta para escalar. (Sim, eu era cafona.)

Então tentamos a fertilização in vitro.

E engravidamos na primeira tentativa. Isso quase nunca acontecia! Ficamos radiantes. Zonzos de felicidade. Ríamos toda vez que nos olhávamos de tanta alegria. Era a prova de que pensar positivo funcionava! Era o milagre da ciência moderna. Nós amávamos a ciência. A boa e velha ciência. Amávamos nosso médico. Amávamos até as injeções diárias, que não tinham sido problema, não doíam e nem eram tão assustadoras assim. Os remédios não haviam me deixado *tão* rabugenta e inchada. Na verdade, o processo inteiro tinha sido interessante e divertido!

Sinto desprezo por quem éramos no passado e, ao mesmo tempo, tenho pena e um pouco de carinho, porque não sabíamos o que ia acontecer. (Afinal de contas, será que acho que todo mundo deveria levar uma vida pessimista, esperando o pior, para não ficar com cara de bobo?) Mal consigo suportar a lembrança de nós dois nos abraçando, chorando e ligando para dar boas notícias, como se estivéssemos numa série de comédia fútil. Chegamos até a discutir nomes. *Nomes!* Quero gritar comigo mesma anos atrás: "Só porque você está grávida, não significa que vai ter um bebê, sua idiota!"

Em algum lugar, existe uma foto minha com Alice, nós duas de costas uma para a outra, com as mãos na barriga, um gesto significativo. Estamos bonitas. Não estou dando aquele sorriso bobo com os dentes cerrados e Alice não está com os olhos fechados. Ficamos muito empolgadas quando descobrimos que nossos bebês estavam previstos para nascer com poucos dias de diferença. "Pode ser que nasçam no mesmo dia!", dissemos, perplexas com a coincidência. "Vão ser que nem irmãos gêmeos!", exclamamos. Íamos tirar uma foto naquela posição todos os meses para registrar o crescimento da nossa barriga. Fofo para cacete. (Desculpe o palavrão, Dr. Hodges. Por um instante, quis expressar minha raiva sem deixar de parecer descolada. Uma colherada de páprica para mim. Era isso que mamãe nos dava quando éramos crianças e falávamos palavrão, em vez de lavar nossa boca com sabão, porque ela achava isso anti-higiênico. Não consigo dizer "cacete" sem sentir gosto de páprica. Ben ri toda vez que eu falo palavrão. Não sei xingar direito. Alice também não. Tem a ver com a páprica. Acho que a gente fazia careta para se preparar para o gosto.)

Alice foi comigo na ultrassonografia de doze semanas, porque Ben estava em Canberra para uma feira de automóveis. Madison estava no jardim de infância e Tom foi com a gente, chupando um biscoito no carrinho, sentado bem empertigado e alerta, monitorando o mundo ao redor. Quando Tom era bebê, eu me apaixonei

completamente pela risada dele. Eu costumava fazer uma brincadeira clássica: ficava bem séria e, depois, inflava de repente as bochechas e mexia a cabeça que nem um cachorro. Tom achava hilário. Ficava me olhando com atenção, com os olhinhos brilhando e, quando eu balançava a cabeça, ele se recostava no carrinho e se sacudia todo, rindo, dando um tapa no joelho para imitar o pai de Nick, porque achava que era preciso fazer isso quando ria. Tom tinha dois dentinhos minúsculos na frente e o som da sua risada era tão delicioso quanto chocolate.

Alice levou o carrinho com Tom para o consultório e o deixou no canto, enquanto eu tirava a saia e me deitava. Eu não estava prestando muita atenção na mulher de cabelo ralo e sotaque americano que passava uma meleca gelada na minha barriga e digitava no computador, porque estava olhando para Tom, pronta para fazê-lo rir de novo. Ele me encarava de volta, seu corpinho já trêmulo de expectativa, e Alice tagarelava com a mulher de cabelo ralo sobre como elas preferem frio a calor, mas não frio demais, claro.

A mulher continuou digitando no computador enquanto esfregava a sonda de plástico de um lado para outro. Dei uma olhada rápida na tela e notei que meu nome estava no canto direito, acima daquela paisagem lunar que, aparentemente, estava relacionada ao meu corpo. Eu estava esperando que a mulher começasse a mostrar o bebê, mas ela continuou em silêncio, digitando e franzindo o cenho. Alice estava com os olhos fixos na televisão, roendo a unha. Olhei para Tom, arregalei os olhos, ergui o queixo e balancei a cabeça.

Ele se recostou no carrinho, tendo um ataque de riso, e enquanto ele ria a mulher disse: "Desculpe, mas o coração não está batendo." Tinha um leve sotaque do sul dos Estados Unidos, como Andie MacDowell.

Não entendi o que ela quis dizer, porque Ben e eu já tínhamos escutado o coração do bebê na primeira consulta com o obstetra. Era um som estranho e sobrenatural, feito cascos de cavalo debaixo d'água, e não parecia real, mas Ben ficou tão satisfeito quanto o nosso médico, e os dois sorriram para mim como se eu fosse a responsável. Achei que a mulher de cabelo ralo queria dizer que havia um problema na máquina, algo quebrado. Eu estava prestes a dizer, num tom educado: "Sem problemas." Mas então olhei para Alice, e ela deve ter entendido imediatamente, porque cerrara o punho, o enfiara na boca e, quando se virou para me encarar, seus olhos estavam vermelhos e cheios d'água. A mulher tocou meu braço com a ponta dos dedos e disse: "Sinto muito." Aos poucos passei a entender que algo terrível havia acontecido. Olhei para Tom, que estava roendo o biscoito e sorrindo, pensando *Ela vai fazer aquela coisa maluca de novo daqui a pouco!* e retribuí o sorriso, sem pensar. Então perguntei: "Como assim?"

Depois me senti culpada, porque não estava concentrada no meu bebê. Não devia ter brincado com Tom enquanto meu pobre bebê tentava fazer seu coração bater.

Achei que, de algum modo, sabia que eu não estava focada nele. Eu não devia ter desviado os olhos daquela tela. Devia ter ajudado meu bebê, pensando *Bata, bata, bata*.

Sei que isso é irracional, Dr. Hodges. Sei que não havia nada que eu pudesse ter feito.

Mas também sei que uma boa mãe teria se concentrado no coração do próprio bebê.

Nunca mais fiz aquela careta para Tom. Não sei se sua mente de bebê sentiu falta. Pobre Tomzinho. Pobre astronautinha perdido.

* * *

— Lembra? — perguntou Elisabeth. — Da mulher de cabelo ralo? Tom estava com a cara toda suja de biscoito. Era um dia muito quente e úmido e você estava usando calça cáqui e camiseta branca. Na volta para casa, teve que parar e colocar gasolina e, quando voltou para o carro, tanto Tom quanto eu estávamos chorando. Você tinha comprado um Twix no posto, partido em pedaços e distribuído. O homem que esperava para usar a bomba de gasolina buzinou e você enfiou a cara para fora da janela e gritou com ele. Fiquei orgulhosa por você ter gritado.

Alice tentou lembrar. Ela queria se lembrar disso. Seu esquecimento parecia uma traição a Elisabeth. Ela fez o maior esforço, como se fosse uma levantadora de peso, ofegante, tentando erguer algo imenso que estava emperrado em sua memória.

Alice se lembrou de um bebê rindo no carrinho, Elisabeth chorando no carro, um homem buzinando. Mas não tinha certeza se eram lembranças reais ou sua imaginação criando as cenas conforme a descrição de Elisabeth. Não pareciam lembranças, eram irreais e sombrias, e estavam fora de contexto.

— Lembrou agora? — perguntou Elisabeth.

— Talvez um pouco.

Alice não quis desapontá-la. Parecia tão esperançosa…

— Hum. Que bom. Eu acho.

— Sinto muito — disse Alice.

— Pelo quê? Não foi culpa sua. Você não se jogou de cabeça no chão da academia.

— Não, sinto muito pelo seu bebê.

DOZE

Alice tentou pensar na coisa certa a dizer. O mais óbvio seria perguntar: "Você tentou engravidar de novo?" Mas parecia que ela queria dizer: "Então, próximo assunto."

Ela deu uma olhada em Elisabeth. Sua irmã estava de óculos escuros, por isso Alice não enxergava seus olhos, e dirigia com uma das mãos enquanto usava a outra para esfregar compulsivamente a lateral do rosto.

Alice olhou pela janela e percebeu que estavam a apenas uma quadra de sua casa. Ela e Nick já tinham caminhado tantas vezes no fim da tarde por aquela área, parando para observar as casas dos outros e roubar ideias para a reforma deles. Isso tinha mesmo acontecido dez anos atrás? Não parecia possível. A lembrança era tão forte e normal que podia ter sido no dia anterior. Nick sempre cumprimentava primeiro as pessoas que encontravam caminhando pela vizinhança. "Que noite linda!", dizia bem alto com um entusiasmo constrangedor, então parava para conversar, como se tivesse encontrado um velho amigo, enquanto Alice ficava ali, sorrindo de nervoso, pensando *Por que estamos nos dando ao trabalho de falar com um bando de desconhecidos?* Mas ela sentia tanto orgulho da desinibição de Nick, da maneira como conseguia chegar a uma festa cheia de gente que eles não conheciam e dizer: "Oi, sou Nick. E esta é minha esposa, Alice." Ele parecia ter uma habilidade extraordinária, era como tocar um instrumento complexo que Alice nunca poderia sonhar em aprender. A melhor parte era que ela podia simplesmente segui-lo em qualquer evento social, e desse jeito as festas se tornaram ocasiões alegres e não uma tortura terrível: tanto que Alice chegou a se perguntar se costumava ser tão tímida assim. Mesmo quando Nick não estava bem ao seu lado, Alice sabia que, se a pessoa com quem estava conversando se afastasse, ela não ficaria à deriva no meio da multidão, poderia ir atrás de Nick com uma expressão determinada, e ele colocaria um braço ao redor do seu ombro e a incluiria tranquilamente no assunto.

Será que agora ela teria que voltar a frequentar festas sozinha?

Alice se lembrava do sofrimento que enfrentara quando seus relacionamentos anteriores terminaram. Durante os meses que se seguiram, era como se ela estivesse sem uma camada de pele. Se tinha se sentido assim por causa daqueles garotos sem

importância, como se sentiria depois de terminar com Nick? Estava muito aninhada no casulo formado pelo casamento dos dois. Achou que iria ficar ali para sempre.

Alice, que estivera olhando para baixo, brincando com a pulseira, ergueu o olhar e reparou que estavam entrando na Rawson Street. Conforme observava fileiras de liquidâmbar cheias de folhas e o carro à frente ligando a seta para a direita para indicar que ia virar na King Street, ela teve uma súbita sensação de horror. Seu coração disparou como se ela tivesse acordado no meio de um pesadelo. Alguma coisa agarrou seu pescoço e o apertou. Um medo aterrador a deixou grudada no banco.

Alice quis tocar o braço de Elisabeth para avisar que talvez estivesse morrendo, mas não conseguiu se mexer. Elisabeth freou e olhou para a esquerda e para a direita antes de entrar na King Street. Alice estava tendo um ataque do coração bem ali do lado e a irmã nem tinha percebido.

Elas dobraram a esquina e os batimentos cardíacos de Alice começaram a desacelerar. Ela voltou a respirar. Suspirou de alívio quando o ar entrou de novo em seus pulmões.

Elisabeth olhou para ela.

— Você está bem? — perguntou.

— Eu me senti muito, muito esquisita por um instante — disse Alice, com a voz aguda.

— Foi uma tontura? Porque podemos voltar para o hospital, se você quiser. Não tem problema nenhum.

— Não, não, já passou. Foi só... Não foi nada.

O medo desapareceu, deixando-a fraca e trêmula, como se ela houvesse acabado de sair de um brinquedo de parque de diversões. O que significavam essas sensações tão intensas? Primeiro sentira aquela tristeza inimaginável. Agora ficara aterrorizada.

Conforme desciam a rua de Alice e Nick, ela viu uma placa de "Vende-se" na casa bem em frente.

— Ih, os Pritchett vão vender a casa? — perguntou Alice.

Elisabeth deu uma olhada na placa e exibiu uma expressão estranha e inescrutável, mas logo disfarçou.

— Hum. Acho que faz anos que venderam. A família que comprou deles está vendendo agora. Bem... — Ela passou pela subida que levava à garagem de Alice e Nick e puxou o freio de mão. — Lar, doce lar.

Alice olhou pela janela e tapou a boca com a mão. Ela abriu depressa a porta do carro e pulou para fora. O cascalho branco rangeu sob seus pés. Cascalho branco!

— Ah! — disse Alice, em êxtase. — Olhe só o que a gente *fez*!

* * *

Eles viram a casa pela primeira vez num dia nublado de julho.

"Ai, ai", disseram os dois ao mesmo tempo ao parar o carro diante dela, mas então, depois de a observarem durante alguns segundos, fizeram "Huuuuummm?" num crescendo, que significava "Mas quem sabe não tem um charme?".

Era uma casa de dois andares em péssimo estado de conservação, com um telhado meio afundado, cobertores pendurados nas janelas em vez de cortinas e um gramado malcuidado que mais parecia um lixão. Estava triste e deteriorada, mas se olhasse bem, dava para perceber que já fora uma construção imponente.

A placa de "Vende-se" na frente dela dizia "Grande potencial!", e todo mundo sabia o que aquilo significava.

— Trabalho demais — disse Nick.

— Demais mesmo — concordou Alice.

Eles se olharam de soslaio, desconfiados. Saíram do carro e ficaram na rua tremendo de frio, esperando o corretor chegar. A porta da frente da casa abriu com um rangido e uma velhinha corcunda vestindo um suéter masculino, uma saia xadrez, meias compridas e tênis atravessou devagar o jardim em direção à caixa de correio.

— Ai, meu *Deus* — disse Alice, angustiada.

Já era ruim o suficiente ver um casal de meia-idade correndo até o carro para ir embora antes que você começasse a perambular pela casa deles e fazer comentários de desprezo sobre a escolha do carpete. Alice ficava com o coração partido ao ver as coisas que eles faziam na tentativa de vender a casa: flores frescas, bancos de cozinha molhados após terem sido vigorosamente esfregados, cafeteira e xícaras arrumadas de maneira específica na mesa de jantar para deixar o lugar mais acolhedor. Nick ria com escárnio quando as pessoas acendiam velas perfumadas no banheiro, porque era óbvio que não faziam aquilo todos os dias, mas Alice ficava emocionada com aqueles retoques esperançosos. "Não façam todo esse esforço só para *me* impressionar", ela queria dizer. E lá estava aquela velhinha trêmula de mil anos. Para onde iria naquele dia gélido enquanto eles olhavam sua casa? Será que se apoiara nos joelhos doloridos de artrite e esfregara o chão antes da hora da visita, que provavelmente nem ia comprar a casa?

— Oi! — gritou Nick.

Alice se encolheu atrás dele e disse:

— Shiu!

Nick a puxou para a frente e, como ela não queria fazer uma demonstração de luta greco-romana em público, foi obrigada a caminhar ao seu lado até se aproximar

da velhinha.

— Nós marcamos com o corretor aqui, ele deve estar chegando — explicou Nick.

A velhinha não sorriu.

— A visita está marcada só para as três — disse ela.

— Ai, não — retrucou Alice.

Estava mesmo se lembrando de alguém dizendo que o horário era às três, mas Nick e ela sempre se confundiam com essas coisas. ("Deus ajude se um dia vocês tiverem filhos", dissera a mãe de Nick certa vez.)

— Desculpe — disse Nick. — Então vamos dar uma volta de carro pela vizinhança. Parece linda.

— É mais fácil vocês entrarem logo — afirmou a senhora. — Eu mostro a casa melhor do que aquele safado sem-vergonha.

Sem esperar por uma resposta, ela se virou e foi voltando devagar para dentro da casa.

— Ela vai nos trancar em uma gaiola e nos engordar para depois nos comer — cochichou Nick no ouvido de Alice.

— Deixe uma trilha de migalhas de pão — sussurrou ela de volta.

Sacudindo o corpo enquanto tentavam conter o riso, eles seguiram obedientemente atrás da velhinha.

Havia dois leões de arenito imponentes no alto da escada que levava à varanda, protegendo a casa. Seus olhos pareceram seguir Nick e Alice quando eles passaram.

— Raaaaw — disparou Nick para a esposa, formando uma garra com a mão.

— Shiu! — exclamou Alice.

Lá dentro, a casa era melhor e pior do que eles esperavam. O pé-direito era muito alto e havia cornijas trabalhadas, detalhes no friso do teto e lareiras antigas de mármore. Nick chutou discretamente um pedaço do carpete para mostrar o assoalho de madeira original para Alice. Por outro lado, também havia um cheiro úmido que fazia o nariz coçar, imensos buracos no gesso, banheiros velhos demais e mofados e uma cozinha com linóleo da década de 1950 e um fogão que parecia peça de museu.

A velhinha fez os dois se sentarem diante de um aquecedor pequeno e simples e lhes trouxe xícaras de chá e um prato de biscoitos, recusando toda oferta desesperada de ajuda que Alice oferecia. Era uma tortura vê-la andando. Finalmente se sentou, trazendo um álbum de fotos velho e empoeirado.

— Cinquenta anos atrás a casa era assim — disse ela.

As fotos eram pequenas e em preto e branco, mas dava para ver que a casa já fora linda e majestosa, não o esqueleto carcomido que havia se tornado.

A velhinha apontou a unha amarelada para a foto de uma moça no jardim com os braços abertos.

— Essa sou eu, no dia em que nos mudamos.

— A senhora era tão bonita! — exclamou Alice.

— Era — concordou a velhinha. — Eu não sabia, claro. Assim como você não sabe como é bonita.

— Não sabe mesmo — concordou Nick, que estava comendo o terceiro biscoito velho como se não se alimentasse há um mês.

— Eu devia deixar esta casa para meus filhos e netos — disse a velhinha. — Mas minha filha morreu com trinta anos e meu filho não fala mais comigo, então coloquei a casa para vender. Quero duzentos mil por ela.

Nick se engasgou com o biscoito. O anúncio pedia mais de trezentos mil.

— O corretor vai dizer que quero muito mais, mas estou falando que se vocês oferecerem esta quantia, vou aceitar. Sei que provavelmente eu conseguiria mais de um investidor, que ia fazer uma reforma qualquer e passar adiante, mas queria vender para um jovem casal, que pretendesse reformar com calma e trazer lembranças boas para cá, como nos velhos tempos. Vivemos muitas coisas boas neste lugar. Mesmo que vocês não consigam sentir, as lembranças estão aqui. — Ela disse "lembranças" com certo nojo. — A casa poderia ser linda — continuou a velhinha, como se estivesse dando uma bronca neles. — *Deveria* ser linda. Basta jogar um pouco de cuspe e polir.

Mais tarde, no carro, eles ficaram sentados em silêncio, olhando para a casa.

— Basta jogar um pouco de cuspe e polir — repetiu Alice.

Nick riu.

— É, vai ter que jogar litros de cuspe e polir durante um ano.

— O que você achou? — perguntou Alice. — Vamos deixar para lá? A gente devia, não?

— Diz você. O que achou?

— Não, quero saber sua opinião antes.

— Primeiro as damas.

— Tudo bem — disse Alice.

Ela respirou fundo e observou a casa, imaginando paredes recém-pintadas, a grama cortada, uma criancinha correndo em círculos. Era loucura, claro. Eles demorariam anos para reformar tudo e não tinham dinheiro para isso. Os dois trabalhavam em tempo integral. Haviam decidido que *não* iam comprar uma casa que precisasse de algo além de consertos bobos.

— Eu quero esta casa — disse Alice.

— Eu também — concordou Nick.

* * *

Alice estava no paraíso. Para onde olhasse, havia algo novo e maravilhoso. Os enormes retângulos de arenito que iam até a varanda (ideia de Nick); as molduras de madeira das janelas, brancas e lustrosas, semicobertas por cortinas cor de creme; as buganvílias cor-de-rosa formando uma cascata em treliça na lateral da varanda (Alice podia jurar que tivera aquela ideia um dia desses. "Vamos tomar café da manhã ali e fingir que estamos numa ilha grega", dissera para Nick); e até a *porta da frente*, pelo amor de Deus, que eles finalmente rasparam e pintaram.

— Nós tínhamos uma lista — disse ela para Elisabeth. — Você se lembra da nossa lista? Eram três folhas inteiras com reparos que precisávamos fazer na casa. A lista tinha noventa e três itens. O nome era "O sonho impossível". O último tópico era "cascalho branco no jardim".

Ela se abaixou, pegou um pedaço de cascalho branco e o mostrou na palma da mão para Elisabeth. Será que haviam cumprido todos os itens da lista? Era simplesmente um milagre. Tinham realizado "O sonho impossível".

Elisabeth deu um sorriso cansado.

— A casa ficou linda. Espere só até ver lá dentro. As chaves devem estar na sua mochila.

Sem ter que pensar, Alice se inclinou e tirou um enorme molho de chaves de um bolso com zíper na lateral da mochila. O chaveiro era uma ampulheta em miniatura. Ela sabia onde estava, sendo que nunca o vira.

Alice e Elisabeth andaram até a varanda. Era linda e moderna. Alice viu um conjunto de cadeiras de vime com almofadas azuis (ela adorava aquele tom de azul) e havia um copo com suco até a metade em cima de uma mesa redonda com tampo de mosaico. Automaticamente, ela se aproximou e pegou o copo, jogando a mochila sobre um ombro só. Depois chutou algo e viu uma bola de futebol preta e branca. A bola rolou e bateu na roda de um patinete que estava caído de lado no chão e tinha fitas coloridas amarradas no guidão.

— Ah! — disse Alice, num pânico súbito. — As crianças. Elas estão aí?

— Estão com a mãe do Nick. É o fim de semana dele. Ele volta de Portugal amanhã de manhã. Então vai deixar as crianças aqui no domingo à noite, como sempre.

— Como sempre — repetiu Alice, num sussurro.

— Parece que é assim que vocês costumam fazer — disse Elisabeth, como se pedisse desculpas.

— Entendi.

Elisabeth pegou o copo de suco da mão de Alice, que não mostrou resistência.

— Vamos entrar? — perguntou ela. — Talvez seja melhor você se deitar um pouco. Ainda está muito pálida.

Alice olhou ao redor. Havia alguma coisa faltando.

— Cadê o George e a Mildred? — questionou.

— Não sei quem são esses aí — respondeu Elisabeth, no tom gentil que se usa para falar com uma pessoa maluca.

— Foram os nomes que demos para os leões de arenito — explicou Alice, indicando o espaço vazio na varanda. — A antiga proprietária deixou para a gente. Nós amamos os leões.

— Ah. Acho que me lembro desses leões. Mas você deve ter se livrado deles. Não são muito do seu gosto, Alice.

Ela não entendeu o que a irmã quis dizer. Ela e Nick nunca jogariam os leões fora. "Vamos dar um pulinho no mercado, George e Mildred", diziam eles ao saírem de casa. "Fiquem aí de guarda."

Nick devia saber. Ela ia perguntar para ele. Alice se virou e se preparou para abrir a porta, mas as fechaduras eram novas. Do lado de fora havia uma dourada de aparência bem sólida, mas seus dedos imediatamente encontraram a chave certa, abaixando a maçaneta e empurrando a porta com o ombro, num gesto muito repetido. Era extraordinário como seu corpo sabia fazer as coisas — o celular, a maquiagem, a fechadura — sem que sua mente se lembrasse de nada. Alice estava prestes a comentar isso com Elisabeth, quando viu o hall de entrada e ficou sem palavras.

"Muito bem, ouça o que vou dizer, porque sou um visionário", dissera Nick, de pé no hall mofado e escuro na primeira semana que passaram em casa, ainda em estado de choque (a mãe dele tinha *chorado* ao ver o lugar). "Imagine a luz do sol inundando o hall, através das claraboias que vamos colocar aqui, aqui e aqui. Imagine que todo este papel de parede saiu e que as paredes foram pintadas de um tom verde-claro. Imagine que este carpete foi para um lugar muito, muito distante, e imagine o assoalho de madeira polido, brilhando à luz do sol. Imagine um aparador com flores e cartas numa bandeja de prata — como se um mordomo as tivesse deixado ali —, um lugar para os guarda-chuvas e um *porta-chapéus*. Imagine fotos dos nossos filhos lindos por todo o hall, não aqueles retratos formais horríveis, mas fotos espontâneas na praia ou sei lá onde, cutucando o nariz."

Alice tentara imaginar, mas ela estava muito resfriada, e uma das narinas ardia tanto que seus olhos se encheram d'água. Ainda por cima, os dois tinham duzentos e onze dólares no banco e vinte minutos atrás haviam descoberto que iam precisar trocar toda a parte hidráulica de água quente da casa. Tudo o que conseguiu dizer foi: "Acho que a gente estava maluco." A expressão de Nick mudara por completo e ele respondera, desesperado: "Não diga isso, pelo amor de Deus."

E agora lá estava o hall exatamente como ele descrevera: a luz do sol, a mesa, o assoalho de madeira brilhando tanto quanto ouro. Havia até um cabideiro antigo e engraçado no canto, cheio de chapéus de palha, bonés e algumas toalhas de praia.

Alice seguiu devagar pelo hall, sem parar, tocando os objetos com a ponta do dedo, num gesto vago de carinho. Ela deu uma olhada rápida nas fotos: um bebê gordo engatinhando na grama e encarando a câmera com olhos enormes; uma criança loura de dois ou três anos rindo incontrolavelmente ao lado de uma menininha com roupa do Homem-Aranha e as mãos na cintura; um menino bronzeado e magrinho com um short de surfista molhado, sendo jogado para o alto com uma expressão de imensa alegria, o céu azul sem nuvens atrás, braços e pernas abertos, gotículas na lente de quando ele se esparramou na água transparente. Cada foto era uma lembrança que Alice perdera.

O hall levava ao que antes era a sala de estar minúscula onde a velhinha lhes oferecera chá e biscoitos. O plano deles era derrubar três paredes nos fundos — a ideia tinha sido de Alice, que desenhou num guardanapo da Domino's Pizza — para criar um imenso espaço aberto, onde daria para ver da cozinha o jacarandá no fundo do quintal. "Você não é o único visionário aqui", dissera a Nick. E lá estava, quase exatamente igual ao seu desenho, mas ainda melhor. Alice viu bancos compridos e brilhantes de granito na cozinha, uma geladeira *enorme* de aço inoxidável e vários eletrodomésticos complicados.

Elisabeth entrou na cozinha — como se fosse uma cozinha qualquer — e derramou o copo de suco na pia.

Alice largou a mochila no chão. Não era possível que aquela história de "divórcio" fosse séria. Como não ser incrivelmente feliz morando numa casa como essa?

— Não consigo acreditar — disse ela para Elisabeth. — Olhe ali! Eu *sabia* que uma persiana branca ia ficar perfeita naquela janela dos fundos. Nick queria uma de madeira. Mas pelo visto ele ganhou nos azulejos. E tenho que admitir que ele estava certo. Ah, e a gente encontrou uma solução para aquele canto esquisito! Isso! Perfeito! Hum, não sei se gostei daquela cortina ali.

— Alice — disse Elisabeth —, *alguma parte* da sua memória voltou?

— Ai, meu Deus! É uma piscina lá fora? Uma piscina de verdade? Sem ser de plástico? A gente ficou rico, Libby? Foi isso que aconteceu? A gente ganhou na loteria?

— O que você disse para os médicos lá no hospital?

— Olhe só o *tamanho* daquela televisão! Parece uma tela de cinema.

Ela sabia que estava tagarelando, mas não conseguia se controlar.

— Alice — chamou Elisabeth.

As pernas dela estavam bambas, então foi se sentar no sofá de couro marrom (que chique!) diante da televisão. Sentiu algo machucando sua perna. Pegou um brinquedo de plástico minúsculo de um homem com cara de assassino e uma metralhadora debaixo do braço. Colocou-o com cuidado na mesa de centro.

Elisabeth se sentou ao seu lado e lhe entregou uma folha de papel dobrada.

— Você sabe de quem é isso?

Era um cartão feito à mão com purpurina na frente e uma boneca de palitinho com uma expressão triste e um curativo na testa. Alice abriu e leu "Mamãe querida, melhoras. Com amor, Olivia."

— Da Olivia, claro — respondeu Alice, passando o dedo na purpurina.

— E você se lembra dela?

— Mais ou menos.

Ela não tinha qualquer lembrança de Olivia, mas sua existência parecia inquestionável.

— E o que você falou para os médicos lá no hospital?

Alice pressionou o machucado na parte de trás da cabeça, que continuava dolorido.

— Falei que algumas coisas ainda estavam confusas, mas que eu me lembrava da maioria — relatou ela. — Eles me indicaram um neurologista e disseram que, se os problemas sérios de memória persistirem, tenho que marcar uma consulta. Disseram que daqui a uma semana devo estar completamente normal. De qualquer maneira, acho que estou me lembrando de algumas coisinhas, sim.

— *Algumas coisinhas?*

A campainha tocou.

— Ah! — exclamou Alice. — Que linda! Eu odiava a campainha antiga!

Elisabeth ergueu as sobrancelhas.

— Eu atendo — disse, mas depois parou. — A não ser que você queira atender.

Alice a encarou, espantada. Por que Elisabeth não poderia atender a porta?

— Não, pode ir — respondeu ela.

Elisabeth sumiu no hall. Alice se recostou no sofá e fechou os olhos. Tentou imaginar como seria quando Nick deixasse as crianças ali na noite seguinte. O instinto natural dela seria jogar os braços em volta dele, como sempre fazia assim que ele voltava de uma viagem (tinha a forte sensação de que não o via há anos, como se ele tivesse passado semanas fora). Mas e se Nick ficasse parado, sem tocar nela? E se a afastasse gentilmente? E se a afastasse com um *empurrão*? Ele nunca faria isso. Por que ela estava considerando essa hipótese?

E "as crianças" estariam presentes. Andando por aí. Fazendo o que quer que crianças façam.

Alice sussurrou os nomes delas:

— Madison. Tom. Olivia.

Olivia era um nome bonito.

Será que ela ia contar para eles? "Desculpe, conheço a cara de vocês, mas não sei bem de onde." Não, ela não podia fazer isso. Seria aterrorizante para uma criança descobrir que a própria mãe não se lembrava dela. Teria que fingir até que sua memória voltasse. E voltaria, é claro. Em breve.

Teria que tentar falar com elas com naturalidade. Não com aquelas vozes alegres e falsas que as pessoas usam com crianças. Elas são espertas, iam reparar. Ai, meu Deus. O que ia *dizer* a elas? Aquilo era pior do que ter que pensar em assuntos apropriados antes de ir a uma daquelas festas assustadoras do trabalho de Nick.

Alice ouviu vozes se aproximando pelo corredor.

Elisabeth entrou, seguida por um homem empurrando um carrinho com três caixas de papelão imensas.

— Parece que são os copos — disse Elisabeth. — Para hoje à noite.

— Quer que deixe onde? — grunhiu o cara.

— Hum — respondeu Alice. — Para hoje à noite?

— Acho que aqui, na cozinha — indicou Elisabeth.

O homem ergueu as caixas e as colocou no banco.

— Assine aqui — pediu ele.

Elisabeth obedeceu. Ele arrancou uma folha de papel, entregou para ela e olhou rapidamente ao redor.

— Bela casa — elogiou.

— Obrigada! — exclamou Alice, radiante.

Alguém gritou da outra extremidade do hall:

— Entrega de bebida!

— Alice — disse Elisabeth —, por acaso você não lembra que vai dar uma festa hoje, não é?

TREZE

Elas folhearam juntas as páginas da agenda de Alice até chegar à daquele dia.

— Coquetel do jardim de infância — disse Alice, lendo. — Sete da noite. O que isso significa?

— Eu diria que significa receber os pais de todas as crianças da turma de Olivia — disse Elisabeth.

— Mas eu vou dar uma festa? Por que eu faria isso?

— Acho que você dá muitas festas desse tipo.

— *Acha?* Não tem certeza? Você não vem a todas as *festas desse tipo*?

— Bem, não. Isso é coisa da escola — explicou Elisabeth. — Só para mães. E eu não sou mãe.

Alice ergueu os olhos da agenda e perguntou:

— Não?

Elisabeth pareceu estremecer.

— Não. Não tive sorte com isso. Enfim, o que você vai fazer com relação a essa festa?

Mas Alice não queria saber da festa. De jeito nenhum iria dar o "Coquetel do jardim de infância".

— Pode me contar o que aconteceu? Por favor? — insistiu. — Você tentou engravidar de novo depois daquele aborto espontâneo?

Elisabeth desviou o olhar.

Observações sublimes de uma bisavó!

DorisdeDallas realmente me fez pensar quando comentou que não preciso de aspas para falar sobre a minha "filha" e a minha "neta".

Ela tem razão. Barb é minha filha. Elisabeth e Alice são minhas netas.

Quando o marido de Barb morreu, minha vida mudou para sempre. Antes disso, eles eram apenas a jovem família simpática que morava na casa ao lado. O pai era um homem bonito e alto que usava óculos. Um eletricista. Tirava o lixo para mim. Suas filhas o idolatravam. Eu me lembro perfeitamente das duas correndo até o portão com o rabo de cavalo balançando quando ele chegava em casa do trabalho.

Eu era solteira. A resposta à pergunta de Frank Neary (não faço ideia se você é mesmo o Frank Neary que foi meu aluno ou se é um impostor muito atrevido!) é que nunca me casei.

Lamento, mas partiram meu coração, como dizem por aí.

No entanto, pode acreditar que eu não era solitária ou frustrada. Eu tinha um trabalho que amava, amigos e "interesses". Não estava querendo formar uma família. Até que fiquei sabendo que o rapaz simpático da casa ao lado tinha morrido de ataque cardíaco. Que choque. Nunca vou me esquecer daquelas meninas saindo pela porta de casa no dia do velório do pai. Aqueles rostinhos pálidos, arrasados.

Certo dia, fui até a casa delas levar um ensopado e ficou claro para mim que Barb não conseguia lidar com a situação. Ela simplesmente tinha desistido de tudo. Havia perdido os pais quando era adolescente, e acho que sentiu o peso de todas as coisas ao mesmo tempo.

Adquiri o hábito de passar na casa delas todo dia à tarde. No começo, eu achava que era minha obrigação. Parecia a coisa certa a fazer. Depois, fiquei encantada com aquelas menininhas.

As duas achavam que precisavam virar adultas imediatamente.

Alice queria aprender a cozinhar. Eu lhe ensinei a fazer costelas grelhadas. Em poucas semanas, ela começou a fazer experimentos, a acrescentar temperos etc. Elisabeth estava mais interessada no funcionamento do mundo. "Como se arranja emprego?", me perguntava. "Como se abre conta no banco?"

Fiz o melhor que podia, mas às vezes ainda me pergunto como aquela época afetou as meninas. As duas vivem se esforçando para ter "a família perfeita". Não consigo deixar de imaginar que talvez seja uma tentativa de voltar àquele tempo inocente, antes de terem perdido o pai. Mas todo mundo gosta que as coisas sejam perfeitas, não é?

Nunca vou esquecer o dia em que Alice pediu que eu fosse à escola dela para participar do Dia dos Avós.

"Esta é Frannie. Ela mora na casa ao lado da nossa e é minha avó", disse à professora, e depois me olhou como se esperasse uma confirmação. Lembro que não consegui responder, porque estava tentando não chorar.

Esta é uma foto minha com Elisabeth e Alice. Foi no Natal seguinte à morte do pai delas (reparem no meu vestido "psicodélico" da década de 1970!). As duas se esforçaram muito para que aquele Natal fosse divertido para a mãe delas.

Que bênção que elas são!

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse:
Obrigada por compartilhar com a gente. Que crianças lindas. Tiveram sorte de ter você por perto. E você era bem bonita!

P.S.: Desculpe perguntar, mas quem partiu seu coração?

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Foi surreal ouvir Alice, com os olhos arregalados e um tom de voz muito cauteloso, perguntando se eu tinha tentado de novo. Eu quase ri. Fiquei na dúvida se era tudo teatro.

Faz muito tempo que não penso direito naquelas primeiras "perdas", como você disse, com a boca retorcida numa careta, como se estivesse com prisão de ventre. Eu meio que odeio essa sua careta, Dr. Hodges. Aposto que sua esposa também odeia. Quando a vejo, sempre penso no que mais eu poderia estar fazendo com as cento e cinquenta pratas que gasto com você. Lembra aquela sessão na qual você

quis que eu começasse a falar sobre as "primeiras perdas" (lá veio a careta) e suspirei de forma dramática e disse que achava que não ia conseguir? Na verdade, eu só estava muito irritada com a sua expressão.

No geral, agora penso nessas minhas "perdas" como itens do meu prontuário médico. Se um médico pede meu histórico, consigo citar cada procedimento, cada exame e cada decepção arrasadora sem qualquer tremor na voz, como se não significassem nada, como se tivessem acontecido com outra pessoa.

Então posso dizer "segundo aborto espontâneo no primeiro trimestre" sem piscar, e nem ao menos penso como foi e como me senti.

Eu gostaria que você soubesse que já perdi o episódio inteiro de *Grey's Anatomy*. Estou me esforçando para caramba nessa terapia. É uma pena que você não me dê uma nota. Você devia dar notas aos pacientes que precisam de aprovação.

Eu me lembro de como ficamos felizes quando engravidei de novo, porque, dessa vez, por algum motivo, conseguimos uma gravidez "natural".

Esse ia ser meu bebê de janeiro, previsto para nascer no dia dezessete (um dia depois do aniversário de Ben: imagine se nascesse um dia antes?! Mas, não, shiu, não diga isso em voz alta). Dessa vez, mantivemos a gravidez em segredo. Achamos que ter contado para todo mundo sobre o primeiro bebê tinha sido um erro de amador. Eu me imaginei anunciando a segunda gravidez com uma autoconfiança tranquila e madura depois do primeiro trimestre. Parecia um jeito mais adulto e confiante de lidar com aquilo. "Ah, não, não foi fertilização in vitro", eu diria, casualmente. "Foi uma gravidez *natural*." Dessa vez, não discutimos nomes e Ben não fez carinho na minha barriga todas as manhãs ao me dar um beijo e se despedir. Dizíamos coisas como "*Se* eu ainda estiver grávida no Natal" e sussurrávamos a palavra "bebê", como se nosso erro fosse ter tido esperanças, como se pudéssemos enganar os deuses e não deixar que notassem que estávamos tentando ter um filho às escondidas.

Dessa vez, Ben me acompanhou na primeira ultrassonografia e nós dois pensamos muito sobre o que vestir, como se estivéssemos indo para uma entrevista de emprego e as roupas pudessem fazer diferença. A mulher que fez o exame era bem jovem, australiana e um pouco rabugenta. Eu estava preocupada, mas, por outro lado, estava fazendo uma performance para as câmeras, se é que você me entende. Eu estava com os nervos à flor da pele, mas, no fundo, uma parte de mim estava gostando de testemunhar minha angústia: "Aaah, olhe só para ela cravando as unhas nas mãos quando se deita, coitadinha, tão traumatizada, sendo que É CLARO que o coração vai bater DESTA vez, porque esse tipo de coisa não acontece duas vezes. Eu já sentia o imenso alívio se aproximando. As lágrimas de alegria se acumulavam, prontas para jorrar, esperando apenas meu sinal. Eu estava preparada para mandar uma mensagem pungente de amor para o primeiro bebê, algo como: "Nunca vou esquecer você, vai ficar para sempre no meu coração." E então chegaria a hora de me

concentrar naquele bebê: nosso filho de verdade. O de Alice seria só alguns meses mais velho. Nós ainda poderíamos falar que eles eram gêmeos.

A menina rabugenta disse: "Sinto muito..."

Ben cerrou o maxilar com força e deu um passo para trás, como se alguém ameaçasse lhe dar um soco durante uma briga de bar e ele tentasse se esquivar.

Já ouvi tantos lamentos profissionais, Dr. Hodges. Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito. Sim, seus colegas médicos sentem muito. Será que algum dia você também vai dizer, num tom gentil, porém triste: "Sinto muito, mas não posso curar você. Talvez esteja na hora de considerar outras opções, como um transplante de personalidade."

Fiquei envergonhada por ter acontecido duas vezes praticamente da mesma forma. Senti que estava desperdiçando o tempo dos outros, sempre indo fazer ultrassonografias de bebês mortos. O quê? Você achou que tinha um bebê vivo aí dentro? Não seja ridícula. Você, não. Não é uma mulher de verdade, com essas tentativas ridículas de ser mãe. Tem mulheres lá fora com barrigas de grávida reais e bebês vivos que chutam e tudo.

Depois, senti que tinha sido um erro não contar sobre o bebê para a família, porque quis que eles soubessem do aborto, para que soubessem que o bebê tinha existido. Mas, quando contei para as pessoas, elas pareciam mais interessadas no fato de que mantive a gravidez em segredo. Sentiram-se enganadas. Fizeram comentários do tipo: "Ah, achei estranho quando você não bebeu no churrasco de Páscoa, mas você disse que não estava a fim." Ou seja, SUA MENTIROSA.

A mãe de Ben ficou ofendida. Duas vezes tivemos que usar cupons de desconto para levá-la para jantar no Black Stump, e só assim ela nos perdoou. Tudo parecia girar em torno da questão de eu ter escondido a gravidez, não de ter perdido o bebê. As pessoas não ficaram tão tristes quanto na primeira vez, mas como poderiam, se tinham acabado de saber da existência desse? Eu me senti ridiculamente protetora com meu bebê de janeiro, como se ninguém o amasse, como se ele não fosse tão bonito ou inteligente quanto o primeiro bebê.

Sei que era uma menina. Dessa vez, mandaram o "material fetal" para o laboratório e me disseram que era uma menina sem alterações cromossômicas. Falaram que sentiam muito e não entendiam por que eu tinha perdido o bebê. Afirmaram que havia muita coisa que não sabiam sobre abortos espontâneos, mas que, de acordo com as estatísticas, eu ainda tinha grande chance de ter um bebê saudável da próxima vez. Levante a cabeça. Tente de novo.

Uma semana depois da D&C (uma sigla muito alegre para algo tão horrível; nunca me senti mais desolada do que no acordo pós-cirúrgico depois do procedimento de dilatação e curetagem), fui visitar Alice no hospital para conhecer sua filhinha que tinha acabado de nascer. Claro, Alice disse que eu não precisava ir e

Ben falou que não queria que eu fosse, mas fui mesmo assim. Não sei por que, mas eu estava decidida a agir normalmente.

Fui a uma banca e escolhi um cartão brilhante de purpurina cor-de-rosa que dizia "Parabéns pela sua menininha linda". Fui à loja Pumpkin Patch e comprei um vestido minúsculo amarelo com borboletas bordadas espalhadas por todo o tecido. "Dá muita vontade de ter uma filhinha, não dá?", comentou a vendedora, entusiasmada.

Embrulhei o vestido em papel de seda cor-de-rosa, escrevi uma mensagem no cartão, dirigi até o hospital, encontrei uma vaga e segui pelos corredores com o presente debaixo de um braço e algumas revistas vagabundas de fofoca para Alice debaixo do outro. Durante todo esse tempo, eu me sentia um fantasma flutuando ao lado de mim mesma, impressionada. "Você está muito bem. Parabéns. Daqui a pouco acaba e você vai poder ir para casa ver televisão."

Alice estava sozinha no quarto, amamentando Olivia.

Os meus seios ainda doíam e ardiam. É tão mesquinho que seu corpo continue se comportando como se você estivesse grávida mesmo depois de o bebê ter sido raspado do seu útero.

"Ai, que *linda*!", falei para Alice, pronta para começar a ladainha que vem com a chegada de um recém-nascido.

Hoje em dia sou muito boa nisso. Semana passada, fui visitar uma amiga que tinha acabado de dar à luz seu terceiro filho, e tenho de admitir que minha performance foi perfeita. "Olhe só essas mãozinhas! Ah, os olhos/nariz/boca são iguais aos seus! É *claro* que quero segurar no colo!". Respire. Converse. Sorria. Não pense nisso, não pense nisso, não pense nisso. Devia ter uma categoria no Oscar para esse tipo de coisa.

Mas Alice nem me deixou começar a atuar.

Assim que me viu, ela esticou o braço que não estava segurando o bebê, exibiu uma expressão arrasada e disse: "Queria que fosse eu visitando você."

Eu me sentei na cama ao lado dela e deixei que me abraçasse. As lágrimas de Alice caíram bem em cima da cabecinha macia de Olivia, mas ela continuou sugando o peito da mãe como se sua vida dependesse disso. Essa menina sempre adorou comer.

Eu já tinha me esquecido desse dia, de como foi importante quando Alice chorou por minha causa de maneira tão genuína. Era como se estivesse tomando para si parte do meu sofrimento. *Tudo bem, eu consigo fazer isso, vou superar, vou ficar bem*, pensei.

Eu só não sabia que "isso" ia se repetir o tempo todo.

Huummm. Acho que acabei de perceber uma coisa importante nessa terapia de escrever diário. Mas nada de ficar metido a besta, Dr. Hodges. Eu não *reprimi* essa lembrança de Alice. Só não pensava nela há muito tempo. De qualquer forma,

parabéns, talvez isso sirva para alguma coisa, por mais que eu tenha acabado de perder um episódio "bombástico" de *Grey's Anatomy*.

Eu já estava mais resistente quando veio a próxima "perda".

* * *

— Você não está fingindo que não lembra só como estratégia, não é?

Alice teve a mesma sensação de receber um soco no estômago quando Nick gritara com ela ao telefone. Ele também tinha comentado algo sobre aquilo ser uma estratégia dela. Será que ela havia se transformado no tipo de pessoa que adotava estratégias?

— Que tipo de estratégia?

— Esqueça. Eu só estava sendo paranoica.

Elisabeth ficou de pé e foi até a cozinha. Ela parou diante da geladeira, que estava cheia de ímãs, avisos, fotos e desenhos de crianças.

— Será que tem um convite aqui para essa sua tal festa? — questionou ela.

Alice se contorceu no sofá enquanto observava a irmã. Sua cabeça estava doendo.

— Libby. Me explica. Que tipo de estratégia? Não estou entendendo. Às vezes, você fala comigo como se... Bem, é quase como se... você não gostasse mais de mim.

— Arrá! — exclamou Elisabeth, pegando algo da geladeira e trazendo para Alice. — Aqui está o convite. É para confirmar presença com outra mulher. Você deveria ligar para ela e perguntar se dá para mudar o local da festa.

Estendeu o convite para Alice, que ignorou. Elisabeth suspirou.

— Claro que eu ainda *gosto* de você. Não se preocupe com isso. Não precisa se preocupar com nada. Tome! A mulher se chama Kate Harper. Na verdade, acho que já ouvi você falar sobre ela. São grandes amigas, se não me engano.

Olhou para a irmã com expectativa.

— Nunca ouvi esse nome — disse Alice, perplexa.

— Tudo bem — retrucou Elisabeth. — Então, que tal se eu ligar para ela e você se deitar um pouco lá em cima? Está com a aparência de quem foi atropelada por um caminhão.

Alice observou o rosto ansioso e enrugado de Elisabeth.

Eu decepcionei você? Será que perdi você e Nick?

QUATORZE

Alice ficou parada no meio daquele quarto estranho, procurando alguma coisa — qualquer coisa — que pertencesse a Nick. Não havia sinal dele. Nenhuma pilha de livros ou revistas na mesa de cabeceira. Nick gostava de *thrillers* bem sangrentos (os dois gostavam, na verdade), livros históricos sobre guerras e revistas de negócios. Nenhuma pilha cilíndrica das moedas que ele tirava dos bolsos da calça todos os dias. Nenhuma gravata pendurada na maçaneta da porta. Nenhum tênis grandalhão e sujo. Nem mesmo uma meia solitária ou uma camiseta amassada.

Os dois eram bagunceiros. Em geral, suas roupas ficavam emboladas no chão, como se estivessem se abraçando. Às vezes, eles convidavam pessoas para visitá-los com o propósito de ter um incentivo para arrumar a casa numa correria frenética antes que elas chegassem.

Mas o carpete vinho-escuro (ela não se lembrava de tê-lo escolhido) estava impecável e tinha acabado de ser limpo com aspirador.

Alice se aproximou do armário. (Eles o encontraram tombado de lado diante da casa de alguém, para ser recolhido como entulho. Era outono, como agora, e eles afastaram uma camada de folhas secas e viram a madeira trabalhada do móvel.) Estava repleto de cabides pesados de madeira com lindas roupas que, presumivelmente, eram dela. Embora tenha sentido um prazer superficial ao tocar os tecidos luxuosos enquanto passava os cabides, torcia para ver uma camisa de Nick. Mesmo que fosse uma camisa sem graça, igual àquelas brancas de trabalho. Ela envolveria seu corpo com as mangas, como se fossem os braços dele. Enfiaria o nariz na gola.

Quando Alice fechou a porta do armário e deu uma olhada no quarto, percebeu que a aparência e o cheiro do cômodo eram essencialmente femininos. Na cama havia um edredom branco de renda e uma fileira de almofadinhas azuis lustrosas. Ela achou a cama lindíssima (para falar a verdade, era a cama dos seus sonhos), mas Nick teria dito que toda aquela beleza lhe causaria uma impotência instantânea, então, se fosse isso que Alice queria, tudo bem, mas ela estava avisada. Acima da cama havia a reprodução de um quadro de Margaret Olley com um pote de geleia cheio de flores. E Alice sabia que isso teria feito Nick estremecer como se estivesse enjoado. Na cômoda havia várias garrafinhas de vidro de cores diferentes ("Qual é mesmo o

propósito disso?", teria perguntado Nick) e um vaso de cristal com um enorme buquê de rosas.

Aquele era o quarto que Alice teria criado para si mesma se morasse sozinha. Ela sempre quisera colecionar lindas garrafinhas de vidro, porém achava que nunca faria isso.

Mas as rosas eram uma exceção. Alice lembrou que aquelas mesmas rosas haviam surgido em sua mente quando estava na ambulância ontem. Foi até a cômoda observá-las. Quem lhe dera aquilo? E por que as colocara no quarto, se detestava arranjos como aquele?

Havia um cartãozinho quadrado ao lado do vaso. Será que era de Nick? Será que Nick a queria de volta e tinha esquecido que ela não gostava de rosas? Será que era *uma estratégia* dele mandar rosas sabendo que ela ia odiar?

Ela pegou o cartão e leu: "Querida Alice, espero que a gente possa repetir aquilo um dia desses… Quem sabe no sol dessa vez? Dominick."

Ai, meu Deus, ela estava saindo com alguém.

Alice desabou no pé da cama com o cartão entre os dedos, atônita.

Sair com outros homens supostamente era algo do seu passado, não do seu futuro. Ela nunca gostou muito disso, aliás. A sensação de constrangimento e encurralamento quando os dois estavam sentados juntos no carro pela primeira vez; a possibilidade constante e aterradora de ficar com comida presa nos dentes; a exaustão e o tédio súbitos quando você se dava conta de que estava na sua vez de pensar num tópico para a conversa forçada. "E aí, o que você gosta de fazer no fim de semana?"

Ah, claro, nada melhor do que quando um encontro desses *dava certo*. Alice se lembrava da euforia dos seus primeiros encontros com Nick. Certa noite, eles viram os fogos de artifício em comemoração ao Dia da Austrália num bar em The Rocks. Ela estava bebendo um drinque imenso e cremoso enquanto Nick contava uma história sobre uma de suas irmãs. Ele era tão engraçado e sexy, o cabelo de Alice estava bonito, e os sapatos não machucavam seus pés. Havia raspas de chocolate flutuando no drinque e a mão de Nick massageava sua lombar. Ele sentiu uma felicidade tão grande que levou um susto, porque com certeza havia um preço a se pagar por tudo aquilo. (Será que esse era o preço? Tantos anos depois? Nick falando palavrões para ela do outro lado do mundo. Será que Alice finalmente recebera uma conta exorbitante?)

Sair com qualquer homem que não fosse Nick seria chato, constrangedor e idiota. Dominick. Que nome mais esquisito…

Numa fúria súbita, Alice pegou o cartão e o rasgou em pedacinhos. Como ela podia trair Nick daquele jeito, colocando aquelas flores em seu quarto?

E ainda havia aquele outro homem — o fisioterapeuta de Melbourne — que lhe mandara um cartão mencionando "tempos mais felizes". Quem era ele? Será que ela já estava no *segundo* relacionamento depois de terminar com Nick? Será que tinha se tornado uma *sirigaita*? Uma sirigaita com estratégias, que frequentava a academia, chateava sua irmã amada e oferecia *Coquetéis do jardim de infância*? Alice detestava a pessoa que tinha se tornado. A única parte boa eram as roupas.

Tudo aquilo teria que mudar. Ela traria as moedas, as meias e os tênis de Nick de volta para o quarto e tiraria aquelas rosas de lá.

Alice se deitou na cama. Elisabeth estava lá embaixo ligando para a tal da Kate Harper e tentando cancelar a festa.

Ela rastejou na cama, tirou a coberta e deslizou pelos lençóis limpos e novinhos, ainda de vestido vermelho.

Olhou para o teto (emassado e pintado, sem as manchas de água e as rachaduras, que pareciam nunca ter existido) e pensou naquele momento no banheiro do hospital quando parecia prestes a mergulhar de cabeça em todas as suas lembranças. Era como se houvesse resistido deliberadamente, se afastado da beirada, quando na verdade devia ter se libertado e se jogado. Seria muito mais fácil e menos confuso se conseguisse lembrar que diabo estava acontecendo em sua vida. Alice cheirou o pulso, onde passara o perfume que lhe dera a impressão de evocar tantas coisas, mas dessa vez só teve sensações confusas e meias lembranças inconsistentes e fugazes que se apagavam antes que ela ao menos tentasse defini-las.

Aquela não era a pior coisa que já tinha acontecido em sua vida, concluiu ela, enquanto o sono enevoava sua mente. Era só a mais ridícula.

* * *

Alice acordou e encontrou Frannie sentada na beirada da cama, segurando um presente.

— Oi, dorminhoca.

— Oi.

Alice sorriu, aliviada, porque Frannie estava exatamente com a aparência que devia estar. Usava uma blusa de botão cor-de-rosa que ela já vira muitas vezes — ou ao menos vira uma muito parecida — e uma calça cinza de alfaiataria. Suas costas estavam retas como uma vara. Ela parecia um pequeno elfo. O cabelo branco curto estava enfiado atrás das orelhas minúsculas, tinha uma pele branca e sedosa e usava óculos de gatinho com uma corrente dourada.

— Você não mudou nada — disse Alice com alegria. — Está igualzinha.

— Igualzinha a como eu era dez anos atrás? — perguntou Frannie, ajeitando os óculos no nariz. — Acho que não tinha mais espaço para rugas. Tome — disse, entregando o presente para Alice. — Você provavelmente não vai gostar, mas eu queria te dar alguma coisa.

Alice se sentou na cama.

— Claro que vou gostar — afirmou, desembrulhando um vidro de talco. — Adorei. — Ela abriu a tampa, colocou um pouco na palma da mão e cheirou. Era uma fragrância simples e floral que não a fez lembrar nada. — Obrigada.

— Como está se sentindo? — perguntou Frannie. — Você deu o maior susto na gente.

— Ótima. Confusa. Às vezes, sinto que estou prestes a me lembrar de tudo, outras vezes parece que é uma grande pegadinha e todos vocês estão fingindo que tenho trinta e nove anos quando sabem muito bem que ainda vou fazer trinta.

— Sei como é... — disse Frannie, pensativa. — Outro dia mesmo acordei achando que tinha dezenove anos. Fui ao banheiro, deparei com uma velhinha me olhando e levei um susto. Pensei: "Quem é essa bruxa velha e horrível?"

— Você não é nenhuma bruxa.

Frannie balançou a mão com desdém, querendo mudar de assunto.

— Bem, acho que você deve estar tendo um colapso nervoso. Não me olhe assim! Isso acontece, e você anda muito estressada. Com essa história de divórcio e tal...

— Ah, sim. *Por que* nós terminamos? — interrompeu Alice.

Não conseguia dizer "divórcio" em voz alta. Frannie não tentaria esconder nada dela. Diria tudo sem rodeios. Mas respondeu:

— Não faço a menor ideia. Isso é entre você e Nick. Só sei que vocês dois parecem decididos. Pelo visto, não existe nenhuma chance de reconciliação. Então todo mundo teve que fechar o bico e aceitar.

— Mas você deve ter uma opinião. Você sempre tem uma opinião!

Frannie sorriu.

— É, normalmente eu tenho, não é? Mas, nesse caso, não sei mesmo. Você não me contou nada. É muito triste para as crianças. Ainda mais essa história terrível de brigar pela guarda. Isso eu não aprovo *nem um pouco*, você sabe.

— Não sei, não. Não lembro.

— Ah. Bem, deixei minha opinião sobre o assunto bem clara. Clara demais, talvez.

— Você acha que consigo reconquistá-lo? — perguntou Alice.

— Quem? Nick? Mas você não quer reconquistá-lo — retrucou Frannie. — Na verdade, você conversou comigo na quarta e me disse que tinha acabado de receber flores de um novo pretendente. Parecia muito animada com isso.

Alice olhou com aversão para as rosas.

— Achei que você tinha dito que eu estava estressada — disse ela, irritada.

— Bem, você está estressada, mas ficou feliz com as flores.

Alice suspirou.

— E como *você* está, Frannie? Ainda mora ao lado da mamãe, não é?

— Não, querida — respondeu, dando tapinhas na perna de Alice. — Faz anos que decidi me mudar para um retiro de idosos. Logo depois que sua mãe foi morar com Roger.

— Ah. Bem, e você gosta de lá? É divertido?

— Divertido — repetiu Frannie. — É só isso que importa hoje, não é? Tudo tem que ser *divertido* e alegre.

— Hum, não tudo, óbvio.

— Você acha que tenho senso de humor? — perguntou Frannie, olhando para Alice com uma expressão surpreendentemente vulnerável.

— Claro que você tem senso de humor!

— E, me diga, qual sua opinião sobre a eutanásia?

Alice piscou, perplexa. Depois se empertigou, em pânico.

— Frannie, o que aconteceu? Você está doente?

— Não, não, estou totalmente saudável. Eu me interesso pelo assunto, só isso. Quero ficar informada. Quer dizer, na minha idade faz sentido saber quais são as opções, não faz? O que tem de tão estranho nisso? É um assunto que precisa ser discutido!

Ela estava quase agitada.

— Concordo, mas... Você tem *certeza* de que está bem? Por que pensaria sobre isso se não está doente?

Frannie suspirou e sorriu. Ela não costumava sorrir muito, por isso, quando o fazia, era como se lhe presenteasse.

— Juro que não estou doente. Só... *interessada*. Venha, vamos descer. Sua mãe está preparando o almoço.

Enquanto elas desciam a escada, Alice observou Frannie de perto. Ela parecia mais frágil, sim. Segurou o corrimão com bastante força.

— Alice, querida! Eu estava indo buscar você!

— Tudo bem, Roger? — perguntou Alice, horrorizada ao vê-lo diante da escada.

A presença dele parecia completamente fora de contexto sem Nick. Era o tipo de visita para a qual você se planejava (ou para a qual reunia coragem), não alguém que olhava para você com intimidade parado ao pé da escada, como se estivesse em casa.

— Estou pronto para a luta! — exclamou Roger, com sua voz ribombante. — Estamos preocupados com você!

Quando Alice terminou de descer a escada, Roger a pegou pelo cotovelo e a levou para a sala de estar, apertando sua lombar com as pontas dos dedos.

— Dormiu bem? — perguntou a mãe dela, saindo da cozinha e limpando as mãos num pano. — Tenho certeza de que descansar é o melhor remédio. Aposto que já se lembrou de tudo, não é? — Barb não esperou uma resposta e continuou: — Frannie, querida, qual cadeira é mais confortável para você? Aqui não tem corrente de ar, tem?

— Não se incomode com isso, Barbara! — disse Frannie, irritada, enquanto Barb a ajudava a se sentar.

Graças a Deus, a mãe de Alice não estava mais usando a mesma roupa exótica de dançar salsa do dia anterior, e sim uma camiseta muito decotada e uma calça capri. Seu cabelo estava preso num rabo de cavalo estiloso. Alice observou, fascinada, sua mãe inclinar a cabeça para Roger de um jeito sedutor.

— Fiz uma salada de atum deliciosa para o almoço. Escolhi o cardápio especialmente para você, Alice, porque peixe faz bem para o cérebro. Roger e eu tomamos óleo de peixe todos os dias, não é, benhê?

Benhê. Sua mãe tinha acabado de chamar Roger de benhê.

Ele não parecia ter mudado nada nos últimos dez anos. Continuava bronzeado, educado e metido. Plástica? Alice achava que ele não era capaz disso. Estava usando uma camisa polo cor-de-rosa com uma corrente de ouro aninhada nos pelos grisalhos do peito. Sua bermuda era um pouco apertada demais, deixando à mostra as pernas morenas e musculosas.

Quando Barb se virou para voltar à cozinha, Roger lhe deu de brincadeira um tapinha nada discreto no bumbum. Horrorizada, Alice desviou o olhar. (Ela lembrou que Roger tinha um colchão d'água e certa vez comentara que "as mulheres adoram".)

Frannie deu uma risadinha e colocou a mão sobre a de Alice, num gesto de solidariedade. Alice se distraiu examinando a mesa comprida de pinho à sua frente. Havia sonhado com aquela mesa no hospital. Nick estava sentado ali, enquanto ela limpava a cozinha. Ele fez um comentário sem sentido. Qual era?

Elisabeth entrou na sala, colocou a bolsa no ombro e disse:

— Tenho que ir.

— Aonde você vai? — perguntou Alice, desesperada, porque precisava de apoio para lidar com Roger e a mãe. — Vai voltar?

Elisabeth a olhou de maneira estranha.

— Vou almoçar fora. Depois posso voltar para cá, se quiser.

— Com quem? — perguntou Alice, tentando segurá-la por mais tempo. — Com quem você vai almoçar?

— Com algumas amigas — respondeu Elisabeth, evasiva. — Bem, preste atenção no telefone, porque deixei três recados para essa tal de Kate Harper sobre a festa de hoje à noite, mas ela ainda não retornou a ligação. — Olhou para Alice. — Você está muito pálida. Acho que devia voltar para a cama depois do almoço.

— Ah, eu concordo! — exclamou a mãe delas, saindo da cozinha com uma saladeira de vidro. — Vou colocá-la na cama depois do almoço, pode deixar. Ela precisa estar completamente recuperada antes que aqueles danadinhos voltem.

Alice olhou para a enorme saladeira de vidro nas mãos da mãe e, sem que soubesse por que, o nome "Gina" surgiu em sua mente.

É sempre a Gina. Gina, Gina, Gina, Gina.

Isso. Foi isso que ela lembrou, ou sonhou, que Nick dissera na mesa.

— Quem é Gina? — perguntou Alice.

Todos ficaram completamente imóveis e mudos.

Frannie pigarreou. Roger olhou para o chão e brincou com a corrente em volta do pescoço. Barb ficou paralisada na entrada da cozinha e pressionou a saladeira na barriga. Elisabeth mordeu o lábio com força.

— Então, quem é? — perguntou Alice.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Tenho pensado bastante em como eu me sentiria se perdesse dez anos de memória e quais aspectos da minha vida atual me deixariam surpresa, feliz ou aborrecida.

Dez anos atrás, eu nem tinha conhecido Ben. Então ele seria um estranho para mim. Um estranho grandalhão, peludo e assustador dormindo ao meu lado. Como eu poderia explicar para a versão mais antiga de mim mesma que, sem querer, me apaixonei por um gigante tímido que trabalha como designer de letreiros neon e é apaixonado por carros? Antes de conhecer Ben, eu era uma dessas meninas com uma ignorância deliberada e feminina em relação a carros. Eu os descrevia só pelo tamanho e pela cor. Um carro branco grande. Um carro azul pequeno. Agora conheço as marcas e os modelos. Assisto ao Grand Prix. Às vezes, até folheio revistas sobre carros.

Você gosta de carros, Dr. Hodges? Parece mais o tipo de cara que se interessa por galerias de arte e por ópera. Já vi que tem uma foto da esposa e dos dois filhos pequenos em cima da sua escrivaninha. Olho secretamente para essa foto em toda sessão, enquanto você está fazendo meu recibo. Aposto que sua esposa não teve o

menor problema para engravidar, não é? Você já agradeceu aos céus por não ter se casado com uma mulher com problemas reprodutivos como eu? Você olha com carinho para aquela foto quando estou saindo do consultório e pensa "Graças a Deus que minha esposa é boa parideira"? Se fizer isso, tudo bem. Com certeza é inato, uma questão biológica um homem desejar uma mulher que possa lhe gerar filhos. Certa vez, comentei isso com Ben. Eu disse que, no fundo, ele devia se ressentir de mim e eu entendia isso. Ele ficou muito irritado. Nunca o vi tão irritado. "Não repita isso", disse. Mas aposto que ele ficou irritado porque sabia que era verdade.

Antes de conhecer Ben, eu preferia caras sagazes e bem-sucedidos. Nunca tinha saído com um homem que tem uma caixa de ferramentas. Uma caixa de ferramentas suja e surrada, cheia de chaves de fenda e coisas assim. É constrangedor o quanto fiquei excitada na primeira vez que vi Ben escolhendo uma chave inglesa grandona e engordurada na caixa de ferramentas. Meu pai tinha uma caixa de ferramentas. Então, talvez, meu subconsciente estivesse esperando um homem com uma caixa dessas. Aposto que você não tem uma caixa de ferramentas, não é, Dr. Hodges? É, eu sabia que não.

Eu achava que um dos principais pré-requisitos para um homem é que ele ficasse à vontade em jantares formais. Como o Nick de Alice. Mas Ben é uma tragédia nessas situações. Sempre parece grande demais para a cadeira. Faz uma expressão de quem está encurralado. É como se eu estivesse acompanhada de um enorme chimpanzé amestrado. Às vezes, ele fica bem se encontrar outro homem (ou mulher, porque não é chauvinista) que saiba conversar sobre carros, mas, em geral, ele detesta esses eventos e suspira fundo de alívio quando entramos no carro para ir embora, como se houvesse acabado de sair da cadeia.

É engraçado. Passei todos aqueles anos enlouquecida com mamãe e Alice e o pânico que elas tinham de eventos sociais. "Ah, *não*!", diziam num tom trágico, e eu achava que alguém tinha morrido, mas elas só haviam sido convidadas para uma festa ou um almoço em que não conheciam quase ninguém. Então usavam todas as estratégias para tentar não ir ao tal evento, todo o drama e a *solidariedade* que tinham uma com a outra. "Ah, coitadinha de você! Vai ser horrível! Não pode ir de jeito nenhum." Eu não suportava isso, mas acabei me casando com um homem que acha que socializar é algo a ser suportado. Não que Ben seja tímido como elas eram. Não fica com o estômago embrulhado nem sofre se perguntando o que os outros pensam dele. Na verdade, acho que nunca se dá ao trabalho de pensar em sua aparência ou em seus modos. É um homem sem vaidades. Só não gosta de falar. Não tem qualquer habilidade para sustentar uma conversa fiada. (Mamãe e Alice gostavam de falar, *sim*, e estavam, *sim*, interessadas em conhecer outras pessoas. Na realidade, eram mais sociáveis do que eu. Mas a timidez as impedia de serem extrovertidas como de fato eram. Pareciam atletas presas em cadeiras de rodas.)

No fim das contas, Ben e eu não vamos mais a muitos jantares formais. Não suporto essas coisas. Também perdi a habilidade de conversar. Escuto as pessoas falando sobre sua vida interessante e plena. Estão treinando para maratonas, aprendendo japonês, acampando com as crianças e reformando o banheiro. Eu já tive uma vida assim. Era interessante, ativa e informada. Mas minha vida atual consiste em três coisas: trabalhar, ver televisão e fazer fertilização in vitro. Não tenho mais histórias engraçadas para contar. As pessoas perguntam: "O que você anda fazendo, Elisabeth?" E eu preciso me controlar para não dar minha ficha médica completa.

Agora entendo por que pessoas muito doentes ou muito velhas são tão compulsivas quanto a falar sobre saúde. Minha infertilidade ocupa cada cantinho da minha mente.

Como as coisas mudaram... Agora sou a pessoa que resmunga ao ouvir uma voz alegre ao telefone me perguntando se estou livre no próximo sábado, enquanto Alice oferece coquetéis e mamãe dança salsa três noites por semana.

Alice não consegue acreditar que tem três filhos. Eu não teria sido capaz de acreditar que não tenho nenhum. Nunca imaginei que teria dificuldade em engravidar. Claro que ninguém imagina. Isso está longe de me tornar única. A questão é que *realmente* esperei muitos outros problemas médicos. Nosso pai morreu de ataque cardíaco, então a mais leve azia me assustava. Perdi dois avós de câncer em lados diferentes da família, então estou sempre alerta, esperando as células cancerosas atacarem. Durante bastante tempo, morri de medo de ser acometida por uma doença de neurônio motor, só porque li um artigo muito comovente sobre um homem que sofria com isso. Ele percebeu que estava com algum problema quando seus pés começaram a doer no campo de golfe. Sempre que eu sentia uma pontada no pé, pensava: *Lá vem*. Comentei sobre o artigo com Alice e ela também começou a ficar preocupada. Tirávamos os sapatos de salto alto, massageávamos os pés doloridos e discutíamos sobre como lidaríamos com uma cadeira de rodas, enquanto Nick revirava os olhos e dizia: "Vocês duas estão falando sério?"

Alice é o outro motivo pelo qual eu não esperava a infertilidade. Nossa saúde sempre foi muito parecida. Durante o inverno, nós duas ficamos com uma tosse seca irritante que demora exatamente um mês para passar. Temos joelhos fracos, vista ruim, uma leve intolerância à lactose e dentes excelentes. Como ela nunca teve problema para engravidar, achei que eu seria assim também.

Então é culpa de Alice eu nunca ter passado um tempo apropriado me preocupando com infertilidade. Se tivesse feito isso, teria me certificado de que não aconteceria comigo. Não vou mais cometer esse erro. Agora, todos os dias, eu me lembro de me preocupar que Ben pode morrer num acidente de carro a caminho do trabalho. Em intervalos regulares, me preocupo com os filhos de Alice, repassando

uma lista de todas as doenças terríveis que costumam aparecer na infância. Antes de dormir, me preocupo com a possibilidade de alguém que amo morrer durante a noite. Toda manhã, me preocupo que alguém que conheço possa morrer num ataque terrorista. Isso significa que os terroristas venceram, diz Ben. Ele não entende que estou combatendo os terroristas ao me preocupar com eles. É minha guerra ao terror pessoal.

Foi uma piadinha, Dr. Hodges. Às vezes, parece que você não entende minhas piadas. Não sei o motivo, mas quero que você ria. Ben me acha engraçada. Dá uma risada explosiva e súbita das minhas piadas. Pelo menos, fazia isso na época em que eu não era uma chata obcecada que só sabe falar sobre um assunto.

Acho que seria sensato discutir essas minhas preocupações numa de nossas sessões, pois obviamente é só uma superstição idiota e, ainda por cima, infantil. Como se eu fosse o centro do universo e o que penso pudesse fazer diferença. Mas já imagino todos os comentários astutos e as perguntas perspicazes que você faria, tentando me fazer chegar àquele momento eureca, em que me dou conta de algo importante. O processo todo me parece enfadonho e sem sentido. Não vou parar de me preocupar. Gosto de me preocupar. Venho de uma longa linhagem de preocupados. Está no meu sangue.

Só quero que pare de doer, por favor, Dr. Hodges. Por isso pago essa grana toda para você. Quero me sentir normal de novo.

Perdi o foco na questão. A questão é que fico imaginando como seria se eu perdesse a memória. Se batesse a cabeça, acordasse e descobrisse que é 2008, fiquei gorda, Alice emagreceu e eu me casei com um cara chamado Ben.

Eu me pergunto se me apaixonaria por Ben outra vez. Seria legal. Lembro que aconteceu devagar, sem que eu notasse, como aquele cobertor elétrico terrivelmente lento que costumava aquecer meus lençóis gelados de forma quase imperceptível, segundo a segundo, até eu pensar *Ei, já faz um tempo que não tremo de frio. Na verdade, está quentinho. Deliciosamente quentinho*. Foi assim com Ben. Eu fui de "Não devia dar corda para esse cara, porque não tenho interesse nenhum nele" a "Até que ele não é feio" a "Eu meio que gosto da companhia dele" a "Na verdade, sou louca por ele."

E me pergunto se Ben tentaria me proteger das más notícias, assim como nós, que estamos evitando determinados assuntos com Alice. Ele mente muito mal. Eu perguntaria: "Quantos filhos nós temos?" Coçando o queixo, pigarreando e desviando o olhar, ele murmuraria: "Não tivemos muita sorte com isso."

Mandona que sou, eu insistiria em saber todos os detalhes, e Ben ia acabar contando tudo.

"Nos últimos sete anos, você engravidou três vezes através da fertilização in vitro e duas vezes por meios naturais. Nenhum desses bebês teóricos se tornou um bebê

real. Você chegou no máximo a dezesseis semanas, e esse caso nos deixou tão destroçados que achamos que nunca mais nos recuperaríamos. Você também já fez oito ciclos de fertilização in vitro que não resultaram em gravidez. Sim, isso mudou você. Sim, mudou nosso casamento e o relacionamento com sua família e seus amigos. Você é uma pessoa raivosa, amarga e, francamente, muitas vezes é um pouco estranha. No momento, está fazendo terapia depois de um incidente constrangedor num café. Sim, tudo isso custou muito dinheiro, mas preferimos não pensar em números."

(Na verdade, Dr. Hodges, eu sofri seis abortos espontâneos. Mas Ben não sabe disso. Só cheguei a cinco semanas, então nem valeu. Ele tinha viajado para pescar com um amigo, e eu só fiz o teste de gravidez um dia antes, mas já no dia seguinte comecei a ter sangramento e acabou. Ele estava tão feliz, sujo e bronzeado quando voltou da pescaria, que não tive coragem de contar. Foi só mais um bebê teórico perdido. Só mais um minúsculo astronauta à deriva no espaço.)

Então, o que eu diria depois de Ben me contar essa longa história triste?

Bom, a questão, Dr. Hodges, é que me lembro da pessoa decidida e ativa que eu era, e a princípio pensei que eu teria uma mensagem encorajadora do tipo "continue tentando". Afinal, eu era a mulher que costumava começar o dia olhando para um quadro com a foto de uma montanha nevada e a frase de Leonardo da Vinci: "Obstáculos não podem me destruir. Cada obstáculo cede diante de uma grande determinação."

Boa, Leonardo.

Porém, quanto mais penso sobre isso, mais certeza tenho de que não diria nada para me motivar.

É bem possível que eu desse um tapa nos joelhos e dissesse: "Parece que está na hora de desistir."

QUINZE

Foi a mãe de Alice quem finalmente quebrou o silêncio.

— Gina era sua amiga — disse ela, colocando a saladeira na mesa sem encarar a filha. — Na verdade, acho que esta saladeira foi um presente da Gina. Deve ter sido por isso que você pensou nela.

Alice observou a saladeira e depois fechou os olhos. Viu um papel amarelo amassado. Sentiu gosto de champanhe. Talvez tenha escutado uma risada feminina. E mais nada.

Ela voltou a abrir os olhos. Todo mundo a encarava.

— Bem, tenho mesmo que ir — disse Elisabeth, olhando o relógio.

Todos se mexeram, aliviados.

— Acho que estacionei na frente do seu carro! — exclamou Roger num tom alegre, tirando um molho de chaves do bolso e se levantando num pulo.

— Não se esqueça de prestar atenção porque Kate pode ligar — disse Elisabeth, saindo depressa da sala de marcha a ré. — Ou vai ter que dar a festa.

— Vou me despedir de você lá fora — disse Barb, seguindo pelo corredor atrás de Elisabeth, evidentemente querendo ter uma conversa particular com ela.

Quando ela e Frannie ficaram sozinhas, Alice pegou um tomate-cereja da salada e perguntou:

— Então, de onde conheço essa tal de Gina?

— Ela morava aqui em frente — disse Frannie. — Acho que eles se mudaram pouco antes de Olivia nascer. Você não tem nenhuma lembrança dela?

— Não... Ela não mora mais aqui em frente?

Frannie fez uma pausa. Parecia estar pensando na coisa certa a dizer.

— Não — respondeu. — A família voltou para Melbourne. Não faz muito tempo.

De repente, Alice entendeu.

Tinha acontecido alguma coisa entre Nick e essa tal de Gina. Aquilo explicava tudo. Por isso todo mundo estava tão constrangido.

Gina. Isso. Aquele nome definitivamente estava associado a um sofrimento terrível.

Por que ela achava que era imune à infidelidade? Acontecia o tempo todo. Era uma daquelas coisas cafonas de novela que sempre pareciam vagamente cômicas quando era com os outros, mas devastadoras se aconteciam com você.

Alice pensou na pobre Hillary Clinton. Imagine se o mundo inteiro soubesse que seu marido tinha traído você de maneira tão *desleixada*. Se Bill Clinton podia cair em tentação (e era de se esperar que o cargo de presidente dos Estados Unidos fosse o tipo de emprego que mantinha alguém bastante ocupado), então podia muito bem acontecer com Nick.

Afinal, eles já estavam casados há mais de dez anos, percebeu Alice, chocada. Talvez Nick tivesse enfrentado uma leve crise dos sete anos (o que era quase um fenômeno médico, então ele não tinha culpa, na verdade) e aquela mulher horrível e manipuladora houvesse se aproveitado para seduzi-lo.

Aquela piranha.

Ele provavelmente estava bêbado. E devia ter sido só uma vez. Numa festa, talvez, Nick deu um beijo nela (um beijo rápido! Nada de mais!) e Alice teve uma reação exagerada. Nick pediu desculpas, mas ela se recusou a aceitar (burra!) e agora eles estavam se divorciando por causa disso. Era tudo culpa de Alice. E de Gina.

Ela devia ser muito bonita.

Pensar na beleza de Gina e em Nick considerando-a bonita provocou em Alice uma dor tão aguda que ela gemeu alto.

— Você está lembrando? — perguntou Frannie, ansiosa.

— Acho que sim — respondeu Alice, massageando a testa.

— Ah, querida — disse Frannie.

E, quando Alice ergueu a cabeça e viu a expressão de pena de sua avó, soube que tinha sido muito mais que só um beijo.

Como você pôde fazer isso, Nick?

Ela não ia correr para abraçá-lo no domingo à noite. Ia socar seu peito. Como ele podia fazê-la se sentir tão segura naquele relacionamento, tão *presunçosa*, tão confortável, e depois ser mau a ponto de arrancar tudo dela? Deixá-la com cara de idiota?

Por outro lado, Hillary estava disposta a apoiar o marido enquanto analisavam *manchas do sêmen dele no vestido de outra mulher*.

Alice se deu conta de que a essa altura o caso de Monica Lewinsky já devia ser notícia velha. Ela se perguntou se o casamento dos Clinton tinha sobrevivido.

O telefone tocou.

Alice se levantou automaticamente e foi atender.

— Alô?

— Alice? É Kate! Eu estava fazendo um milhão de coisas e só agora ouvi os recados da sua irmã! Fiquei tão *preocupada* quando vi você na academia ontem de

manhã! Contei para todo mundo, e ia te ligar, mas ando *enlouquecida*, como você bem sabe, e aí Melanie disse que viu você rindo dentro de um carro no sinal da Roseville, então pensei *Ufa, ela está bem!* Mas aí sua irmã vem me dizer que acha que você não está bem o suficiente para dar a festa…

Alice reconheceu aquele sotaque exageradamente esnobe. Era a loura chique que tinha visto na academia logo antes de vomitar em cima dos sapatos de George Clooney.

— Ah — disse Alice.

— Claro que em geral eu diria que não tem problema algum! Poderíamos fazer aqui! Mas com as reformas e a mãe do Sam hospedada aqui é literalmente, fisicamente *impossível*. Olha só, você não precisa fazer nada hoje à noite, se ainda estiver com uma dorzinha de cabeça. Juro. Vou cuidar de tudo. Tenho que admitir que também não estou muito bem, mas é só uma gripe. Melanie me disse: "Você é uma heroína, Kate, como é que pode?" Mas respondi: "Não, Melanie, não sou uma heroína, sou só uma mulher *exausta* fazendo tudo o que está ao seu alcance." Sam acha que preciso aprender a dizer não e a parar de ajudar todo mundo, mas não consigo, sempre fui assim. Bem, mas como falei, se sua cabeça está doendo, prometo que você pode ficar com os pés para cima hoje à noite e todo mundo vai correndo levar o que você quiser beber. Porque, afinal, você não vai ter que fazer comida nem nada.

Uma inércia estranha tomou conta de Alice enquanto Kate falava. Será que aquela mulher era mesmo sua *amiga*? Alice supunha que ninguém gostaria de conversar com ela por mais de cinco minutos. Ela preferia um milhão de vezes a franqueza rabugenta de Jane Turner à simpatia falsa e cheia de alfinetadas daquela mulher.

— Ah, tudo bem — disse ela.

E daí se centenas de pessoas estranhas batessem à sua porta aquela noite? Sua vida se tornara um pesadelo, e era mais fácil deixar o pesadelo seguir seu curso.

— Não vamos mudar, então? Ai, que *bom*. Eu sabia que podia contar com você! Achei mesmo que sua irmã devia ter se enganado. Ela é aquela mulher amarga e maluca que se mata de trabalhar e tem vários problemas de infertilidade, não é? Acho que ela não faz ideia do que uma mãe é capaz! Bem, tenho que correr, vejo você mais tarde. Beijo, tchau!

A linha ficou muda. Alice bateu o telefone com tanta força que a base balançou. Como aquela mulher horrível se atrevia a falar de Elisabeth daquele jeito? Alice pensou nas feições da irmã murchando quando ela falara sobre o batimento cardíaco do bebê e sentiu vontade de dar um soco no nariz elegante daquela mulher.

— Tudo bem? — perguntou Frannie.

Mas será que isso significava que Alice tinha reclamado sobre Elisabeth para Kate Harper? Será que as palavras "amarga e maluca" tinham saído de sua própria boca traiçoeira?

— Alice?

Havia o tremor de uma velhinha na voz de Frannie. De repente Alice a viu como um estranho a veria: minúscula e frágil.

Ela se controlou. Já tinha quase trinta, quer dizer, quarenta anos. Não podia mais chorar no colo da avó.

— Tudo ótimo — disse. — Falei para a tal da Kate Harper que a festa pode ser aqui mesmo.

— Falou? — retrucou sua mãe, que voltara para a sala, seguida por Roger. — Tem certeza de que está disposta?

— Ah, claro — afirmou Alice. — Claro. Por que não?

— Ela começou a se lembrar de Gina — contou Frannie.

— Ah, *querida* — disse Barb.

O rosto de Roger se contorcia formando uma horrenda expressão de tristeza que supostamente pretendia demonstrar compaixão.

Alice lembrou que Roger tivera amantes quando era casado com a mãe de Nick. "É lamentável, mas meu marido era um pouco promíscuo", dissera ela certa vez, suspirando de leve, deixando Alice impressionada, porque conseguia fazer até um marido traidor parecer elegante e chique.

Será que Roger estava traindo a mãe dela?

Talvez não fosse tão surpreendente assim que Nick também tivesse se revelado um traidor. Não havia um ditado antigo que dizia filho de pássaro, passarinho é? Ela devia dizer isso a Roger, encará-lo nos olhos e dizer: "Pois é, Roger, estou vendo que filho de pássaro, passarinho é." Mas, do jeito que ela era, provavelmente ia dizer a frase errada e ninguém entenderia o significado. "Como assim, querida?", diria sua mãe, com um entusiasmo exagerado, estragando o momento.

E, na verdade, Alice tinha uma estranha sensação de que o ditado era sobre peixe, não pássaro. Filho de *peixe*, peixinho é. Ela sentiu uma risada histérica vindo lá do fundo da garganta. Como era boba. "Ai, Alice!", teriam dito todos eles.

— Alice? — chamou a mãe dela. — Quer uma xícara de chá? Ou um analgésico?

— Ou uma bebida? — acrescentou Roger, franzindo o cenho. — Um conhaque?

— A última coisa de que ela precisa é álcool, Roger — disse Frannie, irritada. — Só falta você sugerir uma rodada de pôquer.

— Hã? — perguntou Roger.

— Não quero nada — respondeu Alice.

Ela ia pensar em tudo aquilo mais tarde, quando Roger não estivesse ali, exibindo uma expressão grotesca de solidariedade.

Não importava quantas mudanças seu mundo tinha sofrido. Peixe ou pássaro, Nick era muito diferente do pai.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Alice me lançou um olhar tão suplicante que quase considerei cancelar meu almoço, mas, afinal, eu não ia deixá-la *sozinha* com Roger, o Conquistador. Esse é o apelido que Ben deu para ele. Faz sentido.

Bem, eu não queria conversar sobre Gina. Meu sentimento em relação a ela é complexo. Ou talvez infantil seja uma definição mais apropriada.

Eu ia almoçar com As Inférteis.

Nós nos conhecemos há cerca de cinco anos, quando entrei no "grupo de apoio à infertilidade". A princípio, nós nos reuníamos no centro comunitário e tínhamos uma mediadora, uma profissional como você, Dr. Hodges, que estava ali para que mantivéssemos o foco. O problema é que ela tentava nos fazer ser positivas. "Vamos tentar encarar isso de um ponto de vista mais positivo", dizia. Muito obrigada, mas não queríamos ser positivas. Precisávamos dizer em voz alta todas as coisas amargas, negativas e perversas que pensávamos. Os remédios, os hormônios e a constante frustração da nossa vida nos tornam babacas, e não temos permissão para sermos babacas em público, porque as pessoas não gostam. Portanto, formamos um grupo privado só para isso. Então nos encontramos uma vez por mês num restaurante chique, onde provavelmente não vamos ver grupos de mães rodeadas por carrinhos de bebê. Comemos, bebemos e somos babacas até cansar, reclamando dos médicos, parentes, amigos e, sobretudo, da falta de sensibilidade das "Férteis".

A princípio, não gostei da ideia de dividir o mundo entre Férteis e Inférteis, como se estivéssemos num filme de ficção científica, mas isso logo se tornou parte da minha nova linguagem. "O que as Férteis nunca vão entender...", dizemos umas às outras. Ben odeia quando eu falo essas coisas. Ele também não gosta muito do grupo, por mais que nunca tenha conhecido as meninas. Certa vez, pensamos em incluir os homens em um encontro, mas isso nunca foi para a frente.

Do jeito que eu falo parece que elas são horríveis, mas não são. Ou talvez sejam e eu não consigo perceber, porque sou exatamente igual. Só sei que às vezes tenho a impressão de que é o almoço com essas mulheres que me impede de enlouquecer. E domingo que vem é Dia das Mães (como a televisão fica me lembrando, aos berros, a cada dois minutos). Esse é o dia mais sofrido do ano para uma Infértil. Sempre

acordo com vergonha. Não é tristeza. É vergonha. Fico meio boba. É uma versão da sensação que eu tinha no ensino médio, quando era a única menina da turma que não precisava usar sutiã. Não sou uma mulher de verdade. Não sou *adulta*.

Hoje nós nos encontramos num restaurante em Manly, na beira da baía. Quando cheguei, todas elas estavam sentadas do lado de fora, sob a luz deslumbrante do sol, da água e do céu azul, inclinadas em direção a algo no meio da mesa, com os óculos escuros no topo da cabeça.

— São os testes de gravidez da Anna-Marie — disse Kerry quando me viu. — Nós somos contra, claro, mas veja o que você acha.

Anna-Marie faz isso sempre que passa por mais um ciclo de fertilização in vitro. Dizem que não se deve fazer um teste de farmácia depois da transferência de um embrião, porque os resultados não são conclusivos. Pode ser que dê positivo e você não esteja grávida, afinal ainda há rastros de hormônio no seu corpo por causa da injeção que imita a gravidez, ou pode ser que dê negativo simplesmente por ser cedo demais. A melhor coisa é esperar o exame de sangue. Nunca faço teste de gravidez, porque gosto de coisas conclusivas e sou comportada, mas Anna-Marie começa a fazer testes um dia depois da transferência e admitiu que já fez sete testes em um único dia. Todas nós temos uma versão desse comportamento obsessivo-compulsivo e, por isso, não criticamos.

Semicerrei os olhos para examinar os testes de Anna-Marie. Havia três deles ali, embrulhados em papel-alumínio, como sempre. Todos pareciam ter dado negativo, mas não adiantava dizer isso a ela. Falei que talvez estivesse vendo uma linha cor-de-rosa bem fraquinha em um deles, e ela disse que o marido tinha certeza de que todos tinham dado negativo, e ela gritara com ele, porque ele obviamente não estava se esforçando. É preciso querer ver a segunda linha, dissera ela, e eles tiveram uma briga séria. Anna-Marie nunca conseguiu engravidar depois de um ciclo de fertilização in vitro, e está tentando há mais de dez anos. Seus médicos, seu marido e sua família fazem campanhas constantes para que desista. Ela só tem trinta anos, é a mais jovem entre nós, então tem tempo de arruinar mais uma década de vida. Ou talvez não, é claro. Essa é a questão para todas nós. Aquele final feliz, tão difícil de conquistar, pode chegar no próximo ciclo.

Kerry (dois anos de fertilização in vitro com óvulos doados e uma gravidez ectópica que quase a matou) disse para Anna-Marie:

— Elisabeth fez a transferência há dez dias e aposto que não caiu na tentação de fazer um teste.

Nós nos mantemos atualizadas sobre nossos ciclos de fertilização in vitro por e-mail. Anna-Marie, Kerry e eu estamos no meio de um ciclo. As outras três estão entre um e outro ou prestes a começar um.

Para ser sincera, nem considerei a hipótese de que esse ciclo possa dar certo. Nos primeiros anos, quando eu ainda acreditava no poder da mente, costumava meditar todas as manhãs depois de uma transferência. "Por favor, fique aqui, embriãozinho", entoava. "Fique, fique, fique." Eu ainda subornava: "Vou levar você para a Disney quando tiver cinco anos. Você só vai para a escola se tiver vontade. Por favor, me deixe ser sua mãe, por favor!" Mas nada disso fazia diferença. Então, hoje, simplesmente presumo que vai dar errado e que, se vingar, vou perder o bebê. A intenção é me proteger, mas não dá certo, porque a esperança traiçoeira dá um jeito de surgir. Só percebo a esperança quando ela desaparece, puxada como um tapete de debaixo dos meus pés sempre que ouço mais um "Sinto muito".

O garçom trouxe nossas bebidas e disse:

— Aposto que deixaram as crianças com os pais e deram uma escapadinha hoje!

Ah, a doce inocência dos Férteis. Eles presumem que qualquer grupo de mulheres de certa idade é composto por mães.

— Por que a gente tem essa maldita cara de mãe, se não somos mães, porra? — questionou Sarah, nossa mais nova recruta.

Ela só passou por um ciclo de fertilização in vitro, mas carrega grande amargura por causa da sua infertilidade. Sarah me faz perceber que sou cínica até em relação ao meu cinismo. Admiro a quantidade de palavrões que ela fala.

Isso nos levou a listar todas as ofensas que havíamos sofrido desde o nosso último encontro.

A lista era:

O chefe que disse: "Fazer fertilização in vitro é uma escolha, não é que nem ficar gripado, então não posso deixar você sair de licença médica."

A tia que disse: "Relaxe e vá fazer uma massagem, você não engravida porque está tensa demais." (Ah, sempre tem uma dessas.)

O irmão que disse (com uma criança aos berros ao fundo): "Você tem uma visão tão romântica sobre filhos… É difícil para cacete."

A prima que disse, solidária: "Sei exatamente pelo que você está passando. Faz seis anos que estou tentando terminar o doutorado."

— E sua irmã? — perguntou Kerry. — No seu último e-mail, você falou que ela tinha feito algo que a deixou furiosa.

— Ela é a supermãe com três filhos, não é? — perguntou Anna-Marie, fazendo uma careta de nojo. — A que não precisa trabalhar porque tem um marido rico.

Todas me olharam avidamente, prontas para sentir repulsa de Alice, porque, para ser sincera, Dr. Hodges, eu já reclamei dela.

Mas me lembrei de Alice fingindo estar de camisa de força na volta para casa, e de sua expressão horrorizada de sofrimento quando falou ao telefone com Nick no hospital. Lembrei que ela perguntara "Você não gosta mais de mim?" e que, quando

saí, seu vestido estava amassado e o cabelo todo arrepiado para um lado, porque ela havia acordado daquele jeito. Aquilo era tão típico da velha Alice, que nem se dava ao trabalho de se olhar no espelho antes de descer a escada. E pensei em como ela chorou no hospital comigo quando Olivia nasceu, e em como nos perguntou hoje, com tanta inocência: "Quem é Gina?"

Fiquei até enjoada de tanta vergonha, Dr. Hodges. Quis responder a elas: "Ei, é da minha irmã caçula que vocês estão falando."

Em vez disso, contei que Alice havia perdido a memória, achava que tinha vinte e nove anos, o que me fizera refletir bastante sobre o que a antiga eu pensaria da minha vida atual. Eu achava que talvez a antiga eu achasse que estava na hora de desistir. Simplesmente desistir. Deixar para lá. Dar as costas. Chega de injeções. Chega de tubos cheios de sangue quente. Chega de tristeza.

Claro que todas se apressaram a cumprir seus papéis, como bons soldados que sabem qual é seu dever.

— Desistir jamais — disseram.

E, uma a uma, contaram histórias horrendas sobre infertilidade e abortos espontâneos que haviam resultado em bebês saudáveis e alegres.

Eu ouvi, assenti, sorri e fiquei observando as gaivotas brigando pelos peixes.

Mas não sei, Dr. Hodges. Não sei mesmo.

* * *

Durante o almoço, Roger assumiu a tarefa de atualizar Alice dando sua própria interpretação sobre todos os acontecimentos históricos dos últimos dez anos, enquanto, simultaneamente, sua mãe decidiu fazer a mesma coisa com a vida pessoal de todo mundo que a filha conhecia.

— E aí os Estados Unidos invadiram o Iraque, porque o velho Saddam estava armazenando armas de destruição em massa — disse Roger.

— Só que não tinha arma nenhuma — interrompeu Frannie.

— Bom, ninguém tem certeza, não é?

— Você só pode estar brincando, Roger.

— E então Marianne Elton... Ah, claro que você se lembra dela, não é? A técnica do time de *netball* da Elisabeth. Bem, ela se casou com Jonathon Knox, aquele jovem encanador simpático que foi lá em casa quando tivemos problema com as privadas numa Páscoa fria... Enfim, o casamento deles foi numa ilha tropical, muito inconveniente para todo mundo, e a pobre da daminha ficou com queimaduras de sol horríveis, mas, bem, há dois anos eles tiveram uma filhinha chamada Madeline, o que deixou Marianne muito feliz, como você pode imaginar.

Eu disse: "Bem, nunca esperei que minhas meninas chamassem as filhas de Barbara", e não esperei mesmo, mas Madeline é um nome tão popular hoje em dia… Então, acabou que a pobre da Madeline…

— …E eu vou lhe dizer, Alice, exatamente o que o governo deveria ter feito logo depois dos ataques em Bali…

— Ah, e um dos filhos de Felicity estava em Bali! — exclamou Barb, subitamente misturando o mundo pessoal com o político. — Ele pegou o voo de volta *um dia antes*. Felicity acha que isso significa que ele foi escolhido para fazer algo extraordinário, mas até agora não parece fazer nada além de usar o Facebook, é assim que chama, Roger? Facebook?

— Alguma dessas coisas significa algo para você, Alice? — perguntou Frannie.

Ela não estava prestando muita atenção. Estava ocupada pensando no conceito de perdão. Era uma ideia tão linda e generosa quando não tinha relação com algo terrível que precisaria ser perdoado. Será que ela era o tipo de pessoa que perdoava? Não fazia ideia. Nunca tinha precisado perdoar algo tão grave quanto uma traição. E, além do mais, será que Nick *queria* seu perdão?

— Não tenho certeza — disse Alice para Frannie.

Alguns comentários de Roger talvez parecessem familiares, como se fossem coisas que ela aprendera na escola e depois esquecera. Quando ele falou sobre ataques terroristas, ela automaticamente ficou horrorizada e recuperou algumas lembranças fugazes: uma mulher de viseira com a mão na boca, dizendo "Ai, meu Deus, ai, meu Deus". Mas não conseguia lembrar onde estava quando ouvira falar disso pela primeira vez, se estava com Nick, ou sozinha, se vira na televisão ou escutara os detalhes no rádio. Também teve a impressão de reconhecer partes das histórias de sua mãe. Havia algo familiar, por exemplo, na frase "daminha com queimaduras de sol", como se esse fosse o final de uma piada que Alice já ouvira.

— Ela vai ter que voltar ao médico — disse Frannie. — Tem alguma coisa errada. Olhe só para ela. É óbvio.

— Duvido que eles consigam simplesmente fazer um transplante de memória nela — disse Roger.

— Ah, me desculpe, Roger, eu não sabia que você era um neurocirurgião experiente — comentou Frannie.

— Quem quer um pedacinho de torta de creme? — perguntou Barb em um tom alegre.

DEZESSEIS

Alice estava sozinha.

Houve um intenso debate para decidir se era uma boa ideia deixá-la a sós depois do almoço. Barb e Roger tinham aula de salsa avançada no sábado à tarde. Disseram que, *sem dúvida*, podiam faltar só daquela vez, embora fosse uma aula muito importante, porque estavam ensaiando para o Show dos Parentes no retiro de idosos de Frannie, mas não seria problema faltar se Alice precisasse deles. Frannie tinha uma reunião importante no retiro, algo relacionado ao Natal. Ela ia comandar a reunião, mas, *sem dúvida*, podia ligar e pedir que Bev ou Dora fizessem isso no seu lugar, por mais que ficassem nervosas ao falar em público e provavelmente acabassem atropeladas por um morador novo muito mandão, mas isso não era o fim do mundo, porque sua neta era prioridade.

— Vou ficar bem — repetira Alice sem parar. — Tenho quase *quarenta* anos! — acrescentara em tom de brincadeira.

Mas deve ter dito isso de um jeito um pouco estranho, porque todo mundo a encarou por um segundo e em seguida teve início mais uma rodada para decidir quem ficaria com ela.

— Elisabeth vai voltar daqui a pouco — disse Alice, expulsando os três da cozinha, passando pelo corredor e acompanhando-os até a porta da frente. — Podem ir. Eu vou ficar bem!

Em questão de minutos, estavam todos dentro do carrão lustroso de Roger, afastando-se pela rua, levantando cascalho.

— Vou ficar bem — repetiu Alice baixinho para si mesma.

Ela viu a velha Sra. Bergen saindo da casa ao lado com um enorme chapéu mexicano e uma tesoura de poda na mão. Gostava da Sra. Bergen. A vizinha vinha lhe ensinando a cuidar do jardim. Já lhe dera muitos conselhos sobre como resolver os problemas com o limoeiro (e havia sugerido que de vez em quando Nick "fizesse pipi" ali; ao que ele obedecera, com um entusiasmo revoltante) e vivia trazendo mudas do seu jardim para Alice e mostrando educadamente o que precisava ser aguado ou podado, ou quando retirar as ervas daninhas. A Sra. Bergen não gostava muito de cozinhar, por isso, em troca, Alice levava para ela ensopados, fatias de

quiches e bolos de cenoura. A Sra. Bergen, por sua vez, já tinha feito três pares de botinhas de crochê para o bebê e começara a trabalhar num casaquinho e num gorro.

Mas tudo isso tinha acontecido dez anos atrás.

Alice ergueu a mão, num cumprimento carinhoso. A Sra. Bergen baixou a cabeça e se virou depressa para suas azaleias.

Não havia dúvida: tinha lhe esnobado.

Será que essa senhora, tão simpática e gorducha, gritaria e xingaria como Nick fizera se Alice fosse até lá cumprimentá-la? Seria igual ao momento em que a cabeça da garotinha virou para trás em *O Exorcista*.

Alice voltou para dentro de casa e fechou a porta, morrendo de vontade de chorar.

Talvez a Sra. Bergen estivesse ficando senil e não a reconhecesse mais. Essa era uma explicação perfeitamente razoável. Ia servir. Por enquanto. Quando ela recuperasse a memória, tudo se encaixaria direitinho. Ah, diria ela, é claro!

Bem. E agora?

Alice se perguntou o que fazia nos fins de semana em que "Nick ficava com as crianças". Será que gostava da folga? Será que se sentia sozinha? Será que aguardava ansiosa a volta dos filhos?

O mais sensato a fazer seria explorar a casa em busca de pistas sobre sua vida. Assim, ela estaria pronta quando Nick aparecesse na noite do dia seguinte. Podia preparar uma apresentação persuasiva sobre: dez motivos pelos quais não devemos nos divorciar.

Talvez encontrasse algo sobre Gina. Cartas de amor para Nick? Mas era de se esperar que ele as tivesse levado quando saiu de casa.

Ou será que devia pensar em alguma coisa para a festa daquela noite? Mas o quê? A festa parecia estranhamente irrelevante.

Na verdade, Alice nem queria estar naquela casa. Sua barriga estava cheia demais com toda a torta de creme que tinha comido. "Você quer *outro* pedaço?", insistira sua mãe, agradavelmente surpresa, e Alice suspeitou que não devia fazer aquilo com frequência.

Resolveu sair para caminhar. Isso ajuda a clarear a mente. Estava um dia lindo. Por que ficar dentro de casa?

Ela foi para o andar de cima e então parou no corredor, observando as portas dos outros três quartos. Devia ser ali que as crianças dormiam. Ela e Nick haviam deixado todos vazios, com exceção do que seria o quarto do bebê. Tinham passado muito tempo ali, sentados de pernas cruzadas no chão, planejando e imaginando. Haviam escolhido a cor da tinta: azul-oceano. Combinaria, mesmo que o bebê os surpreendesse sendo menina. (O que aconteceu! Nasceu uma menina!)

Alice, hesitante, empurrou a porta do quarto do bebê.

Bem. O que ela esperava? Claro que não havia mais berço branco, trocador ou cadeira de balanço. Não era mais um quarto de bebê.

Em vez disso, havia uma cama de solteiro desarrumada e cheia de roupas, uma estante lotada de livros, frascos de perfume e jarros de vidro vazios. As paredes eram quase completamente cobertas de fotos melancólicas em preto e branco de cidades europeias. Alice viu um quadrado azul minúsculo entre dois pôsteres. Ela se aproximou e o tocou com o dedo. Azul-oceano.

Havia uma escrivaninha numa das paredes. Alice viu um fichário com uma etiqueta com "Madison Love" escrito. A letra era familiar. Parecia a dela quando estava no ensino fundamental. Notou um livro de receitas aberto em cima da mesa e o pegou. Uma receita de lasanha. Madison não era nova demais para *cozinhar*? E para ter pôsteres de cidades europeias? Alice ainda brincava de boneca naquela idade. Sua própria filha estava fazendo a Alice de nove anos se sentir inferior.

Ela colocou com cuidado o livro no mesmo lugar e saiu do quarto na ponta dos pés.

A porta ao lado estava fechada, mas havia um papel grudado nela.

NÃO ENTRE. PROIBIDO ENTRAR SEM PERMISSÃO. MENINAS NÃO SÃO PERMITIDAS. A CONSEQUÊNCIA É MORTAL.

Nossa. Alice largou a maçaneta e se afastou. Afinal de contas, ela era uma menina. Aquele devia ser o quarto de Tom. Talvez ele tivesse armadilhas ali dentro. Meninos. Que medo.

O terceiro quarto era mais acolhedor. Alice precisou passar por uma cortina de contas pendurada na ombreira da porta. A cama era o sonho de qualquer menina: de dossel, com um tecido roxo transparente preso em quatro colunas. Havia asas de fada penduradas num gancho na parede e minúsculos enfeites de vidro em forma de cupcake, dúzias de bichos de pelúcia, um espelho de maquiagem com luzes ao redor, presilhas e fitas de cabelo, uma caixinha de música, pulseiras reluzentes, colares de contas compridos, um som portátil cor-de-rosa, uma caixa de fantasias cheia de roupas. Alice se ajoelhou e remexeu a caixa, pegando um vestido verde de alcinha que lhe era familiar. Ela o ergueu à sua frente: tinha comprado especialmente para sua lua de mel. Era um dos vestidos mais caros que já tivera. Mas ganhara uma mancha marrom na gola e uma bainha desigual, que alguém cortou com tesoura. Alice largou o vestido, zonza. Havia um cheiro enjoativo no quarto, que ela achava que era de gloss de morango. Ar fresco. Definitivamente precisava de ar fresco.

Alice foi para seu quarto e logo encontrou um short e uma camiseta na cômoda; depois pegou os tênis e os óculos escuros na mochila que trouxera do hospital. Desceu correndo e tirou um dos bonés do cabide de chapéus. Estava escrito "Filadélfia" na borda.

Ela saiu de casa, trancando a porta e notando, com alívio, que a Sra. Bergen não estava mais do lado de fora.

Para que lado? Alice se virou para a esquerda e saiu andando depressa. Uma mulher se aproximava pela direção contrária, empurrando um carrinho com um bebê sério, sentado muito empertigado e solene. Quando Alice se aproximou, o bebê franziu a testa para ela, enquanto a mulher sorriu e perguntou:

— Não vai correr hoje?

— Hoje, não.

Alice retribuiu o sorriso e continuou caminhando.

Correr? Deus me livre. Ela *detestava* correr. Não se esquecera de como ela e sua amiga Sophie se arrastavam pela pista de corrida no ensino médio, gemendo e apertando a lateral do corpo, enquanto a Sra. Gillespie dizia: "Ai, pelo amor de Deus, meninas!"

Sophie! Ela podia ligar para Sophie quando chegasse em casa. Se não andava se abrindo com Elisabeth, talvez Sophie entendesse melhor o que estava acontecendo entre ela e Nick.

Alice continuou andando, enquanto reparava que as casas tinham dobrado de tamanho, como se fossem bolos que podiam ir ao forno. Casinhas de tijolo vermelho haviam se tornado mansões cor de cogumelo, com pilares e torreões.

Na verdade, era interessante, porque ela andava cada vez mais rápido, meio que pulando na calçada, e correr não parecia mais uma ideia idiota. Parecia até… agradável.

Será que era má ideia depois de ter batido a cabeça? Talvez fosse uma péssima ideia. Mas talvez se sacudisse suas lembranças, elas acabassem se encaixando nos lugares certos.

Alice começou a correr.

Seus braços e pernas entraram no ritmo. Ela começou a respirar fundo e devagar, aspirando pelas narinas e expirando pela boca. Nossa, isso era ótimo. Parecia certo. Teve a impressão de que fazia sempre aquilo.

Na Dawson Street, Alice virou à esquerda e acelerou o passo. As enormes folhas vermelhas das árvores balançavam sob a luz do sol. Um carro branco cheio de adolescentes passou cantando pneu e pulsando com música alta. Ela percorreu uma rua onde um grupo de crianças gritava, brandindo pistolas d'água. Alguém ligou um cortador de grama.

Mais à frente, o carro branco com os adolescentes parou na esquina da King Street.

Um pânico avassalador explodiu em seu peito. Estava acontecendo de novo, como no carro com Elisabeth. Suas pernas tremeram de forma tão ridícula que ela

precisou se agachar na calçada, esperando aquilo passar, o que quer que fosse. Um grito de horror estava preso em sua garganta. Seria muito constrangedor soltá-lo.

Alice olhou ao redor, apoiando as mãos no chão para se equilibrar, o peito arfando, e viu que as crianças com as pistolas d'água continuavam correndo de um lado para outro, como se o mundo não tivesse se tornado escuro e perverso. Ela olhou para o fim da rua, onde o carro branco esperava uma brecha no trânsito.

Tinha algo a ver com um carro parando naquela esquina.

Ela sentiu calor e frio ao mesmo tempo, como se estivesse gripada. *Pelo amor de Deus*. Será que ia passar mal de novo? Toda aquela torta de creme... As crianças poderiam limpar com as pistolas d'água.

Alguém buzinou.

— Alice?

Ela abriu os olhos.

Um carro tinha parado do outro lado da rua e um homem se debruçou na janela. Ele abriu a porta e atravessou depressa a rua, indo na direção dela.

— O que aconteceu?

O homem parou à sua frente, bloqueando a luz do sol. Alice apertou os olhos para encará-lo, sem dizer nada. Não conseguia ver suas feições, mas ele parecia extremamente alto.

O homem se inclinou ao lado dela e tocou seu braço.

— Você desmaiou?

Alice conseguiu ver o rosto dele. Era um rosto comum, gentil, magro, de meia-idade; o rosto despretensioso do dono de uma banca de jornal com quem você conversa sobre o clima.

— Ande. Pode se levantar — disse ele, erguendo-a pelos cotovelos e colocando-a de pé. — Levo você para casa.

Ele atravessou a rua com ela e a colocou no banco do carona do carro. Alice não sabia o que dizer, portanto ficou em silêncio. Uma voz do banco de trás perguntou:

— Você caiu e se machucou?

Alice se virou e viu um menininho de olhos castanhos encarando-a ansiosamente.

— Está tudo bem — disse ela. — Eu me senti meio esquisita, só isso.

O homem entrou no carro e ligou o motor.

— Estávamos indo para sua casa e Jasper viu você. Estava indo correr? — perguntou ele.

— Ahã — respondeu Alice.

Pararam na esquina da Rawson com a King. Ela não sentiu nada.

— Vi Neil Morris no supermercado hoje de manhã — comentou o homem. — Ele disse que viu você ontem saindo da academia carregada numa maca! Deixei alguns recados para você, mas não sabia se...

Ele parou no meio da frase.

— Eu caí e bati a cabeça durante a aula de step — disse Alice. — Estou bem, mas não devia correr. Foi burrice minha.

O menino chamado Jasper deu uma risadinha no banco de trás.

— Você não é burra! — exclamou ele. — Às vezes, meu pai faz umas burradas também. Tipo, hoje ele esqueceu três coisas, e toda hora a gente tinha que parar o carro e ele dizia: "Que cabeça de vento a minha!" Foi bem engraçado. A primeira coisa foi a carteira. A segunda, o celular. A terceira... humm, a terceira... Pai, qual foi a terceira coisa que você esqueceu?

Eles estavam estacionando diante da casa de Alice. O carro parou e o menino desistiu de lembrar qual era a terceira coisa, escancarou a porta e correu para a varanda.

O homem puxou o freio de mão e se virou para Alice com uma expressão fofa de preocupação. Ele colocou uma das mãos no ombro dela.

— Acho melhor você descansar enquanto Jasper e eu cuidamos dos balões.

Balões. Para a festa, provavelmente.

— Isso é um pouco constrangedor — disse Alice.

O homem sorriu. Tinha um sorriso lindo.

— O quê? — perguntou.

— Não faço a menor ideia de quem você é.

(Embora, na verdade, houvesse algo em seu sorriso e na sensação do toque da mão dele em seu ombro que a fizera suspeitar de algo.)

A mão do homem se recolheu como se fosse um elástico.

— Alice! — exclamou ele. — Sou eu. Dominick.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Vou fazer um post rápido, porque muita gente tem me mandado e-mails para saber como Alice está. Lamento dizer, mas ela definitivamente NÃO anda bem. Não tinha nenhuma lembrança de sua amiga Gina (postei sobre esse acontecimento terrível **aqui**). É bem assustador.

Gina teve um papel muito importante na vida de Alice durante bastante tempo (ela tem uma *leve* tendência a venerar as pessoas). Eu me lembro da vez em que Gina fez um comentário sobre a roupa de Alice na festa de aniversário de uma das crianças. Foi algo do tipo "aquela sua blusa tal fica muito mais bonita com essa saia". Ela era uma daquelas mulheres com uma opinião firme sobre todos os assuntos. Então Alice subiu e trocou de blusa. Foi um incidente trivial, mas lembro que deixou Nick irritado.

COMENTÁRIOS

Vovó Moderna disse:
Eu já tive uma amiga mandona assim. Meu marido também não gostava dela. Espero que Alice esteja se consultando com um bom médico.

DorisdeDallas disse:
Tenho certeza de que Alice vai se recuperar logo. Quais são as últimas novidades sobre o Sr. X?

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Aconteceu uma coisa bastante engraçada quando cheguei em casa depois do almoço com As Inférteis. Mas não era uma coisa engraçada por me fazer rir. Era engraçada por ser irônica.

Enquanto eu dirigia para casa, não parava de pensar em desistir. A ideia foi ficando cada vez mais forte na minha cabeça. De repente, me pareceu óbvia. Não vou suportar mais um aborto espontâneo. Não vou. Chega. Não sabia que estava de saco cheio, mas descobri que estou.

Nós costumávamos definir todos esses prazos. Não vamos mais tentar depois do meu aniversário de quarenta anos. Não vamos mais tentar depois do Natal. Mas, todas as vezes, pensávamos, o que mais tem para fazer? Já tínhamos viajado, ido a várias festas, assistido a muitos filmes e shows, dormido até mais tarde. Já tínhamos feito todas as coisas que as pessoas com filhos parecem sentir saudade. Não queríamos mais nada disso. Queríamos um bebê.

Eu me lembro de pensar que mães são capazes de entrar em prédios em chamas só para salvar a vida dos filhos. Então concluí que eu poderia enfrentar mais um pouco de sofrimento para *dar* vida aos meus filhos. Isso me fez sentir honrada. Mas agora estou me dando conta de que sou uma mulher louca entrando numa casa em chamas por causa de crianças que não existem. Meus filhos nunca existiriam. Sempre viveram só na minha cabeça. Isso é o mais constrangedor nessa história toda. Cada vez que eu chorava por um bebê perdido, era como chorar pelo fim do relacionamento com um cara que nunca namorei. Meus bebês não eram bebês. Não passavam de conjuntos microscópicos de células e bonecos minúsculos inacabados que nunca se tornariam outra coisa. Eram apenas minha esperança inútil. Meus bebês imaginários.

E as pessoas precisam desistir dos sonhos. Vários aspirantes a bailarinos precisam aceitar que seu corpo não é adequado para dançar balé. Ninguém sente pena dessas pessoas. Ah, pense em outro emprego. Meu corpo não é adequado para ter bebês. Azar o seu.

Na faixa de pedestre, vi uma mulher grávida, uma mulher empurrando um carrinho de bebê, uma mulher de mão dada com uma criança. E, por incrível que pareça, não senti nada, Dr. Hodges. Nada! Isso é sério: uma Infértil ver uma mulher

grávida e não sentir nada. Nenhuma amargura que doa tanto quanto uma facada no estômago. Nenhuma inveja que me faça retorcer a boca.

Então, a situação engraçada vem a seguir.

Cheguei em casa e Ben não estava na garagem mexendo no carro, como sempre. Estava sentado à mesa da cozinha com papéis espalhados ao redor, e percebi que seus olhos estavam um pouco vermelhos e inchados.

— Andei pensando — disse ele.

Respondi que também andara pensando, mas ele podia falar primeiro.

Ben disse que tinha pensado no que Alice dissera na semana passada e concluído que ela estava cem por cento certa.

Ai, Alice!

* * *

Alice ficou sentada no sofá, observando Dominick usar um cilindro de hélio para encher balões azuis e prateados. Ele e Jasper finalmente tinham se cansado de aspirar o hélio e falar com voz de esquilo de desenho animado. Jasper tinha rido tanto ao ouvir o pai cantar "Somewhere over the rainbow" com uma vozinha aguda que Alice teve medo de que o menino ficasse sem ar.

Agora ele estava no quintal usando um controle remoto para guiar com grande habilidade um helicóptero de brinquedo.

— Ele é muito fofo — disse Alice, observando-o.

Ela havia entendido que Jasper era da mesma turma de Olivia. Sua filha. Aquela com as volumosas marias-chiquinhas louras.

— Quando não está agindo como um monstro psicótico — disse Dominick.

Alice riu. Talvez um pouco demais. Ela não entendia direito o humor dos pais. Talvez Jasper fosse mesmo um monstro psicótico e aquilo não tivesse graça.

— Então — disse ela —, há quanto tempo eu e você estamos... hum... saindo?

Dominick a encarou depressa e desviou o olhar. Ele deu um nó na ponta do balão e o observou voar até o teto. Sem olhar para Alice, respondeu:

— Há mais ou menos um mês.

Alice dissera a Dominick que os médicos acreditavam que sua perda de memória era temporária. Ele ficara apavorado e parecia se dirigir a Alice com gentileza e cautela, como se ela tivesse um leve retardo mental. A não ser que falasse sempre assim com ela, é claro.

— E... hum... está indo bem? — questionou Alice.

Era bizarro. Será que ela havia beijado aquele homem? *Transado com ele?* Era muito alto. Não era feio. Só era um desconhecido. Alice sentiu repugnância e uma leve

excitação ao mesmo tempo. Aquilo a fez lembrar das conversas que tinha na adolescência, em meio a risadinhas. Ai, meu Deus, imagine transar com *ele*.

— Está, sim — respondeu Dominick.

Ele estava tão nervoso que mexia a boca de um jeito engraçado. Era um cara tímido.

Dominick pegou outro balão e o encaixou na boca do cilindro de hélio. Olhou bem para Alice, encarando-a, e disse, muito sério:

— Isto é, na minha opinião, pelo menos.

Na verdade, ele não era nada feio.

— Ah — disse ela, sentindo o rosto corar. — Que bom. Eu acho.

Alice queria muito que Nick estivesse sentado ao seu lado. Com a mão quente em sua perna. Mostrando que ela era dele. Assim, Alice poderia conversar com prazer, e quem sabe até flertar de maneira correta e segura com aquele homem perfeitamente agradável.

— Você parece diferente — afirmou Dominick.

— Diferente, como?

— Não sei explicar.

Ele não disse mais nada. Pelo visto, não era tagarela como Nick. Alice se perguntou o que tinha visto em Dominick. Será que gostava mesmo dele? Parecia meio chato.

— O que você faz da vida? — perguntou ela.

Era a pergunta padrão quando se saía com alguém. Para tentar, num golpe baixo, encaixá-lo em qualquer personalidade.

— Sou contador — disse Dominick.

Que maravilha.

— Ah, sim.

Ele sorriu.

— Só estava testando para saber se você tinha mesmo perdido a memória. Sou feirante. Vendo frutas e legumes.

— Jura? — perguntou Alice, imaginando ganhar mangas e abacaxis.

— Não!

Ai, meu Deus, que homem bobalhão.

— Sou o diretor da escola.

— Não é, nada.

— Estou falando sério agora. Sou o diretor da escola.

— Que escola?

— A escola dos seus filhos. Foi assim que nos conhecemos.

O diretor da escola. *Já para a diretoria!*

— Então você vem hoje à noite? Na festa?

— Venho. Vou meio que desempenhar dois papéis, porque Jasper está no jardim de infância e essa festa é para os pais dos alunos do jardim. Então vou…

Ele tinha o hábito de não terminar as frases. Parava no meio, como se achasse que o fim da frase era tão óbvio que não valia a pena dizer em voz alta.

— E por que eu é que vou dar a festa? — perguntou Alice.

Ela estava impressionada. Por que ela ao menos pensaria em fazer uma coisa dessas?

Dominick ergueu as sobrancelhas.

— Bem, porque você e sua amiga Kate Harper são as mães representantes de turma.

— Representante de quê?

Ele deu um sorriso hesitante.

— As mães representantes de turma marcam atividades sociais para todas as outras mães, se comunicam com os professores, organizam a feira de livros, esse tipo de…

Ai, meu Deus. Que horror. Ela havia se tornado uma daquelas pessoas engajadas que se envolviam nas coisas. Devia ser totalmente orgulhosa e arrogante. Sempre soubera que tinha uma tendência à arrogância. Já até se imaginava pavoneando por aí com roupas lindas.

— Você faz muito pela escola — disse Dominick. — Temos muita sorte de ter você. Aliás, o grande dia está chegando. Uau! Espero que você fique bem para isso!

O homem na esteira da academia também tinha mencionado "o grande dia".

— Sobre o que você está falando? — perguntou Alice, temerosa.

— Graças a você, vamos entrar para o Guinness.

Ela sorriu, pronta para rir da próxima piada dele.

— Não, sério. Não se lembra de nada? No Dia das Mães, você vai fazer a maior torta de limão com merengue do mundo. Vai ser um grande evento. Metade do dinheiro arrecadado vai para a escola, e a outra metade para a pesquisa sobre câncer de mama.

Alice se lembrou do sonho com o rolo de massa gigante.

— Eu é que vou cozinhar? — perguntou, em pânico. — Essa torta de limão gigante?

— Não, não. Você juntou umas cem mães para isso — disse Dominick. — Vai ser incrível.

Ele deu um nó na ponta de mais um balão. Alice ergueu os olhos e reparou que o teto estava coberto de balões azuis e prateados.

Hoje à noite ela ia dar uma festa e, no fim de semana seguinte, planejava quebrar um recorde mundial. Santo Deus. Quem ela havia se tornado?

Alice ergueu os olhos de novo e notou que Dominick a encarava.

— Já entendi — disse ele. — O que tem de diferente em você?

Dominick se sentou ao lado dela. Perto demais. Alice tentou se afastar discretamente, mas era difícil se mover naquele sofá mole de couro sem fazer um rebuliço. Por isso, ela ficou sentada passivamente com as mãos no colo, feito uma menininha. Sem dúvida, ele não ia tentar nada com o filho a poucos metros dali.

Dominick estava tão próximo que Alice via os minúsculos pelinhos em seu queixo e sentia seu cheiro: pasta de dente e sabão em pó (Nick cheirava a café, loção pós-barba e alho da noite anterior).

De perto, os olhos dele eram do mesmo tom de chocolate líquido que os do filho (os de Nick eram castanhos ou verdes, dependendo da luz; as íris tinham a borda dourada e seus cílios eram tão louros que no sol pareciam brancos).

Dominick se inclinou para mais perto dela. Ai, meu Deus do céu, o diretor da escola ia beijá-la, e seria errado dar um tapa na cara dele, porque provavelmente ela já o beijou antes.

Mas não. Dominick pressionou o polegar entre as sobrancelhas de Alice. O que ele estava *fazendo*? Será que aquele era um ritual estranho das pessoas de meia-idade? Ela devia retribuir o gesto?

— Sua ruguinha sumiu — observou Dominick. — Você sempre tem uma ruguinha aqui, como se estivesse se concentrando ou se preocupando com alguma coisa, mesmo quando está feliz. E agora ela... — Ele afastou o polegar. Alice soltou o ar, aliviada. — Acho que não é legal dizer para uma mulher que ela tem uma ruga permanente. — A frase saiu num tom de flerte. — De qualquer maneira, você continua linda — disse Dominick, colocando a mão na nuca de Alice e lhe dando um beijo.

Não foi desagradável.

— Eu *vi*!

Jasper estava de pé na frente deles, segurando o helicóptero pela hélice. Seus olhos estavam arregalados e radiantes.

Alice levou os dedos à boca. Ela havia beijado outro homem. Não só tinha deixado que ele a beijasse. Havia retribuído o beijo. Só por curiosidade, na verdade. Por educação (e talvez por sentir uma minúscula atração por ele). A culpa se espalhou pelo seu corpo como uma onda de azia.

Jasper riu.

— Vou contar para Olivia que meu pai beijou a mãe dela!

Ele fez uma dancinha, deu socos no ar e exibiu uma careta de felicidade e de nojo.

— Meu pai beijou a mãe dela! Meu pai beijou a mãe dela!

Nossa. Será que os filhos de Alice eram assim também? Meio... maluquinhos?

Dominick tocou seu braço com delicadeza e respeito e ficou de pé. Agarrou Jasper e o segurou de cabeça para baixo, pelos calcanhares. O menino gritou, riu até ficar sem ar e largou o helicóptero.

Alice os observou, com a estranha sensação de que não estava ali. Tinha mesmo acabado de beijar aquele homem? O diretor tímido? O pai brincalhão?

Talvez tivesse feito isso por causa da pancada na cabeça. Isso, ela estava com problema de saúde. Fora de si.

Então se lembrou de que não havia necessidade de sentir culpa, afinal Nick tivera um caso com aquela tal de Gina. Pronto. Estavam quites.

Jasper notou que um pedaço do seu helicóptero tinha quebrado, e gritou e se debateu como se estivesse numa agonia terrível.

— O quê? O que foi, cara? — perguntou Dominick, virando-o de cabeça para cima.

A cabeça de Alice voltou a doer.

Quando Elisabeth ia voltar? Ela precisava da irmã.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Enquanto eu estava no carro voltando para a casa de Alice, pensei em Gina. Ando pensando nela com frequência. Gina ganhou um ar de mistério. Antigamente, eu só a achava irritante.

Não sei por que antipatizei tanto com ela no começo. Talvez por ter ficado tão claro que Gina, Michael, Alice e Nick haviam formado um quarteto muito próximo. Estavam sempre na casa uns dos outros. Nem precisavam bater na porta. Tinham várias piadas internas. Davam comida para os filhos dos outros. Gina costumava sair de casa de roupa de banho, sem camiseta, sem toalha amarrada embaixo das axilas, nem um pouco constrangida, feito uma criança. Tinha um corpo macio, arredondado, cor de café e lindos seios balançantes que atraíam os olhares dos homens. Acho que me lembro de uma história sobre os quatro ficarem bêbados e nadarem pelados na piscina numa noite de verão. Uma coisa muito anos 1970.

Gina e Alice eram alegres, risonhas e bebiam champanhe, enquanto eu estava mais para um pedaço de papelão duro. Minha risada era forçada. Tudo aconteceu muito rápido e Gina passou a conhecer minha irmã melhor do que eu.

Gina tivera os filhos por meio de fertilização in vitro. Fazia muitas perguntas espertas e interessadas. Enchia minha mão de carinho, de forma solidária (ela gostava muito de tocar nas pessoas e dar um beijo suave e perfumado em cada bochecha. Certa vez, ouvi Roger dizer para ela "ah, adoro esses beijos que vocês,

europeias, dão para cumprimentar!"), e me dizia que sabia *exatamente* pelo que eu estava passando. E era provável que soubesse mesmo, só que já tinha deixado tudo aquilo para trás. Dava para perceber que suas lembranças haviam adquirido um teor alegre, por causa do final feliz. Era de se esperar que Gina servisse de inspiração para mim, afinal fora bem-sucedida. Atravessara o campo minado da infertilidade e chegara sã e salva do outro lado. Mas eu a achava condescendente. É fácil achar que o campo minado não foi tão ruim quando você está num lugar seguro, vendo os outros explodindo. Eu sentia que não podia reclamar com Alice, porque Gina devia sussurrar em seu ouvido que não era tão difícil e que eu só estava resmungando e fazendo drama.

Certa noite, liguei para Alice para dizer que tínhamos perdido outro bebê.

Eu ficara muito enjoada durante aquela gravidez. Sentia náusea sempre que escovava os dentes. Precisei sair correndo do cinema, porque o perfume de uma mulher ao lado (Opium) combinado com o cheiro da pipoca me fez passar mal. Tive certeza de que aquilo era um sinal de que a gravidez ia vingar. Rá, rá. Não tinha significado nada.

Quando liguei para Alice, ela atendeu rindo. Dava para ouvir Gina ao fundo gritando alguma coisa sobre abacaxis. Elas estavam criando drinques para um evento da escola. Claro que quando dei a notícia Alice parou de rir e adotou um tom de voz triste, mas não conseguiu se livrar de vez do restante do riso. Eu me senti a irmã chata, que tinha sofrido mais um aborto espontâneo chato e que estava estragando uma ocasião alegre com uma notícia triste e um teor ginecológico levemente nojento. Alice deve ter feito um sinal para Gina, porque a risada dela sumiu no mesmo instante como se alguém tivesse apertado um botão.

Eu lhe disse que não precisava se preocupar, que a gente se falava mais tarde, e desliguei depressa. Depois joguei o telefone no outro lado da sala, quebrando um vaso lindo que eu tinha comprado na Itália aos vinte anos, me deitei no sofá e coloquei uma almofada no rosto para gritar. Ainda sofro por causa daquele vaso.

Alice não me ligou no dia seguinte. E, um dia depois, Madison quebrou a clavícula. Então ficamos distraídas e ocupadas no hospital nos preocupando com ela. Meu aborto espontâneo foi deixado de lado em meio aos drinques com Gina e ao acidente de Madison, e Alice nunca mais o mencionou. Talvez tenha esquecido.

Acho que foi nessa época que surgiu a frieza entre nós.

É, eu sei. Foi mesquinho e infantil, mas aconteceu.

DEZESSETE

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Ontem minha filha Barb me perguntou se há algo que eu gostaria de ganhar de Dia das Mães. Vocês querem saber a primeira coisa que me veio à cabeça?

Um **saco de suicídio**. É um saco especial que você coloca na cabeça e que lhe permite morrer em paz, dormindo, com falta de oxigênio. Ou, como alternativa, eu adoraria ter a **pílula da morte**. É uma pílula que permite cometer suicídio sem dor. Infelizmente, Barb teria que ir ao México comprar, e, para ela, dirigir até Parramatta já é um trabalhão.

Bem, já estou imaginando todos vocês engasgando diante do computador. Não se preocupem, eu disse a ela que adoraria ganhar uma toalha de rosto bonita e alguns sabonetes cheirosos.

Não estou doente. Pelo que sei, minha saúde está excelente. No entanto, em agosto, vou fazer setenta e cinco anos. Foi com essa idade que perdi minha querida mãe de câncer. Fico totalmente aterrorizada com a ideia de passar pelas mesmas indignidades. Não tanto pela dor, mas pela falta de controle. Enfermeiras condescendentes perguntando "Como está?". Não poder decidir quando comer, quando dormir, quando tomar banho. Ai, que horror! Seria uma enorme tranquilidade ter o saco de suicídio ou a pílula da morte na gaveta da minha cabeceira, para poder parar de pensar e me preocupar com isso. Seria um presente muito especial.

Enquanto isso, mais oito pessoas cancelaram a ida de ônibus até o debate sobre eutanásia. Parece que toda aquela história de maratona de bares era papo furado. O Sr. X organizou um passeio de barco pela baía, um programa perfeitamente digno. Todo mundo está animadíssimo e parece ter esquecido que eu também organizei um passeio pela baía no Natal do ano passado. Parece até que os passeios pela baía foram inventados pelo X.

Estou um pouco triste com tudo isso, tenho que admitir.

Uma notícia mais alegre é que minha linda bisneta **Olivia** vai participar do Show dos Parentes! Vou tentar me lembrar de postar algumas fotos. Barbara e o marido Roger vão fazer uma apresentação de salsa. Eles me perguntaram se os moradores se interessariam pelas aulas. X iria adorar, não acham? Quanto mais safado, melhor.

COMENTÁRIOS

Beryl disse:
Ah, Frannie, eu realmente me engasguei com o sanduíche quando li seu post! Frannie, querida, não acha que está ficando um pouco obcecada com isso? Estou preocupada com você.

AB74 disse:
É simples. Basta comprar uma arma. Rápido, eficiente: uma bala na cabeça. Ploft! Agora vá passear pela baía com os outros e esqueça o assunto! (Mande um e-mail para mim se quiser dicas sobre como comprar uma arma barata e confiável.)

DorisdeDallas disse:

Você não falou se já convidou o Sr. X para tomar um drinque.
P.S.: E ainda não nos contou quem partiu seu coração.
P.P.S.: Por favor, não mande um e-mail para AB74! Ele parece um mafioso!

Mamãe Esportiva disse:
Leio o blog desde o começo e nunca tinha comentado, mas preciso dizer que o último post foi irresponsável e imoral. Fiquei até enojada. Nunca mais volto aqui.

Cara de Brisbane disse:
!!

Frank Neary disse:
Sinto muito que algum cara idiota tenha decepcionado você, Srta. Jeffrey! Mas nunca é tarde para amar. Eu adoraria levar você para sair. Quer dançar? Ir ao cinema? O que gosta de fazer?

Vovó Moderna disse:
Talvez seja uma bênção disfarçada Alice ter esquecido o que aconteceu com Gina.

* * *

— *Nick!*

Alice se sentou de repente, com o coração disparado e a respiração ofegante. Tateou a cama à procura do marido, para acordá-lo e lhe contar sobre o pesadelo, embora os detalhes já estivessem se esvaecendo e começando a parecer uma bobagem. Alguma coisa a ver com uma... árvore?

Uma árvore imensa. Galhos escuros em contraste com um céu de tempestade.

— Nick?

Em geral, ele acordava imediatamente quando Alice tinha um pesadelo, com a voz pastosa de sono, confortando-a de forma automática: "Está tudo bem, foi só um sonho, um pesadelo." No fundo, Alice sempre pensava *Ele vai ser um pai maravilhoso*.

Ela deu tapinhas nos lençóis. Nick devia ter ido pegar um copo d'água. Ou será que ainda não tinha se deitado?

Nick não está aqui, Alice. Ele mora em outro lugar. Vai voltar de Portugal amanhã e não vai ver você quando sair do avião. Talvez Gina vá buscá-lo no aeroporto. Ah, e você beijou o diretor da escola hoje. Lembra? Lembra? Será que você pode, por favor, se LEMBRAR da própria vida, sua imbecil?!!

Alice acendeu o abajur da cabeceira, jogou os lençóis para longe e saiu da cama. Não ia conseguir dormir de novo de jeito nenhum.

Certo.

Ela esfregou as mãos na camisola. Era sem manga e o tecido de seda furta-cor parecia uma ostra. Devia ter custado uma fortuna. Era uma idiotice tão grande não

se lembrar de tê-la comprado. Chega. Queria se lembrar de tudo, naquele minuto.

Alice entrou no banheiro e encontrou o frasco de perfume que tinha usado no hospital. Passou uma quantidade generosa e respirou fundo. Ia sair correndo e pular bem no meio do turbilhão de lembranças.

O perfume atacou suas narinas, deixando-a um pouco enjoada. Ela esperou que as imagens dos últimos dez anos invadissem sua mente, mas tudo o que conseguiu ver eram os rostos estranhos e sorridentes da festa, os olhos castanhos e brilhantes de Dominick, sua mãe dando um sorriso safado para Roger e as rugas de decepção ao redor da boca de Elisabeth.

Todas essas lembranças recentes eram vívidas e confusas demais. O problema era esse. Não havia espaço para as lembranças antigas.

Alice se sentou nos azulejos frios do banheiro e abraçou os joelhos. Todas as pessoas daquela noite, que tinham perambulado alegremente pela casa, servindo-se de taças de champanhe e minúsculos canapés oferecidos pelos garçons de avental branco do bufê (que apareceram às cinco da tarde e tomaram conta da cozinha, numa eficiência indiferente), reunindo-se em grupinhos no jardim, com os saltos altos afundando no gramado. "Alice!", exclamaram elas, íntimas, beijando suas bochechas. As pessoas beijavam muito as bochechas umas das outras em 2008. "Como você *está*?" Os cabelos eram mais lisos e murchos do que em 1998. Deixava todo mundo ridiculamente menor.

As pessoas falaram sobre o preço da gasolina (como é possível que houvesse *alguma coisa* a dizer sobre um assunto tão chato?), os preços dos imóveis, alvarás de construção e um escândalo político qualquer. Conversaram sobre os filhos — "Emily", "Harry", "Isabel" —, como se Alice os conhecesse muito bem. Contaram piadas hilárias sobre alguma excursão da escola à qual, pelo visto, ela foi, e que dera errado de um jeito muito engraçado. Cochicharam seriamente sobre um professor que todos detestavam. Falaram com Alice sobre aulas de jazz, de saxofone, de natação, a banda da escola, o baile da escola, a cantina da escola, as aulas extras para crianças "bem-dotadas e talentosas". Nada fazia sentido. As conversas eram muito detalhadas, com vários nomes, datas, horários e abreviações: a aula de EF, a professora de ES. Em duas ocasiões, mulheres diferentes sussurraram a desconhecida palavra "botox" no ouvido de Alice quando outra mulher passou. Ela não teve certeza se era um insulto dito com desdém ou um elogio proferido com inveja.

Dominick ficara por perto, explicando para as pessoas que ela mudara um pouco desde o acidente e, na verdade, deveria estar na cama. "É típico da Alice não se deixar abater!", disseram elas. (Seria mesmo típico? Que estranho. Em geral, ela adorava uma desculpa para ficar na cama.) Não pareceu importar muito que ela não reconhecesse ninguém. Assentir e sorrir parecia bastar para manter as conversas fluindo, enquanto Alice ficava se distraindo com objetos do seu quintal. Era uma

horta ali no canto? Havia um balanço rangendo de leve com a brisa da noite. Será que o Passinha já tinha escorregado por aquele declive e se jogado nos braços dela?

Alice passou as pontas dos dedos na argamassa dos azulejos brancos do banheiro (ela e Nick tinham feito um curso sobre como colocar azulejos para se preparar para aquela tarefa: o item quarenta e seis da lista Sonho Impossível). Mas ela não se lembrava de ter feito aquilo. Era possível que houvesse perdido *milhares* de lembranças.

Será que Nick estava na cama com Gina naquele momento?

O nome de Gina tinha sido mencionado na festa. Fora constrangedor. Alice estava conversando com — ou melhor, ouvindo — uma mulher que usava brincos de diamante exageradamente grandes e um homem obcecado em pegar mais um pastelzinho que observava as bandejas dos garçons com olhos de águia. Os assuntos se resumiam aos deveres de casa e ao estresse que isso causava aos pais.

"Eram três da manhã, eu estava colando palitinho de sorvete para montar a casinha de colono do dever de casa da Erin e, juro por Deus, tive um clique." A mulher dos brincos estalara os dedos, e seus diamantes brilharam.

"Posso imaginar", murmurara Alice, embora não fosse verdade. Por que essa tal de Erin não tinha feito o próprio dever de casa? Ou por que elas não tinham feito juntas? Alice se imaginara aos risos com uma filha fofa, enquanto elas colavam palitos de sorvete e tomavam chocolate quente. Além do mais, Alice era ótima naquele tipo de coisa. A casa da sua filha teria sido a melhor da turma.

"Bem, eles precisam aprender a ter disciplina, não é? Não é para isso que serve o dever de casa?", perguntara o homem. "Ei! Com licença! Isso são pasteizinhos? Ah, são kebabs. Como eu ia dizendo, hoje basta pesquisar no Google."

Que palavra era aquela? Gorgulho? Alice estava com dor de cabeça.

"Mas não dá para fazer uma casinha de colono com palito de sorvete surgir do nada só com o Google! Bem, aposto que não é *você* que ajuda seus filhos com o dever de casa, é?" A mulher olhara para Alice com uma expressão feminina que queria dizer "Esses homens!", e ela havia tentado retribuir (com certeza Nick teria ajudado). "Aposto que Laura já preparou tudo quando você chega em casa do trabalho. Lembro que um dia ouvi Gina Boyle dizer que o dever de casa devia ser..."

A mulher tinha parado no meio da frase com um tremor exagerado de vergonha. "Ah, me *desculpe*, Alice. Como sou insensível."

O homem dera um breve abraço fraternal nela, apertando seus ombros. "Foi tão difícil para você. Olhe só! Vou pegar uns pasteizinhos para a gente."

Alice ficara horrorizada. Será que *todo mundo* sabia que Nick tivera um caso com Gina? Era do conhecimento geral daquele estranho círculo de pessoas tão próximas?

Dominick surgira do nada, tirando-a gentilmente dali. Alice estava começando a contar com ele. Até se flagrara procurando por ele no meio da multidão, pensando

vagamente "Cadê Dominick?" ao mesmo tempo que se imaginava contando aquela história para Nick: "Esse cara passou a noite toda se comportando como se fosse meu *namorado*. O que você acha disso?"

Elisabeth e seu marido Ben também tinham vindo à festa, porque Alice dissera à irmã que teria um ataque de pânico se ela não viesse. Ben era ainda maior e mais peludo do que o homem do qual Alice se lembrava. Parecia um lenhador que tinha fugido de um livro ilustrado de contos de fada, e ficou particularmente em destaque no meio dos outros homens mais jovens com camisas de botão passadas e ombros torneados pela academia. Ben parecia gostar de Alice. Falara que vinha "pensando muito na conversa que tiveram no outro dia", e então dissera "Ah, mas claro que você nem deve lembrar" e dera um tapa de leve na lateral da cabeça. Elisabeth tinha comprimido os lábios e desviado o olhar. "Sobre o que nós conversamos?", perguntara Alice. "Agora, não", respondera Elisabeth, tensa.

Elisabeth e Ben não tinham circulado muito. Conversaram bastante com Dominick, que pareciam não conhecer. Era estranho ver Elisabeth com o mesmo drinque a noite toda, sem sair do lado de Ben. Ela costumava ir de pessoa em pessoa nas festas, como se fosse seu dever conversar com cada uma.

Na verdade, o engraçado é que Alice sentiu que teria conseguido se virar na festa mesmo sem Elisabeth, Dominick ou até mesmo Nick para ajudá-la. Apesar de ter sido estranho e surreal conhecer todas aquelas pessoas que sabiam seu nome e detalhes íntimos sobre sua saúde (uma mulher tentara arrastá-la para um canto para continuar a conversa de algumas semanas antes que parecia ter sido sobre seu *assoalho pélvico*), ela não tivera aquela sensação habitual de pânico nas festas. Parecia saber instintivamente como se comportar e o que fazer com os braços e o rosto. Sentia que estava sendo elegante e animada, chegando a contar a história sobre como tinha caído na academia e achado que estava com dez anos a menos e grávida do primeiro filho. As palavras saíram com facilidade. Alice fez contato visual com todo mundo na roda de conversa. Estava *contando um caso*. Parecia ter se tornado bastante normal e talentosa, agora que estava com quase quarenta anos.

Talvez se sentira tão confiante por estar bonita. Tinha escolhido no guarda-roupa um vestido azul com bordado na gola e na bainha. "Ah, você sempre tem as roupas mais *lindas*, querida", dissera Kate Harper. O sotaque refinado de Kate fora ficando mais refinado enquanto ela bebia, de modo que, à meia-noite, estava falando como a rainha da Inglaterra.

A festa só terminara por volta de uma da manhã. Dominick fora um dos últimos a ir embora, dando-lhe um beijo recatado na bochecha e dizendo que ligaria no dia seguinte. Ele nem pareceu considerar a possibilidade de passar a noite ali, então talvez o relacionamento dos dois não houvesse chegado àquele ponto. Ele era um

homem muito simpático, alguém que Alice apresentaria a uma amiga, mas a ideia de tirar a roupa na sua frente era risível.

Por outro lado, talvez Dominick fora discreto porque sabia que Elisabeth e Ben iam passar a noite lá. Talvez os dois tivessem uma vida sexual bastante ativa.

Alice estremeceu.

Faltavam menos de vinte e quatro horas para ver Nick e as crianças, e aí tudo finalmente faria sentido.

O chão do banheiro estava ficando frio. Ela se levantou e examinou o rosto cansado e fino no espelho. *Quem você se tornou, Alice Love?*

Voltou para o quarto e pensou em tentar dormir outra vez, mas sabia que seria impossível. Leite quente era a solução. Para dizer a verdade, não era solução coisa nenhuma. Nunca curava sua insônia, mas o ritual e a sensação de fazer algo que as revistas sempre recomendavam para a insônia era tranquilizador e ajudava a passar o tempo.

A porta do quarto de hóspedes estava fechada quando ela passou na ponta dos pés pelo corredor. Alice tivera a agradável surpresa de descobrir um quarto de hóspedes (que antes era um dos muitos quartos repletos de tralhas dela e de Nick) com uma cama de casal, uma cômoda e toalhas extras. "Eu estava esperando algum hóspede?", perguntara a Elisabeth. "Esse quarto sempre fica assim", respondera a irmã. "Você é muito organizada, Alice."

Ela dissera isso com frieza. Alice não conseguia entender. Estava começando a ficar irritada com a irmã.

Atravessou devagar o corredor acarpetado e quase tropeçou no alto da escada, agarrando o corrimão. Talvez fosse conveniente cair e bater a cabeça de novo. Sua memória podia voltar.

Alice desceu a escada, agarrada ao corrimão. Quando chegou, notou uma luz acesa na cozinha.

— Oi — falou.

— Ah, oi.

Elisabeth estava parada diante do micro-ondas.

— Leite quente — disse ela. — Quer?

— Quero, por favor.

— Não que isso cure minha insônia.

— Pois é, nem a minha.

Alice se apoiou no balcão e observou Elisabeth servir o leite em mais uma xícara. Ela estava usando uma camiseta masculina enorme que devia ser de Ben. Alice se sentiu arrumada demais com sua camisola longa de seda.

— Como você está? — perguntou Elisabeth. — Como está sua… memória?

— Nenhuma novidade — respondeu. — Ainda não me lembro de nada sobre as crianças e o divórcio. Mas entendi que tem algo a ver com Gina.

Elisabeth a encarou, surpresa.

— Como assim?

— Tudo bem, não precisa me proteger — disse Alice. — Já entendi que ele teve um caso com ela.

— *Nick* teve um caso com *Gina*?

— Ué, não teve? E pelo visto todo mundo sabe.

— Para mim é novidade — afirmou Elisabeth, parecendo genuinamente chocada.

— Ele deve estar na cama com ela agora — disse Alice, indiferente.

O micro-ondas apitou, mas Elisabeth ignorou.

— Duvido muito, Alice — disse ela.

— Por quê?

— Porque Gina morreu.

DEZOITO

— Ah — disse Alice.

Ela fez uma pausa.

— Eu não matei essa Gina, matei? — perguntou. — Num ataque de ciúmes assassino? Se bem que acho que aí eu estaria na cadeia… Mas pode ser que ninguém saiba!

Elisabeth caiu na gargalhada.

— Não, você não matou Gina — disse, franzindo o cenho. — Está dizendo que *lembra* que Nick teve um caso com ela?

— Não exatamente — admitiu Alice.

Tudo parecera tão claro. Ela até se animara. Por isso todo mundo ficava com pena quando o nome de Gina era mencionado: ela estava morta! Não tinha nada a ver com um caso. Alice ficou extremamente aliviada e culpada por Nick. *Claro que não, querido, na verdade nunca suspeitei de você, nem por um segundo.*

E, se não tinha acontecido caso nenhum, talvez Gina houvesse sido muito simpática. Então meio que era horrível que tivesse morrido.

Elisabeth pegou as xícaras de leite quente no micro-ondas e as levou para a mesa de centro, acendendo um abajur. Os balões de hélio que Dominick tinha enchido continuavam flutuando perto do teto. Havia duas taças meio vazias de champanhe no parapeito da janela, e também uma pilha de palitinhos mastigados de kebab de frango.

Alice se sentou de pernas cruzadas no sofá de couro, esticando a camisola até os joelhos.

— Como Gina morreu? — perguntou.

— Foi um acidente. — Elisabeth enfiou o dedo na xícara de leite e o moveu em círculos, tentando evitar a irmã. — Um acidente de carro — revelou. — Há mais ou menos um ano.

— Eu fiquei chateada?

— Ela era sua melhor amiga. Acho que você ficou arrasada.

Elisabeth deu um grande gole no leite e colocou depressa a xícara na mesa, dizendo:

— Ai! Está pelando!

Arrasada. Uma palavra tão forte. Alice deu um gole no leite e queimou a língua. Era tão bizarro pensar que tinha ficado "arrasada" com a morte de uma mulher desconhecida e aparentemente aceitado sem problemas o divórcio. Alice não tinha experiência com desolação. Nada de muito terrível tinha acontecido em sua vida até então. O pai morrera quando Alice tinha seis anos, mas, pelo que lembrava, ela se sentira mais confusa do que qualquer outra coisa.

Certa vez, a mãe de Alice lhe contou que ela passara semanas usando o suéter velho do pai após a morte dele, recusando-se a tirá-lo, e que esperneou e gritou quando Frannie finalmente o puxou por sua cabeça. Alice não tinha nenhuma recordação disso. O que lembrava era que, no chá depois do velório, ela levara uma bronca de uma das amigas da aula de tênis da mãe por enfiar o dedo no cheesecake, embora Elisabeth tivesse feito a mesma coisa e *ninguém tivesse brigado com ela*. Em vez de sofrimento e devastação, o que Alice não esquecera fora a terrível injustiça do cheesecake.

Na véspera do casamento, Alice ficou chorando na cama porque seu pai não estava vivo para entrar com ela na igreja. Ela havia ficado perplexa com as lágrimas repentinas e pensado que devia ser apenas nervosismo por causa da cerimônia. Ficou com medo de que fossem lágrimas falsas, por achar que devia se sentir daquela forma, quando na verdade não conseguia nem lembrar como era ter um pai. E, ao mesmo tempo, ficara feliz, porque talvez aquilo significasse que ela se lembrava *sim* do pai e ainda sentia saudade dele, e então chorara mais ainda, pensando que, sempre que o pai estava se barbeando no banheiro, ele colocava uma grande quantidade de espuma cremosa e deliciosa na mão dela, para que pudesse espalhar no rosto todo aquela coisa *fofa* e *tocante*... Tomara que a cabeleireira acerte a franja dela amanhã, porque, quando ela errava, Alice ficava parecendo um vombate. Pronto, estava provado que ela era uma pessoa terrivelmente superficial que pensava mais no cabelo do que no pai falecido. Alice enfim adormecera, muito agitada, sem saber se era por causa do pai ou do cabelo.

Mas dessa vez parecia que tinha enfrentado um sofrimento real, de adulto, por causa de uma mulher chamada Gina.

— Você estava lá — disse Elisabeth baixinho.

— Oi? Eu estava onde?

— Você viu o acidente da Gina. Estava no carro logo atrás dela. Deve ter sido horrível para você. Nem imagino...

— Na esquina da Rawson com a King? — interrompeu Alice.

— Isso. Você lembra?

— Na verdade, não. Acho que só me lembro da sensação. Já aconteceu duas vezes. Sinto um pânico, um horror, ao passar por aquela esquina.

Será que a sensação ia passar depois de descobrir o significado?

Não tinha certeza se queria se lembrar de ver alguém morrendo na sua frente.

Elas beberam o leite em silêncio durante alguns segundos. Alice esticou a mão para pegar a corda de um dos balões e a puxou. Ficou observando o balão balançar e se lembrou mais uma vez dos buquês de balões cor-de-rosa açoitados pelo vento num céu de tempestade.

— Balões cor-de-rosa — disse para Elisabeth. — Eu me lembro de balões cor-de-rosa e de sentir uma tristeza horrível. Isso tem alguma coisa a ver com Gina?

— Foi o velório — respondeu Elisabeth. — Você e Michael, o marido dela, mandaram soltar balões no cemitério. Foi muito bonito. Muito triste.

Alice tentou se imaginar falando sobre balões com um homem de luto chamado Michael.

Michael. Aquele era o nome no cartão de visitas que estava em sua carteira. Michael Boyle — o fisioterapeuta de Melbourne — devia ser o marido de Gina. Por isso ele tinha escrito "tempos mais felizes" na parte de trás do cartão.

— A morte de Gina foi antes do meu divórcio? — perguntou Alice.

— Foi. Acho que uns seis meses antes. Você teve um ano bem difícil.

— Pelo visto foi mesmo.

— Sinto muito.

— Tudo bem.

Alice ergueu os olhos, culpada, com medo de sua expressão denunciar que ela estava morrendo de pena de si mesma.

— Eu nem me lembro de Gina — confessou. — Ou do divórcio.

— Bem, você vai ter que se consultar com aquele neurologista — disse Elisabeth, mas sem convicção, como se não quisesse ter o trabalho de insistir no assunto.

Elas ficaram ali, num silêncio interrompido apenas pelas borbulhas do aquário.

— Eu devia estar alimentando esses peixes? — perguntou Alice.

— Não sei — disse Elisabeth. — Na verdade, acho que são responsabilidade do Tom. Mais ninguém tem permissão para encostar neles.

Tom. O menininho louro que tinha falado com Alice ao telefone com aquela voz de nariz entupido. Ela ficava aterrorizada só de pensar em conhecê-lo. Era ele quem cuidava dos peixes. Tinha responsabilidades e opiniões. Todas as três crianças deviam ter opiniões. Opiniões sobre a própria Alice. Talvez nem gostassem muito dela. Talvez ela fosse rígida demais. Ou os fizesse passar vergonha. Usasse as roupas erradas para buscá-los na escola. Talvez preferissem Nick. Talvez a culpassem por expulsar Nick de casa.

— Como eles são? — perguntou Alice.

— Os peixes?

— Não, meus filhos.

— Ah... Ah, são ótimos.

— Conte direito. Descreva a personalidade deles.

Elisabeth abriu a boca e voltou a fechar.

— Eu me sinto idiota contando para você sobre seus filhos. Você conhece essas crianças muito melhor do que eu.

— Mas nem me lembro de ter tido essas crianças.

— Eu sei. Mas é muito difícil acreditar. Você está com a mesma cara. Tenho a impressão de que a qualquer segundo sua memória vai voltar e você vai dizer: "Ah, por favor. Não venha falar dos *meus* filhos para *mim*."

— Pelo amor de Deus! — exclamou Alice.

— Está bem, está bem — disse Elisabeth, erguendo as mãos. — Vou tentar. Então, Madison, bem, Madison é... — Ela se interrompeu. — Mamãe faria isso muito melhor do que eu. Ela vê as crianças o tempo todo. Devia perguntar para ela.

— Como assim? Você conhece meus filhos, não é? Eu achei, bem, achei que você os conhecesse melhor que qualquer outra pessoa. Foi você quem deu o primeiro presente para o bebê. As meinhas.

Elisabeth fora a primeira pessoa para quem Alice ligara depois que ela e Nick tinham enfileirado todos os testes de gravidez positivos em cima da mesa de centro. Ela havia ficado tão animada! Tinha levado champanhe ("para mim e para Nick, para você, não!"), um exemplar de *O que esperar quando você está esperando* e as meias.

— Foi? — disse Elisabeth. — Eu não lembrava. — Ela largou a xícara e pegou um porta-retratos na mesa ao lado. — Eu costumava visitar sempre as crianças quando elas eram pequenas. Amava muito as três. Ainda amo, claro. O problema é que vocês estão sempre tão ocupados... As crianças fazem muitas atividades. Todas fazem natação. Olivia faz balé e *netball*. Tom joga futebol e Madison joga hóquei. E as festas de aniversário! Eles têm sempre alguma festa para ir. Têm uma vida social impressionante. Lembro que, quando eram pequenos, eu sabia exatamente o que dar de presente a eles. Rasgavam o papel no maior desespero. Agora tenho que ligar para você, e você me diz exatamente onde ir e o que comprar. Ou então você mesma compra e eu lhe dou o dinheiro. E aí você obriga as crianças a me mandar um cartão de agradecimento. "Querida tia Libby, muito obrigado pelo meu blá-blá-blá."

— Um cartão de agradecimento? — repetiu Alice.

— É. Eu sei, eu sei que é para ensinar boas maneiras e tal, mas meio que odeio esses cartões. Sempre imagino as crianças resmungando por ter que escrever aquilo. Fico me sentindo uma tia velha.

— Ah. Desculpe.

— Imagina! Nunca reclamei dos cartões para você. Virei uma velha amargurada. Você notou?

— Parece que fui eu que virei uma…

Alice não sabia descrever a pessoa que parecia ter se tornado. Intolerável?

— Enfim — continuou Elisabeth. — Seus filhos. Bom, Madison é Madison — explicou ela, com um sorriso carinhoso.

Madison é Madison. Havia um mundo inteiro de lembranças naquela frase. Se aquele mundo estivesse eternamente perdido para Alice, aquilo seria insuportável.

— Mamãe sempre pergunta: "De onde essa menina saiu?" — disse Elisabeth.

— Ok.

Aquilo não estava ajudando muito.

— É que ela sempre foi muito intensa, desde bebê. Sente tudo com muita intensidade. Na véspera de Natal, ficava quase febril de tanta animação, e depois não suportava quando o Natal chegava ao fim. Você a encontrava chorando num canto, porque ela ia ter que esperar um ano inteiro até o próximo Natal. O que mais? Ela vive se machucando. Atravessou aquelas portas de vidro no ano passado e precisou levar quarenta e dois pontos. Foi bem traumático. Havia muito sangue. Pelo que sei, Tom chamou uma ambulância e Olivia desmaiou. Eu não sabia que uma menina de cinco anos podia desmaiar. Mas Olivia tem fobia de sangue. Pelo menos, tinha. Não sei se ainda tem. Na verdade, ela não andou toda animada com a ideia de ser enfermeira? Quando foi que mamãe comprou aquele uniforme de enfermeira para ela?

Alice ficou olhando para a irmã.

— Desculpe — disse Elisabeth, perturbada. — Não consigo imaginar como deve ser estranho isso… e toda hora esqueço.

— Fale mais sobre a Passinha. Digo, Madison — pediu Alice.

— Ela gosta de cozinhar — contou Elisabeth. — Quero dizer, imagino que ainda goste. Acho que anda um pouco rabugenta. Ela costumava fazer as próprias receitas, e eram boas. Só que sempre parecia que tinha explodido uma bomba na cozinha e ela não era muito boa em limpar. Além do mais, era meio dramática. Se a receita não ficasse exatamente como queria, ela começava a chorar. Certa vez, vi Madison jogando no lixo um bolo de chocolate de três camadas que tinha passado horas decorando. Você ficou *histérica*.

— É mesmo?

Alice tentou mais uma vez se reajustar a essa nova imagem de si mesma. Ela nunca se zangava. Tendia mais a ficar emburrada.

— Parece que você tinha ido ao supermercado só para comprar os ingredientes certinhos desse bolo, então não culpo você.

— Madison está parecendo uma das lelés — disse Alice.

Ela nunca considerara a possibilidade de que os genes das irmãs de Nick podiam se infiltrar na filha dela. Sempre presumira que, se tivesse uma menina, seria uma

versão em miniatura dela mesma, uma Alice novinha em folha que ela poderia melhorar, talvez com os olhos de Nick, para deixá-la mais interessante.

— Não, não, ela não é como as lelés — retrucou Elisabeth, sem hesitar. — É simplesmente Madison.

Alice pressionou as palmas das mãos na barriga e pensou no amor insano que ela e Nick haviam sentido por Passinha. Tinha sido um amor tão puro, simples, quase narcisista. Agora Passinha atravessava portas de vidro, jogava bolos no lixo e deixava Alice "histérica". Era tudo muito mais complexo e caótico do que ela imaginara.

— E Tom? Como ele é?

— Inteligente — respondeu Elisabeth. — E tem um senso de humor surpreendente, às vezes. É um menino desconfiado. Não se deixa enganar de jeito nenhum. Ele confere tudo na internet. De vez em quando fica obcecado com alguma coisa e aprende tudo sobre o assunto. Durante um tempo, foram os dinossauros. Depois, montanhas-russas. Não sei qual o interesse atual dele. E tira notas muito boas. Ganha prêmios e é o primeiro aluno da turma. Esse tipo de coisa.

— Que bom — disse Alice.

— Deve ter sido um alívio depois de Madison.

— Como assim?

— Bom, Madison sempre teve problemas na escola. "Problemas comportamentais", como você diz.

— Entendi.

— Mas acho que está tudo sob controle. Faz tempo que não fico sabendo de nenhum drama.

Drama. Na vida de Alice havia "drama".

— E também tem Olivia — continuou Elisabeth. — Ela é uma dessas crianças que todo mundo ama. Quando saíamos com ela ainda bebê, as pessoas paravam você na rua para elogiar. Até executivos sérios correndo para a próxima reunião sorriam ao verem Olivia no carrinho. Era como estar com uma celebridade, todo mundo se virava para olhar. E ela continua tão fofa... A gente fica esperando que ela vire um monstro, mas até agora, nada. Olivia é muito carinhosa... talvez até demais. Eu me lembro de quando ela se agachou na cozinha e disse "Oi, amiguinha", e todos nós olhamos para baixo e percebemos que ela estava tentando fazer carinho numa barata. Mamãe quase caiu morta. — Elisabeth parou de falar e deu um enorme bocejo. — Você provavelmente os descreveria de outra maneira — acrescentou, na defensiva. — Afinal, é a mãe deles.

Alice estava pensando na primeira vez que vira Nick. Estava usando um avental listrado, sentada num banco alto, pronta para aprender a fazer comida tailandesa. Sua amiga Sophie devia ter ido com ela, mas havia torcido o tornozelo e faltado a primeira aula. Nick chegou atrasado com uma menina que Alice presumiu ser sua

namorada, mas na verdade era sua irmã mais lelé, Dora. Eles entraram rindo, e Alice, que estava solteira há pouco tempo — uma situação que lhe deixara triste —, se irritara. Típico. Lá vem mais um casal feliz, risonho e apaixonado. Alice se lembra de ter cruzado olhares com Nick enquanto ele procurava lugares vazios pela sala (e Dora fitava o teto de maneira reverente e estranha, fascinada por algum motivo com o ventilador). Nick havia erguido as sobrancelhas grossas, demonstrando incompreensão, e Alice sorrira educadamente, pensando *Ok, tudo bem, venha se sentar aqui, casalzinho, e vamos ter uma conversa chata*.

Havia outro lugar vazio na frente da sala. Se eles não tivessem se entreolhado, se ela houvesse observado a receita de bolinho de peixe à sua frente, ou se Sophie tivesse caminhado dois centímetros mais para a esquerda, sem torcer o tornozelo naquele buraco, ou se elas houvessem decidido fazer o curso de degustação de vinhos em vez daquele, o que não aconteceu por muito pouco, aquelas três crianças nunca teriam nascido. Madison Love. Thomas Love. Olivia Love. Três pequenos indivíduos que já tinham personalidades, manias e histórias próprias.

No momento em que Nick ergueu as sobrancelhas peludas na direção de Alice, todos eles receberam selos de aprovação. Sim, sim, sim, vocês vão existir.

Alice ficou maravilhada. Era incrível. Claro que um milhão de bebês nascia a cada segundo, ou qualquer coisa parecida, portanto não era tão incrível, mas mesmo assim… Por que eles não irradiavam alegria toda vez que *olhavam* para aquelas crianças? Por que diabo estavam se divorciando?

— Quer dizer que eu e Nick estamos brigando pela guarda das crianças? — perguntou.

Aquilo era tão adulto, tão estranho.

— Nick quer que passem metade do tempo com ele. A gente não sabe como ele imagina que vai conseguir isso, porque trabalha muito. Você sempre foi a "responsável principal", como dizem. Mas a coisa ficou tão… feia. Acho que é a natureza do divórcio.

— Mas Nick me acha… — começou Alice, magoada. — Ele me acha uma mãe ruim?

Será que ela era boa mãe?

Elisabeth ergueu o queixo e seus olhos faiscaram como antigamente.

— Bem, se ele acha isso, está errado, e a gente vai arrumar um milhão de testemunhas para comprovar o contrário no tribunal. Você é uma mãe *maravilhosa*. Não se preocupe. Ele não vai ganhar. Não tem nenhuma chance. Não sei o que está tentando provar. Acho que para ele é só uma disputa de poder.

Aquilo era confuso, porque, apesar de Alice gostar de ver Elisabeth furiosa por causa dela, ao mesmo tempo sentia uma lealdade automática a Nick. Sua irmã

sempre morrera de amores por ele. Toda vez que Alice e Nick discutiam, Elisabeth ficava do lado dele. Ela dizia que Nick era "um partidão".

Elisabeth estava ficando cada vez mais irritada.

— É tão *idiota* — disse ela. — Ele não faz a menor ideia de como cuidar das crianças. Não sabe cozinhar. Aposto que nunca usou a máquina de lavar. Além do mais, vive viajando. Ele é um baita de um…

Alice ergueu a mão para fazê-la parar. Não suportava ouvir Elisabeth criticando Nick.

— Acho que é porque ele não suporta a ideia de ser pai em meio período, igual ao pai dele. Nick odiava quando Roger vinha buscar os filhos para passear. Dizia que ele sempre se esforçava demais, o que dá para imaginar, que era sempre constrangedor e estranho, e as meninas brigavam e se aproveitavam do cartão de crédito dele. Sempre que a gente vai a um restaurante e Nick vê um homem sozinho com os filhos, diz "olha aí um pai divorciado" e estremece. Quer dizer, era isso que ele *fazia*. Há dez anos. — Alice tentou controlar o tom da própria voz. — Ele queria passar todas as noites com os filhos, saber o que tinham feito na escola e preparar o café da manhã para eles no fim de semana. Falava muito sobre isso. Era como se quisesse compensar a própria infância, e eu adorava quando ele falava essas coisas, porque também ia compensar a *nossa* infância, sem nosso pai por perto. Ele tinha ideias tão românticas, tão bonitas, sobre como nossa família seria… Bem, nós dois tínhamos. Eu não acredito… não *acredito*…

Ela não conseguiu dizer mais nada. A irmã se sentou no sofá ao seu lado e lhe deu um abraço constrangedor.

— Talvez — disse Elisabeth, hesitante —, talvez essa perda de memória seja uma coisa boa, porque vai ajudar você a ver as coisas de forma mais objetiva, sem a mente embaralhada com tudo o que aconteceu nos últimos dez anos. E, quando sua memória voltar, vai ter um ponto de vista diferente, e você e Nick podem resolver as coisas sem brigar tanto.

— E se minha memória nunca voltar?

— Claro que vai voltar. Você já está se lembrando de algumas coisas.

— Talvez minha versão mais antiga tenha sido enviada do passado para impedir o divórcio — disse Alice, brincando em parte. — Talvez minha memória só volte depois que eu fizer isso.

— É possível! — exclamou Elisabeth, exagerando no entusiasmo. Então fez uma pausa e disse: — Dominick pareceu simpático. Muito simpático.

Alice pensou em como tinha deixado Dominick beijá-la ali, naquele mesmo sofá, e sentiu uma culpa imensa.

— Ele é bem simpático. Mas não é Nick.

— Não. É *bem* diferente de Nick.

Ora, o que exatamente aquilo queria dizer? Será que Alice deveria ficar ofendida em nome de Nick? Mas ela não ia ter uma conversa comparando os prós e os contras dos dois, como se fosse uma competição de pretendentes. Nick era seu marido. Alice mudou de assunto:

— Por falar em homens, gostei do Ben.

— É engraçado ouvir você falar dele como se tivessem acabado de se conhecer.

— O que Ben quis dizer quando comentou que andou pensando na nossa conversa de outro dia?

Alice sabia que havia algo controverso nesse tópico, mas estava na hora de descobrir qual era o problema com ela e a irmã.

— Huuuummm — disse Elisabeth, bocejando e se espreguiçando. — Quer um copo d'água?

— Não, obrigada.

— Estou morrendo de sede.

Ela se levantou e foi para a cozinha. Alice a observou e se perguntou se iria simplesmente fingir que não escutara. Ela voltou com um copo d'água, sentou-se na poltrona diante de Alice e comentou:

— Está tarde.

— Libby.

Elisabeth suspirou.

— Na quinta, um dia antes do seu acidente, Ben veio ajudar com algum problema que você estava tendo com o carro. Só que, aparentemente, não existia problema algum. Foi pura encenação.

Meu Deus, o que foi que ela fez? Alice se empertigou. Sentiu o rosto corar. Será que tinha dado em cima do marido da irmã? (Para começo de conversa, aquele homem era bizarramente grande.) Será que tinha enlouquecido com o término do seu casamento?

— Você deu muffins de banana quentinhos e saídos do forno para Ben. Ele adora seus muffins de banana — continuou Elisabeth.

Ai, caramba.

— Com bastante manteiga. Eu nunca deixo Ben comer manteiga. Ele tem colesterol alto, como você sabe muito bem. Afinal, você é toda ligada em alimentação saudável.

Ela havia *usado manteiga para seduzir o cunhado*. Seu coração estava disparado.

— E aí você fez um discursinho.

— Discursinho? — repetiu Alice, num fio de voz.

— Sim, um discursinho para nos convencer a desistir da fertilização in vitro e adotar uma criança. Você tinha panfletos. Formulários de adoção. Endereços de sites. Tinha pesquisado.

Alice ficou sem entender durante alguns segundos. Sua mente se encheu de imagens aterradoras em que ela ia lá em cima por "um minutinho" e voltava só de lingerie vermelha.

— Adoção — repetiu, confusa.

— Isso. Você acha que a gente devia visitar um país de terceiro mundo, que nem Brad e Angelina, e pegar um órfão fofinho.

— Mas eu fui muito atrevida, hein — disse Alice com severidade, tremendo de alívio por não ter tentado seduzir Ben. — Fui uma intrometida. Uma enxerida!

Por outro lado, pensou ela, *adotar não era uma ótima ideia?*

— Bom — disse Elisabeth —, eu fiquei com raiva. Quando Ben chegou em casa e me contou, liguei para você e nós tivemos a maior discussão. Você falou que já estava na hora de "encararmos a realidade".

— Eu disse isso mesmo?

— Disse.

— Desculpe.

— Tudo bem. Acho que sua intenção era boa. Mas ficou parecendo que você me achava uma idiota. Como se você nunca fosse deixar as coisas chegarem tão longe. Como se nunca fosse ser *desleixada* a ponto de ter um aborto espontâneo atrás do outro. Como se, sei lá, eu tivesse sido irracional demais sobre tudo isso.

— Desculpe — repetiu Alice. — Desculpe mesmo.

— Você nem se lembra do que aconteceu — argumentou Elisabeth. — Quando lembrar, vai mudar de opinião. Aliás, também falei algumas coisas bem desagradáveis para você.

— Tipo o quê?

— Não vou repetir! Nem foi de coração. Assim não preciso lidar com as consequências.

Elas ficaram em silêncio durante alguns segundos.

— Brad e Angelina são seus amigos? — perguntou Alice, por fim.

Elisabeth bufou.

— Brad Pitt e Angelina Jolie. Você também esqueceu todas as fofocas dos famosos.

— Achei que Brad Pitt estivesse noivo da Gwyneth Paltrow.

— Isso foi há séculos. Desde então, ele se casou e se separou da Jennifer Aniston e Gwyneth teve uma filha chamada Apple. É sério. Apple.

— Ah — disse Alice, sentindo-se inexplicavelmente triste por Brad e Gwyneth. — Eles pareciam felizes nas fotos.

— Todo mundo parece feliz nas fotos.

— E Bill e Hillary Clinton? — perguntou Alice. — Eles continuaram juntos?

— Depois daquela história da Monica Lewinsky? Continuaram, sim. Acho que ninguém nem pensa mais nisso.

Alice olhou para Elisabeth.

— Então — disse ela, com uma intrepidez louca —, pelo visto, você não quer adotar um bebê, é isso?

Elisabeth deu um sorriso amarelo.

— Eu teria considerado a hipótese anos atrás, mas Ben não suportava pensar no assunto. Ele sempre foi ideologicamente contra adoção, porque é adotado e tem uma mãe… difícil. Ben não teve uma infância muito boa. Minha adorável sogra disse que sua mãe biológica não tinha dinheiro para ficar com ele, então Ben começou a economizar. Achou que, quando tivesse cem dólares, poderia escrever para sua mãe biológica, dizendo que já conseguia se sustentar e perguntando se ela poderia, por favor, aceitá-lo de volta. No seu aniversário, ele sempre corria para a caixa de correios, torcendo para que talvez naquele ano, do nada, sua mãe biológica tivesse decidido mandar um cartão.

"Ele se achava feio nas fotos de bebê, porque era uma criança meio engraçada, e se perguntava se sua mãe biológica não tinha gostado de sua aparência. Sempre achou que os pais tinham se arrependido por não ter escolhido um filho menor e mais inteligente. Passou a infância inteira mantendo o quarto organizado, sem falar muito, sentindo-se um estranho grandalhão e desajeitado dentro da própria casa. Fico arrasada quando penso nisso. Aquilo que você disse mais cedo, sobre Nick querer ser um bom pai para compensar o fato de o próprio pai ter ido embora, bom, Ben era parecido. Ele queria um filho biológico. Queria alguém como ele, que tivesse os mesmos olhos, a mesma estatura. E eu estava tão ansiosa para dar isso a ele… Eu queria tanto dar isso a ele…

— Eu entendo, claro.

— Então sempre respeitei muito a forma como Ben encarava a adoção.

— Posso imaginar.

Elisabeth deu um sorrisinho irônico.

— O que foi? — perguntou Alice.

— Na quinta, você disse para Ben que ele precisava superar isso.

— Superar o quê?

— Superar esse problema com a adoção. Você disse que muita gente não se dava bem com os pais biológicos, que era como jogar na loteria, mas qualquer criança que tivesse a mim e a ele como pais ia ganhar o maior prêmio de todos. Obrigada por isso, aliás. Foi um comentário legal.

— Tudo bem — disse Alice, pensando que pelo menos tinha acertado uma. — Mas Ben não deve ter gostado de ouvir isso.

— Essa é a questão. Ontem, quando cheguei em casa do almoço, ele disse que andou pensando no que você falou e que achava que estava certa. Que a gente devia adotar. Está todo animado. Pelo visto, a única coisa que eu precisava ter dito para ele cinco anos atrás era "você precisa superar isso". Sou mesmo muito boba. Fiquei pisando em ovos por causa da infância traumática dele, tudo à toa.

Alice tentou se imaginar dizendo para aquele homem grandalhão e peludo que ele "precisava superar isso" enquanto lhe dava muffins de banana. (Muffins de banana. Ela se perguntou que receita usava. Além disso, devia ter uma forma para muffins.) Nunca tivera opiniões sobre a vida de Elisabeth, por mais que a irmã tivesse muitas opiniões sobre a sua. Não tinha problema, porque ela era a mais velha. Era sua tarefa ser a irmã sensata e mandona que não atrasava o imposto de renda, levava regularmente o carro ao mecânico e tinha uma carreira, enquanto Alice era sonhadora, desastrada e ria de Elisabeth por causa dos seus pôsteres motivacionais com montanhas e pôr do sol. Para falar a verdade, agora que parou para pensar, fora *Elisabeth* quem a obrigara a fazer o curso de culinária tailandesa com Sophie, em vez de desperdiçar a vida chorando por causa daquele consultor de TI arrogante.

Mas parece que atualmente era Alice quem obrigava os outros a fazer coisas.

— Mas não é bom que Ben esteja considerando a hipótese de adotar? — perguntou ela, esperançosa.

— Não, não é.

A voz de Elisabeth ficara gélida. Ela se empertigou. *Lá vamos nós*, pensou Alice.

— Não é nada bom. Você não sabe do que está falando, Alice.

— Mas…

— É muito tarde agora. A gente esperou demais. Você não sabe quanto tempo demora para adotar uma criança. Tudo o que é preciso fazer. Não é só entrar na internet e encomendar uma. A gente não é Brad e Angelina. Temos que cumprir várias obrigações e gastar milhares de dólares que não temos. Leva muitos e muitos anos, é bem estressante, pode dar errado, e eu não tenho energia para isso. Para mim, chega. Teríamos quase cinquenta anos quando conseguíssemos uma criança. Estou cansada demais para começar a lidar com burocratas, para tentar convencê-los de que eu seria uma boa mãe, para informar quanto dinheiro ganhamos, blá-blá-blá. Não sei por que de repente você passou a se interessar tanto pela minha vida, mas chegou tarde.

— *De repente* passei a me interessar?

Alice ficou magoada, desesperada para se defender, mas não tinha nenhuma prova à sua disposição. Não acreditava naquilo. Ela nunca deixaria de se interessar pela vida de Elisabeth.

— Quer dizer que eu não me interessava antes? — perguntou.

Elisabeth exalou ruidosamente, murchando feito um balão e se afundando na cadeira.

— Claro que se interessava.

— Então por que você disse isso?

— Não sei. Tive essa sensação algumas vezes. Mas retiro o que disse.

— Isso aqui não é um tribunal.

— Não foi de coração. De qualquer maneira, provavelmente você poderia dizer o mesmo de mim. Não vejo mais as crianças com tanta frequência. Eu devia ter sido mais prestativa depois do que aconteceu com Gina e Nick. Mas você está sempre tão... não sei. Ocupada. Autossuficiente — disse Elisabeth, bocejando. — Deixe para lá.

Alice olhou para as próprias mãos estranhas e enrugadas.

— O que deu errado com nós duas? — perguntou baixinho.

Não houve resposta. Alice ergueu o olhar e notou que Elisabeth tinha fechado os olhos e apoiado a cabeça no sofá. Parecia exausta e triste.

Por fim, ela falou, sem abrir os olhos:

— A gente realmente devia ir para a cama.

DEZENOVE

Eram cinco e meia da tarde de domingo. Em meia hora, Nick chegaria com as crianças.

Alice sentia um enjoo que era uma mistura de apreensão e expectativa, como se fosse sair com alguém pela primeira vez.

Tinha colocado um vestido floral bonito e passado maquiagem, com o cabelo todo bufante e maternal, mas então decidiu que estava pegando pesado demais. Ela imaginava que, em geral, não se vestia como uma mãe da década de 1950 numa festa a fantasia. Correu lá para cima, tirou a maquiagem e arrancou o vestido pela cabeça num pânico insano. Pegou uma calça jeans e uma camiseta branca e achatou o cabelo. Nenhuma joia, com exceção da pulseira de Nick e sua aliança, que encontrara no fundo da gaveta, junto da aliança de noivado da vovó Love. Ela não entendeu por que não tinha devolvido a aliança de noivado. Durante um divórcio, não era normal, em algum momento, tirar a aliança e jogá-la no cara?

Alice se olhou no espelho do quarto. Estava muito melhor desse jeito, casual, nada afetada, embora seu rosto estivesse pálido e mais envelhecido. Ela resistiu à vontade de fazer aquele incrível ritual de maquiagem que transformava seu rosto. Não devia usar maquiagem só para passar a noite de domingo em casa.

Mais cedo, depois que Elisabeth e Ben tinham ido para casa, de repente Alice se dera conta de que devia ser sua responsabilidade alimentar aquelas três crianças. Ela havia ligado para a mãe e perguntado o que devia fazer para o jantar, argumentando que queria preparar o prato preferido deles. Barb passara vinte minutos inteiros discutindo as idiossincrasias alimentares que cada criança tivera ao longo da vida. "Lembra quando Madison passou por aquela fase vegetariana? E claro que precisava ser na mesma época que Tom estava se recusando a comer *qualquer* vegetal. E então Olivia não conseguiu decidir se devia só comer vegetais igual a Madison, ou se recusar a comer vegetais igual a Tom! Ah, você enlouquecia sempre que chegava a hora do lanche!" Por fim, depois de muito mudar de ideia, Barb decidiu que o melhor seria fazer hambúrgueres. "Acho que você anotou uma receita saudável no seu livro de receitas. Na outra semana mesmo, você estava comentando que não

aguentava mais comer isso, mas as crianças amavam. Você lembra, não é, querida? Porque foi na *semana passada*."

Alice tinha encontrado o livro de receitas, e o abriu na página certa, toda coberta de manchas de comida. Os ingredientes estavam em seu freezer e em sua despensa perfeitamente abastecidos. Parecia haver o suficiente lá para alimentar centenas de crianças. Ao moer a carne dos hambúrgueres, ela se deu conta de que não estava mais consultando o livro de receitas. Parecia saber que devia ralar duas cenouras e uma abobrinha, depois acrescentar dois ovos. Ao terminar, ela colocou os hambúrgueres crus na geladeira, descongelou os pães prontos para serem torrados e fez uma salada verde. Será que as crianças comiam salada verde? Impossível saber. De qualquer forma, ela e Nick podiam comer. Ele ia ficar para o jantar, não ia? Ou ia deixar as crianças ali e *ir embora*? Mas Alice teve um pressentimento horrível de que era exatamente isso que pais divorciados faziam. Ela teria que pedir para Nick ficar, por favor. Implorar, se necessário. Não podia ficar a sós com as crianças. Não era seguro. Não sabia como se comportar. Por exemplo, elas tomavam banho sozinhas? Lia histórias para elas? Cantava músicas? Qual era a hora de dormir? E como obrigá-las a fazer isso? (Sua mãe tinha se oferecido para ajudar com as crianças, mas Alice não precisava comentar aquilo com Nick.)

Ela voltou lá para baixo, de calça jeans, e observou sua casa linda e limpíssima. Duas faxineiras tinham aparecido na porta ao meio-dia, carregando esfregões e baldes e perguntando como tinha sido a festa ao colocar os aspiradores nas tomadas. Elas esfregaram e poliram enquanto Alice andava de um lado para outro, sem rumo, envergonhada e sem saber direito o que fazer. Ajudar? Sair da frente? Supervisionar? Esconder os objetos de valor? Pegara a bolsa, pronta para lhes dar a quantia que pedissem, mas nenhuma das duas falara em dinheiro. Elas disseram que a veriam na quinta, no horário de sempre, e desapareceram, acenando com alegria. Alice fechara a porta, sentira o cheiro de cera para móveis e pensara *Tenho piscina, ar-condicionado e faxineiras*.

Olhou em torno da cozinha e encontrou uma adega. Devia ter uma garrafa de vinho aberta, esperando Nick. Ela escolheu uma; quando foi pegar um saca-rolhas, percebeu que a garrafa não tinha rolha, mas uma tampinha normal, de girar. Que engraçado. O cheiro de vinho atingiu suas narinas e, sem pensar, ela se serviu de uma taça generosa. Enfiou o nariz mais fundo. Parte de sua mente pensava *O que você está fazendo, sua bêbada?* Outra parte pensava *Huummmm, mirtilo*.

O vinho desceu com delicadeza por sua garganta, e Alice se perguntou se tinha virado alcoólatra. Não eram nem seis da tarde. Ela nunca foi de beber vinho. No entanto, beber aquele vinho parecia certo e normal, apesar de também parecer estranho e errado. Talvez por isso Nick tivesse ido embora e quisesse a guarda das crianças. Alice tinha se tornado uma bêbada. Ninguém sabia, exceto Nick e seus

filhos. Era um segredo horrível. Bem, ela não podia simplesmente se tratar? Alice tomou um grande gole de vinho. Entrar para o AA e seguir aqueles doze passos? Nunca mais beber uma gota? Ela tomou outro gole e tamborilou os dedos na bancada da cozinha. Logo mais veria Nick e todo aquele mistério seria desvendado. Não era lógico, mas Alice tinha uma forte sensação de que, assim que visse o rosto de Nick, toda a sua memória voltaria intacta.

Dominick tinha aparecido de novo naquela tarde. Trazia dois chocolates quentes em copos de plástico e minúsculos bolinhos de polenta (Alice teve a impressão de que deviam ser os que ela mais amava, e ficou agradecida). Ficara surpresa com a alegria que sentira ao vê-lo parado diante da porta. Talvez por causa do nervosismo de Dominick, que a fazia sentir idolatrada. Nick a idolatrava, mas Alice o idolatrava também, então estavam quites. Conversar com Dominick lhe dava a impressão de que cada palavra que dizia era maravilhosa por algum motivo.

— Como está a sua, hum, memória hoje? — perguntara ele educadamente enquanto tomavam chocolate quente e comiam os bolinhos na varanda.

— Ah, acho que está um pouco melhor.

As pessoas gostavam de acreditar que você estava progredindo quando se tratava de saúde.

Pelo que ele falou, Jasper estava "com a mãe". Alice se deu conta de que Dominick devia ser um pai divorciado. Era tudo muito estranho. Não seria muito menos complicado se todo mundo simplesmente ficasse com a pessoa com quem havia se casado?

Aquilo significava que o divórcio era algo que os dois tinham em comum. Ela teve um momento de inspiração e perguntou a ele:

— Nós já conversamos sobre Nick? Sobre por que eu e ele nos separamos?

Dominick lhe lançou um estranho olhar de soslaio.

— Já.

Arrá!

— Você se incomodaria de fazer um breve resumo do que eu lhe disse? — pediu Alice de forma casual, tentando não demonstrar desespero para saber a resposta.

— Você não faz ideia de por que você e Nick se separaram? — questionou Dominick, devagar.

— Não, eu mal consegui acreditar nisso! Fiquei muito chocada.

As palavras saíram de sua boca antes que ela se desse conta de que podiam magoar a pessoa com quem estava começando a se relacionar.

Dominick coçou o nariz com força.

— Claro que não sei todos os detalhes, mas parece que ele… Nick… era muito ocupado com o trabalho. Passava bastante tempo viajando, trabalhava até tarde, então, sei lá, se lembro bem, vocês se afastaram, pelo que me contou. Foi assim que

aconteceu. E, hum, acho que tiveram algumas questões sexuais também. Você comentou…

Ele tossiu alto e parou de falar.

Questões sexuais? Ela havia falado sobre sexo com aquele homem? Era uma traição imperdoável a Nick. E, além do mais, que *questões sexuais* eram essas? Eles tinham uma vida sexual incrível, engraçada, carinhosa e muito satisfatória.

Era bastante constrangedor ouvir Dominick falando sobre sexo. Ele era bonzinho demais. Adulto demais, certinho demais. Mesmo naquele momento, sozinha pensando naquilo, Alice sentiu o rosto corar.

Dominick também parecera constrangido. Pigarreara tantas vezes que Alice lhe oferecera um copo d'água, e fora embora logo depois, pedindo que ela se cuidasse. Na porta, ele subitamente lhe dera um abraço rápido e carinhoso.

— Gosto muito de você — sussurrara em seu ouvido, indo embora em seguida.

Ou seja, não tinha ajudado muito. Os dois haviam "se afastado porque Nick trabalhava demais". Mas que clichê! O tipo de coisa que fazia os outros se separarem. Se Nick tinha que trabalhar até tarde, eles podiam compensar isso durante o pouco tempo que passassem juntos.

Alice olhou para sua taça de vinho e reparou que o líquido tinha baixado consideravelmente. E se seus lábios e dentes estivessem manchados de roxo e ela parecesse uma vampira ao abrir a porta para Nick e as crianças? Correu até o espelho no corredor para ver seu reflexo. Seus lábios estavam normais. Mas seus olhos se arregalaram um pouco como os de uma maluca, e ela ainda parecia mais velha.

Ao voltar para a cozinha, Alice parou no quarto verde, apesar de não ser mais verde. Era um quartinho que dava no corredor e que originalmente fora pintado de um tom chamativo de verde-limão. Agora as paredes estavam pintadas de um bege elegante. Ela se recostou na moldura da porta e percebeu que sentia falta do verde. Sempre que alguém entrava ali, morria de rir e tapava os olhos. Claro que não podiam manter a cor, mas mesmo assim… A casa estava perfeita. Mas, em vez de maravilhoso, aquilo de repente lhe pareceu deprimente.

O quarto verde se transformara em escritório, o que sempre fora a intenção deles. Havia um computador na escrivaninha e prateleiras repletas de livros na parede. Alice entrou e se sentou diante do computador. Imediatamente, sem pensar, inclinou-se e apertou um botão redondo e prateado numa caixa preta no chão. Com um zumbido, o computador ganhou vida, e ela apertou outro botão no monitor. A tela ficou azul. Letras brancas lhe deram comandos: "Para começar, clique no seu nome de usuário." Havia quatro ícones: Alice, Madison, Tom e Olivia. (Isso significava que as crianças usavam este computador? Não eram novas demais para isso?) Alice clicou em seu nome e uma foto colorida preencheu toda a tela. Eram as

três crianças. Estavam usando parcas e cachecóis, sentadas num trenó que descia depressa uma montanha de neve. Madison estava atrás, Tom, no meio e a menorzinha, Olivia, na frente. Madison segurava a corda que controlava a direção. Eles estavam com a boca aberta, como se estivessem rindo ou gritando de alegria, e seus olhos estavam arregalados de medo e empolgação.

Alice levou a mão à base do pescoço. As crianças eram incrivelmente bonitas. Ela queria tanto recuperar a lembrança daquele dia... Ficou olhando fixo para a foto e, por um segundo, pensou no som distante de crianças gritando, na sensação de estar com a ponta do nariz e os dedos gelados... Mas, assim que tentou se apegar à lembrança, ela deslizou e desapareceu.

Então Alice clicou no ícone que dizia *e-mail*. Pedia uma senha.

Claro que ela não sabia qual era, mas ao aproximar as mãos do teclado, seus dedos se mexeram e, inexplicavelmente, digitaram "orégano".

O que foi que aconteceu? Parecia que seu corpo lembrava mais do que sua mente, porque o computador obedeceu e surgiu a imagem de um envelope dançante e uma mensagem dizendo *Você tem sete e-mails novos*.

Por que será que ela havia escolhido o nome de um *condimento* como senha?

Havia um e-mail de Jane Turner com o assunto "Como anda a cabeça?", outro de um tal de Dominick Gordon (quem? Ah, claro. Ele. Seu *namorado*), com o assunto "Fim de semana que vem?" e outros cinco de pessoas cujos nomes Alice não reconheceu, todos com o assunto "Supermerengue das Mães".

Supermerengue das Mães. Alice sentiu vontade de rir de desdém. Parecia algo que Elisabeth — a velha Elisabeth, que era cheia de energia — organizaria. Ela, não.

Havia também um e-mail antigo de Nick Love, um sem assunto que Alice já devia ter lido, de sexta-feira, dia do acidente dela. Alice clicou e leu:

Bem, muitas tradições vão ter que mudar agora, certo? Que papo furado. O Natal VAI ser diferente, não importa o que a gente faça. Você não pode querer que eles fiquem com você de manhã E de noite e que passem só cinco minutos no meio da tarde comigo, porra. Faz todo o sentido as crianças passarem a véspera de Natal na casa da Dora. Elas adoram ficar com os primos. Será que VOCÊ não pode pensar NELAS, para variar? Só pensa em VOCÊ mesma. Como sempre.

P.S.: Por favor, não se esqueça de pedir que elas levem roupas de banho nesse fim de semana. Nós vamos ao parque aquático no domingo depois que eu voltar de Portugal.

P.P.S.: Duas das minhas irmãs choraram ontem ao telefone comigo por causa da aliança da vovó Love. Você pode, por favor, ser razoável quanto a esse assunto? Até

parece que não tirava a aliança do dedo. Se está pensando em vendê-la, fique sabendo que isso é golpe baixo. Até para os seus padrões.

Alice ficou com a respiração ofegante. Era como se alguém tivesse lhe dado um soco. A frieza. A maldade. O ódio.

Era impossível acreditar que aquilo tinha sido escrito pelo mesmo homem que ficara com lágrimas nos olhos quando Alice aceitara se casar com ele, que se jogava em cima dela na cama, levantava seu cabelo e beijava sua nuca, que lhe dizia que ela já podia olhar para a televisão, porque a cena sangrenta já tinha acabado, que cantava a letra inteira de "Living Next Door to Alice" para ela no chuveiro…

E por que ela estava se recusando a devolver aquela aliança horrorosa da vovó Love? Era uma herança de família. Claro que a família Love devia ficar com aquilo.

Alice rolou a página para cima e viu que a mensagem de Nick fazia parte de uma longa conversa que já durava dias.

Havia um e-mail dela de três dias atrás.

As crianças deveriam acordar nas próprias camas no Natal deste ano. Não vou abrir mão disso. Claro que quero manter todas as tradições para elas, como colocar os presentes na árvore etc. Já passaram por rupturas demais. Isso é só mais uma disputa de poder sua. Para você, só importa ganhar. Não quero nem saber se está ganhando ou perdendo de mim, só não ganhe às custas das crianças. Aliás, eu já pedi pelo menos duas vezes que você não dê tanta besteira para elas comerem no fim de semana, principalmente para Olivia. Tenho certeza de que você se sente um pai maravilhoso ao dizer sim para tudo o que elas querem, mas ficam cansadas e irritadiças toda segunda-feira depois de passarem o fim de semana com você. E sou eu que preciso lidar com isso.

Era maio! Por que já estavam discutindo como ia ser o Natal?

Alguma impostora estava vivendo sua vida. Ela ficou assustada com aquele tom de superioridade e desprezo.

Rolou mais a tela, enquanto palavras e frases amarguradas surgiam à sua frente.

Caso você não lembre…
Você tem a cabeça tão fechada…
Deve estar fora de si se pensa que…
Qual é o seu PROBLEMA?
Podemos conversar racionalmente sobre isso?
Foi você que…

Alice ouviu o cascalho sendo triturado e viu o lampejo de faróis. Um carro parou na entrada da garagem. Ela ficou de pé, com o coração disparado. Passou uma das mãos pelo cabelo enquanto atravessava o corredor até a porta. Estava se sentindo uma idiota por não ter se maquiado. Ia ver um homem que a detestava.

Portas de carro batendo. Uma criança resmungando:

— Mas, pai, não é justo!

Alice abriu a porta. Suas pernas estavam tremendo tanto que ela achou que ia cair. Talvez isso fosse bom.

— Mamãe!

Uma menininha subiu correndo a escada e deu um abraço apertado em Alice, batendo a cabeça com força em sua barriga. Ela falou com o rosto enfiado na camiseta de Alice, o que deixou sua voz abafada:

— Seu machucado na cabeça melhorou? Recebeu meu cartão? Como foi dormir no hospital?

Alice retribuiu o abraço, sem conseguir dizer nada.

Eu nem me lembro de ter engravidado de você.

— Olivia? — disse, com a voz rouca, colocando a mão nos cachos embaraçados e louros da menininha.

Seu cabelo era macio e sua cabeça era dura. Ela ergueu um rosto inacreditavelmente bonito: pele lisa com algumas sardinhas cor de canela e enormes olhos azuis com cílios pretos.

Eram os olhos da própria Alice que a encaravam de volta, só que muito maiores e com certeza bem mais bonitos. Ela ficou zonza.

— Ah, mãe — resmungou Olivia. — Você ainda está meio doente? Coitadinha da minha querida mamãe! *Já sei!* Vou escutar seu coração e ser sua enfermeira! Isso!

Ela sumiu, fechando a porta de tela com um estrondo e marchando pelo corredor.

Alice ergueu os olhos e deparou com Nick se inclinando para tirar algumas coisas do porta-malas de um carro prateado e chique.

Ele se empertigou. Seus braços carregavam várias mochilas e toalhas de praia encharcadas.

— Oi — disse Nick.

O cabelo dele parecia ter sumido. Quando se aproximou, Alice percebeu que ele estava completamente grisalho e com um corte bem rente à cabeça. O rosto de Nick se tornara mais fino, mas seu corpo parecia mais largo: ombros maiores, uma barriga mais redonda. Ele usava uma camiseta verde e uma bermuda que ela nunca tinha visto. Isso não era nenhuma surpresa, mas mesmo assim era perturbador.

Nick subiu a escada e parou diante de Alice. Ela o encarou. Ele estava diferente e estranho, mas, no fundo, continuava sendo Nick. Alice esqueceu tudo o que tinha

acabado de ler no computador e o jeito como ele falara com ela ao telefone no outro dia e foi tomada pela alegria simples de ver Nick voltando para casa depois de uma longa viagem. Ela sorriu para ele.

— Oi — disse.

Alice deu um passo na direção de Nick, que recuou. O gesto pareceu involuntário, como se ela fosse um inseto desagradável. Os olhos dele estavam inexpressivos e fixos na testa dela.

— Tudo bem? — perguntou Nick.

Aquele era o tom gélido que ele usava quando estava sendo enrolado por algum vendedor incompetente.

— Mãe! Tinha um brinquedo novo de onda no parque aquático e você precisava ver a onda que eu peguei. Devia ter, sei lá, uns dez metros. Era, tipo, da altura do telhado aqui de casa. Olha. Não, olha, mãe, olha para o telhado aqui de casa. Isso, ali. Era dessa altura. Ou talvez alguns centímetros a menos. E papai tirou uma foto ótima! Mostra a foto na sua câmera para a mamãe, pai. Dá para mostrar?

Então aquele era Tom. Estava usando bermuda de surfista e um boné que tirou para poder esfregar com força o topo da cabeça. Seu cabelo era da mesma cor do de Olivia: tão louro que era quase branco. Quando era criança, Nick tinha o cabelo da mesma cor. Os braços e as pernas de Tom eram finos, bronzeados e fortes. Ele parecia a miniatura de um adolescente surfista. Meu Deus. Tom tinha o nariz de Roger. Aquele era definitivamente o nariz de Roger. Alice sentiu vontade de rir. O nariz de Roger no rosto do seu filhinho tão cheio de vida! Ela quis abraçá-lo, mas não tinha certeza se seria apropriado.

Em vez disso, disse:

— É, me mostre a foto, Nick.

Nick e Tom a olharam, espantados. Ela devia ter usado o tom errado. Casual demais, talvez?

— Você está meio esquisita, mãe — comentou Tom. — Por acaso deram pontos na sua cabeça no hospital? Perguntei à tia Libby se era um tumor cerebral, mas ela disse que *não*. E fiz o teste do detector de mentiras com ela.

— Com certeza não foi um tumor cerebral — disse Alice. — Eu caí, só isso.

— Estou morrendo de fome — falou Tom, suspirando.

— Vou fazer hambúrguer para o jantar.

— Não, estou morrendo de fome agora.

Uma menina subiu até a varanda. Ela largou uma toalha molhada no assoalho de madeira, colocou as mãos nos quadris e perguntou:

— Você disse que vai fazer *hambúrguer* para o jantar?

— Ahã — confirmou Alice.

Madison. A Passinha. As duas listras azuis em todos aqueles testes de gravidez. O coração batendo na tela da médica. A misteriosa presença invisível ouvindo a voz de Nick pelo rolo de papel higiênico.

Madison tinha a pele muito branca, quase translúcida. Havia uma queimadura de um tom vermelho-vivo com marcas brancas de dedo em seu pescoço, como se alguém tivesse passado muito mal o protetor solar. Tinha cabelo castanho-escuro e liso que caía em seus olhos e lindos dentes brancos e fortes. Os olhos tinham o mesmo formato dos de Nick, embora a cor fosse mais escura e diferente, e as sobrancelhas eram iguais às de alguém… As de Elisabeth quando criança! Erguiam-se de leve nas extremidades, como as sobrancelhas do Spock. Ela não era meiga como Olivia e Tom. Era rechonchudinha. O lábio inferior estava para fora, formando um bico. *Mas, um dia*, pensou Alice, *um dia acho que você vai ficar deslumbrante, minha querida Passinha*.

— Você *prometeu* — disse Passinha para Alice.

Havia uma expressão maligna em seus olhos. Ela era uma força da natureza. Alice ficou impressionada.

— Prometi o quê?

— Que ia comprar os ingredientes para eu fazer lasanha hoje. Eu *sabia* que você não ia comprar. Por que finge que vai fazer uma coisa se *não* vai?

Ela pontuou a última frase com batidas rítmicas do pé.

— Não seja mal-educada, Madison — disse Nick. — Sua mãe sofreu um acidente. Teve que passar a noite no hospital.

Alice sentiu vontade de rir da voz de pai zangado de Nick. Madison ergueu o queixo. Seus olhos faiscaram. Ela entrou marchando em casa, batendo a porta com força.

— Não bata a porta! — gritou Nick. — E venha pegar sua toalha!

Silêncio. Madison não voltou.

Nick mordeu o lábio e soltou o ar com força pelas narinas. Alice nunca tinha visto ele fazer aquela expressão.

— Entre logo, Tom — ordenou ele. — Quero falar com sua mãe. Pode levar a toalha da Madison também?

Tom estava parado diante da casa, traçando o contorno dos tijolos com a ponta dos dedos.

— Pai, quantos tijolos você acha que tem na casa inteira? — perguntou ele.

— Tom.

O menino suspirou de forma dramática, pegou a toalha de Madison e entrou em casa.

Alice respirou fundo. Não fazia ideia de como era viver com aquelas três crianças vinte e quatro horas por dia. Nunca as imaginara falando de verdade. Elas quase

explodiam de tanta energia. Suas personalidades estavam bem ali, expostas, sem a camada protetora dos adultos.

— A Passinha — disse Alice, mas não soube como continuar. Era impossível descrever Madison.

— Como? — retrucou Nick.

— A Passinha. Eu nunca podia imaginar que ela fosse ficar assim. Ela é tão... sei lá.

— Passinha?

Ele não sabia do que ela estava falando.

— Você não lembra? Quando eu estava grávida da Madison, a gente a chamava de Passinha.

Nick franziu o cenho.

— Não me lembro disso. Bem, eu queria saber se a gente pode resolver a questão do Natal.

— Ah, isso — disse Alice, pensando em todos aqueles e-mails horríveis e sentindo um gosto ruim na boca. — Por que a gente está falando sobre o Natal? Ainda é *maio*!

Nick a encarou como se ela fosse maluca.

— Como assim? Você é obcecada com sua planilha preciosa. Disse que queria tudo preto no branco para o ano inteiro. Cada aniversário. Cada apresentação na escola. Falou que desse jeito seria melhor para as crianças.

— É?

Será que ela sabia fazer uma planilha?

— Ahã!

— Ah. Bem. Pode escolher. Você fica com eles no Natal.

— Posso escolher? — questionou Nick, desconfiado e quase nervoso. — Tem alguma coisa que eu não estou sabendo?

— Não. Ei, como foi em Portugal?

— Bem, obrigado — disse ele formalmente.

Alice teve que enfiar as unhas nas palmas das mãos para não se aproximar e apoiar a cabeça em seu peito. Teve vontade de dizer "Use seu tom de voz normal".

— É melhor eu ir — disse Nick.

— O quê? Não. Você não pode ir embora. Tem que ficar para o jantar.

Alice quase o agarrou, em pânico.

— Acho que não seria apropriado.

— Isso! Papai, fique para o jantar!

Era Olivia. Tinha amarrado uma capa vermelha nos ombros e colocado um estetoscópio de brinquedo no pescoço. Agarrou o braço de Nick. Alice sentiu inveja dela, por poder tocá-lo quando quisesse.

— Acho melhor eu ir — disse Nick.

— Por favor, fique — pediu Alice. — Vamos comer hambúrguer!

— Viu, mamãe quer que você fique. — Olivia sapateava de alegria pela varanda. — Tom! — gritou ela. — Adivinha só? Papai vai jantar com a gente!

— Meu Deus, Alice — sussurrou Nick e, dessa vez, ele a olhou direito, nos olhos.

— Abri um vinho ótimo para a gente — disse Alice, sorrindo.

Ela não precisava passar batom para reconquistar seu marido.

VINTE

Depois que entrou, Nick parecia não saber o que fazer. Ele enfiou as mãos nos bolsos do short e perambulou pela sala, parando para examinar os objetos como se estivesse na casa de outra pessoa.

— Você conseguiu dar um jeito na piscina? — perguntou, apontando com o queixo para o quintal.

Alice estava na cozinha, servindo taças de vinho para os dois. Não fazia ideia do que ele estava falando. Como assim deu um jeito na piscina?

— A piscina tem estado muito tranquila — disse ela. — Muito serena. Acho que consegui deixá-la em rédea curta.

Nick virou as costas para a janela e olhou para Alice, desconfiado.

— Ótimo — falou ele.

Alice saiu da cozinha e lhe entregou uma taça de vinho. Notou que ele a pegou com cuidado, para que as mãos dos dois não se tocassem.

— Obrigado — disse Nick.

O tempo inteiro, Alice parava diante dele, que se afastava, como se ela tivesse alguma doença contagiosa.

Tom estava vagando pela cozinha, abrindo armários. Ele parou na geladeira, balançando a porta para a frente e para trás.

— O que eu posso comer, mãe? — perguntou.

Alice olhou vagamente ao redor, em busca da sua mãe.

— Mãe! — exclamou Tom.

Alice se sobressaltou. A mãe era ela.

— Bem — respondeu, tentando soar alegre e carinhosa —, você está com vontade de comer o quê? Que tal um sanduíche?

— Você pode esperar até o jantar, Tom — disse Nick.

Ah, então essa era a resposta certa.

— Isso — concordou Alice, adotando um tom parecido com o de Nick. — Seu pai tem razão.

Então ela deu uma risadinha. Não conseguiu se controlar. Lançou um olhar maroto para Nick. Ele não achava aquilo engraçado também? Serem mãe e pai?

Nick a encarou, nervoso. Alice percebeu que ele deu uma olhada rápida e involuntária para a taça de vinho dela. Será que achava que ela estava bêbada?

O menino bateu a porta da geladeira com tanta força, fazendo-a sacudir toda, e disse:

— Acho que se eu não comer logo, vou ficar desnutrido. Olhem só. Minha barriga está inchada que nem a de uma pessoa morrendo de fome. Viram?

Ele dilatou o estômago. Alice riu. Nick respondeu, irritado:

— Pare de bobeira e vá tirar essas roupas molhadas.

Sim, provavelmente não era uma boa ideia encorajar seus filhos a rir de quem está morrendo de fome.

A menorzinha apareceu. Olivia. Ela havia passado batom vermelho-vivo e sujado os dentes. Isso era permitido? Alice deu uma espiada em Nick para saber o que fazer, mas ele estava diante da porta dos fundos, olhando para a piscina.

— Estou achando a cor da água um pouco verde — disse ele. — Quando foi a última vez que o cara passou aqui?

— Muito bem, mamãe, agora vou ser sua enfermeira. Senta aqui que vou tirar sua temperatura.

Olivia a pegou pela mão. Encantada com o toque daquela mãozinha quente, Alice deixou que a filha a levasse até o sofá.

— Pode deitar. Isso, boazinha.

Alice se deitou e Olivia enfiou um termômetro de brinquedo em sua boca. A menina fez carinho no cabelo da mãe, afastando-o da testa, e disse:

— Agora eu vou escutar seu coração, paciente.

Enfiou o estetoscópio no ouvido e pressionou a outra extremidade no peito de Alice. Franziu o cenho com um ar profissional. Alice se esforçou para não rir. Que menina fofa.

— Muito bem, paciente, seu coração está batendo — afirmou ela.

— Ufa! — disse Alice.

Olivia tirou o termômetro e o examinou. Ela abriu a boca de espanto.

— Você está com muita febre, paciente! Está queimando!

— Ah, não! O que eu faço?

— Você tem que me ver dando uma estrela. Assim vai ficar boa.

Olivia deu uma estrela perfeita. Alice aplaudiu e a menina se curvou para agradecer. Depois se preparou para dar mais uma.

— Dentro de casa não, Olivia! — disparou Nick. — Você sabe muito bem disso!

A filha fez bico.

— Por favor, papai, por favor. Só mais uma.

— Ela pode usar esse seu batom? — perguntou ele.

— Bem — começou Alice. — Não tenho certeza.

— Deixe a mamãe começar a fazer o jantar.

Nick tinha a mesma aparência exausta e derrotada que Elisabeth no dia anterior. Todo mundo estava muito cansado e rabugento em 2008.

— Desculpe, papai querido — disse Olivia, agarrando as pernas do pai.

— Vá tirar essa roupa molhada — ordenou Nick.

Olivia saiu dançando e girando a capa vermelha ao redor do corpo.

Eles ficaram sozinhos.

— Aliás, o dever de casa da Olivia não está totalmente pronto — avisou Nick.

Ele parecia na defensiva, como se estivesse confessando algo.

— Quer dizer que você faz o dever de casa para ela? — perguntou Alice.

— Claro que não! Caramba. Você acha mesmo que eu sou um incompetente, não é?

Alice se empertigou.

— Não acho, não.

— Só faltam oito perguntas. Claro que é mais difícil quando está todo mundo junto num apartamento pequeno. Além disso, a gente não terminou toda a leitura do Tom. E passamos três horas fazendo a experiência científica de Madison. Tom queria fazer no lugar dela.

— Nick.

Ele parou de falar, tomou um grande gole de vinho e olhou para Alice.

— O que foi?

— Por que estamos nos divorciando?

— Que pergunta é essa?

— Eu só queria saber.

A vontade de se levantar e encostar nele era tão grande que Alice teve que pressionar as mãos nas coxas para não dar um pulo e enfiar a cabeça embaixo do queixo dele.

— Não importa por que estamos nos divorciando — disse Nick. — Não vou conversar sobre isso. De que adianta? Não estou interessado em fazer joguinhos hoje, Alice. Estou exausto. Se está tentando me levar a dizer algo que você possa usar contra mim, fique sabendo que não vai funcionar.

— Ah — disse Alice.

Será que sua capacidade de ficar chocada algum dia acabaria? Alice se deu conta de que, desde que Elisabeth dissera "divórcio" pela primeira vez no hospital, ela esperava encontrar Nick para que ele acabasse com tudo aquilo, deixasse claro que aquela história não tinha nada a ver com eles.

— Acho melhor eu ir para casa — disse Nick, colocando a taça em cima da mesa de centro.

— Certa vez, você me disse que se a gente tivesse problemas no relacionamento, faria o impossível para resolver as coisas — argumentou Alice. — Estávamos naquele restaurante italiano novo descascando a cera do candelabro. Eu lembro muito, muito bem.

— Alice.

— Você disse que íamos ficar velhos e rabugentos juntos, que íamos fazer excursões da terceira idade e jogar bingo. O pão de alho veio frio, mas a gente estava com muita fome para reclamar.

O lábio inferior de Nick estava caído, deixando-o com cara de idiota.

— Teve uma noite em que estávamos na entrada da garagem da Sarah O'Brien esperando um táxi, e eu perguntei se você achava que Sarah estava ainda mais linda do que de costume naquela noite, e você disse: "Alice, eu nunca poderia amar alguém tanto quanto amo você." Eu ri e falei: "Não foi isso que eu perguntei." Mas na verdade tinha sido, sim, porque eu estava me sentindo insegura, e foi isso que você disse. Foi isso. Estava frio. Você estava usando aquele suéter enorme que perdeu em Katoomba. Não lembra?

Ela sentiu o nariz começar a entupir.

Nick estava com as palmas das mãos para cima e uma expressão de pânico, como se um incêndio estivesse começando bem na sua frente e ele não conseguisse encontrar nada que pudesse usar para apagá-lo.

Alice fungou alto e disse:

— Desculpe.

Olhou para o chão, porque não suportava olhar para o rosto dele, tão familiar e ao mesmo tempo tão estranho.

— Esses azulejos têm uma cor perfeita — comentou Alice. — Onde nós compramos?

— Não sei — respondeu Nick. — Deve ter uns dez anos.

Ela o encarou. Ele baixou as mãos e arregalou os olhos, entendendo tudo aos poucos.

— Alice, sua memória voltou, não é? Eu imaginei que... Bem, você teve alta do hospital. Não continua achando que é 1998, não é?

— Eu sei que é 2008. Acredito nisso. Mas não sinto que é.

— Sim, mas você se *lembra* dos últimos dez anos, não é? Não é por isso que está fazendo essas perguntas bizarras, é?

— Você teve um caso com aquela mulher que morava do outro lado da rua? — perguntou Alice. — A que morreu? Gina?

— Um caso. Com a *Gina*? Você está brincando.

— Ah. Que bom.

— Você não se lembra da Gina? — perguntou Nick.

— Não. Eu me lembro dos balões no enterro dela.

— Mas, Alice... — Nick se inclinou para a frente, nervoso. Olhou ao redor para ter certeza de que os dois estavam sozinhos e baixou o tom de voz: — ...você se lembra das *crianças*, não é?

Alice o fitou nos olhos e balançou a cabeça, muda.

— Você não se lembra de nada?

— A última coisa de que me lembro bem é de estar grávida da Passinha. Quer dizer, de Madison.

Nick bateu as palmas das mãos nos joelhos (ele estava fazendo vários gestos novos de adulto rabugento).

— Pelo amor de Deus, por que você saiu do hospital?

— Você teve um caso com alguém *sem* ser Gina?

— O quê? Não, claro que não.

— E *eu*?

— Não que eu saiba. Podemos voltar ao problema?

— Então ninguém teve um caso?

— Não! Caramba. Nós não tínhamos *tempo* para ter nenhum caso. Não tínhamos energia. Quer dizer, eu não. Talvez você tivesse, entre suas preciosas aulas de aeróbica e sessões com a esteticista. Se teve, ótimo para você.

Alice lembrou que havia beijado Dominick.

— E você tem uma namorada agora? — perguntou. — Ah, não, não responda. Não vou suportar se você tiver uma namorada. Não responda. — Ela tapou os ouvidos com as mãos, depois as afastou e disse: — Tem?

— Você deve ter batido a cabeça com muita força, Alice — comentou Nick.

Por um segundo, pareceu que o verdadeiro Nick tinha voltado. Ele estava balançando a cabeça numa incredulidade cômica, do jeito que fazia quando a flagrava chorando por causa do anúncio de margarina com filhotes de pato, ou pulando e xingando porque tinha se machucado ao chutar a máquina de lavar, ou de joelhos tirando tudo da geladeira histericamente, na esperança de encontrar uma barra de chocolate esquecida.

Então aquela expressão desapareceu, como se Nick houvesse se lembrado de algo muito irritante, e ele disse:

— De qualquer maneira, de acordo com Olivia, você é quem tem um namorado. O pai do Jasper. O diretor da escola, veja só. Você se lembra *dele*?

O rosto de Alice ficou vermelho.

— Eu não lembrava, mas o conheci ontem — confessou ela.

— Muito bem — disse Nick, impaciente. — Bom, ele parece ótimo. Acho que me lembro de tê-lo visto na escola. Um cara alto, magrelo. Fico feliz de saber que

está dando tudo tão certo para você. A questão é: você está bem o suficiente para cuidar das crianças hoje à noite? Ou é melhor levá-las de volta comigo?

— Se nenhum de nós dois teve um caso, por que não estamos mais juntos? — perguntou Alice. — O que poderia ser grave o suficiente para nos separar?

Nick exalou ruidosamente. Ele olhou ao redor, perplexo, como se pedisse ajuda a uma plateia também atônita.

— Parece que sua queda foi bem séria. Não acredito que deixaram você sair do hospital.

— Fizeram uma tomografia. Não tem nada fisicamente errado comigo. Além disso, eu meio que disse que minha memória tinha voltado.

Nick ergueu os olhos. Mais um gesto novo e pomposo.

— Ah, que ótimo. Maravilha. Mentiu para os médicos. Parabéns, Alice.

— Por que está sendo tão malvado comigo?

— Por acaso a gente tem cinco anos? Não estou sendo malvado com você.

— Está, sim. Não está falando de um jeito normal. Está sendo todo sarcástico, clichê e… comum.

— Obrigado. Muito obrigado mesmo. Clichê e comum. Sim, é mesmo um grande mistério por que nosso casamento acabou.

Ele olhou ao redor dando uma risada sarcástica triunfal, dirigindo-se à sua plateia invisível de novo, como se dissesse "Estão vendo o que eu tenho que aguentar?".

— Desculpe — disse Alice. — Não foi isso que eu…

Ela parou de falar, pois estava lembrando como era terminar com alguém. As conversas ficavam terrivelmente emaranhadas. Era necessário ser educado e preciso. Não se podia mais criticar de maneira segura, afinal esse direito tinha sido perdido.

— Ah, Nick — disse ela, sem esperança.

Estava com todos os sintomas familiares dos términos. O enjoo. A sensação de que havia algo enorme e duro alojado no meio do seu peito. Os tremores, a vontade de chorar.

Supostamente, Alice nunca mais devia se sentir assim. Os términos eram coisa da juventude. Lembranças dolorosas. Nem tão dolorosas, na verdade, porque até que era legal relembrar com carinho a jovem Alice e pensar "Ah, sua bobinha, chorando por causa de um canalha".

Aquele era seu relacionamento de adulto. O que ia durar para sempre.

Alice colocou a taça de vinho na mesa de centro e se virou para encarar Nick.

— Só me diga por que nós vamos nos divorciar. Por favor.

— Essa é uma pergunta impossível de responder. São milhões de motivos. E você provavelmente daria outros milhões de motivos diferentes.

— Ué, faça um resumo.

— Em vinte e cinco palavras ou menos.

— Sim, por favor.

Ele deu um sorrisinho e voltou a ser o velho Nick. Toda hora ele sumia e voltava.

— Então, eu acho... — começou Nick. Mas logo se interrompeu e baixou a cabeça. — Ai, Alice!

Uma expressão de grande tristeza surgiu em seu rosto.

Aquilo foi demais para Alice. Seu instinto era consolá-lo, e ela também queria ser consolada, afinal aquele era *Nick*.

Ela atravessou a sala como um raio, jogou-se nos braços dele e apoiou o rosto em seu peito, respirando fundo. Ainda era Nick. O cheiro dele estava exatamente igual.

— Seja o que for que tenha dado errado, a gente vai consertar — balbuciou Alice. — Podemos fazer terapia. Podemos fazer uma viagem legal de férias! — sugeriu, inspirada. — Com as *crianças*! Elas podem ir também! Os *nossos* filhos! Não seria divertido? Ou a gente fica aqui mesmo. Podemos nadar na piscina. A piscina! Eu amei a piscina! Como tivemos dinheiro para construir uma? Aposto que deve ter sido com esse seu emprego novo. Você gosta dele? Eu nem acreditei! E você tem uma assistente. Ela não foi muito simpática comigo, mas não tem problema, não me importo.

— Alice.

Ele não estava retribuindo o abraço. Ela não parava de falar. Ia dar um jeito de resolver aquilo tudo na lábia.

— Eu estou magra, não estou? Talvez esteja até magra demais. O que você acha? Como fiquei tão magra? Parei de comer chocolate? Não encontrei chocolate em nenhum lugar da casa. Minha senha é "orégano". Que esquisito. Ei, por que a Sra. Bergen não está falando comigo? Eu a ofendi? Elisabeth também parece estar brava comigo. Mas você ainda me ama, não ama? Aposto que ama.

— Pare com isso.

Nick segurou os ombros dela e a afastou gentilmente.

— Porque temos três filhos. E eu ainda amo você.

— Não, Alice.

Ele balançou a cabeça com firmeza, como se ela fosse uma criança de dois anos prestes a enfiar o dedo na tomada.

— Por que vocês dois estão brigando dessa vez?

Alice e Nick se viraram e se depararam com Madison encostada no batente da porta. Ela devia ter tomado banho. Estava de camisola, com o rosto bem limpo e o cabelo molhado e preso para trás.

— Ah, você está tão linda! — disse Alice involuntariamente.

O rosto de Madison mudou, ficando feio de fúria.

— Por que você sempre diz essas coisas imbecis e retardadas?

— Madison! — explodiu Nick. — Não fale assim com sua mãe.

— Mas ela faz isso! Além do mais, ouvi você dizer para tia Ella que a mamãe era uma vadia histérica, então por que está fingindo que gosta dela? Eu sei que você odeia a mamãe.

Alice prendeu a respiração com o susto.

— Eu *não* odeio sua mãe — retrucou Nick.

Alice viu a tensão repuxando a pele ao redor da boca dele. Parecia tão velho...

— Odeia, sim — disse Madison.

— Ele não odeia a mamãe, nada! — Era Tom. Ele deu um soco no braço da irmã e disse: — Eu odeio você.

— Tom! — gritou Nick.

— Aaaaaaiiiiiiiiii!

Madison agarrou o próprio braço, dobrou os joelhos e desabou no chão.

— Ele me *bateu*! — disse ela. — É errado bater em meninas. Isso é violência doméstica. É violência contra a mulher.

— Você não é uma mulher — disse Tom com desprezo. — É só uma menina idiota.

Madison deu um chute forte na perna de Tom. Ele jogou a cabeça para trás e uivou. Olhou para Alice, com o rosto vermelho e com a fúria dos justos.

— Mãe, você viu o chute forte que ela me deu? Eu só dei um soquinho nela!

— Um soquinho? — disse Madison, arregaçando a manga da camisola. — O que é isso? É uma mancha! Vai ficar roxo! Uma mancha roxa enorme.

— Minha nossa — sussurrou Alice.

Ela pegou a taça de vinho e olhou ao redor, esperando que um adulto tomasse a frente da situação.

— Acho melhor eu ir — disse Nick.

— Está maluco? — perguntou Alice. — Você não pode me deixar sozinha com eles!

Madison e Tom agora pareciam estar tentando se matar. Estavam lutando no chão feito dois gatos raivosos. Chutavam, puxavam o cabelo um do outro e davam gritos lancinantes de fúria. Era impressionante.

— Eles fazem muito isso? — perguntou Alice, enfiando os dedos nos ouvidos. — Acho que não ia ser tão divertido assim viajar com eles.

Nick riu; uma risada explosiva e surpresa que ele logo reprimiu.

— Você disse mesmo para Ella que eu era uma vadia histérica? — perguntou Alice, mas logo hesitou. — Sou mesmo uma vadia histérica?

Nick se aproximou das crianças e agarrou a camiseta de Tom com uma das mãos. Ele o ergueu no ar, levou-o até o sofá e o largou lá. Então se virou para Madison e disse:

— Vá para o seu quarto.

— Eu? Mas foi *ele* quem começou! Ele me socou primeiro! Isso não é justo! *Mãe?*

Madison se sentou empertigada, encostando as costas na parede e encarou Alice com uma expressão de súplica.

Naquele momento, Olivia chegou correndo na sala só com uma camiseta e uma calcinha com estampa de morangos.

— Mamãe, cadê meu short? O jeans. E não pergunte se já olhei na gaveta, porque eu olhei, sim, durante séculos, e olhei com atenção.

Ela girou no lugar, com os braços graciosamente acima da cabeça.

— Você é muito boa nisso — disse Alice, feliz com a distração.

— Sou mesmo — concordou Olivia, suspirando, como se aquilo fosse uma grande responsabilidade.

Ela ergueu uma perna bronzeada e magra e admirou seu pé em ponta. Então teve uma ideia.

— Mamãe, quem vai me levar ao Show dos Parentes no retiro de idosos da Frannie? Você ou o papai? Em qual casa eu vou dormir?

— Não sei ainda — respondeu Alice.

— Nós só dormimos na casa do papai no fim de semana — explicou Madison, olhando com desconfiança para Alice. — O show da Frannie é numa quarta à noite, não é?

— Acho que você tem razão, Madison — disse Alice.

— Estou com tanta fome! — exclamou Tom no sofá, suspirando. — Que horas é o jantar? Mãe? Por favor, que horas é o jantar? Acho que a taxa de açúcar no meu sangue está caindo.

— Tudo bem, Tom…

— Por que você não para de repetir nossos nomes? — interrompeu Madison.

— Ah, me desculpe. Eu só… me desculpe.

— Você não se lembra da gente, não é? — perguntou Madison.

Tom se empertigou no sofá e Olivia parou de girar.

— Ela nem sabe quem nós somos — revelou Madison para os dois.

VINTE E UM

Alice comprimiu os lábios, imitando uma mãe severa e ocupada, e tentou não demonstrar o pânico que sentia.

— Claro que eu sei quem vocês são — disse para Madison. — Não seja boba.

— Como mamãe pode não se lembrar da gente? — perguntou Olivia, colocando as mãos nos quadris e inflando a barriga. — Madison? Como assim?

Madison olhou para ela com tédio e superioridade.

— Mamãe caiu e bateu a cabeça na academia. Ouvi tia Libby falando para o tio Ben que ela perdeu dez anos de memória. Bom, adivinha só? A gente não tinha nascido há dez anos!

— Mas e daí? Mesmo assim, ela sabe quem a gente é. Somos os *filhos* dela — disse Olivia, parecendo agitada e animada ao mesmo tempo.

— Por que vocês não veem um pouco de televisão? — sugeriu Nick. — Ou vão jogar PlayStation? E acho que está na hora de parar de ouvir escondido as conversas dos adultos, Madison.

— Eu não estava ouvindo escondido! Eu estava logo *ali*! Na cozinha! Pegando um suco na geladeira. O que espera que eu faça? Ande por aí assim? — perguntou ela, enfiando os dedos nos ouvidos.

— Amnésia — disse Tom. — Isso se chama amnésia. É o que você tem, mãe?

— Sua mãe está ótima — afirmou Nick.

— Mãe? — chamou Tom.

— Vamos fazer um teste — sugeriu Madison. — Algumas perguntas.

— Tipo o quê? — indagou Olivia.

— Já sei! — exclamou Tom, levantando a mão como se estivesse na escola. — Já sei! Mãe, qual é minha comida preferida?

— Batata frita — respondeu Nick. — Agora chega.

— Errou! — retrucou Tom. — É frango à milanesa. Às vezes. Outras vezes, é sushi.

— Pronto, agora também estou com amnésia. Chega!

— Minha comida preferida também é frango à milanesa — comentou Olivia.

— Não é, não — disse Tom. — Pense nas suas coisas sozinha! Você copia tudo o que eu faço.

— Qual é o nome da minha professora, mãe? — perguntou Madison.

— Agora chega — insistiu Nick.

— Ah! Essa eu sei!

Alice teve que se controlar para não erguer a mão também. Ela vira um bilhete na porta da geladeira sobre uma excursão do quinto ano e tinha o nome de uma professora escrito.

— É Sra. Ollaway! — exclamou Alice. — Quer dizer, Alloway. Ollaway? Alguma coisa assim.

Fez-se um silêncio tenebroso.

— A Sra. *Holloway* é a vice-diretora — explicou Madison baixinho, no tom de alguém que aponta um erro estúpido e potencialmente perigoso.

— Ah, sim, claro, foi isso que eu quis dizer — falou Alice com humildade.

— Não foi, nada — retrucou Madison.

— Quando é meu aniversário, mãe? — perguntou Tom, apontando um dedo ameaçador para Nick. — Nada de responder por ela!

— Muito bem! — disse Nick, batendo palmas e fazendo um som alto e oco. — Sua mãe sofreu um acidente e está um pouco confusa, só isso. Ela precisa que todos vocês ajudem mais e façam menos bagunça. Não precisa desse interrogatório. Então quero que vocês três ponham a mesa agora.

Olivia parou ao lado de Alice e deu a mão para ela, sussurrando:

— Você sabe que meu aniversário é dia vinte de junho, não sabe?

— Claro, meu amor — respondeu Alice e, subitamente, sentiu-se uma mãe de verdade. — Foi o dia em que você nasceu. Eu nunca esqueceria.

Ergueu os olhos e notou Madison de pé no corredor, olhando-a com uma concentração tremenda.

— Você está mentindo — disse ela.

Dever de casa de Elisabeth para o Dr. Hodges

Quer saber de uma coisa, Dr. Hodges? Vou desistir e chamar você pelo primeiro nome. Hoje eu estava lembrando como você fez tanta questão disso durante nossa primeira sessão. "Jeremy", dizia com firmeza sempre que eu falava "Dr. Hodges". Você provavelmente não gosta do seu sobrenome. Não é culpa sua. Hodges é um nome gorducho e gorduroso, e você não é gorducho e gorduroso. Na verdade, é bem bonito, o que me distrai. Sua boa aparência fica me lembrando que você é uma

pessoa de verdade, e eu não quero que você seja uma pessoa de verdade. Pessoas de verdade não têm a solução. Cometem erros. Dizem coisas com muita autoridade e estão *erradas*.

Bem, dane-se, eu estou oficialmente tirando você do seu pedestal.

Como vai, Jeremy? O que está fazendo nesta noite de domingo? Está bebendo vinho tinto com sua esposa bonita e fértil enquanto ela prepara um assado para o jantar e você ajuda aquelas crianças louras com o dever de casa? A casa está quente, aconchegante e cheirando a alho e alecrim?

Não tem nenhum assado no forno aqui. Ninguém está conversando. Há apenas o som da televisão. O som da televisão nunca para. Não suporto desligá-la. Não suporto o silêncio. "A gente não pode colocar um pouco de música para tocar?", pergunta Ben. Não. Eu quero a televisão. Quero tiros, claque e comerciais de ração para cachorro. Nada parece trágico demais quando a televisão está ligada em volume alto.

Mas o que eu queria mesmo lhe contar? Ah, sim. Sobre Ben. Nós estamos no meio de uma briga.

Quando estávamos voltando da casa de Alice hoje, Ben começou a me falar sobre um homem que conheceu na festa ontem à noite. Eu vi os dois conversando enquanto estava batendo papo com o novo namorado de Alice, que, aliás, é simpático e tímido. Foi um pouco esquisito para mim. Como se eu estivesse traindo Nick. Mas gostei dele. Como eu ia dizendo, pensei *Que bom, Ben encontrou alguém para falar sobre carros*.

Mas não.

Eles estavam falando sobre infertilidade e adoção. De repente, Ben se tornou o tipo de pessoa que revela detalhes da sua vida pessoal para estranhos em coquetéis do jardim de infância. Ele me enganou durante todos esses anos. Não é um cara fechado, forte, que teve problemas na infância.

A irmã desse cara passou por três ciclos malsucedidos de fertilização in vitro antes de adotar uma menina tailandesa, e agora ela é uma violinista talentosa e todos eles viveram felizes para sempre.

Ben pegou o telefone dessa mulher. Vai ligar para ela. Meu marido passou a exibir uma expressão fanática nos olhos. É como se houvesse se convertido a uma religião, ou ao golfe. Se antes jurava que nunca ia adotar, agora mal pode esperar para fazer isso.

Perguntei quantos anos a mulher demorou para conseguir, mas Ben não sabia.

Mudei de assunto.

Então, hoje à noite, estávamos assistindo ao noticiário e mostraram o ciclone na Birmânia. Apareceu uma mulher com um vestido vermelho parecido com o de Alice. Ela estava diante de uma pilha de destroços que costumava ser a escola da sua

filha. Segurava a foto de uma menina muito séria que devia ter mais ou menos a idade de Olivia. A mãe falou educadamente em bom inglês, dizendo ao repórter que as autoridades estavam fazendo tudo o que podiam. Ela parecia bem, quase como se falasse de uma questão profissional. A câmera se afastou. Depois voltou e focou na mãe se contorcendo no chão, uivando e mordendo os nós dos dedos. O repórter explicou que ela havia acabado de saber que não teria mais nenhum resgate na escola, pois era perigoso demais.

Eu estava comendo um salgadinho de milho e assistindo a uma mulher passar pelo pior momento da vida dela.

Não tenho o direito de estar triste com nada. Não tenho o direito de fazer terapia com médicos caros como você por ter perdido filhos que nunca existiram. Há sofrimento de verdade no mundo. Mães de verdade perdendo filhos de verdade. Eu tenho nojo de mim.

E foi aí que Ben disse: "Muitas crianças devem ter perdido os pais." Ele falou isso num tom solene, mas com uma clara pitada de alegria. Como se dissesse: Ei, que oportuno! Um monte de pais mortos! Um monte de crianças extras para quem quiser pegar! Pode ser que tenha uma violinista bonitinha saindo dos destroços agora! Meu Deus.

"É, esse ciclone não foi ótimo?", perguntei.

"Não fale assim", disse ele.

E, de repente, comecei a gritar: "Eu teria adotado! Teria! Teria! Mas VOCÊ DISSE NÃO. Disse que tinha sofrido danos psicológicos por ter sido adotado, disse que..."

E ele interrompeu: "Eu nunca, NUNCA usei as palavras 'danos psicológicos'."

O que é verdade. Mas estava implícito.

Eu disse: "Usou, sim." Mas o que eu quis dizer é que ele poderia ter usado, Jeremy.

Ele disse: "Porra nenhuma."

Odeio essa expressão. Acho desprezível. Ele sabe disso. E essa frase nem sequer faz sentido. Porra nenhuma.

Então ele disse, e essa é a melhor parte, Jeremy, ele disse: "Achei que era *você* que não queria adotar."

Depois que minha cabeça parou de explodir, falei: "Por que você acharia isso?"

Ele respondeu: "Sempre que as pessoas perguntavam, você ficava com muita raiva. Dizia que nós queríamos um filho biológico."

"Mas eu dizia isso por sua causa. Porque no começo você tinha sido contra adoção."

"Eu era contra, mas aí, como a gente não parava de perder os bebês, parecia a coisa óbvia a fazer, mas eu não queria tocar no assunto porque achava que a ideia ia

deixar você muito chateada."

Então, pronto. Isso é que é um casal que sabe se comunicar.

Isso me lembrou daquele programa de televisão no qual investigam desastres de avião. Às vezes, uma tragédia enorme acontece por causa de um erro idiota e minúsculo.

Falei: "Bom, agora é tarde demais."

Ele disse: "Não é, não."

Respondi: "Eu não vou adotar. Estou muito cansada."

É verdade, Jeremy. Recentemente, percebi que passei os últimos anos num estado de cansaço permanente. Estou muito cansada de tentar, tentar, tentar. Não sobrou nada. Chega. Quero passar um ou dois anos dormindo.

Falei: "Nós não vamos ter filhos. Acabou."

E, após mastigar salgadinhos de milho durante algum tempo (moendo-os energeticamente com os dentes, como se fosse um porquinho-da-índia), Ben perguntou: "Então vamos simplesmente ficar vendo televisão pelo resto da vida?"

Falei: "Eu acho ótimo."

Ele se levantou e saiu da sala.

Agora estamos sem nos falar. Não o vi mais. Mas sei que, quando Ben voltar, não vamos dizer nada. Ou, se dissermos, serão coisas muito educadas e frias, o que é o mesmo que ficar em silêncio.

Neste momento eu… não estou sentindo nada.

Nada mesmo.

Um nada imenso, vazio e interminável que estou preenchendo com salgadinhos de milho e *Vídeo Cassetadas*.

VINTE E DOIS

A família Love estava sentada ao redor da mesa de jantar. Houve um momento constrangedor quando Alice quase se sentou no lugar de Olivia, mas Nick a salvou indicando com o queixo a cadeira à frente.

As crianças se remexiam e riam à toa, quase como se estivessem bêbadas. Pareciam incapazes de ficar paradas. Deslizavam para fora das cadeiras, derrubavam constantemente talheres no chão e falavam com vozinhas agudas que se sobrepunham umas às outras. Alice não sabia se aquele comportamento era normal ou não. Não era muito relaxante. Nick estava cerrando o maxilar, como se aquele jantar fosse um procedimento médico terrível que ele precisava suportar.

— Eu *sabia* que você não ia lembrar que tinha prometido me deixar fazer a lasanha — disse Madison, cutucando o hambúrguer com cara de nojo.

— Ela está com amnésia, sua burra — balbuciou Tom, com a boca absurdamente cheia.

— Olha a educação — censurou Alice automaticamente, para sua surpresa.

Tinha dito "olha a educação"? Como assim?

— Ah, é — disse Madison, voltando os olhos escuros para Alice. — Desculpe.

— Tudo bem — falou Alice.

Ela não sustentou o olhar de Madison. A menina dava medo.

— O que tem de sobremesa, mamãe? — perguntou Olivia, que estava chutando a perna da mesa sem parar enquanto comia. — Sorvete? Ou, já sei, mistureba de chocolate?

— O que é mistureba de chocolate? — perguntou Alice.

— Ah, você sabe, boba! — exclamou Olivia.

Tom deu um tapa na própria testa.

— Meninas! Ela está com amnésia!

— Querida mamãe — disse Olivia. — Já passou? Sua amnestésia? Você bem que podia tomar uma aspirina. Quer que eu pegue para você? Posso pegar agora mesmo!

Ela afastou a cadeira da mesa.

— Termine o jantar, Olivia — ordenou Nick.

— Papai — resmungou a menina —, eu estou tentando *ajudar*.

— Como se aspirina fosse ajudar — disse Tom. — Ela deve ter que operar. Fazer uma neurocirurgia. Com um neurocirurgião. Vi um neurocirurgião na TV ontem à noite. — Ele se animou. — Ai, eu queria dissecar um rato e ver o cérebro e os intestinos dele. Com um bisturi. Ia ser o máximo.

— Ai, meu *Deus*! — exclamou Madison, largando o garfo e a faca e apoiando a cabeça na mesa. — Isso está me deixando enjoada. Vou vomitar de verdade.

— Chega — disse Nick.

— Isto aqui parece um cérebro de rato, Madison — provocou Tom, achatando o hambúrguer com o garfo. — Nham, nham, nham, cérebro de rato!

— Mande Tom parar! — uivou Madison.

— Tom — sussurrou Nick.

— Então! — disse Alice. — Como foi no parque aquático hoje?

Madison ergueu a cabeça da mesa e respondeu:

— Por acaso lembrava que você e papai estão se divorciando? Depois de bater a cabeça? Lembrava?

Nick soltou um ruído abafado de desespero. Alice pensou antes de responder.

— Não, não lembrava — confessou.

Ninguém disse nada. Olivia largou a faca no prato. Tom torceu o braço e olhou com uma expressão furiosa para algo em seu cotovelo. Surgiram duas bolinhas escarlates nas maçãs do rosto de Madison.

— Então você ainda ama o papai? — perguntou a filha mais velha.

Havia um leve tremor em sua voz. Parecia a voz de uma criança bem mais nova.

— Alice — disse Nick, em tom ameaçador.

Ao mesmo tempo, Alice respondeu:

— Claro que amo.

— Então o papai pode voltar para casa? — perguntou Olivia, erguendo a cabeça com uma expressão animada. — E dormir na cama dele de novo?

— Muito bem, vamos mudar de assunto — pediu Nick, evitando encarar Alice.

— Eles iam brigar muito — disse Tom.

— Por que nós brigamos? — perguntou Alice, louca para saber.

— Ah, *sei lá* — respondeu Tom, irritado. — Você disse que era por isso que não podiam mais morar juntos. Porque brigam muito. Mas eu tenho que morar com as minhas irmãs idiotas, apesar de a gente brigar o tempo todo. Então não tem lógica nenhuma.

— Vocês brigam por causa da Gina — disse Madison.

— Não fale da Gina! — exclamou Olivia. — Eu fico triste. Foi uma grande *tragédia*.

— Que Deus a tenha — disse Tom. — É isso que se diz quando se refere a alguém que morreu. Tem que dizer sempre que ouve o nome da pessoa.

— Por que a gente brigava por causa da Gina? — perguntou Alice.

— Que Deus a tenha! — exclamou Tom, como se estivesse repetindo um slogan.

— Então, foi muito legal lá no parque aquático — comentou Nick. — Não foi, crianças?

— Bem — disse Madison —, acho que o papai achava que você gostava mais da Gina do que dele.

— Que Deus a tenha! — gritaram Tom e Olivia ao mesmo tempo.

— Ai, calem a boca! — disse Madison. — A morte de uma pessoa não é uma coisa engraçada!

Alice olhou para Nick. Ele estava corado, como se estivesse queimado de sol. Não dava para saber se ele estava com raiva ou com vergonha. Caramba. Será que *ela* tivera um caso tórrido de lesbianismo com Gina?

— Vocês brigam muito por causa do cartão inédito.

— Cartão de *crédito* — corrigiu Madison.

— Bem que eu queria que fosse inédito — disse Nick.

Ele ergueu a taça de vinho num brinde sarcástico, mas continuou sem olhar para Alice.

— Uma vez, vocês tiveram uma briga terrível por *minha* causa — contou Olivia com satisfação.

— Por quê? — perguntou Alice.

— Ah, você lembra — respondeu Olivia, com uma expressão de receio. — Aquele dia. Na praia.

— Pela milésima vez, ela não lembra! — exclamou Tom.

— Olivia se perdeu — contou Madison. — A polícia apareceu. Você estava chorando. — Ela olhou para Alice com uma cara maldosa e disse: — Assim: "Olivia! Olivia! Minha filha! Onde está minha *filha*?"

Madison enfiou o rosto nas mãos e fingiu chorar de forma dramática.

— É? — perguntou Alice, sentindo-se ridiculamente magoada com a atuação de Madison.

— Você gosta mais de Olivia do que da gente, caso queira saber — disse Madison.

— Sua mãe gosta de todos igualmente — afirmou Nick.

Será que gostava? Tomara que sim.

— Quando eu estava grávida de você, Madison — disse Alice —, seu pai e eu chamávamos você de Passinha. Sabia disso? Porque você era do tamanho de uma uva-passa.

— Você nunca me contou isso — falou Madison, desconfiada.

— E *eu*, do que vocês me chamavam? — perguntou Olivia.

— Jura? Nunca contei isso? — indagou Alice.

Madison voltou-se para Nick.

— É verdade? Vocês me chamavam de Passinha?

— Para conversar com você, seu pai encostava um rolo de papel higiênico na minha barriga — disse Alice. — Ele dizia? "Está me ouvindo, Passinha? Aqui é seu pai falando!"

Madison sorriu. Alice ficou atônita. Era o sorriso mais deslumbrante que já tinha visto. Foi tomada por uma onda de amor tão forte que chegou a sentir dor no peito.

Alice olhou para o seu prato e uma lembrança surgiu em sua cabeça.

Ela estava num carro tomado por uma fraca luz dourada. Havia um cheiro de sal e algas. Seu pescoço estava doendo. Ela se virou para olhar a neném. Que milagre. Estava dormindo. Bochechas rosadas e gorduchas. Cílios compridos. A cabeça apoiada na lateral do banco do carro. Enquanto Alice a observava, um raio de sol bateu em seu rostinho. Seus olhos abriram devagar, ela bocejou e se espreguiçou, com sono. Então, a neném viu Alice e seu rosto todo se iluminou com um enorme sorriso de surpresa, como se ela estivesse dizendo: "Ei! Não acredito! Você também está aqui!" Um ronco ribombante veio do banco do motorista e a neném ficou assustada. "Tudo bem", disse Alice. "É só o papai."

— A neném não conseguia dormir — disse Alice, olhando para Nick. — A não ser que a gente estivesse no carro.

Nick continuou enfiando comida na boca e olhando fixo para a frente.

Alice fitou Madison e piscou, perplexa. A menina zangada e estranha sentada na mesa era aquela neném. Aquela bebê risonha do carro era Passinha.

— A gente dirigiu a noite toda — disse Alice para Madison. — Sempre que parávamos, você começava a gritar.

— Eu sei — falou Madison, emburrada de novo. — E vocês foram de carro até Manly, pararam no estacionamento, e você, papai e eu dormimos no carro e depois vocês me levaram à praia e eu rolei pela primeira vez. Dane-se.

— Isso! — exclamou Alice, entusiasmada. — A neném rolou na toalha de piquenique! Nós pegamos cafés em copos descartáveis naquele lugar que tem um toldo azul. E misto-quente.

Parecia que tinha sido ontem e, ao mesmo tempo, parecia que tinha sido há um milhão de anos.

— Eu dormia a noite toda quando tinha oito semanas — disse Olivia. — Não era, mamãe? Eu era uma dorminhoca de primeira.

— Shh! — disse Alice, erguendo a mão, tentando se concentrar.

Ela estava visualizando aquela manhã com muita clareza. A roupinha listrada da bebê. O rosto barbado e os olhos vermelhos de Nick. Uma gaivota branca que guinchava em contraste com um céu muito azul. Eles estavam tão cansados que chegavam a ficar bobos. A sensação abençoada da cafeína entrando na corrente

sanguínea. Eles eram pais. Viviam toda a maravilha, todo o horror, toda a dádiva e toda a exaustão de serem pais.

— Mãããe! — choramingou Olivia.

Se Alice se lembrava daquele dia, então seria possível ir tateando para trás até o dia em que Madison tinha nascido. E ir tateando para a frente até o dia em que Nick fez as malas e foi embora.

— Mãe! — disse Olivia de novo.

Ah, por favor, fique QUIETA! Ela tateou no escuro, porém não havia mais nada. Só aquela manhã.

— Mas, Nick… — começou Alice.

— O que foi? — perguntou ele, num tom sombrio e irritadiço.

Ele realmente não gostava dela. Não tinha só deixado de amá-la. Nem sequer gostava dela.

— Nós éramos tão felizes…

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Três da manhã.

Oi, J. Ben foi para algum lugar de carro. Não sei onde ele está.

Estou tão cansada…

Ei. Sabe como uma palavra começa a parecer muito estranha quando você a repete sem parar?

Como, ah, sei lá, digamos INFERTILIDADE.

Infertilidade. Infertilidade. Infertilidade. Infertilidade.

É uma palavra retorcida, tortuosa, perversa. Cheia de sílabas.

Jeremy, meu querido terapeuta (como diria Olivia), o que estou tentando dizer é que as coisas se tornam estranhas e sem sentido quando são examinadas por tempo demais. Penso em ser mãe há tantos anos que o próprio conceito começou a parecer estranho para mim. Eu quis, quis, quis. Agora nem sei bem se era realmente isso que eu queria.

Olhe só para Alice e Nick. Eles eram tão felizes antes de as crianças nascerem… Claro que eles amam os filhos, mas, vamos ser sinceros, dão muito trabalho. E você não fica para sempre com os bebês lindos. Os bebês desaparecem. Viram crianças que nem sempre são fofas.

Madison foi uma bebê linda. Nós a adorávamos. Mas a Madison de hoje parece não ter nada em comum com aquela bebê. Ela é raivosa, esquisita e às vezes faz a

gente se sentir muito idiota. (Sim, Jeremy, uma menina de nove anos consegue me fazer sentir inferior. Isso comprova minha falta de maturidade emocional, não é?)

Tom costumava enfiar a cabeça no meu pescoço, e agora se debate se eu tentar tocá-lo. E ele conta episódios de programas de televisão incluindo muitos detalhes desnecessários. É meio chato. Às vezes penso em outras coisas enquanto ele fala.

E Olivia continua linda, mas, na verdade, pode ser meio manipuladora. Às vezes acho que ela sabe que é fofa.

E as BRIGAS. Você devia vê-los brigando. É impressionante.

Está vendo? Sou uma tia horrível. Estou falando coisas maldosas sobre aquelas três crianças lindas, que, de qualquer maneira, eu mal vejo. Então, que tipo de mãe eu seria? Uma mãe horrível. Talvez até agressiva. Provavelmente tirariam meus filhos de mim e dariam para outra pessoa. Uma mulher infértil poderia adotá-los.

Sabe, Jeremy, certa vez, quando Olivia tinha dois anos, passei um dia inteiro cuidando dela. Alice e Gina estavam em alguma atividade da escola. Olivia se comportou muito bem e era tão linda que devia ter ganhado o prêmio de bebê mais fofo, mas, no fim do dia, eu estava DE SACO CHEIO de andar atrás dela dizendo "Não toque nisso" e "Aaah, olhe só aquela luzinha linda".

De saco cheio. Cansada. Um pouco irritada. Fiquei aliviada de devolvê-la quando Alice voltou para casa. Eu me senti leve como uma pluma.

Que tal? Toda essa pose de coitadinha, essa obsessão em ser mãe, e eu fiquei cansada em um dia.

Secretamente, sempre achei que Anna-Marie, uma das minhas amigas do grupo As Inférteis, daria uma péssima mãe. Ela é muito impaciente e irritadiça. Mas vai ver todas elas pensam isso de mim também. Talvez a mãe de Ben tenha razão quando diz que "a natureza é sábia". A natureza sabe que eu seria uma péssima mãe. Sempre que eu engravido, ela diz: "Na verdade, essa criança estaria melhor morta do que com uma mãe que nem ela."

Afinal, a mãe de Ben também não conseguia ter filhos e, olhe só, ela foi MESMO uma mãe horrível.

A conclusão é que a gente não deve adotar.

Não quero mais ser mãe, Jeremy.

Mãe. Mãe. Mãe. Mãe.

Parece mamão. É uma palavra esquisita.

Nem sei por que estou chorando.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Não sei por que me senti na obrigação de seguir o seu conselho, DorisdeDallas, mas segui! Convidei o Sr. X para jantar aqui em casa. Vou fazer minha quiche de cebola com queijo.

Não sei o que espero ganhar com isso, mas não aguento mais. Todo mundo está com pena de mim. Algumas velhas rabugentas estão me mandando sorrir mais.

Você perguntou quem partiu meu coração. É uma história simples e boba. Eu me apaixonei por um menino chamado Paul no começo da guerra. Achei que íamos nos casar. Ele se alistou e fui me despedir na estação. A outra namorada dele fez a mesma coisa. Ainda me lembro dela. Bonita, de cabelo escuro. Ele tinha uma loura e uma morena de reserva. Era um mulherengo. Teve a cara de pau de rir quando viu nós duas aparecendo lá ao mesmo tempo. Achou muito engraçado. Acho que foi nesse momento que perdi o senso de humor.

Ele morreu num campo de prisioneiros de guerra japonês. Pobre Paul, tão egoísta e tão bonito. Que desperdício. Ele tinha muito mais corações para partir.

A menina se recuperou da decepção. Casou-se com outro homem e teve seis filhos. Já eu, não fui tão resistente. Dizia "não, muito obrigada" sempre que um rapaz demonstrava interesse. Talvez tenha sido um erro, talvez não, mas, pelo que observei, casamento não é nenhum mar de rosas! Eu não tinha que fazer o jantar de ninguém, lavar as camisas de ninguém e não tinha nenhum homem para me dar ordens! Tive uma carreira maravilhosa e estimulante e viajei bastante. Não foi uma vida ruim.

COMENTÁRIOS

Vovó Moderna disse:
O casamento é uma bênção, Frannie. Para o homem! Foi só uma piadinha. Seu post me fez pensar. Ed e eu vamos fazer cinquenta anos de casados em agosto. Cinquenta anos de felicidade e tristeza. É difícil imaginar como minha vida teria sido se eu tivesse escolhido um caminho diferente. Claro que eu não mudaria nada (embora quisesse que ele não fosse tão mão de vaca).

AB74:
Casamento é amor. O amor é cego. Portanto, o casamento é uma instituição para os cegos. HAHAHAHAHA. Essa é uma das minhas piadas preferidas. Gosto de contar em casamentos. Sempre riem bastante (aliás, sou um solteirão).

Frank Neary disse:
Ah, se você tivesse encontrado o homem certo! Alguém mais jovem. Um homem que tivesse tratado você como uma princesa! Não tenho vergonha de dizer que fiquei com lágrimas nos olhos quando imaginei você na estação de trem.

DorisdeDallas disse:
Fiquei feliz em saber que você está tentando quebrar o gelo com X. Muito bem! Depois nos conte como foi. Aliás, você fala da sua vida como se já tivesse acabado. Ainda tem bons anos pela frente, Frannie. Tenho certeza.

VINTE E TRÊS

— Muito bem. Todo mundo de cinto? — perguntou Alice.

Sua mão estava tremendo um pouco quando ela girou a chave na ignição. Será que dirigia mesmo aquele carro gigantesco todos os dias? Parecia um caminhão. Aparentemente, era chamado de SUV.

"Tem certeza de que é seguro você levar os três para a escola amanhã? Por que, se achar que eles estão correndo qualquer risco, é melhor eu fazer isso", dissera Nick na noite anterior, e Alice sentira vontade de responder: "Claro que não, seu idiota! Nem sei onde fica a escola!"

Mas algo no tom de voz de Nick havia arrepiado os pelos da sua nuca com uma sensação fortíssima e estranhamente familiar que se parecia com… fúria? Ele falava com ela de um jeito muito arrogante. Aquela voz impaciente surgira de novo em sua cabeça: "Seu babaca atrevido, tentando me fazer parecer uma mãe incompetente."

"Não tem problema", dissera ela. E Nick dera aquele suspiro irritado que costumava dar agora. Alice o vira andar até seu carro reluzente e sentira algo que era quase alívio, ao mesmo tempo que pensava *por que você não sobe e vem para a cama comigo?*

Agora seus três filhos estavam sentados no banco de trás. Terrivelmente mal-humorados. Se na noite passada tinham parecido bêbados, no momento pareciam estar com uma tremenda ressaca. Estavam pálidos, rabugentos e com olheiras roxas. Será que haviam dormido mal por sua culpa? Ela suspeitava que os deixara ficar acordados até bem mais tarde do que o normal. Eles tinham sido muito vagos quando ela perguntara a que horas em geral iam para a cama.

Alice ajustou o retrovisor.

— Você lembra como dirige? — perguntou Tom.

— Claro que sim — respondeu Alice, com a mão pairando nervosamente sobre o freio de mão.

— Estamos atrasados — disse ele. — É melhor você passar bastante do limite de velocidade.

Tinha sido uma manhã estranha e estressante. Tom aparecera no quarto de Alice às sete da manhã e perguntara: "Sua memória voltou?" "Não totalmente", respondera

ela, tentando dissipar as imagens de uma noite inteira de sonhos, todos envolvendo Nick gritando com ela. Ouvira Tom berrar: "Não voltou!" Depois ouviu o som da televisão sendo ligada. Quando se levantara da cama, encontrara Madison e Tom de pijama, comendo cereal na frente da televisão. "Vocês costumam ver televisão antes da aula?", perguntara Alice. "Às vezes", respondera Tom com cautela, sem desviar os olhos do aparelho. Vinte minutos depois ele estava histérico, gritando que precisavam sair em cinco minutos. Então Alice descobriu que Olivia ainda estava na cama dormindo. Pelo visto, era responsabilidade dela acordá-la.

"Acho que a Olivia está doente", tinha dito Alice, pois a menina ficava desabando de volta no travesseiro, a cabeça pendendo para um lado, e dizendo, sonolenta: "Não, obrigada, eu vou ficar aqui, obrigada, tchau."

"Mãe, ela é assim todo dia", respondera Tom, com desgosto.

Finalmente, depois que Alice colocou o uniforme e deu cereal na boca de uma Olivia quase em coma, enquanto Madison passava meia hora com um secador rugindo no banheiro, eles saíram muito atrasados, de acordo com Tom.

Alice pegou o freio de mão.

— Pelo menos penteou o cabelo, mãe? — perguntou Madison. — Você está... um nojo. Sem ofensas.

Alice passou a mão no cabelo, tentando ajeitá-lo. Ela havia presumido que não precisava se arrumar para deixar as crianças na escola. Não tinha se dado ao trabalho de arrumar o cabelo ou passar maquiagem, e vestira uma calça jeans, uma camiseta e um suéter velho cor de melancia que encontrara no fundo da gaveta. O suéter estava desbotado e puído, e Alice tomara um susto ao se dar conta de que se lembrava de tê-lo comprado com Elisabeth na semana passada.

Na semana passada dez anos atrás.

— Não seja malvada com a querida mamãe — disse Olivia para Madison.

— Não seja malvada com a querida mamãe! — repetiu Madison, imitando a irmã com uma vozinha chata.

— Pare de me imitar!

Alice sentiu o baque do pé de Olivia em sua lombar quando ela chutou o banco.

— Estamos muito atrasados! — resmungou Tom.

— Será que vocês três podem ficar quietos uma vez na vida?! — disparou Alice numa voz completamente diferente da normal.

Ela puxou o freio de mão, saiu de ré da garagem e virou à esquerda, girando o volante forrado de couro com mãos hábeis, como se já houvesse dito aquelas palavras e feito aquela manobra um milhão de vezes.

Alice foi na direção do sinal, com a mão na seta para virar à direita.

Fez-se um silêncio emburrado na parte de trás do carro.

— Então, o que vão fazer hoje na escola? — perguntou ela.

Madison suspirou de forma dramática, como se fosse o comentário mais estúpido que já ouviu.

— Vulcões — respondeu Tom. — Vamos falar sobre por que os vulcões têm erupções. Anotei algumas perguntas para a Sra. Buckley. São bem complicadas.

Pobre Sra. Buckley.

— Nós vamos fazer uma surpresa de Dia das Mães — contou Olivia.

— Agora não vai ser mais surpresa — disse Madison.

— Vai, sim! — exclamou Olivia. — Não vai, mãe?

— Claro que ainda vai ser surpresa, eu não sei o que vocês vão fazer.

— Vamos fazer velas especiais — revelou Olivia.

— Rá! — exclamou Madison.

— Bom, eu ainda não sei de que cor vão ser — disse Alice.

— Rosa! — contou Olivia.

Alice riu.

— Idiota — falou Madison.

— Não fale assim — reprimiu Alice.

Será que ela e Elisabeth já tinham falado uma com a outra de um jeito tão horrível? Bem, em uma ocasião Elisabeth jogou a tesoura de unha nela. Pela primeira vez, Alice sentiu pena da própria mãe. Pelo que ela lembrava, Barb nunca tinha gritado com as filhas quando brigavam, ela só suspirava muito e dizia "Comportem-se, meninas".

Eles pararam no sinal vermelho. O sinal ficou verde e Alice não fazia ideia de para onde ir.

— Huummm — murmurou.

— Em frente. Segunda à esquerda — disse Tom laconicamente, num tom tão parecido com o do pai que Alice sentiu vontade de rir.

Ela continuou dirigindo. O carro voltou a lhe parecer imenso e estranho.

Percebeu que estava atrás de outro carro imenso com uma mulher ao volante e duas cabecinhas balançando de um lado para outro no banco de trás.

Alice era uma mãe levando os três filhos para a escola. Fazia aquilo todos os dias. Era inacreditável. Hilário.

— Então, comparada com as outras mães da escola — disse ela —, sou muito mandona?

— Você é uma nazista — respondeu Madison. — Parece que é da Gestapo.

— É mais ou menos normal — disse Tom. — Tipo, a mãe do Bruno nem deixa ele ir às excursões da escola, de tão malvada que é. Mas a mãe do Alistair deixa ele ficar acordado até as nove, eles comem no KFC sempre que querem e veem televisão enquanto estão tomando café da manhã.

— Ei! — exclamou Alice.

— Ah, é — disse Tom, dando uma risadinha. — Foi mal, mãe.

— Quando é que eu pareço da Gestapo? — perguntou Alice.

— Deixe para lá — respondeu Madison, suspirando. — Você não consegue evitar.

— Não acho você mandona — disse Olivia. — Só... às vezes, você fica meio zangada.

— O que me deixa zangada?

— Eu — respondeu Madison. — Só de olhar para mim, você já fica com raiva.

— Você costuma ficar com *muita* raiva quando a gente se atrasa para a escola — afirmou Tom. — Humm, deixe ver o que mais. Porta batendo. Você odeia quando alguma porta bate. Seus ouvidos são muito delicados.

— O papai deixa você zangada — acrescentou Olivia.

— Ah, é — concordou Tom. — O papai é quem deixa você mais zangada.

— Por quê? — perguntou Alice, tentando não parecer interessada demais. — O que ele faz que me deixa tão zangada?

— Você odeia o papai — disse Tom.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — retrucou Alice.

— Odeia, sim — confirmou Madison, cansada. — Só esqueceu.

Alice observou seus três filhos extraordinários pelo retrovisor. Tom estava olhando para o relógio de pulso de plástico com o cenho franzido; Olivia estava olhando para a frente com um ar pensativo; Madison estava com a testa apoiada no vidro do carro, com os olhos fechados. O que ela e Nick tinham feito com eles? Falando em ódio assim, de forma tão casual. Ela estava morrendo de vergonha.

— Desculpe — falou.

— Desculpe pelo quê? — perguntou Olivia, que parecia ser a única a ter escutado.

— Pelo que aconteceu comigo e com o papai.

— Ah, tudo bem. Podemos tomar chocolate quente depois da escola?

— Sinal verde — disse Tom rispidamente.

Alice entrou numa rua repleta de carros no estilo caminhão parecidos com os dela. Parecia um festival. Um festival de mulheres e crianças. As mulheres estavam paradas em duplas ou trios, com óculos escuros na cabeça e cachecóis ao vento. Usavam calça jeans, botas e jaquetas de camurça com cortes lindos. Será que as mães sempre tinham sido tão bonitas e magras? Alice tentou se lembrar das mães na época em que ela própria estava na escola. Não eram meio gorduchas e feiosas? Meio irrelevantes e apagadas? Algumas mulheres acenaram ao ver Alice. Ela reconheceu uma que tinha bebido demais no coquetel do jardim de infância. Ai, meu Deus, Alice devia ter arrumado o cabelo.

As crianças pulavam e urravam em seus uniformes azuis, feito uma revoada de pássaros minúsculos. Todos aqueles rostos inocentes e lisinhos.

— Não estamos atrasados — disse Alice.

— Estamos mais atrasados do que o normal — murmurou Tom. — Tenho uma reunião no clube de espiões. Eles não sabem o que fazer sem mim.

Acharam uma vaga.

— Cuidado — disse Tom, estremecendo, quando Alice bateu no meio-fio ao dar ré com o carro.

Ela suspirou de alívio ao tirar as chaves da ignição. As crianças imediatamente soltaram o cinto e abriram as portas pesadas, deslizando para fora do carro com as mochilas nos ombros.

— Ei, esperem por mim! — exclamou Alice, preocupada com os procedimentos corretos e os beijos de despedida.

Assim que saiu do carro, ela viu Dominick. Ele estava de gravata, com as mangas dobradas cuidadosamente até os cotovelos, e tinha se agachado para falar com três meninos, que estavam explicando algo que parecia ser sobre uma bola de futebol. Dominick assentia com seriedade, como se estivesse fechando um negócio importante. Duas mães estavam paradas ali perto, esperando para falar com ele. Dominick viu Alice e deu uma piscadela. Alice respondeu com um sorriso tímido. Ele era simpático. Não havia como negar. Era muito... simpático.

— Já transou com ele? — perguntou uma voz refinada em seu ouvido, e o cheiro adocicado e forte de salão de beleza invadiu suas narinas.

Era aquela horrível Kate Harper de novo.

— Ah, oi — disse Alice, afastando-se, horrorizada.

Kate usava uma linda parca cinturada e estava maquiada, com os lábios brilhando. Era um pouco exagerado para aquela hora da manhã.

Ela não esperou por uma resposta.

— Nossa, que inveja. Lá em casa, faz um ano.

— Um ano?

— Um ano que não tem rala e rola. Devo estar com teias de aranha lá embaixo.

Cada coisa que os estranhos contam...

Kate ainda estava olhando para Dominick.

— As garras estão de fora, aliás — disse ela. — Miriam Dane estava de olho nele há décadas. Parece que ela contou para Felicity que achou um absurdo você ir atrás dele logo depois de se separar do Nick. Prometi que não ia dizer nada, mas claro que eu sabia que você ia querer saber! — Kate baixou o tom de voz e uma careta horrível surgiu em seu rosto lindo. — Você vai morrer de rir quando ouvir isso — continuou. — Parece que, depois de ter tomado uns drinques a mais na festa daquela noite, ela chamou você de p.

Alice a encarou, sem entender.

— Piranha! — murmurou Kate, erguendo a voz de novo e dando uma gargalhada aguda. — Não é *hilário*? Não é muito anos 1980? Eu pensei: "Tenho que contar para Alice, ela vai *amar*!" A mulher está mais verde que uma ervilha de inveja! E claro que ela odiou quando Tom fez aquele gol no futebol, porque, você sabe, está pagando para Harry fazer todas essas aulas extras, afinal supostamente ele é muito *talentoso*, rá, rá, rá, aquele porquinho!

Alice se sentiu enojada. Olhou ao redor em busca dos filhos, querendo uma desculpa para se afastar de Kate. Tom estava sentado num banco, fazendo um discurso para dois meninos, que escutavam atentamente e um parecia até estar fazendo anotações. Olivia estava dando uma estrela e sendo aplaudida por um grupo de meninas. Não viu Madison.

— Bem — disse Alice —, pode dizer para Miriam ficar despreocupada. Nick e eu vamos voltar.

Kate agarrou o braço de Alice com tanta força que doeu.

— Você está brincando!

— Não — respondeu ela, mas então se lembrou da expressão de frieza de Nick ao se despedir na noite passada. — Quer dizer, estamos tentando, de qualquer forma.

— Mas o que *aconteceu*? As coisas que você estava dizendo na semana passada... Nossa, parecia irreversível! Você disse que não aguentava olhar para a cara dele, que ele lhe deixava fisicamente *doente*! Disse que nunca o perdoaria! Disse que...

— Perdoaria pelo quê? — interrompeu Alice.

— Que surpreendente!!!

Kate tirou o fio de cabelo dourado que havia grudado em seus lábios cintilantes. Tinha perdido um pouco o sotaque sofisticado de tanta animação.

— O que eu tinha que perdoar?

Alice conteve a vontade de colocar as mãos em volta do pescoço perfeito de Kate Harper e apertá-lo.

— Oi.

Alguém colocou a mão de leve em seu ombro.

Alice se virou e viu Dominick parado ao seu lado.

— Como vai, Kate? — perguntou ele. Sua mão ainda estava no ombro de Alice, fazendo uma carícia invisível. Era gostoso, mas era *Nick* quem fazia aquilo em público. — Parabéns para vocês duas. A festa de sábado foi ótima.

Ele era uma mistura muito estranha de autoridade e timidez.

— Como vai *você*, Dominick? — perguntou Kate, com o rosto brilhando de solidariedade e animação depois de contar uma fofoca fresquinha.

— Pronto para a luta, considerando-se que é segunda.

Dominick tirou a mão do ombro de Alice (fazendo-a sentir sua falta) e deu alguns passos, socando o ar de maneira brusca, como se fingisse lutar boxe. Ele sorriu para Alice e tocou seu braço de novo.

— A gente se fala mais tarde.

Alice retribuiu o sorriso. Dominick estava olhando para ela do jeito como Nick olhava quando eles começaram a sair. Era um olhar que a fazia se sentir muito desejável e extremamente interessante. Ela pensou em como Nick a olhava agora.

— Tudo bem — respondeu.

— Dominick, precisamos de você aqui! — gritou uma mulher.

Ele se afastou, obediente.

— Imagino que você ainda não contou para Dominick, não é? Sobre você e Nick? — perguntou Kate avidamente.

— Ah. Não. Ainda não.

— Mas é definitivo?

— Acho que sim. Espero que sim. Meio que é segredo.

— Entendi! Vou ficar de boca calada — disse Kate, fazendo a mímica de fechar a boca com zíper.

— O que eu tinha que perdoar no Nick?

— Humm. Como? — perguntou Kate, distraída. — Ah, bom, nós estávamos falando sobre a Gina.

— Falando o que sobre a Gina?

Mentalmente, Alice tinha agarrado os ombros de Kate e a sacudia até seus dentes rangerem.

— Você estava comentando que ele nem se esforçou para ir ao enterro. Você parecia tão... Bem, por isso essa notícia veio do nada.

Então Nick não foi ao enterro da melhor amiga de Alice. Por que não? Deve ter havido um bom motivo. Com certeza eles não iam se divorciar só por causa disso.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou Kate.

Ela mexeu em um dos botões da parca, com uma expressão constrangida.

— Olhe, não voltem se for só por causa das crianças. Meus pais ficaram juntos por causa das crianças — disse Kate, fazendo aspas no ar ao dizer as últimas quatro palavras. — E, pode acreditar, as crianças sabem quando os pais se desprezam. Não é legal. Não é um jeito legal de crescer. Além do mais, Dominick é um partidão. De verdade. Mas é só minha opinião, querida! Tenho que ir! Estou ocupadíssima!

Kate saiu com os saltos fazendo clique-claque no chão, jogando a bolsa no ombro e apertando o cinto da parca.

Talvez ela não fosse tão terrível assim, no fim das contas.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Realmente pensei em nem fazer o teste de gravidez esta manhã. Não aparecer. Matar aula.

Mas claro que eu estava lá às oito em ponto. Escrevendo meu nome na prancheta. Oferecendo meu antebraço para a enfermeira. Conferindo se meu nome e minha data de nascimento estavam corretos no tubo de ensaio. Apertando a bolinha de algodão no ponto de sangue.

"Boa sorte", disse a enfermeira quando eu estava indo embora.

Era aquela que sempre me desejava boa sorte. De um jeito meio condescendente. Ah, vá se foder com essa história de boa sorte, falei e lhe dei um soco no nariz.

Brincadeira, J! Não fiz isso. Claro que não. Agradeci e fui para o escritório. Layla estava lá tão animada quanto uma criança pequena, e começou a me contar que o seminário de sexta-feira tinha ido bem depois que eu saí, e que todas as avaliações tinham sido positivas e doze pessoas haviam se inscrito para fazer o curso avançado.

Respondi: "Você não vai perguntar por que tive que sair mais cedo? Minha irmã, lembra? A que foi parar no hospital?"

E, Jeremy, a expressão ansiosa dela desmoronou. Layla ficou tão constrangida que me senti como se tivesse chutado um gatinho. Ela começou a pedir milhões de desculpas. Disse que achava que eu não gostava de discutir questões pessoais.

E não gosto! Nunca fiz isso! Coitada.

Essa foi a confirmação final de que sou uma pessoa horrível.

* * *

Alice estava sentada nos degraus da varanda sob a luz do sol de outono, comendo o que sobrara da torta de creme que sua mãe havia deixado ali e se perguntando se tinha algum compromisso em breve. Sua agenda dizia "L — 10 horas". Será que "L" era uma pessoa que estava esperando por ela em algum lugar? Será que era importante? Talvez ela devesse ligar para Elisabeth ou para sua mãe e descobrir, mas não estava com vontade. Talvez tirasse uma soneca.

Uma soneca! Está maluca? Você tem um milhão e meio de coisas para fazer.

Lá estava aquela voz impaciente de novo.

— Vá embora — disse Alice em voz alta. — Não lembro quais são essas um milhão e meio de coisas.

Ela fechou os olhos e aproveitou a sensação do sol batendo em seu rosto. Não havia nenhum som, a não ser o ruído distante de uma moto. O silêncio incrível do

subúrbio no meio do dia. Em geral, Alice só tinha aquela sensação quando estava doente ou tirava folga do trabalho.

Ela abriu os olhos de novo e bocejou. Talvez devesse comer logo o restante da torta de creme. Só faltava uma fatia mínima. De onde estava, via a placa de "Vende-se" na casa em frente. Então era ali que Gina tinha morado. Alice provavelmente entrara naquela "deslumbrante casa histórica reformada" muitas vezes, para pegar uma xícara de açúcar ou qualquer outra coisa. Se ela tivesse parado para pensar no assunto, teria imaginado que não faria nenhuma amiga nova depois dos trinta anos. Já tinha amigos o bastante. Além do mais, não sentia muita vontade de estar na companhia de mais ninguém além de Nick e Elisabeth e ia se tornar mãe. Achava que aquilo já seria distração suficiente.

No entanto, parecia que a amizade com Gina havia sido uma parte significativa de sua vida. Então Gina tinha morrido e ela ficara "arrasada". Aquilo fazia Alice se sentir um pouco boba. Como se ela houvesse feito tempestade em copo d'água.

O som da moto ficou mais próximo.

Caramba. Estava entrando ali. Será que era o tal "L"?

Alice limpou a boca com a mão e colocou o prato no degrau ao lado.

Um homem de jaqueta de couro preta, com o rosto escondido pelo capacete preto opaco, ergueu uma das mãos num aceno casual enquanto se aproximava dela. Ele parou a moto, chutou o pedal do freio e desligou o motor.

— Oi, parça — disse ele, tirando o capacete e abrindo o zíper da jaqueta.

— Oi, parça — repetiu Alice.

Então ela tossiu, porque nunca tinha chamado ninguém de "parça". O homem era tão bonito que não parecia de verdade. Tinha ombros largos, braços fortes, olhos penetrantes e uma mandíbula com barba por fazer. Alice se deu conta de que estava procurando por outra mulher. Não havia sentido estar diante de um homem tão lindo sem ter uma irmã ou uma amiga por perto com quem trocar olhares.

Será que ela estava saindo com aquele ali *também*? Não era possível. Ele era muita areia para o caminhãozinho dela. Parecia um personagem de desenho animado. Alice sentiu uma onda de risadinhas subir por seu peito.

— Por que você está comendo logo antes de um treino? — perguntou aquele deus do sexo.

— Um treino? — repetiu Alice.

Seus pensamentos dispararam. Ai, meu Deus, será que ele era um *gigolô* e estava ali para *trabalhar*? Afinal, ela era uma mulher de meia-idade que tinha uma casa com piscina.

— Você não é disso.

O homem tirou a jaqueta de couro e sua camiseta branca subiu, exibindo a barriga.

Até que não seria o fim do mundo.

Não mesmo. Se ela tivesse pagado *adiantado*, por exemplo…

Alice começou a rir de desespero.

O homem deu um sorriso assustado.

— Qual é a graça?

Ele colocou o capacete na parte da frente da moto e se aproximou de Alice. O que ela podia dizer? "Você é tão bonito que chega a ser hilário"?

Alice estava rindo tanto que suas pernas ficaram bambas. O homem pareceu assustado. Pelo amor de Deus! Gente bonita também era de carne e osso. Tinha sentimentos. Ela se controlou.

— Sofri um acidente — avisou, encarando-o. — Semana passada. Na academia. Bati a cabeça com força. Estou com perda de memória. Então, me desculpe, mas não sei quem você é nem o que está fazendo aqui.

— Você está brincando! — disse o homem, olhando-a com desconfiança. — Não é 1º de abril, é?

— Não — respondeu Alice, suspirando.

Sua vontade de rir passou. Na verdade, ela estava com um pouco de dor de cabeça.

— Não sei quem você é — repetiu.

— Sou eu — disse ele. — Luke.

— Desculpe, Luke. Preciso de mais informações.

Ele deu uma risadinha e olhou em volta, nervoso, como se pudesse ter alguém ali vendo-o fazer papel de bobo.

— Sou seu personal trainer. Venho aqui toda segunda de manhã para ajudá-la no treino.

Ah, minha nossa! Então era por isso que ela estava tão magra.

— Quer dizer que a gente faz exercício, é isso? Qual, exatamente?

— Nós variamos. Um pouco de aeróbico, um pouco de levantamento de peso. Tivemos bons resultados com o treino intervalado.

Alice não fazia ideia do que ele estava falando.

— Acabei de comer três pedaços de torta de creme — disse ela, mostrando o prato.

Luke se sentou ao seu lado e pegou a última fatia.

— Nem vou dizer quantas calorias você acabou de ingerir.

— Ah, milhares! — exclamou Alice. — Milhares de calorias divinamente deliciosas.

Luke a encarou, estranhando.

— Bem, se você machucou a cabeça, a gente não devia treinar hoje — afirmou.

— Não — concordou Alice.

Ela não queria fazer exercício na frente daquele homem. Estava constrangida só de pensar nisso.

— Vou pagar você de qualquer jeito, claro — afirmou ela.

— Não precisa.

— Não, não, eu insisto.

— Basta pagar cem, então.

Caramba. Quanto ele cobrava normalmente?

— Imagino que essa questão da memória seja temporária — comentou Luke. — O que os médicos disseram?

Alice fez um gesto irritado. Não queria falar sobre esse assunto com ele. *Cem dólares!*

— Há quanto tempo você é meu personal trainer?

Luke esticou as pernas compridas e se apoiou nos cotovelos.

— Ah, já deve fazer quase três anos. Você e Gina foram, sei lá, as segundas clientes que eu tive na vida. Nossa, como ela me fazia rir no começo. Lembra o ataque que dava sempre que a gente treinava na escada do parque? "A escada, não, Luke, qualquer coisa menos isso." Mas ela acabou ficando boa. Vocês duas ficaram muito saradas.

Ele parou de falar e Alice percebeu, espantada, que estava tentando não chorar.

— Desculpe — disse Luke, com a voz anasalada. — É que eu nunca tinha lidado com a morte de alguém que eu conhecia. Fico bolado com isso. Sempre que venho treinar você, penso nela. Bom, claro que você sente muito mais saudade da Gina do que eu. Deve me achar um idiota.

— Não me lembro dela — confessou Alice.

Luke a encarou, chocado.

— Você não se lembra da *Gina*?

— Não. Quer dizer, sei que ela era minha amiga. E sei que morreu.

— Uau.

Ele parecia não saber o que dizer. Por fim, soltou:

— Que doideira.

Alice esticou o pescoço para um lado e depois para outro. Estava com um desejo enorme de comer ou beber algo bem específico, mas não conseguia definir o que era. Para falar a verdade, estava ficando bastante irritada com aquilo.

— Luke — disse, rispidamente. — Já falei com você sobre Nick?

Já que ela ia pagar cem dólares só para conversar com aquele cara, podia tentar conseguir alguma informação útil.

Ele sorriu, mostrando enormes dentes brancos. Aquele cara era um anúncio de vitamina ambulante.

— Você e Gina viviam me usando para tentar entender o lado masculino dos seus problemas conjugais. Eu dizia: "Ei, meninas, eu sou um só!"

— Entendi — disse Alice, surpresa com a irritação que estava sentindo. — A questão é que não lembro por que eu e Nick estamos nos separando.

— Ah — falou Luke, virando-se de barriga para baixo e começando a fazer flexões nos degraus da varanda. — Lembro que, uma vez, você me disse que no fim das contas seu divórcio se resumia a uma razão. Contei para minha namorada quando cheguei em casa à noite, porque sabia que ela ia se interessar.

Ele colocou uma das mãos nas costas e começou a fazer flexões com a outra mão. Será que aquilo era mesmo necessário?

— Então... — disse Alice, enquanto Luke grunhia, trocando de braço. — Que razão era essa?

— Não consigo lembrar. — Ele se virou de barriga para cima e riu ao ver a expressão de Alice. — Quer que eu ligue para ela? — perguntou.

— Por favor.

Luke tirou o celular do bolso e apertou um botão.

— Oi, amor. É, não, não aconteceu nada. Estou com uma cliente. Você lembra quando eu falei que o divórcio de uma mulher tinha acontecido por apenas uma razão? É, não, eu só queria saber que razão era essa. — Ele ouviu a resposta. — Jura? Tem certeza. Tá. Eu te amo. — Luke desligou e olhou para Alice. — Falta de sono.

— Falta de sono — repetiu Alice. — Isso não faz muito sentido.

— É, foi o que minha namorada disse, mas lembro que Gina pareceu entender.

Alice suspirou e coçou a lateral do rosto. Estava cansada de ouvir falar nessa tal de Gina.

— Estou muito rabugenta. Preciso de um chocolate ou de... alguma outra coisa.

— Deve estar precisando encontrar seu traficante — disse Luke.

— Meu traficante?

Só faltava essa agora! Ela era viciada? Será que deixava as crianças na escola e ia para casa cheirar algumas carreiras de cocaína? Só podia ser! Caso contrário, como ia conhecer aquelas terminologias de viciado, tipo "cheirar algumas carreiras"?!

— A cafeteria. Seu corpo está gritando por um *espresso* duplo com leite.

— Mas eu não bebo café — retrucou Alice.

— Você é viciada em cafeína — disse Luke. — Nunca vejo você sem um copo de café na mão.

— Eu não bebo café desde o acidente.

— Teve dor de cabeça?

— Tive, mas achei que era por causa da pancada.

— Pode ser que também tenha sido pela falta de cafeína. Talvez seja uma boa oportunidade para largar. Faz anos que estou tentando convencer você a beber menos café.

— Não — disse Alice.

Agora o desejo que a consumia tinha um rótulo. Ela estava sentindo o cheiro dos grãos de café. Estava sentindo o gosto. Queria um café naquele exato segundo.

— Você sabe onde tomo café? — perguntou.

— Claro. No Dinos. Segundo você, lá tem o melhor café de Sydney.

Alice o encarou, sem saber o que fazer.

— Do lado do cinema. Na via expressa.

— Ah — disse ela, levantando-se. — Bem, obrigada.

— Hum. Já acabamos? Tudo bem.

Luke se levantou. Era muito mais alto que ela. Parecia estar esperando algo.

Alice levou um susto ao perceber que ele estava esperando o dinheiro. Ela entrou e achou sua bolsa. Sentiu uma dor física ao lhe entregar duas notas de cinquenta dólares. Na verdade, ele não era nada bonito.

A mão enorme de Luke envolveu alegremente o dinheiro.

— Tomara que você esteja normal na semana que vem, hein? A gente faz um treino matador para compensar!

— Ótimo! — exclamou Alice.

Ela *pagava* mais de cem dólares por semana para aquele homem lhe dizer como se exercitar?

Balançando a cabeça, Alice observou Luke ir embora na moto roncando. Muito bem. Café. Ela olhou para o degrau onde ele tinha feito as flexões e, de repente, estava de quatro no chão, com as mãos espalmadas, o corpo reto e os músculos da barriga bem firmes, até que dobrou os cotovelos e aproximou o peito do degrau sem nenhuma dificuldade.

Um, dois, três, quatro...

Meu Deus, ela estava fazendo flexões!

Alice contou até trinta antes de desabar no chão, com o peito queimando e os braços doendo, e gritar: "Quero ver você fazer mais!" Ela lançou um olhar triunfante, procurando alguém que não estava lá.

Silêncio.

Alice abraçou os joelhos no peito e olhou para a placa de "Vende-se" do outro lado da rua.

Tinha a sensação de que a pessoa por quem procurava era Gina.

Gina.

Era muito estranho sentir saudade de alguém que ela nem sequer conhecia.

VINTE E QUATRO

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Olhe, sei lá, mas você parecia um pouco rabugento hoje de manhã. Isso é permitido? Terapeutas podem ter sentimentos? Acho que não, J. Reserve-os para suas próprias sessões de terapia. Nada de gastar meu tempo com isso, cara.

Eu realmente queria ter recebido mais elogios quando mostrei quantas páginas de dever de casa tinha feito. Você, como terapeuta, não percebeu isso? Quer dizer, sei que não é para você ler as páginas, mas só levei meu caderno porque queria ouvir você dizer: "Uau! Quem dera se todos os meus pacientes fossem tão dedicados quanto você!" Ou, então, você poderia ter comentado que minha letra é bonita. Só uma sugestão... Teoricamente é você quem sabe lidar com as pessoas.

Em vez disso, você ficou só um pouco espantado, como se nem se lembrasse de ter me mandado fazer o dever de casa. Eu sempre ficava incomodada quando os professores se esqueciam de pedir o dever de casa que tinham passado. Isso me dava a impressão de que o mundo não era confiável.

Bem, hoje você queria falar sobre o incidente do café.

Na minha opinião, foi só por curiosidade sua. Você estava um pouco entediado para uma manhã de segunda-feira e achou que isso fosse deixar seu dia mais animado.

Pareceu bastante impaciente quando eu disse que preferia falar sobre Ben e a adoção. O cliente tem sempre razão, Jeremy.

Foi o que aconteceu no café, já que você quer tanto saber.

Era sexta de manhã e eu parei no Dinos a caminho do trabalho. Eu estava tomando um cappuccino grande com leite desnatado, afinal não estava grávida e nem no meio de um ciclo. Na mesa ao lado da minha havia uma mulher com um bebê e uma criança pequena, de uns dois anos.

Uma menininha. Com cachinhos castanhos. Ben tem cachinhos castanhos. Quer dizer, na verdade, não tem, porque ele corta o cabelo bem rente como se fosse um presidiário, mas já vi fotos de antes de nos conhecermos. Quando eu imaginava nossos filhos, sempre pensava neles com cachinhos castanhos, como Ben.

Bem, tinha isso, mas ela não era especialmente bonita nem nada. Estava com o rosto sujo e fazendo um pouco de birra.

A mãe estava falando ao celular e fumando um cigarro.

Ou melhor, não, não estava fumando um cigarro.

Mas tinha *cara* de fumante. Aquele tipo de rosto magro e anguloso. Estava contando uma história sobre como tinha colocado uma pessoa qualquer no seu devido lugar, e repetia sem parar: "Foi engraçado *demais*." Como uma coisa dessas pode ser engraçada demais, Jeremy?

De qualquer maneira, ela não estava tomando conta da menina. Era como se tivesse esquecido que a criança existia.

O Dinos fica na Pacific Highway. A porta vive abrindo e fechando conforme as pessoas entram e saem.

Então eu estava observando a menina. Não de um jeito estranho, obsessivo, infértil. Só olhando, sem pensar.

A porta abriu e entrou um grupo de mães. Carrinhos. E mães.

Hora de ir embora, pensei.

Eu me levantei e as mães entraram derrubando tudo com aqueles carrinhos gigantes, empurrando cadeiras e mesas e vi bem diante dos meus olhos a menina sair pela porta e ir para a rua.

A mulher no telefone continuou conversando. Eu disse "Com licença!", mas ninguém me escutou. Duas mães já tinham se sentado e estavam ocupadas desabotoando camisas e tirando os seios para alimentar seus bebês (essa descontração com a amamentação ficou um pouco descontraída demais para mim), ao mesmo tempo que gritavam seus pedidos para o balcão do outro lado do salão.

Quando saí do café, a menininha estava andando em direção ao meio-fio. Caminhonetes e SUVs atravessavam a via expressa a toda velocidade. Tive que correr para alcançá-la. Eu a ergui no ar no segundo em que estava prestes a pisar no asfalto.

Salvei a vida daquela menina.

Olhei para o café, e a mulher de rosto magro continuava falando no celular. O grupo de mães estava concentrado na conversa enquanto eu carregava a menininha nos braços, sentindo seu cheiro de açúcar com talvez um leve toque de fumaça de cigarro. Uma mãozinha gorda apoiada no meu ombro, me dando confiança.

E continuei andando. Simplesmente saí andando com ela.

Não estava raciocinando. Não era como se estivesse pensando em pintar o cabelo da menina de louro e dirigir até o Território do Norte para morar com ela num trailer perto do mar, onde nós duas ficaríamos morenas de sol, viveríamos à base de peixe e frutas frescas, e eu poderia educá-la em casa e…

Estou brincando! Eu não estava pensando em nada disso.

Estava só andando.

A menina ria, como se fosse uma brincadeira. Se ela tivesse chorado, eu a teria levado de volta no mesmo instante, mas estava rindo. Gostou de mim. Talvez estivesse agradecida por eu ter salvado a vida dela.

Então ouvi passos pesados atrás de mim, e a mulher de rosto fino agarrou meu ombro e gritou "Ei!" com uma expressão horrorizada. Suas unhas arranharam minha pele quando ela arrancou a menina dos meus braços, e a criança acabou chorando porque se assustou, mas a mãe disse "Tudo bem, meu amor, tudo bem", e me olhou com muita repugnância.

Ai, meu Deus, que vergonha, que horror.

Algumas mães tinham saído do café e estavam paradas ali fora em silêncio, segurando a cabeça dos bebês e me olhando como se eu fosse um acidente de trânsito. Até o dono do café — Dino, só pode ser — saiu também. Antes desse dia, eu só tinha visto a parte de cima do seu corpo atrás do balcão. Ele era mais baixo do que eu imaginava. Foi uma surpresa: como ver um apresentador de telejornal de pé. Foi a única vez que o vi sério. Em geral, ele é uma dessas pessoas que vive rindo.

Toda aquela gente me olhando e me julgando. Era como se eu estivesse sangrando em público. Senti algo sair do lugar dentro da minha cabeça.

Foi a sensação física de estar enlouquecendo. Existe uma palavra para descrever isso, Jeremy?

Desabei de joelhos na calçada, o que foi desnecessário e terrivelmente doloroso. Os arranhões levaram semanas para curar.

Foi então que Alice apareceu. Estava usando um casaco que eu nunca tinha visto, correndo para o Dinos, com a bolsa balançando e o cenho franzido. Vi a expressão em seu rosto quando me reconheceu. Ela se encolheu, como se tivesse visto um rato. Deve ter ficado mortificada. Tive que escolher justamente o café que minha irmã frequenta para ter um colapso nervoso em público.

Mas Alice foi legal. Preciso admitir. Ela se aproximou e se ajoelhou ao meu lado e, assim que nos encaramos, lembrei que quando éramos crianças e nos encontrávamos sem querer no pátio da escola, de repente eu sentia que tinha passado o dia inteiro atuando num palco, porque só Alice me conhecia de verdade.

"O que aconteceu?", sussurrou ela.

Eu estava chorando demais para responder.

Alice deu um jeito na situação. Ela conhecia a mãe da menina e algumas mães do grupo. Aconteceram muitas conversas intensas de mãe para mãe enquanto eu continuava ajoelhada na calçada. Alice fez as expressões das outras se suavizarem. A multidão se dispersou.

Ela me ajudou a me levantar da calçada, me levou até o seu carro e me colocou no banco do carona.

"Quer falar sobre isso?", perguntou.

Eu disse que não.

"Para onde você quer ir?"

Falei que não sabia.

Então Alice fez a coisa certa e me levou até a casa de Frannie. Ficamos sentadas na varanda minúscula dela, tomando chá, comendo biscoito de araruta com manteiga, falando sobre os problemas do transporte público em Nova Gales do Sul e reclamando das pessoas que ainda usam saco plástico no supermercado (eu sou uma delas, mas não admiti isso para Frannie). Foi tudo muito normal e reconfortante.

Sei que Frannie acha que eu devia parar de tentar ter um bebê. Faz mais de dois anos que ela me disse isso. Ela falou que às vezes precisamos ter a coragem de "levar a vida para um novo rumo". Fui um pouco ríspida na ocasião. Respondi que um bebê não era um "rumo". E, além do mais, pelo que eu sabia, *ela* nunca tinha levado a vida para um novo rumo. Nós simplesmente caímos de paraquedas na vida de Frannie depois que papai morreu.

Claro que eu agradeço aos céus por isso. E, quem sabe, talvez haja alguma morte conveniente na nossa vizinhança. Temos que pensar positivo! O pai da família que mora a duas casas da minha parece prestes a cair morto sempre que corta a grama.

Bem, um dia depois do meu surto psicótico marquei uma consulta com minha clínica geral e pedi que ela me recomendasse um bom psiquiatra. Você paga uma porcentagem para ela?

Foi assim que eu surgi na sua vida, Jeremy.

* * *

Quando Alice entrou no Café Dinos, seus sentidos souberam que ela estava num lugar muito familiar. Cheiro de café e de doces. Baques e silvos ritmados da máquina de *espresso*.

— Alice, meu amor! — disse um homem baixinho de cabelo escuro atrás do balcão. Ele estava mexendo com ambas as mãos na máquina de café, de forma hábil e elegante, como se fosse um instrumento musical. — Ouvi dizer que você sofreu um acidente! Perdeu a memória! Mas não se esqueceu do Dino aqui, não é?

— Hum — disse Alice, hesitante —, acho que me lembro do seu café.

Dino riu como se ela tivesse contado uma piada hilária.

— Claro que lembra, meu amor! Claro que lembra! Vai levar só um minutinho. Sei que você está com pressa. É uma mulher ocupada. Tome. — Sem esperar pelo pedido, Dino entregou um copo descartável para Alice. — Mas como você está? — perguntou ele. — Melhor? Já se lembrou de tudo? Está preparada para o grande dia

no domingo? O Supermerengue das Mães, finalmente! Minha filha está tão animada! Só fala nisso. "Papai, papai, vai ser a maior torta do mundo!"

— Humm — disse Alice.

Ela esperava que no domingo sua memória já tivesse voltado, porque não tinha a menor ideia de como fazer a maior torta de limão com merengue do mundo. De repente, lembrou-se do sonho com o rolo de massa gigante. Ah. O rolo de massa não era o símbolo de nada. Era só um rolo de massa gigante. Seus sonhos eram sempre tão óbvios, que decepção.

Alice tirou a tampa do copo e tomou um gole. Ecaaaa. Era um café sem açúcar e extremamente forte. Ela deu mais um gole. Na verdade, era muito bom. Não precisava de açúcar. Outro gole, outro, mais outro. Alice sentiu vontade de jogar a cabeça para trás e derramar o café goela abaixo. A cafeína corria por suas veias, desanuviando sua mente, fazendo seu coração bater mais forte e deixando sua visão mais aguçada.

— Será que você precisa de dois hoje? — perguntou Dino, rindo.

— Acho que sim — concordou Alice.

— Como está sua irmã, aliás? — continuou Dino, ainda rindo. Ele parecia ser um cara alegre. De repente parou e estalou os dedos. — Ai, que memória! Vivo esquecendo. Minha esposa pediu que eu desse uma coisa a ela.

— Minha irmã? — Alice passou o dedo pela borda do copo e lambeu a espuma enquanto se perguntava até que ponto Dino conhecia Elisabeth. — Acho que ela está bem — respondeu.

Virou uma pessoa completamente diferente. Parecia muito infeliz. E não sei o que fiz para magoá-la tanto.

— Fui para casa e contei a história toda para minha esposa, sobre como a moça saiu com uma criança e depois caiu daquele jeito, chorando, e ninguém sabia o que fazer! Eu estava preparando um café para ela! Isso não ajuda, não é? Nem o café do Dino! E aquelas mulheres idiotas querendo chamar a polícia.

Meu Deus. Será que Elisabeth tinha tentado sequestrar uma criança? Alice sentiu pena (sua pobre e amada Elisabeth devia estar se sentindo muito mal para violar uma regra em público), uma vergonha horrorizada (que coisa *constrangedora*! E ilegal!) e culpa (como podia estar preocupada com o que os outros pensavam quando sua irmã obviamente estava sofrendo tanto?).

— Falei para aquelas mulheres que não tinha sido nada — continuou Dino. — Foi muita sorte você ter aparecido e acalmado a mulherada e, quando me contou a história dela, que tristeza! Enfim, minha esposa me deu isso. É uma boneca africana da fertilidade. Quem tiver uma vai ter um bebê lindo. Pelo menos, é o que diz a lenda.

Ele lhe entregou uma pequena boneca de madeira com um post-it grudado que dizia "Alice". Era a boneca de uma mulher africana de roupa tribal com a cabeça grande demais para o corpo.

— É muita gentileza da sua esposa — disse Alice.

Pegou a boneca com reverência. Será que a mulher de Dino era africana e aquela era uma herança mística da tribo?

— Ela comprou na internet — confessou Dino. — Para a prima que não conseguia engravidar. Nove meses depois... um bebê! Mas, para ser sincero, não era um bebê tão bonito assim. — Ele deu um tapa no próprio joelho, o rosto radiante de alegria. — Eu disse para minha esposa: "Que bebê feio! Tem a cabeça grande que nem a boneca!" — Ele mal conseguiu completar a frase de tanto que ria. — A cabeça grande... que nem a boneca!

Alice sorriu. Dino lhe entregou mais um café e ficou sério de novo.

— Nick veio aqui outro dia — contou ele. — Não estava com uma cara muito boa. Eu disse: "Você devia voltar para a sua mulher. Isso não está certo." Lembro quando eu abri o café e vocês três vinham aqui todo fim de semana com a Madison pequenininha. Os três de macacão. Ela estava ajudando a pintar a casa. Vocês dois morriam de orgulho dela. Nunca vi pais tão orgulhosos! Lembra?

— Hummmm — disse Alice.

— Falei para Nick que vocês dois deviam voltar, deviam formar uma família de novo — disse Dino. — Perguntei o que tinha dado tão errado a ponto de vocês não poderem consertar. Não é da minha conta, certo? Minha esposa fica dizendo: "Dino, não é da sua conta!" Eu falo: "Digo o que penso, sou assim."

— O que Nick disse? — perguntou Alice, que já tinha tomado metade do segundo copo de café.

— Ele falou: "Eu consertaria se pudesse, cara."

* * *

Alice dirigiu para casa repetindo mentalmente as palavras de Nick como se fossem um mantra. Ele consertaria se pudesse, então... por que não pode?

Ela havia colocado o copo descartável de café num porta-copos muito útil perto do volante. Descobriu que conseguia dirigir aquele carro enorme com uma das mãos e tomar goles de café com a outra. Tantas habilidades novas! A cafeína a fazia tremer de energia. Tinha a sensação de que seus olhos iam saltar das órbitas. Quando o sinal ficou verde e o carro em frente não andou de imediato, Alice o apressou com uma buzinada mandona.

Aquela voz impaciente surgira de novo em sua cabeça, falando tudo o que ela precisava fazer antes de buscar as crianças na escola às três e meia da tarde. "Você precisa chegar na hora, mãe", dissera Tom. "O horário de segunda é muito apertado."

Bem, você não pode passar o dia inteiro à toa, comendo torta de creme. Não vai mais caber naquelas roupas lindas. Aliás, que tal lavar a roupa? Talvez devesse fazer isso quando chegar em casa. As mães vivem reclamando de toda a roupa que precisam lavar.

Do que mais elas reclamam? Do supermercado! Quando você vai às compras? Dê uma olhada na despensa. Faça uma lista. Deve ter uma lista em algum lugar. Você parece ser o tipo de pessoa que tem uma lista. E o jantar de hoje? E o lanche quando as crianças chegarem da escola? Será que elas estão acostumadas a encontrar biscoitos recém-assados?

Ligue para Sophie. Talvez ela tenha informações úteis.

Sua agenda diz que você tem uma reunião do Supermerengue à uma da tarde. Pelo que parece, você é quem vai comandar a reunião. Ótimo! Vai ser hilário. Descubra onde é! Como? Ligue para alguém. Ligue para aquela tal de Kate Harper, se precisar. Ou para o seu "namorado".

Consertaria se pudesse, cara. Consertaria se pudesse.

Lavar a roupa.

Sim, você já disse isso.

Roupa!

Está bem, fique calma.

Ela não devia ter tomado dois copos de café. Seu coração estava muito acelerado. Trêmula, respirou fundo duas vezes para se acalmar. Não conseguia acompanhar o ritmo do próprio corpo. Sentia a necessidade de correr loucamente em um gramado enorme, inclinando o corpo para a frente feito um cachorrinho sem coleira.

Ao chegar em casa, Alice correu de um lado para outro como se estivesse numa competição estranha, pegando pilhas de roupas nos cestos e no chão dos quartos e dos banheiros das crianças. Havia bastante. Desceu a passos pesados até a área de serviço. Não ficou surpresa ao ver uma máquina de lavar imensa, branca e brilhante ocupando metade do cômodo. Alice ergueu a tampa, pronta para jogar as roupas lá dentro quando foi tomada por várias sensações. Sentiu-se envergonhada. Traída. Chocada.

O que significava aquilo? A lembrança surgiu na sua mente, como se alguém tivesse folheado várias fichas pautadas e escolhido uma para colocar na frente das outras. Isso. Havia acontecido algo bem ali. Bem ali, naquela área de serviço inacreditavelmente limpa. Algo horrível.

Isso mesmo. Foi numa festa.

No verão. Ainda estava quente, mesmo à noite. Havia baldes de gelo no chão da área. Garrafas de cerveja, vinho e champanhe enfiadas no meio de pedras de gelo

derretendo. Ela foi pegar mais uma garrafa de champanhe e estava rindo quando abriu a porta, deparou com eles e automaticamente disse "Oi!" que nem uma idiota antes do seu cérebro compreender o que eles estavam fazendo, o que ela estava vendo. Uma mulher pequena e elegante de cabelo ruivo e curto sentada na máquina de lavar, com as pernas abertas, e Nick parado diante dela, com cada mão espalmada de um lado, a cabeça abaixada. Seu marido estava beijando outra mulher na área.

Alice olhou para a pilha de roupas na máquina. Visualizava a mulher com muita clareza. Os ossos delicados do seu rosto. Podia até ouvir sua voz. Enjoativa e infantil, combinando com seu corpinho. Isso lhe doía nos dentes.

Ela jogou um pouco de sabão em pó dentro da máquina e fechou a tampa com força. Como Nick se atreveu a rir quando ela perguntou se ele tivera um caso? Aquele beijo era pior do que flagrar os dois na cama juntos. Era pior, porque obviamente era um beijo de começo. No começo, os beijos eram muito mais eróticos que o sexo. O sexo no início de um relacionamento era desajeitado, bobo e vagamente ginecológico, como uma consulta médica. Mas os beijos que você dava de roupa, antes de transar, eram deliciosos e cheios de mistério.

Nick beijara Alice pela primeira vez quando ela estava encostada no carro depois de eles terem visto *Máquina Mortífera 4* no cinema. Sua boca tinha gosto de pipoca com um quê de chocolate. Ele estava usando um suéter preto com camiseta branca e calça jeans e sua barba estava meio áspera abaixo da boca. No meio do beijo, Alice já estava guardando com cuidado a memória daquilo, sabendo que no dia seguinte ficaria sentada diante do computador revivendo o momento. Havia repassado tantas vezes aquela lembrança na cabeça, como se fosse um filme antigo. Descrevera tudo, até o menor detalhe, para Sophie, que estava com o mesmo namorado havia cinco anos e, por isso, gemera de inveja, apesar de Jack ser o amor da sua vida.

Sophie. Sua amiga mais antiga. Sua madrinha de casamento.

Alice ia ligar para Sophie naquele instante. Era impossível que não tivesse ligado para Sophie e contado sobre o horror daquele beijo na área de serviço. Primeiro, devia ter ligado para Elisabeth. Depois, para Sophie. Deve ter dissecado a história para cada uma delas. Com Elisabeth, concentrara-se no que ela própria tinha sentido. "Como ele pode ter feito isso comigo?", deve ter perguntado, com a voz trêmula. Com Sophie, havia relatado tudo de forma a causar o maior choque possível. "Então, entrei na área para pegar um champanhe e você nunca, nem em um milhão de anos, vai adivinhar o que vi. Adivinhe!" Elisabeth certamente fora solidária e lhe dera instruções precisas sobre o que fazer em seguida. Já Sophie deve ter ficado chocada e furiosa, convidando Alice para encher a cara naquele mesmo instante.

Ela encontrou seu caderninho de contatos e o celular de Sophie. Parecia que a amiga estava morando em Dee Why. Nas praias do norte. Que bom para ela. Sophie

sempre quisera morar na praia, mas Jack preferia ficar perto da cidade. No fim das contas, ela deve ter ganhado a discussão. Eles já deviam estar casados e com filhos, embora, é claro, Alice precisasse lembrar que aquilo não era garantido. Tomara que Sophie não tivesse problemas de fertilidade como Elisabeth. Ou será que ela e Jack se separaram? Não. Não era possível.

— Sophie Drew.

Nossa. Todo mundo tinha ficado tão adulto e profissional.

— Oi, Sophie. Sou eu, Alice.

Uma pequena pausa.

— Ah, oi, Alice. Como vai?

— Bem, você não vai *acreditar* no que aconteceu comigo — começou.

Ela percebeu que estava se sentindo estranhamente boba. Quase nervosa. Por quê? Era só Sophie.

Mais uma pausa.

— O que aconteceu com você?

Tinha alguma coisa errada. Sophie estava sendo educada demais. Alice sentiu vontade de gritar: "Ai, pelo amor de Deus, não é possível que eu tenha perdido você também. Com quem eu *converso*?"

Ela não se deu ao trabalho de detalhar a história.

— Sofri um acidente. Bati a cabeça. Perdi a memória.

Dessa vez, a pausa foi ainda maior. Então, Alice ouviu Sophie dizer para alguém ali perto:

— Não vou demorar. Peça para eles esperarem.

Ela voltou a se dirigir a Alice. Um pouco mais alto. Talvez com uma ligeira impaciência.

— Desculpe, Alice. Quer dizer que, hum, você sofreu um acidente?

— Nós ainda somos amigas? — perguntou Alice, desesperada. — Ainda somos, não é, Soph?

— Claro que somos — respondeu ela imediatamente.

Disse isso com carinho, mas sua voz também ganhou um tom de "Tem algo esquisito aí. Prosseguir com cautela".

— É que a única coisa que me lembro direito é de estar grávida da Madison. E agora descobri que tenho três filhos, Nick e eu não estamos mais juntos e não entendo por que Elisabeth…

— Não, essa não! A verde! — disse Sophie com rispidez. — Desculpe, estou no meio de uma sessão de fotos da coleção nova. Está uma loucura aqui.

— Ah. O que você faz?

Mais uma pausa.

— Isso é verde para você? Porque para mim não é. Alice, me desculpe, posso ligar para você depois?

— Ah. Claro.

— Olhe. Eu sei que sempre falamos isso, mas a gente precisa marcar de se ver.

— Ahã.

Então elas não eram mais amigas. Não amigas de verdade. Eram amigas do estilo "vamos marcar".

— A última vez que vi você foi quando a gente tomou uns drinques com aquela sua amiga. Sua vizinha. Gina. Como ela está?

Gina, Gina, Gina. Alice se deu conta de que não deve ter ligado para Elisabeth nem para Sophie para falar sobre o beijo na área. Deve ter ligado para Gina.

— Ela morreu.

— Desculpe, ela o quê? Verde! Verde! Você é daltônico? Alice, tenho que ir. Eu ligo para você, tá?

— Só me diga uma coisa — pediu.

Mas o telefone ficara mudo. Sophie se fora.

Como todas as outras pessoas, pelo visto.

O celular tocou na sua mão e Alice deu um pulo como se o aparelho tivesse ganhado vida.

— Alô?

— Ah, você está com uma voz muito melhor.

Era sua mãe. Alice relaxou. Barb agora podia ser uma mulher decotada que dançava salsa e era casada com Roger, mas continuava sendo sua mãe.

— Eu estava falando com Sophie.

— Ah, que bom. Ela agora é tão famosa, não é? Desde aquela matéria. Eu estava falando dela para alguém um dia desses. Quem era? Ah, já sei. A moça que veio fazer os pés do Roger. A quiroprata. Não, não é isso. A pedóloga. Ela disse que a filha queria uma daquelas bolsas Sophie Drew de aniversário. Eu disse, bem, conheço Sophie desde que ela tinha onze anos, e quase ofereci conseguir um desconto para ela, porque preciso admitir que Roger tem os pés muito peludos, então sinto um pouco de pena da moça, mas aí lembrei que você e Sophie quase não se veem mais, não é? Só trocam cartões de Natal, essas coisas. Então mudei de assunto bem depressa para o caso de a moça perguntar, porque acho que ela é esse tipo de gente que tenta se aproveitar dos conhecidos para tirar vantagens. Gina era um pouco assim, não era? Não que isso seja errado. Quem faz isso é bem esperto, ah, nossa, que tragédia terrível, mas, enfim, o que me fez pensar na Gina? Ah, sim, os conhecidos. Então, eu liguei por três motivos, cheguei até a anotar, porque minha memória anda um horror, mas, por falar nisso, como está *você*, meu anjo?

— Estou ótima.

— Que bom, fico muito feliz. Frannie estava fazendo o maior escarcéu por causa disso. Eu falei: "Pode apostar que até segunda-feira a memória dela já vai ter voltado."

— Estou lembrando algumas coisas — disse Alice.

Será que devia perguntar à mãe sobre Nick e o beijo na área de serviço?

— Que maravilha! — respondeu sua mãe. Ela hesitou, mas então obviamente decidiu adotar uma abordagem otimista. — Que maravilha! Meu amor, depois eu fiquei pensando naquilo que você disse no hospital, sobre a possibilidade de você e Nick reatarem, por acaso era algo que não devia ser comentado com ninguém? Porque acabei encontrando Jennifer Turner hoje no mercado.

— Jennifer Turner?

Aquele nome não significava nada para Alice.

— É, aquela moça meio agressiva. A advogada.

— Ah, *Jane* Turner.

Humm. O primeiro rosto que ela vira ao acordar naquela estranha vida nova. Jane, que a estava ajudando a se divorciar de Nick.

— Isso, Jane. Ela queria saber como você estava. Disse que você não estava respondendo às mensagens dela.

Mensagens? Como assim?

— Bem, falei que você estava ótima e depois comentei que ia reatar com Nick. Ela ficou bastante chocada. Mandou que eu lhe dissesse que nunca, em nenhuma circunstância, você deveria assinar nada. Insistiu muito nisso. Fiquei pensando se foi ruim eu ter aberto a boca... Estraguei alguma coisa?

— Claro que não, mãe — respondeu Alice automaticamente.

— Ah, que bom, pois eu e Roger estamos animados. Animadíssimos! Estávamos pensando em ficar com as crianças durante um fim de semana para você e Nick poderem fazer uma viagem romântica. Esse era o segundo item da minha lista. Vou riscar aqui. É só pedir. Vamos adorar. Roger disse que até se oferece para pagar um jantar para vocês em algum lugar chique. Ele é muito generoso.

— Ótima ideia.

— É mesmo? Ah, que bom, porque eu comentei com Elisabeth e ela disse que, quando sua memória voltasse, ela achava que "a história ia ser outra". Mas você sabe como ela anda pessimista, coitadinha, e esse era o terceiro motivo de eu ter ligado. Você teve notícias da sua irmã? Estou desesperada para saber o resultado do exame. Liguei várias vezes, mas ela não atendeu.

— Que exame?

— Hoje era o dia do exame de sangue. Para o último óvulo. Não, espere, eu sempre erro essa palavra. Embrião. — Sua voz ficou embargada. — Ah, Alice, eu

ando rezando muito e tenho que admitir que às vezes fico um *pouco* irritada com Deus. Elisabeth e Ben se esforçaram tanto! Só um bebezinho não é pedir demais, é?

— Não — respondeu Alice.

Ela olhou para a boneca da fertilidade de Dino sentada em cima do balcão. Por que Elisabeth não lhe contou que ia fazer exame de sangue hoje?

Sua mãe suspirou.

— Eu disse para Roger: "Agora sou tão feliz, por que minhas meninas não podem ser felizes também?"

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Várias pessoas me deixaram recados hoje.

Minha mãe ligou cinco vezes.

Acabei de ver uma ligação perdida de Alice.

Ah, e a enfermeira ligou duas vezes, tentando me entregar os resultados do exame de sangue.

Layla ligou, provavelmente querendo saber onde estou, porque saí para almoçar e, por algum motivo, não tive energia para voltar ao escritório. Ela deve estar achando que me ofendeu.

Ben ligou três vezes.

Não estou conseguindo retornar a ligação de ninguém. Estou aqui, sentada diante do volante do meu carro, na frente do seu consultório, escrevendo para você.

O telefone está tocando de novo. Trim-trim! Trim-trim! Faça contato com o mundo, Elisabeth! Sumam, todos vocês.

* * *

Alice estava pendurando roupas no varal (estava levando uma eternidade) quando o telefone tocou. Ela correu para atender.

— Alô? — disse, sem fôlego.

— Ah, oi, sou eu — falou Nick, fazendo uma pausa. — Nick.

— Sim, eu reconheci sua voz, na verdade.

Você beijou outra mulher na área de serviço! Não acredito que fez isso! Será que ela devia mencionar o beijo? Não. Tinha que pensar na abordagem certa primeiro.

— Achei melhor ligar para saber como você, hum, se você melhorou da cabeça, da memória. Foi tudo bem na ida para a escola?

— Se não tivesse sido, já seria tarde para resolver — retrucou Alice, irritada.

Na noite passada ela tivera que *passar* os uniformes dos três, arrumar a casa toda e preparar refeições muito específicas para cada um (depois que Tom comentou educadamente que era isso que ela costumava fazer no domingo à noite).

— Ah, que bom — disse Nick. — Então você já está se lembrando de tudo?

— Bem, uma lembrança pelo menos voltou — revelou Alice, num impulso. Pelo visto, ela ia mencionar o beijo. Era fisicamente impossível não fazer isso. — Eu me lembrei de você beijando aquela mulher na área de serviço.

— Beijando uma mulher na área de serviço?

— É. Numa festa. Eu tinha ido pegar mais champanhe.

Nick ficou em silêncio e depois caiu na gargalhada.

— Sentado na máquina de lavar, não é?

— É — respondeu Alice, se perguntando como ele podia usar um tom tão arrogante, como se aquele fosse um ponto a seu favor, quando claramente era a favor dela.

— Você se lembra de *me* ver beijando uma mulher sentada na nossa máquina de lavar?

— Lembro!

— Quer saber de uma coisa? Eu nunca nem olhei para outra mulher quando nós estávamos juntos. Nunca beijei outra mulher. Nunca transei com outra mulher.

— Mas eu lembro…

— É. Eu sei exatamente o que você lembrou e achei isso muito interessante.

Alice ficou atônita.

— Mas…

— Muito interessante mesmo. Olhe, eu tenho que ir, mas obviamente sua memória ainda não voltou direito e você precisa ir ao médico. Se não tem capacidade de cuidar das crianças, precisa me avisar. Você é responsável por elas.

Ah, mas ele não se incomodou de deixar as crianças com ela na noite anterior, quando sabia perfeitamente bem que Alice nem sequer as reconhecera e muito menos sabia cuidar delas. Aquilo não tinha nenhuma lógica, e ainda assim Nick estava usando aquele tom que indicava que se considerava muito mais racional, com presunção pingando de cada palavra sua. Alice se lembrava de ter escutado aquele tom em discussões passadas, como na vez em que não havia leite para o café da manhã, ou na vez em que eles se atrasaram para o batizado do primeiro filho da irmã dele, e na vez em que nenhum dos dois tinha dinheiro suficiente para pagar a barca, pois em todas essas vezes Nick falara daquele jeito. Com aquele tom superior, irritado, formal, com um quê de resignação. Ele a deixava louca.

Sempre que Nick falava naquele tom, Alice se lembrava de todas as outras ocasiões em que ele o usara e pensava *É verdade, não suporto quando você fala assim.*

— Quer saber de uma coisa? — disse ela. — Que *bom* que a gente vai se separar.
Ao bater o telefone, Alice ouviu Nick rindo.

VINTE E CINCO

O Comitê do Supermerengue apareceu na porta de Alice à uma da tarde.

Ela havia se esquecido completamente da reunião.

Quando a campainha tocou, ela estava sentada no chão da sala, cercada por álbuns de fotos. Estava ali há horas, passando as páginas, separando algumas fotos para poder examiná-las de perto, em busca de pistas.

Havia fotos de piqueniques, trilhas, dias na praia, festas de aniversário, páscoas e Natais. Ela perdera tantos Natais! Sentiu uma dor no meio do peito ao ver fotos de crianças de pijama, com o cabelo emaranhado e o rosto sério de concentração, desembrulhando presentes sob uma árvore enorme e lindamente decorada.

Talvez pudesse pedir ao médico todas as suas lembranças de volta, por favor, menos as tristes.

Quase todas as fotos eram das crianças e de Nick. Alice devia ter feito os cliques. Nick sempre fora muito bom em sair nas fotos, com uma expressão séria e profissional, mas era um péssimo fotógrafo, cortava a ponta da cabeça das pessoas.

Quando era criança, Alice descobrira que sabia tirar fotos boas. Depois que seu pai morreu, ninguém mais tirava fotos da família. Ele era o fotógrafo, e, para sua mãe, pensar em usar a máquina dele seria tão estranho quanto trocar uma lâmpada. Durante os anos em que sua mãe se ausentou e a velha Srta. Jeffrey da casa ao lado se transformou em Frannie, sua avó honorária, Alice também aprendera sozinha a trocar lâmpadas, consertar vazamentos na privada e cozinhar costelas e vegetais, enquanto Elisabeth aprendera como exigir o dinheiro de volta, pagar contas, preencher formulários e falar com estranhos.

Sempre que Alice encontrava outra foto de Nick, tentava interpretar a expressão nos olhos dele. Será que conseguiria perceber a deterioração do casamento deles? Não. Dava para perceber a deterioração do *cabelo* dele ao longo dos anos, mas o sorriso para a pessoa atrás das lentes parecia continuar alegre e genuíno.

Nas fotos em que apareciam juntos, eles estavam sempre abraçados, com os corpos inclinados um na direção do outro. Se alguém pedisse a um especialista em linguagem corporal que avaliasse seu casamento com base naquelas fotos, ele com

certeza diria: "Essa é uma família feliz, amorosa e bem-humorada e a probabilidade de esse casal se separar é nula."

Alice não prestou muita atenção nas fotos das pessoas que não reconhecia, mas um rosto não parava de aparecer e ela finalmente se deu conta de que aquela devia ser Gina. Era uma mulher peituda com dentes grandes e um cabelo escuro volumoso e encaracolado. Pelo visto, ela e Alice sempre apareciam nas fotos erguendo taças de champanhe ou drinques como se fossem troféus. Pareciam se tocar muito, o que não era do feitio de Alice. Nunca tivera o tipo de amizade em que uma agarrava a outra, mas, com aquela mulher, estava sempre de rosto colado, as duas exibindo um sorriso enorme de batom. Alice ficou constrangida com aquelas fotos.

— Ah, pare com isso, você nem conhece essa mulher! — disse em voz alta ao encontrar uma em que dava um beijo na bochecha de Gina.

Alice ficou muito tempo olhando as fotos da amiga, esperando o reconhecimento e a... dor? Mas não veio nada. Ela até que parecia divertida, mas não era o tipo de mulher que Alice escolheria como amiga. Parecia ter o potencial de ser um pouco exagerada. Uma pessoa espalhafatosa, maluquinha e cansativa.

Vai ver ela não era assim. Na verdade, Alice também parecia ser do mesmo jeito em algumas fotos. Talvez *fosse* maluquinha e extravagante agora que estava tão magra e bebia tanto café.

Havia fotos de Alice e Nick com Gina e um homem que devia ser o marido dela. Mike Boyle. O fisioterapeuta que tinha se mudado para Melbourne. Esses eram os "tempos mais felizes" que ele havia mencionado no cartão. Passados em restaurantes, churrascos e jantares (muitas garrafas de vinho vazias na mesa de uma sala desconhecida que devia ser na casa de Mike e Gina).

Pelas fotos, Alice deduziu que Mike e Gina tinham duas filhas bonitas de cabelo preto (gêmeas, talvez?), mais ou menos da mesma idade que Tom. Havia fotos das crianças brincando juntas, comendo fatias gigantescas de melancia, jogando água para cima na piscina, dormindo enroscadas em algum sofá. As duas famílias já tinham viajado para acampar. Parecia que eles tinham ido várias vezes a uma casa de praia com uma vista espetacular para o mar.

Amizade e viagens. Piscina. Champanhe, sol e risadas. Uma vida de sonho.

Mas talvez a vida de qualquer um parecesse maravilhosa se você visse só os álbuns de fotos. As pessoas sempre sorriam e inclinavam a cabeça obedientemente quando alguém apontava a câmera para elas. Talvez segundos após o clique, ela e Nick houvessem se separado, evitando o olhar um do outro, dando caretas em vez de sorrisos.

Alice estava começando a examinar as fotos do casamento de Elisabeth e Ben (os dois eram tão jovens e confiantes, com rostos rosados, e Elisabeth estava magra e

radiante) quando a campainha tocou. Ela se levantou num pulo, deixando no chão os álbuns com todas aquelas lembranças esquecidas.

Havia duas mulheres na porta e outras três vindo pela entrada da garagem. Duas eram completas desconhecidas, mas as outras Alice reconheceu da festa e de ter visto ao deixar as crianças na escola de manhã.

— É a reunião do Supermerengue? — perguntou Alice, abrindo a porta para elas.

As mulheres traziam panfletos e cadernos e pareciam muito eficientes.

— Faltam só seis dias! — exclamou uma mulher alta, elegante e de cabelo grisalho, erguendo as sobrancelhas até acima dos óculos de armação quadrada.

— Como você está? — perguntou outra, com covinhas, dando um beijo carinhoso em cada bochecha de Alice. — Passei o fim de semana inteiro pensando em ligar para você. Bill disse que não conseguiu acreditar quando estava na esteira e viu você passar de maca. Ele falou que nunca tinha imaginado ver Alice Love deitada numa cama. Ai, isso soou mal.

Alice se lembrou do homem de rosto vermelho na esteira dizendo que ia pedir para "Maggie" ligar.

— Maggie? — chamou ela, na dúvida.

A mulher apertou seu braço.

— Desculpe! Estou meio boba hoje!

Sem esperar convite, as mulheres foram juntas até a sala de jantar e se sentaram ao redor da mesa, colocando os cadernos à frente.

— Querem chá, café? — ofereceu Alice num fio de voz, perguntando-se se alimentava aquela gente.

— Passei a manhã toda morrendo de vontade de comer seus muffins — comentou a que erguera as sobrancelhas.

— Eu ajudo você a trazer tudo para cá — disse Maggie.

Caramba. Parecia que elas estavam acostumadas com um banquete.

Alice notou a expressão de surpresa de Maggie ao ver o estado da cozinha. Os pratos do jantar de ontem e a louça do café da manhã das crianças continuavam espalhados. Alice planejara limpar tudo depois de colocar a roupa para lavar, mas tinha se distraído com os álbuns de fotos. Os bancos estavam sujos com respingos de leite e carne de hambúrguer.

Enquanto Alice procurava apressadamente os muffins no freezer, Maggie colocou a chaleira no fogo e disse:

— Encontrei Kate Harper hoje. Ela disse que você e Nick vão reatar.

— Oba!

Alice tirou o pote do freezer com a etiqueta que indicava "muffins de banana" e a data de duas semanas atrás, sentindo um enorme carinho por si mesma. *Ah, você é o*

máximo, Alice.

— Eu fiquei um pouco surpresa — continuou Maggie.

Alice ergueu a cabeça ao reparar no tom de voz dela. Maggie parecia magoada.

— O problema é que eu sei que Dominick está muito interessado — continuou a mulher, falando como se estivesse tentando ser diplomática.

— Você e Dominick são amigos? — perguntou Alice.

Maggie jogou a cabeça para trás, surpresa.

— Só quis dizer que ele é meu irmão mais velho e é um pouco vulnerável. Se não vai dar em nada, talvez você devesse avisar a ele.

Ai, meu Deus, ela era *irmã* dele. Alice observou com atenção e percebeu que os olhos dos dois eram um pouco parecidos. Aquela tal de Kate Harper não era fácil.

— E, não sei, Alice — prosseguiu Maggie. — Tudo aquilo que você estava falando no outro dia, sobre como Nick nunca respeitava sua opinião, e fazia você se sentir idiota, e sobre como você e Dominick tinham um relacionamento muito mais de igual para igual, e você amava o jeito como ele falava da escola, porque Nick nunca comentava nada sobre o trabalho. O que foi tudo aquilo? Não quero ser grosseira, mas fiquei pensando, será que isso tem alguma coisa a ver com a sua pancada na cabeça? Quer dizer, sei que parece que estou dizendo "Você só pode estar maluca por não querer meu irmão!". Mas eu acho que, bem, sabe, não tome nenhuma decisão...

Ela não terminou a frase, assim como Dominick fazia.

Nick não respeitava a opinião de Alice? Claro que respeitava! Às vezes achava que ela era meio bobinha em relação às notícias do momento, mas de um jeito fofo.

Alice estava prestes a abrir a boca mesmo sem saber o que dizer, mas a campainha tocou.

— Só um segundo — falou, erguendo uma das mãos.

Ela saiu em disparada pelo corredor, passou pelo burburinho de vozes femininas na sala de jantar e abriu a porta.

— Desculpe o atraso — disse uma ruiva pequenininha com uma voz fofa e infantil.

Era a mulher que tinha beijado Nick em cima da máquina de lavar.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Então liguei e peguei o resultado do exame de sangue.

* * *

— Entre! — disse Alice.

Seu corpo definitivamente se lembrava daquela mulher. O som da sua voz enjoativa a deixava com um pouco de náusea, do mesmo jeito que ela sempre ficava ao ver um abacate, por causa da vez em que passara muito mal depois de comer guacamole.

— Ouvi dizer que você caiu na academia — disse a mulher. — Eu avisei que exercício faz mal à saúde.

Ai, meu Deus, ela estava se inclinando para dar um beijo na bochecha de Alice. Essa história de beijo na bochecha estava fora de controle. Era uma reunião do Supermerengue! Será que o clima não devia ser um pouco mais profissional?

A mulher estava tirando o lenço do pescoço e pendurando-o casualmente no cabide de chapéus de Alice enquanto olhava para ela com a mais perfeita inocência, sem qualquer sinal de culpa. Seria capaz de fazer isso se tivesse beijado o marido de Alice na área daquela casa? "Eu nunca nem olhei para outra mulher. Nunca beijei outra mulher", dissera Nick. Então por que ela se lembrava daquilo com tanta clareza? E como ele sabia que tinha sido em cima da máquina de lavar?

— Você está atrasada, Sra. Holloway! — gritou alguém da sala de jantar.

Holloway. Holloway. Alice estalou os dedos mentalmente. Aquela era a vice-diretora. Ela era pequena, bonita e enjoativa demais para ser vice-diretora.

A Sra. Holloway entrou graciosamente na sala de jantar como se fosse a dona da casa, enquanto Alice voltava para a cozinha. A irmã de Dominick tinha colocado os muffins de banana no micro-ondas e o cheiro tinha se espalhado pelo ar.

— Era a Sra. Holloway — explicou Alice.

— Eca! — disse Maggie, fazendo uma careta sem tirar os olhos da água fervendo que estava jogando sobre uma fileira de xícaras. Ela largou a chaleira e deu uma piscadela para Alice. — Não se esqueça de colocar essa mulher na linha se ela tentar dar ordens por aqui. Foi você quem organizou esta reunião. Você está no comando.

— Só tem um problema. Eu não posso estar no comando.

— Por que não?

— Dominick obviamente não lhe contou…

— Dominick não me conta nada. Você sabe como são os irmãos. Ah, é, não sabe. Bem, não são como as irmãs.

Alice explicou mais uma vez que tinha perdido a memória, e disse que sim, ia consultar um médico, e não, não achava que devia estar na cama, e não, não estava brincando, e sim, devia ter sido uma baita pancada na cabeça.

— O que está acontecendo aí dentro? — gritou alguém da sala de jantar. — Estamos sentindo cheiro de muffin!

— Calminha aí! — gritou Maggie de volta. Ela se virou para Alice e falou, alegre: — Então é por *isso* que você tem falado em reatar com Nick! Esqueceu os

últimos dez anos! Nossa. Deve ser uma sensação muito esquisita. Estou tentando imaginar. O que eu estava fazendo aos vinte e seis anos?

Alice levou um susto ao se dar conta de que Maggie era quatro anos mais nova que ela. Na verdade, todas aquelas mulheres adultas ali deviam ser mais ou menos da sua idade.

— Eu diria: "Ai, meu Deus, como você acabou se casando com o gordinho que conserta seu carro?" — comentou Maggie, rindo. — E então olharia para os meus quadris e pensaria: "O que foi que aconteceu?"

Ela deu um tapa nos quadris que, para Alice, não pareciam nada largos.

— Está ficando chato ali dentro. — A mulher alta de cabelo grisalho e óculos entrou na cozinha e pulou em cima do balcão, balançando as pernas compridas e finas cobertas por uma calça jeans azul. Ela baixou a voz e acrescentou: — Você precisa voltar para lá depressa, Alice, antes que Holloway dê um golpe. Não se preocupe, eu estava sutilmente criticando tudo o que ela dizia. — A mulher baixou ainda mais a voz. — Se ela acha que vamos deixá-la esquecer a vergonha do incidente da máquina de lavar, está muito enganada. Aquela anãzinha do mal.

— Você sabe sobre o incidente na máquina de lavar? — perguntou Alice, agarrando com força a faca que estava usando para cortar os muffins.

— Alice perdeu a memória — revelou Maggie. — Ela nem deve saber quem você é. Alice, esta é Nora. — Ela hesitou um instante. — Na verdade, você nem deve saber quem eu sou! — exclamou. — Eu sou Maggie, sabia?

Maggie estava com aquela expressão incrédula e constrangida que Alice já vira muitas vezes. As pessoas não conseguiam acreditar que você era capaz de esquecê-las.

— Estava correndo um boato de que você tinha perdido a memória — disse Nora. — Eu não acreditei. Ouvi alguém falando isso no Dinos, mas achei que o telefone sem fio da cidade estava dando defeito. Nossa. O que os médicos disseram?

— Nick beijou aquela tal de Sra. Holloway em cima da máquina de lavar? — perguntou Alice, sentindo-se muito infantil por estar falando sobre beijos com aquela mulher grisalha e elegante.

— Nick? — indagou Nora. — Não, querida. Foi Michael. O marido da Gina. Ela flagrou os dois. — Olhou para Maggie e disse: — Alice perdeu a memória mesmo.

— Não se lembra de *nada*! — exclamou Maggie, agitada, dando uma mordida enorme num muffin. — É como se ela fosse o Rumpelstiltskin no conto de fadas.

— Acho que você quis dizer Rip Van Winkle.

— É?

— Mas eu lembro tão bem... — disse Alice, devagar. — Lembro como se tivesse sido comigo.

— Bem, você ficou chateada pela Gina — comentou Maggie. — Ai, meu Deus, ainda não acredito que Gina não vai entrar aqui agora mesmo trazendo uma garrafa de champanhe. Sempre que ouço uma rolha de champanhe estourando, penso nela. Acho que ainda não aceitei.

— A não ser que a anã tenha beijado Nick também — sugeriu Nora, pensativa.

— Posso ajudar com alguma coisa? — perguntou uma vozinha infantil do hall.

— Sra. Holloway! — disse Nora calmamente. — Estávamos falando sobre você agorinha mesmo.

— Bem, espero que tenha sido coisa boa — disse a vice-diretora, fitando Nora com os olhos azuis cheios de inocência.

— Claro! Sei que você não tem nenhuma *roupa suja* para lavar — retrucou Nora.

Maggie engasgou com o muffin.

— Tome — disse Nora. — Pode levar essas xícaras para Alice.

— Claro — respondeu a Sra. Holloway, aparentemente inabalada. — Vamos começar daqui a pouco, Alice? — perguntou, olhando o relógio. — É que eu tenho que voltar para a escola.

— Não vai demorar — disse Nora com rispidez e um olhar gélido.

A Sra. Holloway pegou as xícaras e saiu. Assim que ela deixou a cozinha, Maggie deu um tapa atrás da cabeça de Nora, bagunçando seu cabelo liso.

— Você é maluca.

Era como estar com outras meninas na escola, só que elas tinham rugas, cabelos brancos e falavam dos filhos. Alice se sentiu reconfortada com isso. Os adultos ainda podiam ser bobos.

— Mas não estou entendendo — disse ela. — Como essa Sra. Holloway pode ser vice-diretora se…

— …se beija os pais dos alunos em cima da máquina de lavar? — concluiu Nora. — Só a gente sabe disso. Gina nos fez jurar que não íamos contar para ninguém. Os filhos da Holloway também estudam na escola. Gina disse que não queria ser responsável pelo fim de mais um casamento.

— Vocês não sabem quantas vezes eu tive que morder a língua quando Dominick fala sobre ela — contou Maggie. — Ele acha que ela é muito profissional. Mas acho que ela acabou bebendo demais naquela noite. Todo mundo erra.

— Não saia perdoando assim, Maggie — repreendeu Nora. — Ela não merece perdão. A piranha nem se abalou quando eu disse "roupa suja".

— Talvez ela tenha esquecido — sugeriu Maggie. — Já faz três anos.

— A Sra. Holloway e Mike estavam tendo um caso? — perguntou Alice.

Ela percebeu que estava receosa de ouvir a resposta. Apesar de saber que não tinha sido Nick, a sensação dolorosa de traição não havia passado.

— Pelo que sabemos, eles só deram aquele beijo quando estavam bêbados — disse Maggie. — Mas isso foi o gatilho para todos os problemas de Gina e Mike. Não parecia justo Gina e Mike se separarem enquanto os Holloway continuavam sendo um casal exemplar. Vi os dois de mãos dadas, imaginem só, na noite do quiz na semana passada e pensei: "Alguém traz um balde porque eu vou vomitar." — Maggie estremeceu. — Bem, é melhor a gente começar logo a reunião.

— Será que eu não devia ficar aqui? — sugeriu Alice. — Dizer para elas que estou doente, sei lá.

Ela não tinha ideia do que fazer numa reunião.

— Eu leio a pauta do dia — afirmou Nora. — Você só precisa balançar a cabeça. De qualquer maneira, você organizou tudo tão bem e com tanta antecedência que todo mundo sabe o que precisa fazer. Você é a pessoa mais eficiente que eu conheço, Alice.

— Como será que isso aconteceu? — perguntou Alice, suspirando.

Ela lambeu o dedo e catou as migalhas de muffin no prato à sua frente. Viu que as duas mulheres a observavam, como se o seu comportamento fosse estranho.

Em vez de chupar o dedo, Alice abaixou o braço e perguntou:

— Por que vamos fazer a maior torta de limão com merengue do mundo, afinal de contas? Por que não um cheesecake ou qualquer outra coisa?

— Era a sobremesa que Gina mais fazia — respondeu Maggie. — Lembra? Você vai dedicar este dia a Gina.

É claro. No fim das contas, todos os caminhos levavam a Gina.

Quando Alice se lembrasse de Gina, se lembraria de todo o resto.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Eu poderia, com a mesma facilidade, fazer uma dessas duas coisas.

Poderia pegar o carro e sair de Sydney. Talvez descer a estrada tortuosa, longa e estreita pela costa sul, de onde dá para ver colinas cheias de vegetação e, de vez em quando, um lampejo de mar turquesa. Isso me deixaria feliz.

Então eu poderia encontrar um bom trecho de estrada vazia com um poste apropriado. Um que esteja implorando por um monumento em forma de cruz.

E poderia bater nele a toda velocidade.

Mas existe uma alternativa!

Eu poderia voltar para o escritório. Pedir a Layla que compre uma caesar salad com anchovas, e uma Coca Diet, ou talvez uma vitamina de banana, e eu poderia

almoçar enquanto preparo minha palestra de abertura da conferência da Associação Australiana de Marketing Direto, que vai ser no mês que vem.

Eu poderia fazer uma coisa. Ou outra.

O poste ou o escritório.

Não me parece uma decisão mais importante do que tomar Coca Diet ou vitamina de banana.

* * *

— Ah, Alice, que bom que encontrei você. Eu estava pensando, daqui a duas semanas vou ter aquele evento que eu tinha comentado, então eu estava pensando, e se eu pegasse Tom na festa do Harry, porque você me disse que tinha aquele almoço, aí eu ficava com os meninos antes do futebol e você podia buscar os dois depois do jogo, pode ser?

— Com licença, por favor, mamãe. Com licença, por favor, mamãe. *Com licença, por favor, mamãe!*

— Alice! Olivia já decidiu o que vai usar na festa a fantasia da Amelia? Ficou sabendo? Está um drama só! *Sete* meninas querem ir de Hannah Montana, mas parece que Amelia também quer ir de Hannah Montana e, afinal de contas, o aniversário é dela, então todas as Hannahs estão banidas!

— Está chegando o grande dia, Alice!

— Mãe, eu *disse* com licença e você continuou me ignorando!

— Mãe, Clara pode passar a tarde lá em casa? Por favor, por favor, por favor, por favor? A mãe dela disse que pode!

— Mamãe?

— Mãe?

— Falta pouco, Alice!

— Sra. Love?

— Posso falar com você, Alice?

Alice ficou parada no pátio da escola, enquanto aquele mundo de cantinas, amigos que passavam a tarde nas casas uns dos outros e festas de aniversário girava em torno dela feito um pião.

Ela não se lembrava de nada daquilo.

Por outro lado tudo parecia curiosamente familiar.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Caso você queira saber, eu decidi ir para o escritório.

Não estava falando sério sobre aquela história de poste.

Nunca faria isso. Sou sensata e chata demais.

Aliás, cancelei nossa próxima sessão. Peço mil desculpas pela inconveniência.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Mas que noite extraordinária e perturbadora! X chegou na hora, elegante, com o cabelo penteado e trazendo uma garrafa de vinho e um buquê de flores, imaginem só!

Não o poupei. Assim que o convidei para se sentar, enquanto eu cortava a quiche, já saí perguntando por que ele tinha sabotado minha excursão para o debate sobre eutanásia. Falei que parecia que ele tinha um problema comigo e que eu não entendia por que havia organizado o passeio pela baía no mesmo horário.

Ele disse que era tão contrário à eutanásia porque aos oito anos vira a mãe cometendo suicídio.

Bem, vocês podem imaginar como eu me senti mal. Meu estômago embrulhou! Não sabia o que dizer. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Ele estava comendo um pedaço da quiche a essa altura, quando me olhou com uma cara safada e me disse que sua mãe, na verdade, tinha morrido tranquilamente na cama aos noventa anos, mas *poderia* ter cometido suicídio, porque ficava bem triste às vezes.

Quase joguei o pote inteiro de salada na cabeça dele.

Depois disso, tivemos um debate *bastante* exaltado, ou talvez discussão seja uma palavra melhor, sobre o assunto. Durou horas e nem eu nem ele cedemos um milímetro. Ele não tinha nada de novo para dizer. Acredita que "cada momento da vida é um presente e que é a maior falta de educação jogar qualquer segundo fora".

No fim das contas, comentei que, mesmo sendo contrário à eutanásia, ele poderia ter marcado o passeio pela baía para outro dia.

Ele disse: "Sabe aquela história de um menino que gosta de uma menina, então ele puxa a trança dela e sai correndo com o laço de fita?"

Falei que sim.

Ele disse: "Bem, eu nunca cresci."

Diga-me, internet, o que isso significa?

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse:
Você está sendo deliberadamente ignorante, Frannie? Ele está querendo dizer que GOSTA de você!

O que achou dele? Parece ser um cara divertido. Um daqueles diamantes brutos.

Cara de Brisbane disse:
Concordo com Doris, mas você não está velha demais para isso? Ecaaaa!

Frank Neary disse:
Ei! Quer dizer que tenho um concorrente? Sou muito mais jovem que esse tal de X. Você precisa me dar uma chance!

Vovó Moderna disse:
Desculpe a franqueza, mas esse X não me parece nada confiável. Se eu fosse você, mandaria ele ir catar coquinho. E a memória de Alice voltou?

* * *

Alguém estava gritando.

— Mãe! Socorro! Ajude! *Mamãe!*

Alice foi catapultada para fora da cama e estava andando depressa, às cegas, pelo corredor antes de acordar direito, com a boca seca e a cabeça zonza com sonhos interrompidos.

Quem era? Olivia?

Os gritos histéricos vinham do quarto de Madison. Alice empurrou a porta. No escuro, mal conseguiu discernir uma pessoa na cama, debatendo-se e gritando:

— Tira daí! Tira daí!

A visão de Alice se ajustou o suficiente para que notasse o abajur na estante ao lado da cama de Madison. Ela o acendeu.

Os olhos da filha estavam fechados, seu rosto, contraído. Ela estava emaranhada nos lençóis, com o travesseiro no peito. Tentava tirar tudo aquilo de cima, aos tapas.

— Tira daí!

Alice afastou o travesseiro e se sentou na cama ao lado dela.

— É só um sonho, querida. É só um sonho.

Ela sabia, com base nos próprios pesadelos, que o coração de Madison devia estar disparado, que a voz do mundo real ia se infiltrar aos poucos no mundo do sonho e fazê-lo se dissipar.

Os olhos de Madison se abriram e ela se jogou em cima de Alice, enfiando a cabeça em suas costelas e agarrando-a com força.

— Mamãe, tira isso de cima da Gina! Tira! — disse ela, chorando.

— É só um sonho — falou Alice, afastando o cabelo molhado da testa de Madison. — Eu juro que é só um sonho ruim.

— Mas, mamãe, você tem que tirar isso de cima dela! De cima da Gina.

— Tirar o que de cima dela?

Madison não respondeu. Suas mãos relaxaram e sua respiração começou a se acalmar. Ela se aninhou melhor no colo de Alice.

Será que estava voltando a dormir?

— Tirar o que de cima dela? — sussurrou Alice.

— Foi só um sonho — disse Madison, sonolenta.

VINTE E SEIS

– Tia Alice! Tia Alice!

Um menino de mais ou menos três anos foi correndo até os braços de Alice. Ela automaticamente ergueu o corpinho compacto e girou-o no ar, enquanto as pernas dele se enroscavam em seu quadril feito as de um coala. Alice aproximou o nariz do cabelo preto dele e sentiu cheiro de leite. Era de uma familiaridade intensa e deliciosa. Ela o cheirou de novo. Será que estava se lembrando daquele menininho? Ou de outro? Às vezes, achava que seria mais fácil tapar o nariz para impedir aquelas ondas súbitas e frustrantes de lembranças que evaporavam antes que ela pudesse definir com exatidão o que estava recordando.

O menininho apertou as bochechas do rosto de Alice com as mãozinhas gorduchas e balbuciou algo incompreensível, com uma expressão muito séria.

— Ele está perguntando se você trouxe M&M's — disse Olivia. — Você sempre traz para ele.

— Ah, puxa — respondeu Alice.

— Aposto que você não sabe quem ele é — falou Madison, maldosa.

— Sabe, sim — afirmou Olivia.

— É nosso primo Billy — disse Tom. — A mãe dele é a tia Ella.

A irmã mais nova de Nick tinha engravidado?! Que escândalo! Tinha quinze anos, ainda estava na escola!

Você é mesmo muito idiota, não é, Alice? Estamos em 2008! Ela tem vinte e cinco anos! Deve ser uma pessoa completamente diferente agora.

Nem tão diferente assim, pois lá vinha ela, empurrando as outras pessoas com um ar mal-encarado. Ella ainda tinha um look gótico. Pele branca, olhos sombrios com muito delineador preto, cabelo escuro dividido ao meio e com corte chanel. Usava uma saia longa preta, meia-calça preta, sapatilhas pretas e um suéter preto de gola rulê com o que pareciam ser quatro ou cinco colares de pérolas de diversos comprimentos pendurados no pescoço. Só Ella ficaria bem com aquela roupa.

— Billy! Venha cá — disse, irritada, tentando sem sucesso arrancar o filho da tia.

— Ella — disse Alice, enquanto as pernas de Billy a apertavam com mais força e ele apoiava a cabeça em seu pescoço —, não esperava ver você aqui.

Se Alice fosse *obrigada* a escolher uma lelé preferida, seria Ella. Aquela irmã de Nick fora uma adolescente intensa e chorosa que de repente começava a rir histericamente, e ela gostava de conversar com Alice sobre roupas e de lhe mostrar os vestidos vintage que comprava em brechós, cujo custo para lavar saía mais caro que o valor da compra em si.

— Algum problema eu ter vindo? — perguntou Ella.

— O quê? Não, claro que não.

Era o dia do Show dos Parentes no retiro de idosos de Frannie. Eles estavam num salão de assoalho de madeira repleto de aquecedores no alto das paredes que irradiavam bastante calor e faziam todos os visitantes tirar suéteres e casacos. Cadeiras de plástico formavam semicírculos diante de um palco com apenas um microfone, que parecia ligeiramente patético na frente de uma cortina puída de veludo vermelho. No chão bem perto do palco havia uma fileira de andadores de diversos tamanhos, alguns com fitas amarradas para diferenciá-los, como malas num aeroporto. Ao longo do salão havia cavaletes com tampos de mesa e toalhas brancas, sobre as quais ficavam cafeteiras elétricas, imensas pilhas de copinhos de isopor e pratos de papel com sanduíches de ovo, bolos *lamington* e panquecas *pikelet* com geleia e gotas de chantilly que derretiam no calor.

As primeiras fileiras de cadeira já estavam ocupadas por moradores do retiro. Velhinhas franzinas com broches presos nos seus melhores vestidos, velhinhos encurvados com o cabelo cuidadosamente penteado para cobrir a careca cheia de manchas, usando gravatas sob suéteres com golas em V. Os idosos pareciam não sentir o calor.

Alice viu Frannie sentada bem na fileira do meio, absorta no que parecia ser uma discussão bastante acalorada com um homem sorridente de cabelo branco, que se destacava por usar um colete de bolinhas de tecido brilhante por cima de uma camisa branca.

— Na verdade — disse Ella, finalmente conseguindo arrancar Billy dos braços de Alice —, foi sua mãe quem ligou e nos convidou. Disse que o papai estava nervoso por ter que subir no palco, o que acho difícil de acreditar, mas em todo caso... Todas as outras se recusaram a vir.

Que estranho Barb ligar para as irmãs de Nick e chamá-las para um programa, como se elas fossem iguais.

Alice se corrigiu.

Ora, é *claro* que as irmãs de Nick eram iguais a ela e sua mãe. Que coisa estranha de pensar.

Mas, para falar a verdade, lá no fundo (ou talvez nem tão no fundo assim), Alice sempre considerara sua família inferior à de Nick. A família Love era do subúrbio a leste de Sydney. "Eu raramente atravesso a ponte", dissera a mãe de Nick para ela certa vez. Às vezes, ela ia à ópera na sexta à noite, da mesma forma que a mãe de Alice podia ir ao quiz da igreja (e quem sabe ganhar uma travessa ou uma fruteira!). A família Love conhecia pessoas. Pessoas importantes, como primeiros-ministros, atrizes, médicos, advogados e gente com sobrenomes que você achava que devia conhecer. Eram anglicanos e só iam à igreja no Natal, languidamente, como se fosse um evento curioso e pitoresco. Nick e as irmãs tinham estudado em escolas particulares e na Universidade de Sydney. Eles conheciam os melhores bares e restaurantes. Era como se fossem donos da cidade.

Já a família de Alice era da enfadonha área noroeste, onde morava gente feliz que batia palma quando ia à igreja, como gerentes de loja, contadores e advogados de pequenas causas. A mãe de Alice também quase não atravessava a ponte, mas só porque se perdia no centro da cidade. Pegar o trem para lá era um grande evento. Alice e Elisabeth estudaram no colégio católico da vizinhança, onde era esperado que as alunas se tornassem enfermeiras e professoras, não médicas e advogadas. Elas iam à missa todo domingo, e os meninos do bairro tocavam violão enquanto a congregação cantava com vozes de taquara rachada, lendo as palavras projetadas na parede acima da careca do padre enquanto a luz dos vitrais refletia nos óculos dele. Muitas vezes Alice tivera a impressão de que teria sido melhor ser do oeste, onde ficavam os subúrbios de verdade. Assim, ela teria sido uma daquelas meninas duronas e sem papas na língua que vinham de lá. Talvez com uma tatuagem no calcanhar. Ou se ao menos seus pais fossem imigrantes, com algum sotaque… Alice podia ter sido bilíngue e sua mãe podia ser daquelas que fazia o próprio macarrão em casa. Mas eles eram apenas os Jones, uma família comum do subúrbio. Mais sem graça que cereal de trigo.

Até Nick aparecer e fazer Alice se sentir interessante e exótica.

"Mas o que vocês *confessam* no confessionário?", perguntara ele certa vez. "Pode contar?" Nick vira as fotos de Alice com a saia plissada do colégio católico bem abaixo do joelho, e dissera em seu ouvido: "Estou enlouquecido de desejo." Sentado no sofá de estampa floral da mãe dela, ao lado de uma mesa de centro marrom e quadrada (a maior do conjunto de mesas de centro) com um objeto de crochê em cima, comendo um pedaço de bolo cheio de manteiga com glacê rosa e tomando chá, ele perguntara: "Quando esta casa foi construída?" Como se a casinha simples de tijolos vermelhos delas merecesse uma pergunta tão respeitosa. "1965", respondera Barb. "Pagamos quinhentas libras por ela." Alice nunca soubera disso! Nick tinha feito sua casa ganhar uma *história*. Ele assentira, fazendo um comentário qualquer sobre a instalação elétrica e se comportando exatamente igual a quando estava

sentado na mesa de jantar do antiquário da sua mãe, comendo figos frescos com queijo de cabra e bebendo champanhe. Alice quase desmaiara de paixão.

— Vamos nos sentar com o papai quando ele chegar? — perguntou Olivia, puxando a manga de Alice. — Vocês dois vão se sentar juntos? Então, quando eu estiver dançando, vão poder dizer: "Ah, aquela é nossa filha querida. Como estamos orgulhosos!"

Olivia usava um collant, uma saia rodada de tule e sapatilhas de bailarina, pronta para sua apresentação. Alice fizera a maquiagem, embora, de acordo com Olivia, não tivesse passado o suficiente.

— Claro que vamos nos sentar juntos — disse Alice.

— Você é a pessoa mais constrangedora do mundo, Olivia — comentou Madison.

— Não é, nada — retrucou Ella, puxando Olivia para perto e pegando a beirada da blusa vermelho-escura de manga comprida que Madison usava. — Esta blusa ficou linda em você. Eu sabia que ia ficar.

— É minha preferida — disse Madison, irritada. — Mas mamãe sempre leva um *século* para lavar.

Alice observou Ella olhando para Madison e notou sua expressão se suavizar. Parecia que a irmã de Nick amava os filhos de Alice e, pelo jeito como Billy continuava tentando agarrar sua bolsa em busca de M&M's, Alice amava o filhinho de Ella. Elas eram tias dos filhos uma da outra. Alice sentiu grande afeição pela cunhada.

— Você cresceu e ficou tão bonita e elegante — disse Alice.

— Isso é uma piada? — perguntou Ella, empertigando-se e cerrando o maxilar.

— Talvez você ache mamãe um pouco esquisita hoje, tia Ella — disse Tom. — Ela sofreu um trauma na cabeça. Imprimi algumas coisas da internet, se você quiser ler, PSC. Isso significa "para seu conhecimento". A gente fala assim quando quer que alguém saiba de alguma coisa. PSC.

— Papai querido! — exclamou Olivia.

Nick tinha acabado de entrar no salão e estava procurando por eles. Usava um terno caro, com a gola desabotoada e sem gravata. Parecia um homem mais velho bem-sucedido e sexy. Um homem que tomava decisões importantes, que sabia qual era seu lugar no mundo e que não derrubava mais torrada na camisa antes de uma apresentação importante.

Nick viu as crianças primeiro e seu rosto se iluminou. Um segundo depois, viu Alice e voltou a fechar a cara. Quando se aproximou, Olivia se jogou em seus braços.

— Ai, que saudade dos meus três porquinhos — disse ele com o nariz no pescoço da caçula e a voz abafada, enquanto esticava um dos braços para bagunçar o

cabelo de Tom e o outro para dar um tapinha no ombro de Madison.

— Oi, pai. Adivinhe quantos quilômetros deu lá de casa até aqui — disse Tom. — Adivinhe!

— Humm, quinze.

— Quase! Treze quilômetros. PSC.

— Oi, garota — disse Nick para Ella, usando o apelido de sempre com a irmã.

Ella olhou para ele com veneração. Nesse ponto, nada tinha mudado.

— E o garoto da garota!

Ele ergueu Billy nos braços, segurando-o sem largar Olivia. Billy riu e repetiu:

— Garoto da garota! Garoto da garota!

— Tudo bem, Alice?

Nick estava olhando para as crianças. Não olhou para ela. Alice era a última a ser cumprimentada. Era a pessoa de quem ele menos gostava. Usou seu tom formal com ela.

— Tudo bem, obrigada.

Não chore de jeito nenhum, pensou Alice. Por mais bizarro que fosse, ela sentiu falta de Dominick. De alguém que gostasse mais dela. Era horrível ser desprezada. Sentir-se desprezível.

Uma vozinha trêmula e familiar soou no microfone:

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, é com grande prazer que lhes dou as boas-vindas ao Show dos Parentes do retiro de idosos Bosque da Tranquilidade. Todos podem ocupar seus lugares, por favor?

— Frannie! — exclamou Olivia.

Era Frannie quem estava no palco, muito linda num vestido azul-royal e falando calmamente ao microfone, apesar de estar forçando um sotaque refinado.

— Ela não parece nervosa — disse Madison. — Se fosse eu, ia ficar tão nervosa de ter que falar com essa gente toda que provavelmente ia desmaiar.

— Eu também — concordou Alice.

Madison fez uma careta de desprezo.

— Não ia, nada.

— Ia, sim! — protestou Alice.

Houve certa confusão enquanto todos iam para suas cadeiras. Madison, Tom e Olivia queriam se sentar perto do pai, e Olivia precisava ficar na ponta da fileira, para que pudesse subir no palco quando lhe chamassem, mas ela também queria que Nick e Alice se sentassem juntos, enquanto Billy queria ficar no colo de Alice, algo que claramente não deixava Ella feliz. Mas por fim ela cedeu, e Alice acabou com Nick de um lado, Madison do outro e o corpinho quente de Billy aninhado no seu. Pelo menos *ele* gostava dela.

Onde estava Elisabeth? Alice se virou na cadeira para procurar a irmã. Ela tinha dito que vinha, mas talvez houvesse mudado de ideia. Barb ligara para contar a Alice que o exame de sangue tinha dado negativo, mas Elisabeth parecia bem, só um pouco estranha. "Na verdade, desconfiei de que ela estivesse bêbada", falara. Alice ainda estava com a boneca da fertilidade de Dino na bolsa para dar para a irmã. Será que isso a aborreceria? Mas e se Alice estivesse privando Elisabeth dos poderes mágicos da boneca? Ela ia perguntar a Nick o que ele achava.

Alice olhou para o perfil sério de Nick. Será que ainda podia pedir a opinião dele sobre questões como aquela? Talvez não. Talvez ele não se importasse.

Quando a plateia estava sentada, Frannie bateu o dedo no microfone e disse:

— A primeira apresentação vai ser da bisneta de Mary Barber, que vai cantar "My heart will go on".

Uma menininha com um vestido de lantejoulas cintilantes e o rosto todo maquiado ("Viu, mamãe?", sussurrou Olivia, debruçando-se sobre Nick para repreender Alice) foi marchando até o palco, balançando o peito como se fosse uma cantora de cabaré veterana.

— Meu Deus — murmurou Nick.

A menina agarrou o microfone com as mãos e começou a cantar, a voz trêmula de tanta emoção, fazendo a plateia estremecer em uníssono sempre que entoava as notas mais altas.

Depois dela, vieram netos que sapatearam de cartola e bengala, um sobrinho-neto que fez mágica ("PSC, sei exatamente como ele fez aquele truque", disse Tom num sussurro bem audível) e uma sobrinha que fez uma apresentação de ginástica rítmica. O filhinho de Ella ficou entediado e começou uma brincadeira na qual ia pulando de colo em colo, tocando as pessoas no nariz e dizendo "queixo", ou tocando-as no queixo e dizendo "nariz", e depois morria de rir da própria piada.

Finalmente, Frannie disse:

— A próxima é Olivia Love, minha bisneta honorária, apresentando uma coreografia própria chamada "A borboleta".

Alice ficou aterrorizada. Coreografia *própria*? Havia imaginado que Olivia apresentaria algo que aprendera no balé. Meu Deus, provavelmente aquilo ia ser um fiasco. Suas mãos começaram a suar. Era como se ela mesma fosse subir no palco.

— Humm — disse Olivia, sem se mexer.

— Olivia — chamou Tom. — É a *sua vez*.

— Na verdade, estou meio enjoada — respondeu a menina.

— Todas as grandes estrelas ficam enjoadas, querida — afirmou Nick. — É um sinal. Significa que vai ser maravilhoso.

— Você não precisa… — começou Alice.

Nick ergueu a mão e ela parou de falar.

— Assim que você começar, o enjoo vai passar — disse ele para Olivia.

— Promete? — perguntou a menina, olhando para o pai com total confiança.

— Se for mentira, quero que um cachorro bem grande me morda.

Olivia revirou os olhos.

— Você é tão bobo, papai.

Ela deslizou da cadeira e marchou pelo corredor até chegar ao palco, com a saia de tule balançando. Alice sentiu um nó na garganta. Olivia era tão *pequena*. Estava tão sozinha.

— Você já viu essa coreografia? — sussurrou Nick, ajustando o foco numa máquina fotográfica minúscula e prateada.

— Não... Pelo menos, acho que não. E você?

— Não. — Eles observaram a filha subir a escada que levava ao palco. — Para falar a verdade, também estou um pouco enjoado — confessou Nick.

— Eu também — disse Alice.

Olivia ficou no centro do palco com a cabeça baixa, os braços ao redor do corpo e os olhos fechados. A música começou a tocar. Ela abriu devagar um dos olhos, depois o outro. Deu um imenso bocejo e se sacudiu toda. Era uma lagarta sonolenta saindo do casulo. Olhou por cima do ombro, fingiu que via uma asa e abriu comicamente a boca.

A plateia riu.

Eles *riram*.

A filha de Alice era engraçada! Engraçada em público!

Olivia olhou por cima do outro ombro e ficou extasiada. Ela era uma borboleta! Rodopiou para um lado e para outro, testando suas novas asas, caindo no começo, depois finalmente pegando jeito.

Era verdade que talvez estivesse um pouco fora do ritmo e que alguns dos seus passos de dança fossem, digamos, diferentes, mas suas expressões faciais eram impagáveis. Na opinião de Alice, e ela acreditava que estava sendo bem objetiva, nunca houvera num palco uma borboleta mais engraçada e fofa.

Quando a música parou, Alice estava transbordando de orgulho, com o rosto doendo de tanto sorrir. Ela olhou ao redor e notou que as pessoas da plateia estavam aplaudindo, claramente encantadas, embora talvez estivessem se contendo um pouco para que as outras pessoas que se apresentavam não se sentissem mal (se não fosse por isso, talvez estivessem aplaudindo de pé). Alice ficou chocada ao ver uma mulher lendo uma mensagem de texto no celular. Como havia conseguido tirar os olhos do palco?

— Ela é um gênio da comédia — sussurrou Alice para Nick.

Ele baixou a câmera e, quando a encarou, exibia a mesma expressão de espanto e prazer.

— Mãe, eu ajudei um pouco — disse Madison, hesitante.

— É mesmo?

Alice envolveu os ombros da filha com o braço e puxou-a para perto. Ela baixou a voz e disse:

— Aposto que ajudou muito. Você é uma ótima irmã mais velha. Que nem sua tia Libby foi para mim.

Madison ficou perplexa por um instante e então deu aquele sorriso maravilhoso que transformava seu rosto.

— Como tive filhos tão talentosos? — perguntou Alice, com a voz trêmula.

Por que Madison parecia tão surpresa?

— Puxaram o pai — disse Nick.

Olivia veio dançando pelo corredor e se sentou na cadeira ao lado do pai, dando um sorriso tímido.

— Fui bem? Foi excelente?

— Foi a melhor apresentação de todas! — exclamou Nick. — Todo mundo está dizendo que já pode ir embora, porque Olivia Love fez seu show.

— Bobo — disse Olivia, rindo.

Eles tiveram que ver mais quatro apresentações, incluindo um show de comédia da filha de meia-idade de alguém, que de tão chato chegou a ser engraçado, e um menininho que perdeu a coragem e ficou paralisado enquanto recitava um poema de Banjo Paterson, até que seu avô subiu ao palco, segurou a mão dele e os dois leram juntos, fazendo Alice chorar.

Frannie pegou o microfone de novo.

— Senhoras e senhores, meninas e meninos, esta foi uma noite especial e daqui a pouco vocês vão poder fazer um lanche, mas ainda falta a última apresentação, e espero que não se incomodem, mas é outra da minha família. Por favor, vamos aplaudir Barb e Roger dançando salsa!

O palco ficou escuro. Um único holofote mostrou a mãe de Alice e o pai de Nick com trajes típicos completos, totalmente imóveis. Roger estava com um dos joelhos entre as pernas de Barb e com o braço ao redor da sua cintura. Barb estava inclinada para trás, mostrando o pescoço. A cabeça de Roger estava virada na direção dela e ele exibia uma expressão dramática, franzindo muito o rosto.

Nick fez um ruído como se houvesse algo preso em sua garganta. Ella respondeu com um som abafado parecido.

— A vovó e o vovô estão parecendo gente famosa — disse Tom, alegre. — Gente *famosa*.

— Não estão nada — retrucou Madison.

— Estão, sim.

— Shh! — disseram Alice e Nick ao mesmo tempo.

A música começou a tocar e os pais deles se moveram. Eram bons, no sentido horrendo da coisa. Mexiam os quadris feito profissionais. Iam para perto, depois para longe um do outro. A coreografia era absurdamente sensual e eles estavam na frente de todos aqueles velhos!

Depois de cinco minutos de horror, Roger parou diante do microfone enquanto Barb dançava ao redor dele, balançando a saia e batendo o pé no chão de forma provocante. Alice estava prestes a ter um ataque de riso.

— Respeitável público! — disse Roger, com a voz empolada de locutor de rádio e o holofote iluminando as gotas de suor em sua testa bronzeada. — Talvez vocês saibam que eu e minha linda esposa vamos dar aulas de salsa uma terça sim, outra não. É um ótimo exercício e, ainda por cima, muito divertido! Qualquer um pode dançar salsa e, para provar isso, quero convidar duas pessoas da plateia que nunca dançaram para subir ao palco. Vamos ver, quem vai ser?

O holofote começou a percorrer a plateia. Alice observou a luz, torcendo para que Roger tivesse tido o bom senso de escolher um casal que conseguisse ao menos andar.

O holofote parou em Alice e Nick e os dois ergueram as mãos para proteger os olhos.

— Sim, aqueles dois ali se encolhendo feito coelhos parecem ser as vítimas perfeitas, não acha, Barb? — disse Roger.

Olivia, Tom e Madison pularam na cadeira como se tivessem ganhado na loteria. Começaram a puxar os braços dos pais, gritando:

— Sim, sim! Mãe, pai, vão dançar! Andem!

— Não, não! Escolham outra pessoa! — disse Alice.

Deu tapinhas nas mãos das crianças, em pânico. Ela nunca se oferecia para fazer esse tipo de coisa.

— Acho que eles são perfeitos, Roger! — disse Barb do palco, com um sorriso enorme de apresentadora de programa de calouros.

— Vou matar esses dois — murmurou Nick. Então gritou: — Desculpe! Tenho problema na coluna!

Os velhos não caíram nessa. Eles é que tinham artrite.

— Problema na coluna, que nada! — gritou uma velhinha.

— Ande logo, seu bobo!

— Não estraguem a festa!

— O enjoo vai passar, papai — disse Olivia com doçura.

— Dancem! Dancem! Dancem! — gritaram os velhinhos, batendo os pés no chão com uma energia surpreendente.

Nick suspirou e ficou de pé. Ele olhou para Alice.

— Vamos acabar logo com isso.

Os dois subiram ao palco, com Alice morrendo de vergonha, esticando a saia com medo de estar subindo na parte de trás. Frannie deu de ombros em sua cadeira na primeira fila e ergueu as mãos, como se dissesse "não tenho nada a ver com isso".

— Muito bem, fiquem um de frente para o outro, por favor — orientou Roger.

Ele ficou atrás de Nick e Barb, atrás de Alice. Os pais ajustaram o corpo de cada um deles de modo que a mão de Alice ficasse no ombro de Nick e o braço dele, ao redor da cintura dela.

— Cheguem mais perto — disse Roger, com sua voz poderosa. — Nada de timidez. Agora olhem nos olhos um do outro.

Alice lançou um olhar desesperado para Nick. O rosto dele estava neutro, como se os dois fossem estranhos que tinham sido escolhidos aleatoriamente na plateia. Aquilo era uma tortura.

— Vamos lá, você é um homem ou um rato? — perguntou Roger, dando um tapa no ombro do filho. — O homem tem que assumir o comando! Você conduz. Ela segue!

As narinas de Nick tremeram, o que significava que ele estava muito irritado.

Num movimento súbito, ele colocou a mão na lombar de Alice, puxando-a para perto e fazendo uma careta magnífica, numa imitação exagerada do pai.

A plateia caiu na gargalhada.

— Acho que esse cara leva jeito para a coisa, pessoal! — exclamou Roger.

Ele encarou Alice e pareceu estar tentando lhe passar alguma mensagem gentil. Era um velho bobo e cheio de si, mas com boas intenções.

— Muito bem, passos leves! — disse Barb, fazendo uma demonstração para Nick. — Pé direito à frente, pé esquerdo atrás, voltem com o direito, depois pisem com o esquerdo. Joguem o peso para o esquerdo, mantendo o pé direito atrás. Isso! Isso!

— E vamos mexendo esse quadril! — exclamou Roger.

Alice e Nick não costumavam dançar em público. Alice sempre ficava envergonhada demais e, para Nick, tanto fazia. Mas, às vezes, em casa, se eles tivessem tomado vinho no jantar e o CD certo estivesse tocando enquanto enchiam o lava-louça, eles dançavam na cozinha. Uma dancinha boba e improvisada. Era sempre Alice que tomava a iniciativa, pois, na verdade, ela gostava bastante de dançar e não era ruim nisso.

Ela começou a mexer os quadris como a mãe, enquanto tentava manter a parte de cima do corpo imóvel. A plateia gritou de aprovação e Alice ouviu uma criança, provavelmente Olivia, berrar:

— Vai, mamãe!

Nick riu. Ele estava pisando nos pés dela. Barb e Roger sorriam feito o Gato de Cheshire de *Alice no país das maravilhas*. Dava para ouvir os filhos deles gritando na

plateia.

Os dois ainda tinham química. Alice sentia isso nas mãos. Via nos olhos dele. Mesmo que fosse apenas a lembrança da química. Era melhor que nada. Ela ficou zonza de esperança.

A música parou.

— Viram? Qualquer um pode dançar salsa! — exclamou Roger, enquanto Nick tirava as mãos da cintura de Alice e virava as costas.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Estávamos no carro, a caminho do Show dos Parentes, quando senti uma vontade súbita de ver televisão.

Estava passando *House*. Eu precisava ver o Dr. House sendo grosseiro e sarcástico enquanto diagnosticava problemas médicos inacreditáveis. O que ele diria sobre mim? Queria que você fosse mais parecido com o Dr. House, Jeremy. Você é muito simpático e educado. Isso me irrita. Simpatia não cura ninguém. Por que não joga logo algumas coisas na minha cara?

"Você é infértil. Não tem jeito", diria o Dr. House com desprezo, e eu ficaria chocada e revigorada.

"A gente pode voltar?", perguntei a Ben.

Ele não tentou me fazer mudar de ideia. Está sendo muito gentil e cauteloso. Os formulários de adoção desapareceram do banco da cozinha. Ben os guardou. Por enquanto. Percebo que a ideia faz seus olhos brilharem. Ele ainda tem esperança. Esse é o problema. Não aguento mais ter esperança.

Liguei para Ben depois de pegar o resultado do exame de sangue e, quando tentei falar, nenhuma palavra saía da minha boca e, como ele não disse nada, soube que estava tentando não chorar. Sempre dá para saber quando Ben está tentando não chorar. É como se estivesse lutando contra algo invisível que tenta controlar sua mente.

"Vai dar tudo certo", disse ele, por fim.

Não vai, não, pensei.

"Vai", respondi.

Quase falei a verdade.

Depois de *House*, vi *Medium*, então *Boston Legal* e *Cheaters!* Este último é aquele programa no qual eles seguem pessoas reais que estão traindo o marido ou a esposa e as confrontam com as câmeras de televisão. É uma porcaria deprimente e nojenta. A gente vive num mundo deprimente e nojento, Jeremy.

É possível que minha saúde mental não esteja muito boa.

* * *

O show tinha acabado e os adultos estavam tomando chá e café nos copos de papel e equilibrando *pikelets* em guardanapos nas palmas das mãos.

Um bando de netos e bisnetos gritava de alegria e fazia uma corrida de cadeiras de roda diante do salão.

— Eles podem brincar com isso? — perguntou Alice a Frannie, tentando ser uma adulta responsável ao ver Madison empurrando Olivia e Tom espremidos e com as pernas esticadas para a frente numa cadeira de rodas.

— Claro que não — disse Frannie, suspirando. — Mas acho que é um dos residentes que está organizando a corrida.

Ela apontou para o homem de cabelo branco com quem estava discutindo mais cedo, o que usava um colete brilhante de bolinhas. Ele estava participando da corrida em uma das cadeiras, girando as rodas com as mãos e gritando:

— Ninguém me pega!

Frannie sorriu.

— Ele tem oitenta e cinco anos, mas parece que tem cinco — disse ela, e então fez uma pausa antes de prosseguir: — Na verdade, acho que vou tirar algumas fotos para o nosso jornal.

Frannie se afastou depressa. Nick, Alice e Ella ficaram juntos.

— Foi uma performance inacreditável — comentou Ella. Estava com Billy no colo, que tinha o dedo na boca e a cabeça apoiada em seu ombro. Semicerrou os olhos para observar Nick e Alice por cima da cabeça do filho, como se eles fossem espécimes num experimento científico. — Mas era a última coisa que eu esperava ver — concluiu.

— Eu precisava mostrar que sou melhor que o papai — disse Nick, enrolando um *pikelet* com dois dedos e enfiando-o inteiro na boca.

— Você está com fome? — perguntou Alice, dando uma olhada nas mesas. — Quer um sanduíche? Tem salada de ovo com curry.

Nick gostava de sanduíches de salada de ovo com curry.

Ele pigarreou, constrangido, e encarou Ella.

— Não, obrigado — respondeu.

Ella olhou para os dois, evidentemente atônita.

— Então, por que você é a única irmã aqui hoje, Ella? — perguntou Alice, porque, em geral, as lelés andavam em grupo.

— Bem, para ser sincera, Alice, elas meio que se recusam a olhar na sua cara — disse Ella.

Alice estremeceu.

— Nossa.

Não estava acostumada a provocar reações tão violentas nas pessoas, mas, por outro lado, não se incomodava com a ideia de ter tanto poder sobre as lelés. De certa forma, era delicioso.

— Ella! — censurou Nick.

— Só estou sendo sincera — retrucou. — Estou tentando me manter neutra. Mas claro que ia ajudar se você devolvesse a aliança da vovó Love, Alice.

— Ah, bem lembrado! — disse Alice, abrindo o zíper da bolsa e tirando uma caixa de joia de dentro. — Eu trouxe para você. Tome.

Nick pegou a aliança devagar.

— Obrigado.

Ficou com a caixa na palma da mão, como se não soubesse o que fazer, até que finalmente enfiou-a no bolso da calça.

— Bom, já que foi tão fácil — disse Ella —, talvez eu devesse abordar outras questões, como, digamos, a situação financeira.

— Ella, isso não é da sua conta — afirmou Nick.

— E por que você está sendo uma *vaca* em relação à guarda?

— Ella, assim não é possível! — exclamou Nick.

— Mu — disse Alice.

Nick e Ella a encararam, perplexos.

— Quem diz mu? A vaca! — comentou Alice, sorrindo. — Desculpe. Foi o que passou na minha cabeça quando você disse "vaca".

Billy ergueu a cabeça do ombro de Ella, tirou o dedo da boca e disse:

— Muuu!

Ele deu um sorriso cúmplice para Alice e então voltou a chupar o dedo e a apoiar a cabeça no ombro da mãe. Ella e Nick ficaram sem palavras.

— Acho que deve ser de algum livro que costumávamos ler para as crianças — disse Alice.

Aquilo vinha acontecendo com frequência. Palavras, frases e versos estranhos de canções surgiam sem parar em sua cabeça. Parecia que aqueles dez anos de lembranças tinham sido enfiados num armário pequeno demais e, de vez em quando, um fragmento sem sentido escapava de lá.

A qualquer minuto, aquele armário explodiria e a cabeça dela transbordaria de recordações de dor, alegria e sabe-se lá o que mais. Alice não sabia se estava ansiosa por esse momento ou não.

— Um dia desses, deixei cair uma coisa — contou ela — e disse "Ai meu deuso". Soou tão familiar... Ai meu deuso.

— Olivia costumava dizer isso quando era pequena — explicou Nick, sorrindo. — Todos nós passamos a dizer isso durante um tempo. Ai meu deuso. Eu tinha me esquecido disso. Ai meu deuso.

— Tem alguma coisa que vocês não me contaram? — perguntou Ella.

— Acho que está na hora de você colocar Billy para dormir — disse Nick.

— Ok — respondeu Ella. — Tudo bem. Vejo você no domingo.

Ela deu um beijo na bochecha de Nick.

— Domingo?

— Dia das Mães. A gente vai almoçar com a mamãe, não vai? Ela disse que você ia.

— Ah, sim. Vou, claro.

Como Nick cuidava da sua vida social sem Alice? Dizer a ele o que fazer no fim de semana era tarefa *dela*. Ele devia estar esquecendo tudo.

— Tchau, Alice. — Ella não fez menção de beijá-la. Era a única pessoa em 2008 que não estava decidida a enchê-la de beijos. Ela hesitou. — Obrigada por ter devolvido a aliança. Significa muito para a nossa família.

Ou seja, "você não faz mais parte da família".

— De nada.

Pode ficar com essa aliança horrenda à vontade.

Depois que Ella foi embora, Nick olhou para Alice.

— Sua memória ainda não voltou, não é?

— Não exatamente. Deve voltar já, já.

— Como você está fazendo com as crianças?

— Está indo tudo bem.

Não havia necessidade de mencionar seus fracassos diários com formulários de autorização perdidos, uniformes escolares sujos e deveres de casa esquecidos, ou que ela não sabia o que fazer quando eles brigavam por causa do computador ou do PlayStation.

— Eles são lindos. Fizemos filhos lindos — comentou Alice.

— Eu sei — disse Nick, e sua expressão desmoronou. — Eu sei. — Ele ficou em silêncio, como se não soubesse se devia falar, então acrescentou: — É por isso que a possibilidade de vê-los só no fim de semana acaba comigo.

— Ah, isso. Bem, se a gente não reatar, claro que podemos dividir igualmente. Uma semana com você, outra comigo. Por que não?

— Você não está falando sério — disse Nick.

— Claro que estou. Posso assinar alguma coisa!

— Tudo bem. Vou pedir para o meu advogado fazer um documento. Mando para você amanhã.

— Ótimo.

— Quando sua memória voltar, você vai mudar de ideia — falou Nick, dando uma risada triste. — E não vai querer reatar, aposto até dinheiro nisso.

— Vinte pratas — disse Alice, estendendo a mão.

Nick apertou a mão dela.

— Fechado.

Alice ainda amava a sensação da mão dele na sua. Se ela o odiasse, seu corpo não lhe diria isso?

— Descobri que foi o marido da Gina quem beijou a mulher na área de serviço. Não você.

— Ah, sim, o famoso incidente com a máquina de lavar. — Nick sorriu para a velhinha com uma bengala que oferecia um prato de sanduíches, quase deixando-o cair. — Ah, tudo bem, já que a senhora insiste! — disse ele.

Nick pegou um sanduíche. Alice notou que era de salada de ovo com curry.

— Por que disse que achava interessante eu ter achado que tinha sido você? — perguntou ela, pegando um sanduíche para impedi-lo de cair no chão.

— Porque eu vivia lhe dizendo "Não sou Mike Boyle" — explicou Nick e, mesmo com a boca cheia, dava para notar a raiva em sua voz. — Você se identificou tanto com a Gina que era como se aquilo estivesse acontecendo com você. Eu dizia: "Mas não fui eu." Você estava convicta de que todos os homens são canalhas.

— Desculpe — disse Alice.

Seu sanduíche era de presunto com mostarda e o gosto da mostarda a fazia se lembrar de algo. A sensação constante de lembranças fugindo dela era a mesma de ter um mosquito zumbindo no ouvido enquanto se está dormindo: você sabe que, se acender a luz, ele vai desaparecer até que você volte a se deitar, então quando fechar os olhos, … bzzzzzzz.

Nick passou o guardanapo na boca.

— Não precisa pedir desculpas. Isso tudo são águas passadas.

Ele parou de falar e seus olhos ficaram vazios, fitando um passado em comum que Alice não podia ver. Até que disse:

— Muitas vezes, pensei que nós quatro éramos próximos demais. Nós nos misturamos muito com os problemas do casamento do Mike e da Gina. Pegamos o divórcio deles. Como se fosse um vírus.

— Vamos ficar bons e pronto — disse Alice.

Que atrevimento daqueles dois idiotas, entrar na vida deles e espalhar o germe dos problemas conjugais.

Nick sorriu e balançou a cabeça.

— Você falando parece tão... — começou, sem conseguir encontrar a palavra certa. — Jovem. — Após uma pausa, ele continuou: — Bem, mas não foi *só* Mike e Gina. Acho que a gente se casou cedo demais... Humm. Será que a fama subiu à cabeça da Olivia?

Alice acompanhou o olhar dele e descobriu que Olivia tinha voltado para o palco. Ela estava com o microfone próximo à boca, cantando com gestos dramáticos uma música que eles não conseguiam ouvir, porque o som estava desligado. Tom estava agachado perto da irmã, seguindo o fio do microfone até uma tomada. Madison estava sentada na primeira fileira da plateia vazia ao lado do homem de cabelo branco que organizara a corrida de cadeiras de roda. Os dois estavam conversando.

— Me conte uma lembrança boa dos últimos dez anos — pediu Alice.

— Alice...

— Ande logo. Qual é a primeira coisa que surge na sua cabeça?

— Humm. Nossa. Não sei. Acho que quando as crianças nasceram. Essa é uma resposta óbvia demais? Mas os partos em si, não. Não gostei dos partos.

— Não? — perguntou Alice, decepcionada. Havia imaginado Nick e ela chorando, rindo e se abraçando, com uma trilha sonora de filme ao fundo. — Por que não?

— Acho que foi porque passei o tempo todo num pânico louco, sem poder controlar nada nem ajudar você. Toda hora eu fazia algo errado.

— Aposto que isso não é verdade.

Nick olhou de relance para Alice e desviou o olhar depressa.

— E todo aquele sangue, você gritando feito uma louca, e aquele obstetra incompetente que só apareceu quando o parto da Madison já tinha acabado. Quase dei um soco na cara dele. Se não fosse por aquela parteira... Ela foi ótima, aquela que a gente disse que parecia irmã gêmea da Victoria Beckham.

Nick olhou para as próprias mãos, pensativo. Alice se perguntou se ele sabia que estava mexendo na parte do dedo onde sua aliança deveria estar. Tinha se tornado um hábito: mexer na aliança enquanto estava pensando. E ele continuava com essa mania, apesar de estar sem nada no dedo.

— E quando tiveram que fazer uma cesariana de emergência no de Olivia — disse Nick, enfiando as mãos nos bolsos —, juro que achei que ia ter um ataque do coração.

— Deve ter sido horrível para você — disse Alice, imaginando, no entanto, que também não devia ter sido nada fácil para ela.

Nick sorriu e balançou a cabeça, surpreso.

— Lembro que eu não queria tirar a atenção de você e do bebê, sabe, que nem naqueles filmes em que o homem desmaia. Pensei: "Vou morrer discretamente aqui

neste cantinho." Achei que você ia morrer também e que as crianças iam ficar órfãs. Já contei isso? Devo ter contado.

— Achei que estivéssemos falando de lembranças boas — disse Alice, horrorizada.

Como não se recordava de nada daquilo, parecia que todo aquele sangue e aqueles gritos ainda lhe aguardavam, ainda teriam que ser suportados.

— A parte boa era quando tudo terminava, se acalmava. Eles nos deixavam sozinhos, com o bebê todo embrulhado, e podíamos falar sobre quais médicos e enfermeiras detestávamos, tomar uma xícara de chá e olhar para nosso filho pela primeira vez. Contar quantos dedinhos tinha. Aquela pessoinha nova. Era… mágico.

Ele pigarreou.

— Qual é sua lembrança mais triste dos últimos dez anos? — perguntou Alice.

— Ah, essa é páreo duro — disse Nick, dando um sorriso estranho, que ela não conseguiu discernir se era de ódio ou de tristeza. — Pode escolher. O dia em que contamos para as crianças que íamos nos separar. O dia em que eu saí de casa. A noite em que Madison me ligou, chorando, me implorando para voltar.

Ao redor deles, as pessoas conversavam, riam e bebiam chá. Alice sentia o calor dos aquecedores pressionando sua cabeça. Era como se o topo da sua cabeça estivesse derretendo, ficando mole que nem chocolate. Ela imaginou Madison ao telefone, chorando para que o pai voltasse para casa.

Ele devia ter desligado e ido para casa no mesmo segundo. Eles deviam ter assistido a um filme em família, aninhados no sofá, comendo peixe com batata frita. Era para ter sido *fácil* ser feliz. Lá estavam os pobres Ben e Elisabeth, tentando desesperadamente aumentar a família, enquanto Nick e Alice deixavam a sua se desintegrar.

Alice deu um passo para perto de Nick.

— Você não acha que devíamos tentar de novo? Por eles? Pelas crianças? Na verdade, não só por eles. Por nós. Por quem éramos.

— Com licença! — disse outra velhinha, com um permanente azulado e o rosto enrugado todo feliz. — Vocês são Nick e Alice, não são? — Ela se aproximou num gesto confidencial. — Eu leio o blog da Frannie. Deixei um comentário sobre vocês dois séculos atrás! Querem saber o que eu escrevi?

— Sobre nós? — perguntou Nick, horrorizado. — Frannie tem um blog? Eu não sabia disso. Você quer dizer que Frannie escreve sobre nós?

— Ah, mas não sobre coisas muito pessoais, querido, não se preocupe — disse a velhinha, dando tapinhas simpáticos no braço dele. — Mas ela mencionou o divórcio, e eu escrevi que NMHO, o que significa "na minha humilde opinião", vocês dois tinham sido feitos um para o outro. Pelas fotos dava para ver que o amor de vocês era verdadeiro!

— Frannie colocou *fotos* nossas na internet? — indagou Nick. — Por que ninguém nunca me contou isso?

— Ops! — disse a velhinha, tapando a boca com a mão. — Espero não ter sido indiscreta! — Ela se virou para Alice. — Sua memória já voltou, meu bem? Sabe, uma coisa parecida aconteceu com uma amiga minha em 1954. Não conseguíamos convencê-la de que a guerra tinha acabado. No fim das contas, ela esqueceu até o próprio nome, mas aposto que isso não vai acontecer com você.

— Não — disse Alice. — Meu nome é Alice. Alice, Alice, Alice.

— Por favor, me diga que ela não posta fotos das crianças na internet — disse Nick.

— Ah, os filhos de vocês são lindos! — exclamou a velhinha.

— Ótimo. Um convite aberto a assassinos e pedófilos — observou Nick.

— Tenho certeza de que ela não *convida* as pessoas para ir assassinar as crianças — comentou Alice. — Assassinos, venham ver nossas criancinhas deliciosas!

— Isso é sério. Por que você sempre acha que coisas ruins não podem acontecer com a gente? Igual à vez em que você deixou Olivia sumir na praia. Você é muito blasé.

— Sou? — perguntou Alice, intrigada.

Será que ela havia mesmo deixado Olivia sumir?

— Não somos imunes a tragédias.

— Não vou esquecer, prometo.

O rosto de Nick teve um espasmo de irritação, como se ele houvesse acabado de ser picado por um mosquito.

— O que foi? — questionou Alice. — O que eu disse?

— Sua irmã está aqui? — perguntou a velhinha. — Eu queria dizer a ela que acho que devia adotar uma criança. Deve ter um monte de bebezinhos lindos para adoção depois do ciclone na Birmânia. Claro que, na minha época, vários bebês eram deixados na porta das igrejas, mas parece que isso não acontece com muita frequência hoje em dia, o que é uma pena. Ah, olha lá a sua mãe! — Ela viu Barb, ainda de fantasia e maquiagem, segurando uma prancheta e cercada de velhinhas ansiosas. — Vou me inscrever na aula de salsa! Vocês dois me inspiraram!

E foi embora.

— Você pode, por favor, dizer à Frannie que não quero que ela escreva um blog sobre mim ou minha família? — pediu Nick, com aquela voz fria e arrogante de novo.

— Diga você! — exclamou Alice.

Nick adorava Frannie. O velho Nick teria saído dali imediatamente para ter uma discussão acalorada com Frannie sobre o assunto. Nas festas de família, eles discutiam sobre política e jogavam cartas.

Nick suspirou fundo. Massageou as bochechas como se estivesse com dor de dente, pressionando a pele ao redor dos olhos e enrugando-a bizarramente, deixando-a parecida com a de uma gárgula.

— Não faça isso — disse Alice, puxando o braço dele.

— O quê? — perguntou Nick. — O quê, caramba?

— Minha nossa — disse Alice. — Quando foi que o nosso relacionamento ficou tão *espinhoso*?

— É melhor eu ir.

— O que aconteceu com George e Mildred? — perguntou Alice. Nick a encarou, sem entender. — Os leões de arenito — explicou ela.

— Não faço ideia — respondeu ele.

VINTE E SETE

— Ai, Alice! — disse ela, falando sozinha.

Era a manhã seguinte ao Show dos Parentes. As crianças tinham sido deixadas em segurança na escola e ela estava sentada na mesa do escritório, procurando por coisas que ajudassem a estimular sua memória. Sem querer, tinha acabado de descobrir por que a Sra. Bergen não falava mais com ela.

Alice se recostou na cadeira, colocou os pés na mesa e inclinou o corpo para trás, olhando para o teto. *O que você tinha na cabeça?*

Pelo visto, ela participava ativamente de uma associação de moradores que estava fazendo lobby com a câmara de vereadores para que fosse permitida a construção de prédios de cinco andares naquela rua. A Sra. Bergen era a presidente da associação de moradores e lutava para derrubar o projeto.

Alice tirou os pés da mesa e pegou outro papel naquela pasta, dando uma mordida no Twix para se fortalecer (ela havia enchido a despensa com um item essencial: chocolate. As crianças estavam delirantes, por mais que fingissem que era algo comum).

Era um recorte do jornal local com a manchete "Rixa entre os moradores de Rawson", com fotos de Alice e da Sra. Bergen. A vizinha fora fotografada em seu jardim, ao lado das roseiras, usando um chapéu de jardinagem e segurando uma xícara de chá com uma expressão fofa e triste.

"'Esse projeto é um absurdo. Vai destruir as características e a tradição desta rua linda', disse a Sra. Beryl Bergen, que mora na mesma casa na rua Rawson há quarenta anos e criou cinco filhos ali."

— Claro que vai — disse Alice em voz alta.

Alice tinha sido fotografada na mesma cadeira onde estava sentada, com uma cara séria e eficiente e definitivamente parecendo ter quarenta anos. Ela gemeu ao ler as próprias palavras.

"'É inevitável', disse a Sra. Alice Love, que se mudou para a região há dez anos. 'Sydney precisa de moradias de alta densidade próximas do transporte público. Quando nós compramos esta casa, nos disseram que haveria uma mudança na legislação urbanística nos próximos cinco anos. Levamos isso em consideração como

parte do potencial do investimento na propriedade. A câmara não pode voltar atrás e prejudicar as pessoas.'"

Como assim? Do que ela estava falando? Eles não faziam ideia de que a mudança na legislação era uma possibilidade. Tinham falado em envelhecer naquela casa. Não em vendê-la para que uma imobiliária a demolisse e construísse um prédio horrendo e moderno.

Continuou lendo e, por algum motivo, não ficou surpresa quando chegou ao último parágrafo.

"Alice Love assumiu o cargo de presidente da Associação de Moradores a Favor da Mudança na Legislação Urbanística após a morte trágica de sua fundadora, Gina Boyle."

Claro. Gina. Maldita Gina.

Ela se levantou, decidida, e foi até a cozinha, onde uma fornada de brownies recém-feitos estava esfriando.

"Já fiz isso para vocês?", perguntara Alice para as crianças na noite anterior, mostrando a foto no livro de receitas.

"Eu pedi uma vez", dissera Olivia, "mas você disse que tinha açúcar demais."

"Tem mesmo, mas e daí?", respondera Alice.

Olivia rira, enquanto Madison e Tom trocavam olhares preocupados feito dois adultos.

Alice pegou um pote com tampa, encheu-o de brownies e, sem nem parar para pensar, foi até a casa ao lado e tocou a campainha.

O sorriso de boas-vindas da Sra. Bergen desapareceu quando ela viu Alice. Ela não abriu a porta de tela.

— Sra. Bergen — começou Alice, apoiando a mão na porta de tela como se estivesse visitando a vizinha na cadeia. — Por favor, me desculpe. Cometi um erro terrível.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Hoje eu estava dando um seminário de um dia chamado "Use o marketing direto e suas vendas nunca irão para o brejo!" para a Associação dos Pequenos Açougues.

Não, eu não estou brincando. Qualquer dono de negócio ou profissional liberal pode usar o marketing direto para conquistar mais clientes. Até você, Jeremy.

Está pensando em bater o carro no próximo poste?

O Dr. Jeremy Hodges ajuda você a escolher um caminho melhor.

GRÁTIS um frasco de antidepressivos nas primeiras 10 sessões.

Algo por aí. Não ando muito inspirada.

Enfim, os donos de açougue eram amistosos e interessados. Falaram muito sobre sua área e fizeram algumas perguntas surpreendentemente perspicazes (achei que os açougueiros eram homens simples, alegres, de rosto vermelho, mas acho que isso é parte da encenação que eles fazem para vender mais linguiça). O seminário estava indo bem. É impossível ter pensamentos suicidas quando você está explicando como dar mais personalidade a um texto sobre costeletas de cordeiro.

Então vi uma pessoa na plateia que não se parecia nem um pouco com um açougueiro.

Era Alice. Ela tem andado com uma aparência diferente. Acho que está passando menos maquiagem e deixando o cabelo mais bagunçado. Usa as mesmas roupas, mas de um jeito diferente, e tem escolhido algumas peças antigas que não vejo há anos. Hoje ela estava com uma saia longa, um suéter cinturado bege e meio desbotado, um cinto grande e um lenço furta-cor com borlas que reconheci da caixa de fantasias de Olivia. Estava linda, Jeremy, e para variar não me ressenti por ela ter tempo e dinheiro para sempre manter o corpo perfeitamente em forma e por não precisar enfiar agulhas na barriga todas as noites. Quando eu a vi, ela sorriu, acenou e colocou a mão na frente do rosto, como se dissesse "Finja que eu não estou aqui".

Por algum motivo, fiquei estranhamente emotiva ao vê-la. Minha voz estremeceu quando fui responder a uma pergunta sobre os custos de postagem do Bill, do açougue Ryde Fresh Meats.

Alice veio falar comigo no intervalo da manhã e disse, sem fôlego:

— Estou nervosa, como se estivesse falando com uma celebridade!

Acho que ela não estava sendo sarcástica. Até que foi legal.

— Por que você não foi ao evento da Frannie ontem? — perguntou ela.

E eu quase contei a verdade. Estava na ponta da língua, prontinha para pular. Só que isso não respondia à pergunta e, além do mais, eu sabia que Alice teria a pior reação possível.

O que não é culpa dela. Qualquer pessoa agiria assim.

Mas sua reação me faria despencar do abismo e cair na terra dos loucos, e é por pouco que estou conseguindo permanecer do lado de cá, com os sãos.

Acho que eu deveria marcar uma sessão e contar a verdade para você, Jeremy.

Mas não. Não vou dizer isso em voz alta. Vou só… esperar, sei lá.

Fingir que não está acontecendo, aguardar o inevitável e não deixar que isso me afete.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Hoje fui sozinha ao debate sobre eutanásia, enquanto os outros faziam o passeio de barco pela baía.

O debate foi *muito* interessante e informativo. São muitas questões para considerar.

Só lamentei que o dia estivesse tão bonito. Foi um pouco irritante imaginar os outros no mar, sentindo a brisa no rosto.

Mas fiquei feliz de ter ido!

Escrevi **esta carta** para um vereador. Contem o que acharam.

Enquanto isso não acontece, estou me sentindo terrivelmente constrangida com os comentários de todos vocês sobre o X. Tenho certeza absoluta de que ele não está me cortejando e, se estivesse, eu ficaria mortificada! Que coisa ridícula na nossa idade! Esses dias estão num passado distante.

Aliás, o Show dos Parentes foi um enorme sucesso! **Aqui estão algumas fotos**. Todo mundo adorou a dança da borboleta da minha bisnetinha Olivia. Ela ficou em terceiro lugar (e não, eu não estava no júri!). Ignorei todos os elogios. Não quis parecer metida.

X passou um bom tempo conversando com minha bisneta mais velha, a Madison. Disse que ela é uma gênia, e é mesmo.

Ele também descobriu, graças ao meu bisneto Tom, que sou muito boa no tal do PlayStation. E me desafiou para uma partida. Ele já jogou com o neto. Disse que eu vou "comer poeira". Vou ao apartamento de X esta noite. Lá tem um PlayStation prontinho para jogar! Ele também disse que vai cozinhar para mim.

Tenho de admitir que até que ele não é má pessoa.

Aliás, estou muito preocupada com minha neta Elisabeth. Ela não apareceu no Show dos Parentes, o que não é típico dela. Detesto dizer isso, mas essas tentativas intermináveis de engravidar estão acabando com sua vida.

Ah, e Alice ainda não recuperou a memória. Vocês deviam tê-la visto dançando com Nick! Se eu não conhecesse tão bem a história dos dois, até diria que eles têm chance de se reconciliar, sim, no fim das contas.

COMENTÁRIOS

AB74 disse:
Esse cara está querendo comer você, Frannie!

Vovó Moderna disse:
O comentário acima foi nojento.

Gente Fina disse:
Oi! Acabei de descobrir seu blog e estava dando uma lida nos posts antigos. Ótimo blog! Mas preciso dizer que concordo com o primeiro comentário. Esse tal de X está a fim de você! E por que não estaria? Minha avó se apaixonou perdidamente e se casou pela terceira vez aos oitenta e três anos. Só acaba quando termina.

DorisdeDallas disse:
O que você vai fazer se o X tentar te beijar, Frannie? Vai retribuir?

Frank Neary disse:
Srta. Jeffrey, acho que está na hora de eu desistir. Você partiu meu coração. (Ei, por acaso você ainda fala com a Sra. Pascoe? Ela dava aula de geografia. Será que tem o contato dela?)

* * *

— Olhe, Tom, uma viatura de polícia! — exclamou Alice, quando o carro passou, com a sirene ligada emitindo uma luz azul. — Tim-dom, tim-dom!

Ela virou a cabeça, preparada para ver um rostinho entusiasmado no banco de trás, mas então se deu conta de que estava sozinha, e que Tom já estava velho para se entusiasmar com viaturas de polícia e, além do mais, ela não se lembrava dele quando era bebê.

Aqueles lampejos involuntários de lembranças, ou o que quer que fossem, em geral estavam acontecendo a cada poucos minutos. Era como um tique nervoso esquisito. Pouco tempo atrás, no intervalo da manhã do seminário de Elisabeth, Alice vira um dos açougueiros pegando dois biscoitos de chocolate de uma vez e quase não conseguiu controlar o impulso de agarrar sua mão peluda e dizer: "Um já está bom!"

O tempo todo, ela ia com grande determinação para algum lugar, como o escritório, a cozinha ou a área, então se dava conta de que não sabia por que estava lá. Certa vez, já estava do outro lado da rua, na entrada da garagem da casa que antes era de Gina, quando parou e disse "Ah" em voz alta. Pegou o telefone e digitou vários números, até largar o aparelho depressa, sem fazer ideia de para quem estava ligando. Em uma ocasião, quando estava na frente da escola esperando as crianças, flagrou-se ninando sua bolsa como se fosse um bebê, fazendo carinho nela e cantarolando uma musiquinha que não reconhecia. "Olha o aviãozinho!", dissera no jantar na outra noite, dando uma colherada na boca de Olivia. "Acho que você está ficando meio maluca, mamãe querida", dissera a menina, com os olhos arregalados.

Sua memória ia voltar a qualquer instante. Alice sentia que estava à espreita, como aquela sensação de cabeça pesada e garganta arranhada que anuncia a chegada de um resfriado. Só não conseguia decidir se devia resistir ou incentivá-la.

Naquele momento, estava saindo do seminário de Elisabeth e indo ajudar na biblioteca da escola. Pelo visto, isso era algo que fazia toda quinta, o que lhe pareceu excessivamente generoso da sua parte.

Enquanto dirigia, Alice pensou em Elisabeth e em como ela parecera confortável em cima do palco, discursando para todos aqueles açougueiros, fazendo graça, dando ordens. Ficava tão natural falando no microfone. Tão normal. Do mesmo jeito que as celebridades conversavam casualmente com jornalistas, como se não houvesse câmeras bem ali na frente delas. Mas quando Elisabeth conversara com ela no intervalo, Alice tivera a estranha sensação de que a irmã não estava ali de verdade, que aquela pessoa estava fingindo ser Elisabeth, que ela ficava mais confortável em cima do palco do que conversando com Alice.

Ainda não conseguira conversar com Elisabeth sobre o ciclo de fertilização in vitro malsucedido. Ela havia ligado na noite anterior ao chegar em casa do Show dos Parentes, mas Ben dissera que Elisabeth estava assistindo a um dos seus programas

preferidos e perguntara se ela podia retornar quando acabasse. Elisabeth não tinha ligado de volta e é claro que Alice não podia mencionar aquele assunto enquanto ela estava no trabalho. Era ridículo que não soubesse o que se passava na cabeça da sua irmã. Nem seria capaz de arriscar um palpite sobre como Elisabeth estava se sentindo naquele momento. Furiosa? Arrasada? Cansada de tudo aquilo?

Alice ia tentar ligar de novo para Elisabeth naquela noite, mas era difícil sobrar tempo depois de levar as crianças para todas as atividades que faziam, ajudar com o dever de casa (quanto dever de casa! Alice ficava até com dor de cabeça. Ela chegara a gemer ao ver a quantidade de folhas que Tom tirara da mochila na outra noite, o que não era muito profissional), fazer o jantar, lavar a louça, preparar o almoço, tentar convencê-los a parar de brigar pelo computador e pela televisão. Quando terminava tudo, Alice estava exausta.

Simplesmente não havia tempo suficiente em 2008. O tempo se tornara um recurso limitado. Em 1998, os dias eram muito mais espaçosos. Quando Alice acordava de manhã, o dia inteiro se desenrolava à sua frente, como se fosse um longo saguão a ser atravessado, demorando mais nas melhores partes. Mas agora os dias eram escassos. Mínimas fatias de tempo. Passavam a toda, feito carros de corrida. *Vrum!* Ao tirar a coberta da cama para ir se deitar, tinha a impressão de que fazia poucos segundos que se levantara.

Talvez fosse porque não estava acostumada com aquela vida. Aquela vida de mãe separada de três crianças.

Estava fazendo as coisas de um jeito diferente, tentando desacelerar o tempo. Tinha a sensação de que a nova Alice, a com a voz impaciente, não aprovaria algumas mudanças.

Quando ela buscara as crianças na escola no dia anterior, Olivia resmungara: "Não quero ir para a aula de violino." Alice, que nem lembrava que a caçula tinha aula de violino, dissera "Tudo bem" e levara os três para o Dinos, onde eles ficaram sentados numa mesa redonda fazendo o dever de casa e tomando chocolate quente, enquanto Dino ajudara muito com o dever de matemática de Tom.

Uma pessoa muito rabugenta ligara para dizer que ela teria que pagar pela aula de violino de qualquer forma, porque não tinha avisado da falta com vinte e quatro horas de antecedência. "Paciência", dissera Alice, e a pessoa respondera com um silêncio chocado.

Quando chegaram em casa depois do Show dos Parentes, ela deixara Madison ficar acordada até depois das onze, porque decidira fazer um enorme bolo floresta negra para o "Dia das comidas de culturas diferentes" que ia ter na escola.

"Não quero sua ajuda", insistira a menina, antes mesmo que Alice a oferecesse. "Quero fazer sozinha."

"Tudo bem", dissera Alice.

"Você sempre diz isso, mas depois acaba ajudando."

"Aposto mil dólares com você que não vou levantar um dedo para ajudar", afirmara Alice, estendendo a mão.

Madison tinha ficado espantada, em seguida deu seu lindo sorriso súbito e apertou a mão da mãe.

"Quero apostar alguma coisa com você por mil dólares", dissera Tom. "Vamos fazer uma aposta!"

"Eu também!", gritara Olivia. "Vamos fazer uma aposta, mãe!"

"Não, a próxima aposta é minha", insistira Tom. "Mãe, eu aposto que… hummm, aposto, humm, espere um minuto enquanto eu penso em alguma coisa boa."

"Aposto que consigo plantar bananeira durante cinco minutos!", exclamara Olivia. "Não, dois! Não, acho que só um minuto."

"Aposto mil dólares que não consigo contar até um milhão!", dissera Tom. "Quer dizer, que consigo! É o seguinte: você me dá mil dólares se eu *conseguir*."

"Ninguém consegue contar até um milhão", declarara Olivia solenemente. "Ia levar, tipo, uma semana."

"Não ia, não", dissera Tom. "Vamos dizer que leve sessenta segundos para contar até sessenta. Ou então, espera aí. Está bem, vamos dizer que você consiga contar até noventa em sessenta segundos. Então, huumm, cadê a calculadora? Mãe? Você sabe onde está a calculadora? Mãe, está me ouvindo?"

"Vocês são sempre assim tão *cansativos*?", perguntara Alice.

Às vezes, parecia que eles sugavam todos os pensamentos da sua cabeça.

"Basicamente", respondera Tom.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Enquanto os açougueiros estavam reunidos em grupos, anotando ideias naquelas folhas grandes que eles próprios usavam para embrulhar peixe (veja que coincidência), eu fiquei ali sentada pensando na transferência do último embrião, duas semanas atrás.

Estava congelado há um ano.

Uma pessoinha em potencial envolta em gelo.

Quando começamos a fazer fertilização in vitro, eu ficava parada diante da porta do freezer, pegava um fragmento de gelo cintilante com a ponta do dedo e pensava nos meus potenciais filhos. Tantas pessoas possíveis. Congelamos sete ao mesmo tempo. Uma mina de possibilidades. Aquele podia ser um bom nadador. Aquele outro podia levar jeito para música. Aquele podia ser alto. Aquele outro, baixo.

Aquele podia ser simpático e tímido. Aquele, engraçado. Aquele podia ser como Ben. Aquele, como eu.

Ben e eu vivíamos falando nisso. Mandávamos mensagens telepáticas de apoio para eles. "Aguente firme aí", dizíamos. "Espero que não esteja com muito frio."

Mas, conforme os anos foram passando, paramos de fazer isso. Fomos nos distanciando do processo. Era algo apenas científico. Procedimentos médicos desagradáveis. Nem sequer nos espantávamos mais com a tecnologia. Sei, sei, eles fazem bebês em tubos de ensaio. Incrível. Mas não dá certo com a gente.

Dessa última vez, nós nos atrasamos e levamos uma multa por virar à direita num local proibido. Foi ideia minha virar à direita para chegar mais rápido e Ben ficou muito rabugento por ter aceitado minha sugestão, porque a consequência foi que nos atrasamos ainda mais. "Como pode não ter visto a placa?", perguntara o policial, e Ben retorcera a boca, provavelmente morrendo de vontade de dizer várias coisas. "Foi *ela*!" O policial levou muito tempo para nos multar, como se soubesse que estávamos atrasados e aquilo fizesse parte da punição.

"Vamos para casa", falei para Ben. "Não vai dar certo mesmo. Isso é um sinal. Vamos economizar o dinheiro do estacionamento."

Eu queria que ele dissesse algo positivo e reconfortante, mas Ben já estava de mau humor. "Que ótima postura", disse. "Ótima mesmo." Em geral, ele não é sarcástico.

Bom, agora sei que Ben também achava que não ia dar certo. Uma semana depois, estava comendo os muffins de banana de Alice e se animando com a ideia de adotar, antes mesmo de sabermos o resultado.

A embriologista era bem jovem, não parecia muito mais velha que Madison. Ela tropeçou em alguma coisa quando estávamos indo para a sala de tratamento, o que considerei um mau sinal. Ops. Lá se foi seu embrião!

Quando eu estava na cadeira, com as pernas abertas naquela posição elegante, esperando a agulha gigantesca, a garota murmurou algo que ninguém escutou.

"Ali está o embrião", disse ela de novo, constrangida. Talvez fosse sua primeira vez. Nós olhamos e lá estava nosso potencial bebê projetado na tela iluminada.

Era igualzinho aos seus não irmãos e não irmãs. Uma espuminha. Uma gota d'água aumentada.

Não me dei ao trabalho de me espantar. Não me dei ao trabalho de dizer algo como "Nossa, que incrível". Não tive paciência de guardar a lembrança para o caso de um dia ter que contar ao meu filho. "Vi você quando era só um lindo blastocisto, meu amor."

Eu não conhecia o médico que ia fazer a transferência. Minha médica querida está em Paris, porque a filha vai se casar com um advogado francês. O médico era um homem com rosto comprido e sério, que parecia o contador que faz nosso

imposto de renda. Um sinal especialmente ruim (nunca temos restituição). Minha médica costuma tagarelar sobre o que lhe vem à cabeça, mas esse homem não disse nada até terminar. No fim, ele nos mostrou o embrião no ultrassom.

"Muito bem. Está no lugar certo", disse com indiferença, como se meu útero fosse um equipamento industrial.

Aquele embrião, no ultrassom, era igual aos outros. Uma estrelinha trêmula piscando.

Eu sabia que ela não ia piscar por muito tempo.

Desviei os olhos da tela e olhei para Ben, que estava examinando as próprias mãos.

Maus sinais para todo lado.

Inspire. Expire. Inspire. Expire.

Depois que os açougueiros terminaram de anotar suas ideias, subi ao palco e disse que minha assistente Layla ia encerrar o seminário, como se aquilo fosse o planejado.

Os açougueiros aplaudiram amistosamente quando ela se levantou, com uma expressão confusa.

Fui embora. Não conseguia tirar aquela estrelinha da minha maldita cabeça.

* * *

Alice estava a caminho da biblioteca da escola (seu corpo parecia saber que devia passar por aquelas portas vermelhas num dos cantos do pátio) quando Dominick apareceu. Parecia amarrotado e em seu rosto havia rugas de preocupação.

— Alice — começou —, vi você pela janela do meu escritório. Eu estava tentando te ligar.

— Desculpe. Vivo me esquecendo de carregar o celular. Que memória a minha!

Ele não sorriu.

— Também liguei para o Nick. Ele está a caminho.

— Você ligou para o Nick? Por quê?

Será que Dominick ia disputar seu coração com Nick? Desafiá-lo para um duelo? (Só que Nick não queria mais seu coração. Então talvez não fosse uma briga muito longa. Claro, cara, pode ficar.)

— Temos um problema — disse Dominick. — Um problema sério com Madison.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Depois do seminário, recebi uma ligação de Ben. Sua voz estava áspera como uma lixa.

"Por que você não me contou?", perguntou ele.

Desliguei.

Não gostei do seu tom de voz.

VINTE E OITO

— Ela está bem?

O terror invadiu a corrente sanguínea de Alice, fazendo suas pernas tremerem tanto que ela teve que segurar o braço de Dominick para se equilibrar.

— Ah, está, me desculpe — disse Dominick com um sorriso preocupado, dando tapinhas no braço de Alice. — Fisicamente ela está ótima. Mas aconteceu outro incidente e não vamos poder ignorar desta vez.

— Outro incidente?

— Envolvendo bullying.

— Madison está sofrendo bullying?

Ela ia esganar a outra criança. Ia exigir falar com os pais. Alguém tinha magoado a Passinha e ela ia acabar com a raça dessa criança. Ficou zonza de tanta raiva.

— Alice — disse Dominick. Parecia um pouco zangado. Com cara de diretor de escola. — Madison é quem pratica bullying.

— Ela nunca faria isso.

Alice conhecia a filha. Só a conhecia há cinco dias, mas mesmo assim…

E é claro que Madison podia ser rabugenta e um pouco, bem, *agressiva* com Tom e Olivia, mas era uma coisa normal entre irmãos (tomara que fosse). Era uma menina boazinha, no fundo. Olhe só como tinha ajudado Olivia a fazer a coreografia da dança da borboleta. Olhe só como tinha ajudado Tom a terminar o dever de geografia no outro dia. Tudo bem, é verdade que Tom dissera que ela estava sendo chata e no fim Madison saiu às lágrimas, enquanto ele batia a mão na testa e revirava os olhos parecendo uma versão em miniatura do pai, mas… A filha dela não fazia bullying, isso não era possível.

— Você ainda está com sua… questão? — perguntou Dominick com cautela.

— Mais ou menos.

— Bem, essa não é a primeira vez que temos problemas com Madison. Alguns dias atrás, um menino precisou levar pontos depois de brigar com ela.

Ah, pensou Alice. Então esse era o "probleminha" ao qual Kate Harper tinha se referido na academia.

— Eu sei que está sendo difícil para ela depois da morte de Gina e do divórcio — continuou Dominick, com a testa franzida de preocupação. — Mas, Alice, sinto muito, isso realmente é... Ah. — Sua voz mudou quando ele viu alguém por cima do ombro dela. — Lá vem o seu... hum...

Alice se virou e viu Nick se aproximando. Ele estava de terno e gravata, falando ao celular. Sua aura de homem de negócios que tomava decisões e participava de reuniões importantes e inadiáveis parecia deslocada naquele pátio banhado pelo sol, com o som de crianças recitando algo vindo da janela aberta da sala de aula ali perto.

Dominick olhou para ela.

— É meio constrangedor — comentou ele.

— É.

Quando Nick chegou perto, eles o ouviram dizer:

— Digamos dois milhões. Tudo bem? Maravilha. Tchau.

Ele guardou o telefone no bolso, e Alice sentiu vontade de dizer: "Nick, meu bem, não seja tão metido a besta."

— Você é Dominick, não é? — disse Nick, estendendo a mão, como se o diretor da escola estivesse ali para vender algo para eles.

— Isso. Oi, tudo bem?

Dominick era uns dois palmos mais alto que Nick e parecia um garotinho desajeitado perto dele. Alice sentiu vontade de lhe dar um abraço, mas também queria abraçar Nick. Eles pareciam dois meninos em corpos de adultos.

— Deve ter sido muito grave para você pedir que nós dois viéssemos — disse Nick, um pouco irritado.

— Foi, sim — concordou Dominick, um pouco irritado também. — Madison ameaçou furar Chloe Harper com uma tesoura. Além disso, cortou o cabelo dela e enfiou o rosto da menina num bolo. Vou ter que suspendê-la, no mínimo, até as férias. Acho que ela precisa de um psicólogo.

— Entendi — disse Nick, parecendo murchar.

Todo o poder agora estava com Dominick.

— Essa não pode ser a história toda — disse Alice. — Ela deve ter tido um motivo.

— Não importa qual foi o motivo — retrucou Dominick (um pouco arrogante, notou Alice, para alguém que queria namorar com ela). — É inaceitável. E você pode imaginar como Kate Harper vai reagir a isso. Ela está vindo para a escola agora mesmo.

Então quer dizer que Chloe era filha daquela horrível Kate Harper. Pronto. Isso já explicava tudo.

— Vamos ter que... não sei... oferecer alguma compensação — disse Nick, suspirando.

— Acho que dinheiro não é a solução neste caso — argumentou Dominick.

Toma essa!

— Não foi isso que eu…

— Bem, as duas estão nos esperando no meu escritório — interrompeu Dominick.

Alice e Nick foram atrás dele, como se fossem duas crianças bagunceiras. Alice fez uma cara de "Isso não é horrível?" para Nick, que reagiu com uma careta.

Madison e outra menina estavam sentadas em frente à mesa do escritório de Dominick. A outra menina chorava, indignada, como se soubesse que merecia chorar, e embalava algo nos braços. Alice, em choque, notou que era uma trança comprida e loura. Seu rosto e seu uniforme escolar estavam sujos de bolo de chocolate, creme e cerejas e seu cabelo louro cortado estava todo espetado acima da gola da camisa.

— Ah, Madison — disse Alice, involuntariamente. — Como você pôde fazer isso?

O rosto da sua filha estava mortalmente pálido e seus olhos faiscavam de fúria. Ela estava imóvel, com as costas bem eretas e os punhos cerrados sobre o colo, e era a imagem perfeita de uma pequena assassina psicótica sendo interrogada numa delegacia.

— Você está encrencada, mocinha — disse Nick.

Alice quase riu. Ele parecia um ator fazendo o papel de pai zangado numa peça de teatro ruim de um autor amador.

Madison não respondeu nada.

— Você quer contar para os seus pais o que aconteceu? — perguntou Dominick, parecendo muito mais natural.

Madison balançou a cabeça com ódio, como se estivesse se recusando a revelar segredos de estado a seus torturadores.

— Ela não disse nem uma palavra — contou Dominick a Alice.

A outra menina segurou a trança loura diante dos olhos, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

— Olhe só o meu *cabelo*. Minha mãe vai *matar* você, Madison Love. Meu cabelo é *lindo*. Vai levar um século para crescer de novo. Eu vou ter tipo uns quarenta anos. Você só fez isso porque tem *inveja* e nem pediu… — Sua voz tremeu, como se ela não suportasse todo aquele horror. — Nem pediu *desculpas* — concluiu.

— Está bem, Chloe — disse Dominick. — Vamos nos acalmar.

— Madison, peça desculpas para Chloe — ordenou Alice, num tom de voz severo que ela mesma não reconheceu. — Agora.

— Desculpe — murmurou Madison.

— É mentira! — gemeu Chloe, olhando para Alice e Nick. — Ela está falando da boca para fora! Esperem só minha mãe chegar aqui!

— Na verdade — disse Dominick —, acho que não vamos esperar. Acho que o Sr. e a Sra. Love já podem levar Madison embora.

Ele se agachou diante de Madison, ficando da altura dela.

— Você está suspensa da escola. Não pode estudar aqui e se comportar desse jeito, entendeu? Isso é muito, muito sério.

Madison assentiu. Seu rosto passara de branco a vermelho-vivo.

— Muito bem — disse Dominick, ficando de pé. — Pegue sua mochila e encontre seus pais no portão.

Madison saiu correndo da sala e Chloe começou a chorar ainda mais.

— Bem, Chloe — disse Dominick, cansado. — Sua mãe já está chegando. Espere aqui.

Ele saiu da sala com Nick e Alice, fechando a porta.

— Provavelmente não faz sentido vocês verem Kate agora, porque está todo mundo muito nervoso — disse ele. — Acho que deviam levar Madison para casa, tentar conversar com ela e entender o que está se passando em sua cabeça. E recomendo fortemente que a levem a um psicólogo. Posso dar algumas indicações.

Eles ouviram um som distante de saltos fazendo clique-claque depressa no chão.

— Aposto que é Kate. Andem logo — disse Dominick, mandando-os embora como se estivesse salvando-os da polícia secreta. — Sumam!

Alice e Nick fugiram pelo pátio. Pararam diante dos portões da escola. Nick estava ofegante. Alice, não. Ela estava mais em forma do que ele.

— Que horror! — exclamou Alice. — Parece até que fui eu que cortei o cabelo daquela menina. E o bolo?! Ela passou tanto tempo fazendo aquele bolo! Pobrezinha.

— Da Chloe?

— Não, da Madison. Dane-se a Chloe.

— Alice, nossa filha ameaçou furá-la com uma tesoura.

— É, eu sei.

Nick tirou o celular do bolso e o abriu.

— Não entendo como a suspensão pode ajudar em alguma coisa — disse ele, franzindo o cenho ao ver algo na tela. — É como se eles estivessem lavando as mãos e dizendo que não sabem o que fazer com ela, se eximindo de responsabilidade. — Ele olhou para Alice. — Não que eu queira criticar seu namorado.

— Deve ser uma regra da escola — sugeriu Alice.

Estava sentindo-se na defensiva em relação a Dominick e traída por ele ao mesmo tempo. Será que beijar o diretor da escola não lhe dava o direito de não ter a filha suspensa?

— Bem — disse Nick, olhando o relógio —, tenho que voltar para o escritório. Acho melhor a gente conversar sobre isso mais tarde. Não sei em que castigo você está pensando, mas é claro que vai ter que ser sério...

— Como assim? — perguntou Alice. — Acho que devíamos conversar com ela agora. Neste minuto. Nós dois.

Nick ficou espantado.

— Agora? Você quer que eu participe?

— Claro que sim. Acho que devíamos dar um passeio de carro com ela. Ah, e não vamos já sair determinando um *castigo*. Odeio essa palavra. Castigo.

— Ah, claro. Vamos dar uma recompensa, então. Dizer: "Muito bem, filha. Será que isso é um sinal de que você quer ser cabeleireira quando crescer?"

Alice riu. Nick deu um sorriso. O sol batia diretamente em seu rosto. Ele protegeu os olhos com uma das mãos e disse:

— Vou saber quando sua memória voltar.

— Como?

— Pelo jeito como você me olha. Assim que voltar, vou ver nos seus olhos.

— Eles vão começar a lançar raios mortais em você?

Nick sorriu com tristeza.

— Mais ou menos isso. — Olhou mais uma vez para o relógio. — Tenho uma reunião ao meio-dia. Acho que posso adiar — disse ele, hesitante. — Então sua ideia é nós dois darmos um passeio de carro com ela?

— Isso é tão incomum assim? — perguntou Alice.

— Você costuma tomar a frente e deixar claro que minha ajuda não foi requisitada.

— Tem uma Alice nova no pedaço.

— Isso é verdade. — Nick parecia prestes a dizer mais alguma coisa. Mas se conteve e olhou por cima do ombro dela. — Lá vem nossa bandidinha.

Madison se aproximava deles, de cabeça baixa e segurando a mochila com a mão frouxa, quase arrastando-a pelo chão.

— Com quem eu vou? — perguntou ao chegar, sem encará-los.

— Com nós dois — respondeu Alice.

— Os dois?

Madison ergueu a cabeça e franziu a testa. Parecia assustada.

— Venha aqui — disse Alice.

Madison foi marchando até ela, ainda olhando para o chão, e Alice a agarrou e lhe deu um abraço.

— Vamos resolver isso — disse baixinho, com o rosto enfiado no cabelo da filha. — Você, seu pai e eu vamos nos sentar na praia, tomar um sorvete e resolver o problema, não importa qual seja.

Madison soltou uma pequena exclamação de espanto e desatou a chorar.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Ele não para de falar: "Desligue a televisão."

E eu não paro de responder: "Ainda não."

Ele próprio desligou há pouco tempo e, assim que fez isso, fiquei gritando sem parar, como se estivesse me machucando.

Foi um pouco dramático. Vou sentir vergonha depois.

Mas me machucou mesmo. O silêncio ensurdecedor que veio depois que a televisão foi desligada realmente fez meus tímpanos doerem.

Ele deve ter ficado com medo de os vizinhos chamarem a polícia. Afinal de contas, parece exatamente o tipo de homem que a gente imagina sendo algemado e arrastado para a cadeia por violência doméstica. Por isso, deu de ombros e voltou a ligar a TV.

Agora estou vendo Oprah. Ela está falando sobre uma dieta nova que a deixou animada. A plateia está animada. Eu estou animada, J. Talvez eu tente. Estou fazendo anotações.

* * *

Eles se sentaram na praia de Manly, perto da estação da barca, no mesmo lugar onde tinham tomado café de manhã cedo após passar a noite inteira passeando de carro com Madison, quando ela era bebê.

Tinham até a mesma toalha de piquenique xadrez azul, que estava no porta-malas do carro de Nick. O azul era mais vívido na memória de Alice, mas suas mãos se lembraram da textura áspera.

— Onde compramos esta toalha? — perguntou ela quando eles se sentaram.

— Não sei — respondeu Nick num tom defensivo. — Pode ficar com ela, se quiser. Não sabia que estava no meu carro.

Ah, pelo amor de Deus. Ela não estava dizendo que queria a toalha. Aquilo era mais um vislumbre da idiotice que a vida dos dois tinha se tornado. Será que ela realmente teria feito questão de saber quem ia ficar com a toalha de piquenique?

Madison desabou na toalha e se sentou com os braços ao redor dos joelhos, o queixo para baixo, o cabelo escorrido escondendo as laterais do rosto. (Alice estava louca para cortar aquele cabelo. Madison ficaria muito mais bonita de cabelo curto.

Na verdade, esse podia ser o "castigo" perfeito. *Você cortou o cabelo dela, filha, então agora vou cortar o seu.*)

Depois de chorar no pátio, Madison não dissera mais nada. Nick fora dirigindo seu carro reluzente e passara boa parte do tempo falando ao celular pelo fone. Ele riu. Ouviu. Deu ordens breves e incisivas. Disse: "Vou pensar um pouco." Falou: "Bem, isso é um desastre." Ao mesmo tempo olhava por cima do ombro para trocar de faixa. Disse: "Parabéns. Ótima notícia." Era mesmo o chefão.

— Você está gostando do seu trabalho? — perguntou Alice, entre um telefonema e outro.

Nick a olhou de relance.

— Estou — respondeu, após alguns segundos. — Estou amando.

— Que bom — disse ela, feliz por ele.

Nick ergueu uma sobrancelha num gesto sarcástico.

— Você acha mesmo? — perguntou.

— Claro. Por que não acharia?

— Por nada — despistou ele.

Alice sentiu que Madison estava prestando bastante atenção do banco de trás.

Nick tinha desligado o celular e deixado o paletó e a gravata no carro. Estava tirando também os sapatos e as meias. Alice observou os pés descalços dele se enfiando na areia. Eram tão familiares quanto os seus. Como ela podia não passar a vida inteira com uma pessoa se até seus *pés* — enormes e não muito bonitos, com dedos compridos e cabeludos — a faziam se sentir em casa?

— Lindo — disse Nick, fazendo um gesto que incluía a areia macia e amarelada, o vasto céu azul-turquesa e a barca resfolegando pela baía, a caminho do centro.

Disse isso com o mesmo tom de satisfação que usaria para descrever uma boa refeição num restaurante, como se o tempo bom e a praia tivessem sido preparados especialmente para ele e servidos num prato. Sim, obrigado, estava tudo de acordo com seus altos padrões e ele daria uma gorjeta generosa. Era tão típico de Nick! Ele fechou os olhos, sentindo o sol bater em seu rosto.

Alice tirou as botas (tinha um bom gosto impecável, modéstia à parte) e as meias.

— Essas são as meias de futebol do Tom — disse Madison, erguendo a cabeça dos joelhos.

— Eu estava com pressa — explicou Alice.

Madison a encarou.

— E esse lenço que você está usando é da *caixa de fantasias* da Olivia — acrescentou.

— Eu sei, mas ele é tão lindo... — disse Alice, erguendo o tecido transparente.

Madison lançou outro olhar inescrutável e baixou o queixo de novo.

Nick abriu os olhos.

— Bem, Madison…

— Você *prometeu* que a gente ia tomar sorvete — interrompeu a menina, olhando furiosamente para Alice, como se aquela fosse mais uma promessa descumprida de uma longa lista.

— Prometi mesmo — confirmou Alice.

Nick suspirou.

— Eu compro.

Ele calçou de volta os sapatos e olhou para a filha.

— Não conte aos seus irmãos que você foi à praia e ganhou sorvete, ouviu? Senão daqui a pouco vamos ter três filhos suspensos da escola.

Madison deu uma risadinha.

— Ok — concordou.

Enquanto Nick se afastava, ela disse:

— Não quero contar o que aconteceu na frente do papai.

Devia ser coisa de menina.

— Tudo bem. Conte só para mim, então.

Madison apoiou de novo o queixo nos joelhos e disse, com a voz abafada:

— Chloe falou que você e o Sr. Gordon fizeram…

Alice não entendeu a última palavra.

— Como?

— *Sexo!* — exclamou Madison, com dificuldade. — Ela disse que você e o Sr. Gordon provavelmente tinham feito sexo no escritório dele. Tipo, mais de cem vezes.

Sr. Gordon? Ah, *Dominick*!

— Meu amor… — disse Alice, sem saber por onde começar.

Em primeiro lugar, ela não tinha certeza se era verdade. Claro que eles não tinham transado no escritório. Ou tinham?

— Eu quase vomitei. Tive que respirar fundo e colocar a mão na boca. Você não fez isso, não é? Nunca tirou a roupa na frente do Sr. Gordon, não é?

Bem, caso tivesse tirado, com certeza Chloe não teria essa informação. Provavelmente Dominick não anunciara pelo alto-falante da escola.

— Chloe Harper é uma tremenda mentirosa — disse Alice, num tom decidido.

— Eu *sei*! — declarou Madison, aliviada. — Foi o que eu disse! — Ela olhou para o mar e colocou o cabelo atrás das orelhas. — Depois Chloe falou que eu era a menina mais feia da escola inteira, mas isso não é mentira, essa parte é verdade.

O coração de Alice se partiu por Madison.

— Claro que não é — afirmou.

— Eu tive uma sensação — contou a menina. — Uma sensação de que minha cabeça ia explodir. Ela estava parada bem na minha frente, então peguei na mochila a tesoura que uso na aula de artes e cortei a trança dela. Fui lá e *puf*! Caiu no chão. E aí, quando ela se virou, joguei meu bolo na cara dela. Estraguei o bolo. Ninguém conseguiu provar. E foi o melhor bolo que já fiz.

— Você ameaçou furar Chloe com a tesoura?

— Não! Ela inventou essa parte só para que meu castigo fosse pior.

— Isso é verdade?

— É.

— Tudo bem.

Bom, pelo menos isso já era alguma coisa.

— Sabe, Madison, as pessoas vão dizer coisas ruins para você durante a vida inteira e, se continuar reagindo desse jeito, vai acabar na cadeia.

Madison refletiu.

— Na verdade, sou nova demais para ir para a cadeia — concluiu.

— *Agora* é, mas quando crescer...

— Quando eu crescer, não vai ter importância.

— Está querendo dizer que não vai ligar se for para a cadeia? Acho que vai.

Madison revirou os olhos.

— Não. Não vou ligar quando disserem coisas ruins para mim, porque vou ser adulta. Vou poder dizer: "E daí? Estou indo para a França."

Ah. Claro. Alice se lembrava de pensar algo parecido quando era criança. Quando se é adulto, ninguém consegue magoá-lo, pois como era possível ficar magoado quando se podia *dirigir um carro sempre que quisesse*.

Antes que ela conseguisse pensar numa forma de responder sem acabar com as ilusões de Madison (afinal, que outras esperanças a menina poderia ter?), uma sombra surgiu em cima das duas.

— Entrega de sorvete — anunciou Nick, que estava ali de pé, segurando três casquinhas. — Imagino que você ainda goste de passas ao rum — falou para Alice.

— Claro.

Que coisa engraçada ele ter que perguntar.

Ficaram sentados, tomando sorvete e observando o mar.

— Madison acabou de me contar o que Chloe disse para ela. Foi uma mentira maldosa.

— Ok — disse Nick com cautela.

Ele lambeu o sorvete, olhando para as duas.

— Então, acho que precisamos ajudar Madison a encontrar formas melhores de reagir quando estiver com raiva — continuou Alice.

— Quando estou com raiva, sempre respiro fundo dez vezes antes de dizer qualquer coisa — contou Nick.

— Não respira, não — retrucou Madison. — Você grita e pronto. Mamãe também. Lembra aquela vez em que ela jogou a caixa de pizza em você?

Minha nossa, que exemplo eles estavam dando para as crianças?!

Alice pigarreou.

— Bem, a questão é que… — começou.

— Você vai voltar para casa, pai? Por favor! — pediu Madison. — Acho que devia voltar para casa e ser o marido da mamãe de novo. Tenho certeza de que, se fizer isso, vou parar de sentir raiva. E nunca mais vou fazer uma coisa ruim na minha vida inteira. Posso colocar isso num *contrato* para vocês. Aí poderiam me *processar* se eu me comportasse mal, o que nunca ia acontecer.

Ela olhou para o pai, numa súplica desesperada.

— Querida — começou Nick, com o rosto todo contraído, como se estivesse com dor de dente.

Então ele parou de falar, distraindo-se com um tumulto qualquer na praia. Algumas pessoas estavam gritando e correndo. Alice viu uma pequena multidão se formando no rochedo que dava para o aquário e apontando para a água.

— Baleias jubarte na baía! — gritou para eles um homem que estava correndo com a câmera balançando ao redor do pescoço.

Nick se levantou num pulo, ainda com a casquinha de sorvete na mão. Madison e Alice olharam para ele.

— O que vocês estão esperando? — perguntou Nick.

No minuto seguinte, os três estavam correndo, ofegantes, pela praia, indo até a parte da areia mais distante do mar e atravessando a toda velocidade a passagem para pedestres, com os sorvetes precariamente equilibrados.

Eles tiveram que subir vários degraus de concreto bastante íngremes e Alice abriu distância, segurando o sorvete com uma das mãos e a saia com a outra enquanto pulava os degraus de dois em dois com a maior facilidade.

Quando chegou ao topo, ela ainda teve tempo de ver um imenso jato d'água jorrando no mar lá embaixo.

— É uma fêmea com o filhote — disse uma mulher para Alice. — Repare só. Bem ali. Eles vão aparecer de novo.

Nick e Madison subiram a escada com dificuldade. Nick estava ofegante. (Como tinha ficado tão fora de forma?)

— Onde? Onde? — perguntou Madison, com o rosto corado e ansioso.

— Fique olhando — disse Alice.

Durante alguns segundos, nada aconteceu. A brisa fez a superfície da baía ondular e uma gaivota deu um grasnado lamurioso.

— Elas foram embora — disse Madison. — Perdemos. É sempre assim.

Nick olhou o relógio.

Vamos, baleia, pensou Alice. *Nos ajude nessa*.

Uma criatura gigantesca saltou no ar, fazendo a água explodir. Era como se algo pré-histórico houvesse quebrado uma barreira invisível para o mundo normal. Alice vislumbrou um peito branco todo encrustado de craca. Pareceu pairar no ar antes de cair com um estrondo na água, jogando respingos salgados no rosto deles.

Madison agarrou o braço de Alice. Seu rosto estava radiante de alegria, cheio de gotículas de água.

— Olhe, mãe! Olhe!

A baleia deu um giro luxuriante, revelando curvas imensas de uma pele de veludo preto, a cauda batendo na água como se ela estivesse brincando numa banheira de água quente.

— Madison, Alice, olhem ali, é o filhote! — gritou Nick, parecendo um menino de dezesseis anos.

O filhote estava espalhando água, uma versão em miniatura da mãe. Alice quase podia imaginá-lo rindo e soltando borbulhas.

— Rá! — disse Nick, todo bobo. — Rá!

Para todos os lados, havia rostos repletos de alegria e encantamento. A brisa do mar estava fresca em seus rostos e o sol, quente, batendo às suas costas.

— De novo! Dê mais um pulo, baleia-mãe!

— Isso! — concordou o homem com a câmera. — Mais um pulo.

E, como se tivesse ouvido, a baleia obedeceu.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Ben está ameaçando ligar para você. Ele acha que estou me comportando como louca.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Ganhei dele no PlayStation.
E ele tentou me beijar.
Os comentários estão desativados.

* * *

Voltaram para a toalha de piquenique e Madison dançou ao redor dos pais. Ela estava eufórica. Saltando. Pulando. Balançando na mão de Nick, depois na de Alice, depois na dos dois. Quem passava, sorria para ela.

— Foi a coisa mais legal que eu já vi! — dizia, sem parar. — Vou fazer um pôster com a foto e pendurar em cima da cama!

O homem que estava com a máquina fotográfica tinha anotado o e-mail de Nick e lhe prometera mandar a foto que tirara.

— Tomara que ele tenha conseguido pegar a baleia — disse Nick com um ar esperançoso.

— Pegou, sim — afirmou Madison. — Com certeza. Posso colocar o pé na água? Só para ver como está?

Ela olhou para Alice, que olhou para Nick. Ele deu de ombros.

— Claro — respondeu Alice. — Por que não?

Eles a observaram correr até a água enquanto se sentavam na toalha.

— Você acha que ela precisa de um psicólogo? — perguntou Alice.

— Ela passou por muita coisa — disse Nick. — O acidente da Gina. Eu e você. E sempre sente tudo com muita intensidade.

— Como assim, o acidente da Gina?

Alice se lembrou do pesadelo de Madison. "Tire isso de cima dela."

— Madison estava com você — contou Nick. — Ela viu acontecer. Você não lembra, não é?

— Não. Só me lembro da sensação.

Embora aquela sensação de horror e náusea parecesse impossível ali, com sol, mar, sorvetes e baleias.

— Houve uma tempestade — revelou Nick. — Uma árvore caiu no carro de Gina. Você e Madison estavam no carro logo atrás.

Uma árvore. Então aquela imagem terrível de uma árvore escura e sem folhas, oscilando com um céu tempestuoso atrás, era real.

— Deve ter sido horrível para vocês duas — disse Nick, sério. Ele ergueu uma das mãos cheia de areia e deixou que os grãos escapassem por entre os seus dedos. — E eu não fiz... não fui...

— O quê?

— Não apoiei você como deveria.

— Por que não? — perguntou Alice, curiosa.

— Sinceramente, não sei — respondeu Nick. — Eu me senti distante. Senti que você não queria ser consolada por mim. Senti que... Senti que, se você tivesse escolha, teria preferido que eu tivesse morrido no lugar da Gina. Lembro que tentei lhe dar um abraço e você me empurrou como se sentisse nojo. Eu devia ter me esforçado mais. Sinto muito.

— Mas como pôde pensar que eu teria preferido que você morresse no lugar da Gina?

Parecia uma coisa tão boba, infantil e errada de se pensar.

— Não estávamos nos dando muito bem na época, e vocês eram tão amigas… — disse Nick. — Quer dizer, isso era ótimo, não tinha problema. Mas… — Ele fez algo engraçado com os lábios. — Você contou para Gina que estava grávida da Olivia antes de contar para mim.

— É mesmo? — Por que havia feito isso? — Desculpe — pediu Alice.

— Ah, bem, não foi nada de mais — disse Nick. Ele fez uma pausa. — Além disso, certa vez ouvi você dizendo algo sobre nossa vida sexual — continuou. — Ou melhor, sobre a inexistência dela. Quer dizer, sei que as mulheres conversam sobre sexo. Foi só seu tom de voz. Tanto *desprezo* por mim. E aí, quando Gina e Mike terminaram, você passou a ir a bares com ela, na tentativa de ajudá-la a conhecer uns caras, e eu tive a impressão de que você estava com inveja. De que queria estar solteira como ela. E eu estava atrapalhando. Era uma pedra no seu sapato.

— Eu sinto muito mesmo — disse Alice.

Era como se outra mulher tivesse sido horrível para Nick. Como se ele estivesse falando de uma ex-namorada péssima que tinha partido seu coração.

— E aí, Gina morreu. E acabou. Você congelou. Foi essa a sensação. Como se você fosse de gelo.

— Não entendo por que fiz isso — disse Alice.

Se sua amiga Sophie tivesse morrido, ela teria passado horas chorando no abrigo seguro e reconfortante dos braços de Nick.

— Por isso você não foi ao enterro? — perguntou ela.

Nick suspirou.

— Eu tinha que ir para uma reunião superimportante em Nova York que estava marcada há meses. Mas eu disse um milhão de vezes que não teria problema nenhum cancelar. Perguntei mil vezes se você queria que eu estivesse no enterro, mas você só dizia: "Se quiser ir, vá." Então achei que talvez preferisse que eu *não* fosse. Eu queria ir. Ela era minha amiga também, ou já tinha sido um dia. Você sempre parecia esquecer isso. O jeito como Gina vivia lhe dando ordens me deixava maluco, mas, mesmo assim, eu gostava dela. O problema foi que ficou muito confuso depois que ela e Mike se separaram. Eu queria continuar amigo dele também, e você considerava isso uma traição a Gina. Ela também. Ela ficou com muita raiva de mim. Sempre que me via, perguntava se eu tinha visto Mike e vocês duas me olhavam feio, como se eu fosse o vilão da história. Eu não entendia por que tinha que abrir mão de um grande amigo só por causa de um beijo… Bem, já falamos disso um milhão de vezes. Só estou tentando explicar que fiquei tão, sei lá, *constrangido* quando ela

morreu. Não sabia como agir. Só queria que você dissesse: "Claro que você deve cancelar a viagem. Claro que deve ir ao enterro." Eu sentia que precisava da sua permissão.

— Então todos os nossos problemas foram por causa da Gina e do Mike — disse Alice.

Aqueles dois *estranhos* tinham destruído seu casamento.

— Acho que não podemos culpá-los por tudo — opinou Nick. — Nós discutíamos. Discutíamos pelos motivos mais triviais.

— Tipo o quê?

— Tipo, sei lá, cerejas. Um dia, nós íamos jantar na casa da minha mãe e eu comi umas cerejas que íamos levar. Foi o crime do século. Você não esquecia isso de jeito nenhum. Passou meses falando sobre aquelas cerejas.

— Cerejas — repetiu Alice, intrigada.

— Eu ia para o trabalho, onde as pessoas respeitavam minhas opiniões, e depois voltava para casa, onde eu me sentia o bobo da corte. Eu colocava os pratos no lava-louça do jeito errado. Escolhia as roupas erradas para as crianças. Parei de oferecer ajuda. Não valia a pena, com tantas críticas.

Eles não disseram nada durante alguns instantes. Ali ao lado, um casal com uma criança e um bebê estendeu uma toalha. O menino maior pegou um monte de areia com uma expressão determinada e se preparou para jogar tudo no rosto da irmãzinha. Ouviram a mãe dizer: "Cuidado com ele!" O pai segurou o menino bem na hora. A mãe revirou os olhos e o pai murmurou algo inaudível.

— Não estou dizendo que eu era perfeito — prosseguiu Nick. — Eu me envolvi demais com o trabalho. Segundo você, fiquei obcecado. Sempre fala sobre o ano que passei trabalhando no projeto Goodman. Eu viajei muito. Você teve que se virar sozinha com três crianças. Certa vez, falou que eu "desertei" você. Sempre penso que aquele ano fez minha carreira deslanchar, mas talvez... — Ele parou de falar e semicerrou os olhos, observando a baía. — Talvez tenha sido o ano que destruiu nosso casamento.

O projeto Goodman. Aquelas palavras faziam Alice sentir um gosto ruim na boca. *O maldito projeto Goodman*. A palavra "maldito" parecia vir naturalmente antes de "projeto Goodman".

Alice suspirou. Tudo parecia muito complicado. Os erros dela. Os erros de Nick. Pela primeira vez, pensou que talvez o casamento deles não tivesse jeito.

Ela olhou para o casal com as duas crianças pequenas. O pai estava girando o menino no ar, enquanto a mãe ria e tirava fotos dos dois com uma câmera digital. Quando pensassem naquele dia, iam se lembrar do giro ou da areia sendo jogada?

Madison estava voltando do mar, carregando algo nas mãos em concha, com uma expressão radiante.

A mão de Nick estava ao lado da de Alice na toalha de piquenique. Ela sentiu a ponta do dedo dele tocando a sua de leve.
— Talvez devêssemos tentar de novo — disse ele.

VINTE E NOVE

George e Mildred apareceram na sexta-feira.

Alice os encontrou no fundo da garagem. George estava deitado de lado, como se tivesse sido derrubado com um chute. Sua cara de leão, antes cheia de dignidade, agora tinha uma mancha verde de mofo, que o fazia parecer envergonhado, como se ele fosse um idoso com o rosto todo sujo de comida. Mildred estava numa prateleira, ao lado da pilha de panelas velhas. Um grande pedaço de sua pata tinha sido lascado e ela parecia triste e resignada. Os dois estavam imundos.

Alice os colocou na varanda dos fundos e estava esfregando-os com uma mistura de água e água sanitária, uma recomendação da sua vizinha, Sra. Bergen, que ficara felicíssima de saber que ela trocara de lado na questão da mudança da legislação urbanística e voltara a acenar e sorrir ao vê-la, pedindo que mandasse as crianças brincar no piano da sua casa sempre que quisessem. "A gente não tem mais *cinco* anos", disse Tom, cansado. "Ela não sabe que temos PlayStation?"

Barb tinha se oferecido para levar Madison às compras no primeiro dia de suspensão. "Não se preocupe, não vou mimar a menina", dissera ela para Alice. "Nada de roupa nova ou coisa assim. A não ser que ela ame muito algo, é claro, nesse caso eu compro e guardo até o aniversário."

Alice continuou esfregando, perguntando-se se algum dia George e Mildred voltariam a ser como eram. Seria tarde demais? Estavam muito danificados depois de tantos anos de negligência?

E será que isso também valia para ela e Nick? Será que cada discussão, traição e palavra maldosa se transformara numa camada feia e dura, cobrindo aquilo que antes era lindo e terno?

Se isso tivesse acontecido, eles golpeariam aquela camada dura até quebrá-la. Ia dar certo. Tudo novinho em folha! Ela penteou o pelo de Mildred com tanto vigor que chegou a ranger os dentes.

O telefone tocou e Alice largou a escova, aliviada.

Era Ben. Sua voz ao telefone era grave, lenta e com um sotaque australiano carregado, como se fosse alguém ligando do interior. Ele disse que Elisabeth estava sentada na cama vendo televisão há vinte e quatro horas, que ela gritava se ele

tentasse desligar e que ele não sabia durante quanto tempo podia deixar que aquilo continuasse.

— Deve ser porque ela está triste com o último ciclo de fertilização in vitro malsucedido — justificou Alice, olhando para sua geladeira repleta de fotos das crianças e circulares da escola e lamentando não poder dividir aquela vida com a irmã.

Ben hesitou por um instante e então disse:

— Essa é outra questão. Descobri que não foi malsucedido. Recebi uma ligação da clínica confirmando a primeira ultrassonografia. Elisabeth está grávida.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Estou ouvindo Ben ligando para Alice no cômodo ao lado. Ele tinha prometido para mim que não ia contar para ninguém que estou grávida.

Mas eu sabia que ele ia contar. Mentiroso.

Você não faz ideia da fúria que estou sentindo. Dele. Da mãe dele. Da minha mãe. De Alice. De você, Jeremy. Odeio todos vocês. Por nenhum motivo específico.

Acho que é pela solidariedade, pela pena, pela compreensão, mas, principalmente, pela esperança. Pelos comentários que estou prestes a ouvir. "Pode ser que esse dê certo!" "Estou com um bom pressentimento!"

Ondas de fúria não param de surgir dentro de mim. Estou tentando suportá-las, como devem fazer as pessoas com as contrações do parto. Estou enjoada, meus seios doem e sinto um gosto estranho na boca. Já passamos por isso tantas vezes, e não vou conseguir enfrentar tudo de novo, não vou.

E o que mais me enfurece, Jeremy, é que, apesar de estar dizendo isso e acreditando que é verdade, e de ter a mais absoluta certeza de que vou perder esse bebê como perdi todos os outros, também sei que embaixo de tudo isso aquela vozinha imbecil e patética continua dizendo baixinho "Quem sabe…"

* * *

Alice foi de carro até a casa de Elisabeth.

Ela precisou perguntar a Ben como fazia para chegar lá, e nenhuma das ruas da vizinhança lhe pareceu nem um pouco familiar. Será que não fazia muitas visitas a Elisabeth? Por ser tão ocupada. Ocupadíssima!

Eles moravam numa casa de tijolos vermelhos, com um gramado bem aparado na frente. Era um bairro familiar. Havia um balanço infantil no jardim da casa vizinha e, do outro lado da rua, uma mulher se inclinava para dentro do carro, tirando um bebê da cadeirinha. Parecia a rua de Alice dez anos atrás.

Ouviu a gritaria da televisão assim que Ben abriu a porta.

— Ela quer que o som fique bem alto — explicou ele. — Prepare-se. Se tentar desligar, ela vai urrar que nem um bicho enjaulado. Estou assustado. Tive que dormir no quarto de hóspedes ontem à noite. Nem sei se ela pregou o olho.

— O que você acha que está acontecendo? — perguntou Alice.

Ben encolheu seus imensos ombros de urso.

— Acho que ela está com medo de perder de novo. Também estou. Quer dizer, de certa forma, quase fiquei aliviado quando achei que o resultado do exame de sangue tinha dado negativo.

Alice seguiu Ben pela casa (muito limpa, arrumada e *clean*; nada de tralha) até chegar ao quarto, onde Elisabeth estava sentada na cama com o controle remoto numa das mãos e um caderno e uma caneta no colo.

Ainda estava com a mesma roupa que usara no seminário dos açougueiros, só que seu cabelo estava todo embaraçado e seu rímel tinha escorrido, deixando-a com manchas grossas e escuras sob os olhos.

Alice não disse nada. Chutou os sapatos para longe e pulou na cama ao lado de Elisabeth, cobrindo-se e colocando um travesseiro nas costas.

Ben ficou parado na porta, hesitante.

— Ok — disse ele. — Vou mexer no carro.

— Ok — respondeu Alice, sorrindo.

Alice observou o perfil de Elisabeth. Ela estava com uma expressão determinada, os olhos fixos na televisão.

Alice continuou em silêncio. Não sabia qual era a coisa certa a dizer. Talvez estar ali já fosse suficiente.

Estava passando um episódio antigo de *M*A*S*H*. Os personagens conhecidos e a claque que surgia de repente a transportaram diretamente para 1975. Alice sentiu como se ela e Elisabeth estivessem sentadas naquele velho sofá bege depois da escola, esperando a mãe voltar do trabalho, comendo sanduíches de linguiça com molho de tomate no pão branco.

Alice devaneou. Pensou no estranho período da sua vida que tinha começado desde que ela acordara na academia, na última sexta de manhã. Era como se tivesse passado a última semana de férias num lugar exótico, onde precisara aprender habilidades novas. Muitas coisas tinham acontecido. Ela havia conhecido as crianças. Visto a mãe e Roger juntos. Assistido ao Show dos Parentes.

Por fim, Alice sentiu Elisabeth se remexer ao seu lado. Ela prendeu a respiração.

— Você não tem mais nada para fazer? — perguntou Elisabeth, irritada.

— Nada que seja mais importante que isso.

Elisabeth fez uma careta e puxou o cobertor, tirando-o de cima das pernas de Alice, que o puxou de volta.

O episódio de *M*A*S*H* acabou e Elisabeth mudou de canal. As feições delicadas de Audrey Hepburn encheram a tela. Elisabeth trocou para um programa de culinária.

Alice sentiu vontade de tomar café. Será que estragaria o momento, qualquer que fosse ele, se desse um pulo na cozinha para fazer uma xícara e levar para a cama? Ah, ela daria tudo por um *espresso* duplo com leite desnatado do Dinos.

Dino.

Alice se esticou em busca da bolsa, que deixara no chão ao lado da cama, e remexeu lá dentro. Tirou a boneca da fertilidade e colocou-a com cuidado no lençol, entre ela e Elisabeth. A boneca as observava com olhos enormes e inescrutáveis. Alice a virou de frente para a irmã.

Algum tempo se passou até Elisabeth perguntar:

— Muito bem, que diabo é isso?

— É uma boneca da fertilidade — explicou Alice. — O Dino do café pediu que eu desse para você.

Elisabeth pegou a boneca e examinou-a.

— Acho que ele quer garantir que não vou sequestrar o filho de mais nenhuma cliente.

— É provável — concordou Alice.

— O que tenho que fazer com ela?

— Não sei. Que tal oferecer alguns sacrifícios?

Elisabeth revirou os olhos. Um lampejo de sorriso surgiu em seus lábios. Colocou a boneca na mesa de cabeceira ao seu lado.

— Vai nascer em janeiro — falou ela. — Se…

— Parece uma época boa para ter bebê — comentou Alice. — Não vai estar frio demais quando você acordar no meio da noite para amamentar.

— Não vai haver nenhum *bebê* — disse Elisabeth, furiosa.

— Podemos pedir ao papai para fazer um pedido especial em seu nome — sugeriu Alice. — Ele deve ter como mexer uns pauzinhos lá em cima.

— Você acha que não pedi a ajuda do papai quando fiquei grávida das outras vezes? Rezei para a turma toda. Jesus. Maria. São Geraldo. Dizem que ele é o santo padroeiro da fertilidade. Ninguém me escutou. Estão me ignorando.

— Papai não ignoraria você — disse Alice.

A imagem vívida do rosto do seu pai surgiu de repente em sua mente. O mais frequente era ela só conseguir se lembrar do rosto pelas fotos, não puxando pela sua

memória.

— Talvez ele tenha que lidar com muitos burocratas no paraíso — acrescentou.

— De qualquer maneira, acho que não acredito em vida após a morte — disse Elisabeth. — Eu tinha pensamentos bem românticos sobre papai tomando conta dos bebês que eu perdi, mas isso já saiu do controle. Ele ia ter que abrir uma creche lá em cima.

— Pelo menos não ia ficar pensando na mamãe dançando salsa com Roger — disse Alice.

Dessa vez Elisabeth definitivamente sorriu.

— Mamãe se lembra de todas as datas em que os bebês iam nascer — contou. — Ela me liga de manhã cedo e começa a tagarelar, não diz nada sobre a data, só tagarela.

— Ela parece ter jeito com as crianças. São apaixonadas por ela.

— É uma boa avó — disse Elisabeth, suspirando.

— Acho que nós a perdoamos, então.

Elisabeth se virou depressa com um olhar penetrante, mas não perguntou "Perdoamos pelo quê?".

Era algo sobre o qual as duas nunca tinham conversado (quer dizer, pelo que Alice sabia); a forma como Barb tinha abandonado o papel de mãe depois da morte do pai delas. Havia simplesmente desistido de tudo. Foi um choque. Da noite para o dia, transformara-se no tipo de mãe que não estava nem aí se as filhas saíam de casa sem se agasalhar, ou se não escovavam os dentes, ou se não comiam verduras… Será que isso significava que antes ela estava *fingindo* que ligava para aquelas coisas? Meses depois, Barb só queria vagar pela casa o dia todo, segurando a mão das filhas enquanto chorava diante dos álbuns de fotos. Foi aí que Frannie apareceu, trazendo rotina e disciplina de volta para a vida delas.

Alice e Elisabeth tinham parado de considerar Barb a mãe delas e passado a encará-la como uma irmã mais velha meio bobona. Mesmo quando ela finalmente se recuperou e começou a tentar exercer sua autoridade, as duas não a deixaram ser a mãe da família. Foi uma forma sutil, porém evidente, de vingança.

— Perdoamos — disse Elisabeth depois de um tempo. — Acabamos perdoando um dia. Não sei quando exatamente, mas aconteceu.

— É estranho ver o rumo que as coisas tomam.

— É.

Elas assistiram a um anúncio de uma liquidação de tapetes, e Elisabeth voltou a falar:

— Estou com muita raiva. Nem consigo expressar quanta raiva.

— Tudo bem — disse Alice.

Mais silêncio.

— Desperdiçamos os últimos sete anos tentando criar essa vida, essa vida normal de classe média com dois ponto um filhos. Foi o que fizemos, sem *viver* de verdade, e agora vai ficar tudo em suspenso durante mais alguns meses até eu perder o bebê, então vamos ter que superar, e Ben vai querer que eu preencha os formulários da adoção, enquanto todo mundo nos apoia, cheio de entusiasmo: ah, sim, adoção, que ótimo, que *moderno*! E vão esperar que eu esqueça este bebê.

— Pode ser que você não perca — disse Alice. — Pode ser que tenha o bebê.

— Claro que vou perder.

O apresentador do programa de culinária jogou um pouco de mel numa panela e disse:

— Tem que usar manteiga sem sal. Esse é o segredo.

— Só preciso fingir que não estou grávida — disse Elisabeth —, porque, assim, se eu perder, não vai ser tão sofrido, mas não consigo fazer isso. Aí eu penso: "Tudo bem, seja positiva! Acredite que vai dar certo." Mas, então, passo cada segundo morrendo de medo. Toda vez que vou ao banheiro, tenho medo de ver sangue. Toda vez que vou fazer uma ultrassonografia, tenho medo de ver os rostos dos médicos mudando de expressão. É errado se preocupar, porque estresse é ruim para o bebê, mas como eu posso ficar tranquila?

— E se você delegar a preocupação para mim? — propôs Alice. — Posso passar o dia inteiro me preocupando por você! Sou excelente nisso, você sabe muito bem.

Elisabeth sorriu e se voltou para a televisão. O apresentador do programa de culinária tirou algo do forno e sentiu o cheiro com prazer.

— *Voilà*! — exclamou ele.

— Eu devia ter ido direto para a sua casa quando Gina morreu, mas não fiz isso. Desculpe — disse Elisabeth.

Que estranho, pensou Alice. Todo mundo tinha que pedir desculpas por algo relacionado à morte de Gina.

— Por que não foi?

— Eu não sabia se você ia me querer lá. Estava com medo de dizer algo errado. Você e Gina eram muito unidas, enquanto você e eu… nos afastamos.

Alice chegou perto de Elisabeth, encostando sua coxa na dela.

— Bem, vamos nos aproximar de novo.

Os créditos do programa de culinária estavam passando na tela.

— Eu vou perder este bebê — afirmou Elisabeth.

Alice colocou a mão na barriga dela.

— Eu vou perder este bebê — repetiu.

Alice baixou a cabeça.

— Vamos lá, sobrinho ou sobrinha. Por que não fica por aqui desta vez? Sua mãe já passou por tanta coisa por sua causa…

Elisabeth pegou o controle remoto, desligou a televisão e começou a chorar.

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Eu retribuí o beijo dele.
É impossível alguém estar mais chocado do que eu.

Os comentários foram desativados.

* * *

— Gostei dos leões — disse Dominick.

Eram nove da noite de sábado e ele estava diante da porta, com um pacote de biscoitos de chocolate, uma garrafa de licor e um buquê de tulipas. Usava calça jeans e uma camisa xadrez desbotada e precisava fazer a barba.

Alice olhou para George e Mildred, que estavam de volta ao seu lugar de antigamente, tomando conta da casa. Ela não se decidira se eram objetos excêntricos e divertidos ou encardidos e cafonas.

— Pensei em passar aqui, para ver se por acaso você queria companhia — disse ele. — Se estiver ocupada demais fazendo planos para amanhã…

Alice não estava fazendo nada; estava só deitada no sofá, olhando para o teto e pensando vagamente no bebê de Elisabeth e na sugestão de Nick de "tentar de novo". Pelo visto, Nick achava que eles deviam começar "saindo juntos". "Quem sabe um cinema", dissera ele. Alice se perguntara o quanto teriam que "tentar" sentados diante da telona. Será que iam ter que comer pipoca com muito entusiasmo? Ter uma conversa exageradamente animada depois? Dar pontos um para o outro, contando quantas vezes tinham sido engraçados, definindo o nível de afeição? Iam ter que *tentar* se beijar da forma mais romântica possível? Não, ela não queria saber dessa história de "tentar". Queria que Nick voltasse para casa e tudo fosse como devia ser. Estava cansada de toda aquela bobagem.

O dia tinha sido exaustivo. Todas as crianças praticavam esportes, uma após a outra. Olivia jogava *netball* (vários pulos dramáticos, mas pouco contato com a bola), Tom jogava futebol (era excelente, tinha feito dois gols!) e Madison jogava hóquei (era péssima. "Você gosta disso?", perguntara Alice enquanto ela saía do campo. "Você sabe que eu odeio", respondera Madison. "Então por que joga?" "Por que *você* diz que eu tenho que praticar um esporte coletivo." Na mesma hora Alice foi falar com o técnico e tirou Madison do time. Tanto o técnico quanto Madison ficaram radiantes).

Alice tinha várias funções em cada jogo, que, de algum modo, cumprira com sucesso, quase como se não fosse uma impostora em sua própria vida. Tinha anotado os pontos na partida de hóquei de Madison. Havia ajudado a fazer os espetinhos de salsicha no jogo de futebol de Tom. E, por incrível que pareça, fora até *juiz* do jogo de *netball* de Olivia. Alguém lhe entregara um apito e, enquanto Alice dizia "Não, de jeito nenhum", aquele objeto metálico lhe pareceu familiar. Pouco depois, ela já estava marchando do lado de fora da quadra, soprando o apito com força e dizendo palavras estranhas: "Pé no chão! Passe! Atacante de gol, você estava no terço de defesa!" As crianças obedeciam sem discutir.

Nick estivera presente nos três jogos. Mas não tiveram tempo de conversar. Ele tinha tarefas também. Teve que ser o juiz do jogo de futebol de Tom. *Nós somos pais mesmo*, pensara Alice, com uma mistura de orgulho e medo, pois será que esse era o problema? Por isso teriam que "tentar"? Por que ela era mãe, ele era pai e mães e pais eram sem graça, chatos e nada sensuais. (Será que era por isso que as pessoas ainda se beijavam na área de serviço durante as festas? Para lembrar que já tinham sido adolescentes assanhados?)

Amanhã era Dia das Mães. O dia do Supermerengue de Dia das Mães. Alice provavelmente devia estar preparando as coisas: terminando a papelada, dando telefonemas de última hora para ter certeza de que as pessoas estavam fazendo tudo direito. Mas ela não estava muito interessada no Supermerengue de Dia das Mães. Além disso, no outro dia, o comitê parecia estar com tudo sob controle.

— Pode entrar — disse ela para Dominick, de olho nos biscoitos.

— As crianças estão dormindo?

— Estão, mas…

Alice estava prestes a fazer uma piadinha sobre o fato de que Tom devia estar jogando Nintendo escondido debaixo das cobertas, mas a experiência de Madison com a tesoura a fez desistir. Seria como dedurar o próprio filho para o diretor da escola.

— Como Kate reagiu ao cabelo da Chloe? — perguntou ela.

— De forma histérica, como era de se imaginar.

— Deixei um recado pedindo desculpas. Ela não me retornou.

— Você entende que eu não tive escolha e precisei suspender Madison, não é? — disse Dominick quando Alice pegou as flores das mãos dele. — Eu não quis…

— Ah, não, claro, não se preocupe. Lindas flores, aliás. Obrigada.

Dominick colocou os biscoitos de chocolate no banco e ficou revirando a garrafa de licor nas mãos.

— Eu vou saber quando sua memória voltar.

— Como? — perguntou Alice.

— Pelo jeito que você me olha. Agora você tem um jeito amistoso e educado de me olhar, como se não me conhecesse de verdade, como se nós nem…

Ai, meu Deus, Chloe Harper estava certa. Eles tinham feito sexo.

Dominick largou a garrafa de licor e se aproximou dela.

Não, não, não. Outro beijo, não. Isso seria errado. Não combinaria com a ideia de "tentar".

— Dominick. — A campainha tocou. — Com licença — pediu ela.

Nick estava na porta da frente.

Ele trouxera uma garrafa de vinho, queijo, biscoitos e um buquê de tulipas idêntico ao de Dominick. Devia estar em promoção em alguma loja ali perto.

— Você consertou os leões! — exclamou Nick, radiante. Ele se debruçou e deu um tapinha na cabeça de George. — Oi, camarada.

— É melhor eu ir.

Dominick foi até a porta. Alice reparou que ele olhou para as flores e para o vinho.

— Ah, oi — disse Nick, empertigando-se, o sorriso sumindo do rosto. — Eu não sabia, não vou ficar…

— Não, não. Eu estava de saída — disse Dominick com firmeza. — Vejo você amanhã.

Ele tocou o braço de Alice e desceu depressa a escada.

— Interrompi alguma coisa? — perguntou Nick, atravessando o hall atrás dela e vendo o buquê de tulipas de Dominick. — Ah. Todo mundo trouxe oferendas hoje.

Alice bocejou. Como ela queria que sua vida voltasse ao normal. Passar um sábado à noite em casa. Queria dizer: "Estou cansada. Acho que vou para a cama." E queria que Nick respondesse, sem tirar os olhos da televisão: "Tudo bem, só vou acabar de ver esse filme e já subo." Então queria que eles lessem seus livros juntos na cama, apagassem a luz e dormissem. Quem poderia imaginar que um sábado à noite em casa pareceria tão incrivelmente exótico?

Ela abriu o pacote de biscoitos de chocolate de Dominick, comeu um e observou Nick, constrangido em sua própria cozinha.

— Quer que eu abra isto? — perguntou ele.

— Claro.

Ele abriu o vinho e serviu uma taça para cada um. Alice colocou o queijo num prato e eles se sentaram, um de cada lado da mesa comprida.

— Você vai amanhã? — perguntou ela, comendo outro biscoito de chocolate. — Ao Supermerengue de Dia das Mães?

— Ah, não, eu não ia. Você quer que eu vá?

— Lógico!

Nick riu, ligeiramente perplexo.

— Tudo bem, então.

— Acho que já vai ter terminado na hora do almoço — disse Alice. — Então você não vai chegar atrasado na casa da sua mãe.

Ele a encarou, sem entender.

— Para o almoço de Dia das Mães — explicou ela. — Lembra? No Show dos Parentes você disse para Ella que ia almoçar com sua mãe.

— Ah. É. Isso.

— Como você se vira sem mim? — perguntou Alice, brincando.

Nick fechou a cara.

— Eu me viro bem. Não sou completamente inútil.

Alice estremeceu com o tom de voz dele.

— Eu nunca disse que era — afirmou, pegando um pedaço de queijo. — Ou já disse?

— Durante metade do tempo você acha que não sou capaz de cuidar das crianças. De acordo com você, eu não me lembraria de todas as atividades que elas têm depois da aula, ou de assinar os formulários de autorização, ou sei lá o quê. Ia me esquecer de ler as circulares importantíssimas. Não sei como consigo gerenciar uma empresa.

Bem, você tem uma secretária para cuidar dos detalhes incômodos.

Alice não sabia bem qual das duas tinha pensado aquilo: se fora a Alice impaciente do futuro ou a verdadeira. Era Nick quem sempre pensava grande.

Ele serviu mais vinho nas duas taças.

— Não suporto ver os três só nos fins de semana. Não consigo agir naturalmente. Às vezes, ouço a voz do meu pai saindo da minha boca quando os vejo. Com aquela alegria forçada. Estou indo buscá-los de carro e me flagro preparando piadas para contar. E penso: "Como foi que isso aconteceu?"

— Você passava muito tempo com eles durante a semana?

— Eu sei o que você está querendo dizer. Sim, eu trabalho muito, mas parece que você nunca se lembra das vezes em que voltei para casa *cedo*. Fui andar de bicicleta com Madison naquela ocasião e, sexta à noite, no verão, passava horas jogando críquete com Tom… Bem, você sempre diz que foi só uma sexta, mas eu sei que aconteceu pelo menos duas vezes e…

— Eu não estava querendo dizer nada.

Nick girou a taça pela base e encarou Alice com uma expressão de "vou confessar uma coisa".

— Não consegui encontrar muito equilíbrio entre minha vida pessoal e profissional. Preciso me esforçar mais. Se nós voltarmos, eu vou melhorar. Vou assumir esse compromisso.

— Tudo bem — disse Alice.

Ela queria fazer uma piada com o fato de que ele dissera "Vou assumir esse compromisso", mas Nick estava agindo como se aquela fosse uma grande revelação, apesar de não parecer tão importante assim para Alice. Então ele tinha que trabalhar muito de vez em quando. Se precisava fazer isso pela carreira, tudo bem.

— Acho que a concorrência não passa tanto tempo no trabalho — disse Nick.

— Concorrência?

O vinho estava deixando Alice zonza. Sua mente estava cheia de lampejos confusos, vislumbres de rostos que ela não conhecia e vagas lembranças de sensações intensas que não sabia descrever.

— Dominick — explicou Nick.

— Ah, sim. Ele é legal, mas a questão é que eu sou casada com você.

— Nós estamos separados.

— Sim, mas vamos *tentar* — disse Alice, dando uma risadinha. — Desculpe. Não sei por que acho isso engraçado. Não é engraçado. Nem um pouco. Para falar a verdade, talvez eu precise de um copo d'água.

Ela ficou de pé e, quando passou por Nick, jogou-se no colo dele, como se fosse uma adolescente paquerando um garoto numa festa.

— Você vai *tentar*, Nick? — perguntou com a voz arrastada, a cabeça enfiada no pescoço dele. — Vai tentar com muita, muita vontade?

— Você está bêbada — disse ele.

Então Nick a beijou e, finalmente, tudo voltou a ser como deveria. O corpo de Alice se derreteu no dele, com um alívio delicioso. Era como entrar numa banheira quente depois de pegar chuva, como se deitar sob lençóis de algodão novinhos após um dia exaustivo.

— Papai? — chamou uma voz ali atrás. — O que você está fazendo aqui?

As pernas de Nick tiveram um espasmo, catapultando Alice para cima e deixando-a de pé.

Olivia estava de pijama na cozinha, esfregando os olhos com os nós dos dedos, as bochechas vermelhas de dormir. Ela deu um imenso bocejo, esticando os braços acima da cabeça. Depois franziu a testa, perplexa, e exibiu uma expressão de alegria genuína.

— Você ama a mamãe de novo?

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Desculpem por ter fechado os comentários nos meus últimos dois posts, principalmente porque sei que vocês estavam loucos para comentar, mas, por algum motivo, eu quis apenas contar o que aconteceu sem ouvir a reação das pessoas por um tempo.

Vou ser clara antes que vocês fiquem animados demais: isso não é um *relacionamento* nem nenhuma bobagem dessas.

E só um flerte. Por que não? E bastante divertido! Vou levá-lo ao Supermerengue de Dia das Mães da Alice amanhã.

Ah, e tenho mais uma novidade interessante. Acabei de voltar de outra batalha de PlayStation com o X (eu venci, é claro!) e ele confessou algo.

X é um dos leitores do blog!

Bem, fiquei chocada, mas não posso reclamar. Nunca protegi o conteúdo, que é de domínio público, mas não tinha me dado conta de que vários moradores daqui descobriram o blog por acaso.

E o X até já deixou *comentários* usando um pseudônimo. Que danadinho. Ele se recusou a me contar qual. Algum palpite?

COMENTÁRIOS

Vovó Moderna disse:
Estou bastante preocupada com essa história, Frannie! Ele já enganou você! Isso lá é jeito de começar um relacionamento? (Aposto que foi o AB74. Achei ele um pouco grosseiro.)

AB74 disse:
Não fui eu, Vovó Moderna. Só pode ter sido aquele safado do Frank Neary!

Frank Neary disse:
Não fui eu, Srta. Jeffrey. Sempre fui sincero.

Beryl disse:
Acho que foi a Vovó Moderna! Que ótimo disfarce! E não importa se é um flerte, um romance ou uma piscadela, Frannie, simplesmente curta cada momento!

DorisdeDallas disse:
Você beija bem, Frannie.

TRINTA

Tinha chegado o "grande dia".

Alice se sentiu como uma pequena peça de roupa, uma meia, talvez, sendo jogada para todos os lados junto com várias outras na centrífuga da máquina de lavar. Todo mundo a puxava para lá e para cá. Em determinado momento, ela ficou literalmente com uma pessoa em cada braço (sendo que não reconhecia nenhuma das duas) tentando arrastá-la em direções diferentes. Rostos preocupados, rostos entusiasmados, rostos sorridentes com expressões que diziam "iiiih, é hoje!" surgiam na sua frente e logo sumiam. As pessoas formavam círculos de tensão ao seu redor, disparando perguntas, relatando problemas, listando coisas que já deviam ter sido entregues. "Onde é para colocar os ovos?" "Onde as meninas da massa têm que ficar?" "A equipe de televisão quer confirmar se é para chegar ao meio-dia. Eles querem entrevistar você ao meio-dia e meia. Pode ser? Estamos com tudo no horário certo?"

Equipe de televisão? Para entrevistá-la?

Flashes pipocavam feito luzes estroboscópicas. Ela devia ter prestado atenção na reunião. Não tinha noção do tamanho daquele evento. Era… super.

Estavam sob uma imensa tenda colorida que fora erguida na pista de corrida da escola, com uma faixa que proclamava: "Supermerengue de Dia das Mães: venha ver cem mães fazendo a maior torta de limão com merengue do mundo! Ingresso: dez dólares (entrada franca para crianças). Todo o dinheiro arrecadado será doado para a escola e para a pesquisa sobre o câncer de mama."

Dentro da tenda fora construído uma espécie de auditório, com uma arquibancada nas laterais onde as pessoas podiam se sentar para assistir. Nas paredes da tenda, havia placas com os nomes das empresas que tinham "orgulho de patrocinar o Supermerengue de Dia das Mães". Alice viu uma do Café Dinos. No meio, estava todo o equipamento necessário para fazer a torta. Parecia um canteiro de obras. Havia uma empilhadeira, um misturador de concreto e um *guindaste*, além de uma forma e de um forno construídos especialmente para assar a torta gigante. Uma grande mesa redonda fora montada e em cima dela havia diversas batedeiras. Ao lado de cada batedeira, uma seleção de ingredientes bem-organizados: ovos,

farinha, manteiga, limões e açúcar. O marido de Maggie, o homem de rosto vermelho que estava na esteira e parecia ser o gerente de uma empresa de construção qualquer, era quem cuidava do equipamento, dando ordens para operários atônitos.

— Só para confirmar: a gente assa a massa sem o recheio primeiro, não é? — perguntou ele para Alice.

Bem, pelo menos ela sabia a resposta para essa pergunta.

— Isso — disse e repetiu em seguida com mais firmeza: — Isso mesmo.

— Tudo bem, patroa — respondeu o homem, afastando-se depressa.

As pessoas estavam começando a entrar na tenda depois de ter entregado o dinheiro do ingresso para as duas mulheres do Comitê do Supermerengue que estavam sentadas na entrada. Os bancos estavam sendo rapidamente ocupados. Um grupo de crianças com instrumentos de sopro começou a tocar uma música.

Um dos cantos da tenda havia sido reservado para recreação infantil. A temática de todas as atividades era "super". As crianças podiam fazer bolhas de sabão gigantescas, jogar uma bola de espuma enorme e pintar uma imensa tela com pincéis grandões. Alice tinha deixado Madison, Tom e Olivia se divertindo ali.

— Está tudo indo bem? — perguntou alguém.

Era Dominick. Jasper estava com ele, apoiando-se em sua mão para se balançar. Alice ergueu os olhos, encarou-o e desviou o olhar, culpada. Sentia-se como se tivesse traído Dominick e… talvez tivesse mesmo.

— Desculpe por ontem à noite — disse ela.

— Nem pense nisso hoje — respondeu ele. — Ah… mas, bem, fiquei na dúvida se você se lembrava do que combinamos. Ficamos de assistir a *O fantasma da ópera*.

Depois do beijo interrompido da noite anterior, Nick levara Olivia de volta para a cama e depois fora embora. Tinham decidido que o primeiro "encontro" deles seria naquela noite. Iam ao restaurante italiano que costumava ser o preferido dos dois. Nick faria a reserva.

— Hum, na verdade esqueci, sim — disse Alice. Ela realmente precisava terminar o namoro com aquele homem simpático. — A questão, Dominick…

— Alice *querida*!

Era Kate Harper, que parecia mais reluzente do que nunca sob a luz matinal que entrava na tenda. Atrás dela, vinha um homem de expressão infeliz e uma Chloe emburrada. O cabelo de Chloe tinha sido cortado num chanel estiloso, mas era preciso admitir que ela ficava muito menos bonita sem as madeixas compridas.

— Tudo bem, a gente conversa mais tarde — disse Dominick. — Avise se precisar de alguma coisa. Estou bem aqui.

— Eu também estou bem aqui, Alice! — repetiu Jasper com sua vozinha aguda.

— Fiquei surpresa por Madison ter vindo — disse Kate num tom gélido. — Achei que você não ia deixá-la sair de casa por causa do... incidente.

— Madison recebeu um castigo muito severo — afirmou Alice com seriedade.

Bem, ela receberia, assim que Alice e Nick pensassem em algo apropriado. Alice olhou ao redor e encontrou Madison extasiada na sua vez de fazer uma bolha de sabão gigante. O problema é que Madison andava com um bom humor tão maravilhoso... Seria uma pena estragá-lo.

— Espero que sim — disse Kate, baixando a voz. — Porque Chloe ficou *traumatizada*. Não está nem comendo nem dormindo direito. Isso vai marcá-la pelo resto da vida.

— Kate, dê um tempo para essa pobre mulher — disse seu marido. — Ela está bastante ocupada agora.

As narinas de Kate estremeceram, como se tivesse sido a própria Alice quem pedira um tempo.

— Sei que você está ocupada, mas não tenho certeza se compreendeu bem a seriedade do caso. Seu recado no telefone foi quase irreverente. O que Madison fez foi um ultraje.

— Com licença! Desculpe, mas vamos ter que roubar Alice de vocês.

Eram Maggie e Nora, as amigas de Alice do Comitê do Supermerengue, que tinham vindo pegá-la pelos cotovelos, arrancando-a habilmente dali.

— Você não é uma das Mães do Supermerengue, é, Kate? — perguntou Nora por cima do ombro. — Acho melhor você ir se sentar.

Alice viu Kate se afastar a passos pesados, falando furiosamente no ouvido do marido, uma das mãos parecendo uma garra no braço dele.

— Não sei o que eu devia fazer — admitiu Alice para Nora e Maggie. — Só balanço a cabeça quando as pessoas me fazem perguntas.

Aquilo não era como ser juiz no jogo de *netball*, quando sua mente, de algum modo, entrara no piloto automático.

— Não tem problema — disse Maggie. — Tudo vai funcionar tão bem quanto um relógio, graças a você.

Maggie sacudiu diante do rosto de Alice uma folha de papel com a programação do dia e anotações com sua letra que ela não se lembrava de ter feito. Viu que tinha anotado "Nada de atraso!!" em letras maiúsculas e sublinhado a frase duas vezes.

Maggie fez uma cara de nojo.

— Ai, meu Deus, seu ex está aqui. O que ele está fazendo aqui? Deve estar querendo parecer um pai participativo.

Ex. Ao escutar essa palavra, Alice imediatamente pensou no seu último ex-namorado antes de Nick: Richard Bourke. Aquele homem arrogante que partira seu

coração. Mas, quando ela se virou, viu Nick entrando na tenda de camisa azul. Estava lindo. Certa vez, Alice lhe dissera que ele devia usar azul sempre.

— Fui eu que convidei.

Maggie a encarou.

— Ah. Tudo bem, então.

— Aliás, não acha melhor que uma de nós seja a apresentadora? — perguntou Nora. — Podemos dizer que você não tem se sentido bem. Claro que nossa anãzinha do mal, a Holloway, vai adorar colocar as mãos no microfone e roubar o crédito pelo evento se nós não impedirmos.

— Microfone? — repetiu Alice, confusa.

Nora indicou o microfone no palco no centro da tenda.

Meu Deus. A ideia era que *Alice* subisse ali, na frente de todas aquelas pessoas.

— Ah, não, de jeito nenhum, quer dizer, com *certeza* uma de vocês pode falar — disse ela.

— Sem problemas — respondeu Nora, e o rosto dela assumiu uma expressão neutra quando Nick se aproximou. — Oi, Nick.

— Oi, Nora, oi, Maggie. Como vocês estão?

Nick fez um aceno de cabeça constrangido para as duas mulheres. Alice sentiu vontade de proteger o pobre Nick ao vê-lo no papel do ex-marido de quem ninguém gostava. Assim como ela tinha sido a "vaca" da ex-mulher para a irmã dele no Show dos Parentes.

— Feliz Dia das Mães! — disse Nick para Alice, enquanto Nora e Maggie desapareciam no meio da multidão. — Serviram seu café na cama?

Alice assentiu.

— Panquecas. Acho que eles começaram a preparar às cinco da manhã. Ouvi barulhos e gritos. Você devia ver o estado da cozinha. Mas preciso admitir que as panquecas estavam incríveis. Acho que Madison vai ser chef de cozinha um dia. Uma chef muito bagunceira, mandona e barulhenta.

— Desculpe não ter estado lá para supervisionar — disse Nick. — Seu primeiro Dia das Mães sem mim.

— Espero que seja o último.

— Acho que vai ser — concordou Nick com os olhos fixos nos dela. — Definitivamente.

— Ora, ora, ora, o que temos aqui, Barb? Acho que são nossos jovens alunos de salsa!

A mãe de Alice e o pai de Nick estavam bem ali. Roger deu um tapinha nos ombros dos dois como se fosse um vendedor de carros, o aroma familiar de sua loção pós-barba atingindo seus rostos como um lenço transparente, enquanto Barb

se mantinha um pouco afastada, morrendo de orgulho, como se Roger estivesse cumprindo mais uma tarefa difícil.

— Como você está, meu amor? — perguntou Barb para Alice. — Está linda, claro, mas tão pálida! E com olheiras. Deve ter uma virose por aí, porque Elisabeth está verde que nem uma *ervilha*.

— Libby está aqui? — indagou Alice, surpresa.

— Está ali com Frannie — disse Barb, apontando para um dos bancos, onde Elisabeth estava sentada com Ben.

Ela parecia mesmo doente. Enjoada. Devia ser um bom sinal. Pelo menos não estava vendo televisão.

Sentados ao lado de Ben estavam Frannie e o homem de cabelo branco do Show dos Parentes que tinha organizado a corrida de cadeira de rodas. Frannie estava muito empertigada, olhando ao redor meio constrangida, mas, enquanto Alice observava, o homem disse algo em seu ouvido e ela uniu as mãos e caiu na gargalhada.

— Esse é o *amigo* da Frannie — disse Barb. — Xavier. Não é simpático? Para ser sincera, sempre achei que Frannie fosse lésbica.

A boca de Alice se escancarou quando ela ouviu a mãe dizer a palavra "lésbica" de maneira tão casual.

— Ora, não precisa ficar tão chocada — disse Barb alegremente. — Ela não namorou ninguém nos quarenta anos em que nos conhecemos.

— Ela deve ser exigente, só isso — opinou Roger. — Precisava encontrar o cara certo. Que nem você.

— Ah, safado! — disse Barb, irradiando felicidade. — Eu dei sorte de encontrar você!

— Papai deu sorte de encontrar você — concordou Nick, ficando sério de repente.

A mãe de Alice olhou para ele, surpresa, com as bochechas coradas de prazer.

— Ah, que gentileza sua, Nick — disse ela.

Maggie apareceu de novo, usando um longo avental cor-de-rosa que dizia "Supermerengue de Dia das Mães" na frente, com a foto de uma imensa torta de limão com merengue. Embaixo estava escrito "Dia das Mães, Sydney, 2008". Estava trazendo outro para Alice.

— Os aventais ficaram lindos, Alice! — exclamou ela, enfiando-o pelo pescoço de Alice e amarrando-o em sua cintura.

Alice olhou ao redor e encontrou uma multidão de mulheres com o mesmo avental cor-de-rosa se enfileirando na mesa grande com as batedeiras.

— Parece que estamos prontas para começar — disse Maggie. — Tudo bem por você?

— Claro — afirmou Alice impulsivamente.

— Você fica aqui — ordenou Maggie. — Do meu lado.

— Boa sorte, querida — disse Barb. — Espero que eles tomem bastante cuidado com aquele forno. É muito fácil queimar o merengue de uma torta de limão. Lembro quando resolvi fazer uma porque o chefe do seu pai ia jantar lá em casa e fiquei morrendo de preocupação. Lembro quando olhei dentro do forno e pensei…

— Vamos, Barbie — disse Roger, puxando o braço dela. — Você me conta o resto da história quando a gente estiver sentado.

Ele deu uma piscadela para Alice enquanto levava sua mãe, que continuava tagarelando, até a plateia, e ela sentiu uma onda de afeto. Roger amava Barb; amava daquele seu jeito presunçoso, mas amava mesmo assim.

— Vou me sentar com as crianças — disse Nick, indo para a área infantil.

Alice ficou ao lado de Maggie, junto das outras mulheres que estavam se acotovelando ao redor da mesa.

— Que evento! — disse a que estava ao seu lado, com uma marca de nascença que parecia uma queimadura em metade do rosto. — Você é uma danada, Alice.

Sou uma danada, pensou Alice. Ela estava zonza.

Nora se aproximou do microfone:

— Podem se sentar, por favor? Vamos começar a assar a torta!

Alice procurou Nick na plateia. Ele estava com Olivia no colo. As asas de fada que ela havia insistido em usar batiam no rosto dele. Tom estava à esquerda de Nick, tirando fotos com uma câmera digital, e Madison, à direita, parecendo muito interessada no processo. Nick disse algo e apontou para Alice, e os três sorriram, radiantes, acenando para ela.

Alice acenou de volta e, ao fazer isso, viu Dominick e Jasper. Estavam sentados apenas duas fileiras atrás de Nick e das crianças, acenando com entusiasmo, obviamente achando que Alice se dirigia a eles.

Caramba. Agora Libby e Ben também estavam acenando para ela, junto com Frannie, Xavier, Barb e Roger.

Alice tentou fazer com que seu sorriso e seu aceno parecessem ser para todos e para cada um deles pessoalmente.

Nora retomou o discurso:

— Estou falando em nome de Alice Love, que seria a anfitriã hoje. Como muitos de vocês sabem, Alice sofreu um acidente na academia na semana passada e ainda não está cem por cento. Sabe, eu ainda lembro o dia em que Alice me contou que queria reunir cem mães para fazer a maior torta de limão com merengue do mundo. Achei que ela havia enlouquecido! — A plateia riu. — Mas todos vocês conhecem Alice. Ela parece um bull terrier quando enfia uma coisa na cabeça.

Todos riram de novo, concordando. Um bull terrier? Como ela podia ter mudado tanto nos últimos dez anos? Alice estava mais para um labrador. Morria de vontade de agradar e era um pouco boba.

— Por isso não é surpresa que, alguns meses depois, aqui estamos! Palmas para *Alice*!

Seguiu-se uma salva de palmas entusiasmadas. Alice assentiu e sorriu, na maior fraude.

— Queremos dedicar este dia a uma amiga muito querida, uma das mães envolvidas com esta escola, que perdemos tragicamente no ano passado — disse Nora. — Estamos usando a receita dela de torta de limão com merengue e temos certeza de que ela está conosco em espírito. Estou falando, é claro, de Gina Boyle. Gina, estamos com saudade. Um minuto de silêncio, por favor, pela Gina.

Alice observou as pessoas baixarem a cabeça com reverência e se lembrarem da mulher que, aparentemente, fora uma parte tão significativa da vida dela. Sua mente estava em branco. As panquecas daquela manhã estavam pesando no seu estômago. Depois do que lhe pareceu bem mais do que um minuto, Nora ergueu a cabeça.

— Meninas — disse ela —, peguem seus batedores de clara.

TRINTA E UM

As mulheres pegaram solenemente os batedores de clara, como se fossem músicos numa orquestra.

— Batam os ovos, o creme, o açúcar, as cascas de limão raspadas e o suco de limão até ficar homogêneo.

Todas hesitaram um instante, então largaram os batedores e começaram a separar os ingredientes.

Alice foi quebrando um ovo após o outro dentro da tigela. Ao seu redor, as outras mulheres faziam a mesma coisa. Ela ouviu risadinhas nervosas e sussurros.

— Cuidado para não deixar nenhuma casca de ovo cair dentro da tigela! — gritou alguém da plateia, provocando risadas.

Depois de alguns minutos, o som dos batedores girando depressa preencheu a tenda.

Seguindo as instruções de Nora, ao terminar, elas fizeram uma fila para derramar a mistura num imenso tonel industrial amarelo.

Isso vai ser um tremendo desastre, pensou Alice.

— Coloquem a farinha, as amêndoas picadas, o açúcar de confeiteiro e a manteiga num processador e batam até ficar com a consistência de migalha de pão — leu Nora. — Mas em vez de usar um processador, vamos usar um misturador de concreto. Não se preocupem, está bem limpinho! Então, mães, por favor, coloquem seus ingredientes dentro do misturador.

— Não acredito que a gente está fazendo isso — sussurrou Alice para Maggie enquanto as mães faziam fila com as tigelas cheias de ingredientes. — É loucura!

Maggie riu.

— Foi invenção sua, Alice! — disse ela.

Um dos homens atônitos da empresa de construção operava o misturador, enquanto as mães separavam as claras das gemas.

— Acrescentem as gemas e processem — ordenou Nora.

Mais uma vez as mulheres se enfileiraram para colocar as gemas de ovo no misturador. Alguns minutos mais tarde, uma enorme quantidade de massa amarela foi derramada sobre a superfície da mesa coberta de farinha no centro da tenda.

— Sovem até a massa ficar macia.

As mulheres se reuniram ao redor da mesa, sovando e puxando a massa. *Vai ser impossível comer essa torta*, pensou Alice, vendo aquelas mãos nada hábeis puxando e empurrando. Os flashes das câmeras pipocavam.

— Agora a gente devia colocar a massa na geladeira durante meia hora, mas nosso foco hoje é quantidade, não qualidade — disse Nora. — Por isso, vamos direto para a etapa de abrir a massa com o rolo.

Os operários trouxeram o rolo de massa gigante.

Alice ficou olhando enquanto três mulheres se posicionavam de cada lado do rolo, agarravam com força as pontas e começavam a empurrá-lo para a frente, como se estivessem empurrando um carro enguiçado.

A plateia riu, exclamou e gritou sugestões ao ver as mulheres seguindo em direções diferentes, mas, por incrível que pareça, depois de alguns minutos, a massa começou a ficar mais achatada. Estava dando certo. De verdade. Uma imensa camada de massa, do tamanho de uma cama king size, estava surgindo.

— Agora a parte difícil — disse Nora. — Coloquem a massa sobre a forma da torta.

Nunca vamos conseguir isso, pensou Alice, enquanto as mulheres formavam um círculo ao redor da massa e a erguiam no ar, com as mãos espalmadas, como se estivessem carregando uma obra de arte preciosa. Cada mulher exibia a mesma expressão de pavor e concentração.

— Ai, merda, merda, merda — disse a mulher com a marca de nascença quando a massa começou a afundar no meio.

Outra mulher correu para salvá-la. Elas estavam pisando nos pés umas das outras e gritando ordens ríspidas como "Cuidado aí!" e "Olhe aquela parte lá!"

Ninguém riu ou sorriu até que a delicada massa aberta estivesse a salvo sobre a imensa forma de torta. Elas tinham conseguido. Não havia nenhum rasgo ou furo grande na massa. Era um milagre.

— Viva! — gritou a multidão.

As mulheres trocaram sorrisos deliciados enquanto empurravam a massa nas laterais da forma com os polegares. Depois elas a cobriram com folhas e mais folhas de papel-manteiga e pesinhos de cerâmica. Por fim, os operários ergueram a forma e a colocaram no forno.

— Vamos deixar assando por dez minutos — disse Nora casualmente, como se não fosse nem um pouco surpreendente que elas tivessem chegado tão longe. — E, nesse meio-tempo, nossas mães maravilhosas vão fazer o merengue.

As mulheres voltaram para as mesas e começaram a bater claras em neve, adicionando aos poucos o açúcar impalpável.

A tenda foi tomada pelo calor do forno. Alice sentiu seu rosto corando e gotas de suor surgindo na linha do couro cabeludo. O cheiro da massa de torta sendo assada se espalhou pelo ar. A cabeça de Alice estava doendo. Será que estava ficando gripada?

O cheiro da massa lhe dava vontade de se lembrar de alguma coisa. Só que, por algum motivo, era algo grande demais para recordar. Era como uma imensa massa de torta: grande demais para uma pessoa só.

— Você está bem? — perguntou Maggie, parecendo oscilar diante de Alice.

— Estou. Tudo bem.

A forma cheia de massa foi tirada do forno e recebeu uma salva de palmas. Tinha tons de marrom e dourado. O papel-manteiga e os pesinhos de cerâmica foram removidos e o tonel de recheio de limão foi derramado sobre a massa. Em seguida, veio o merengue. As mulheres ficaram tontas de alívio. Dançaram ao redor da torta feito crianças, derramando o merengue branco e espumoso no recheio e usando colheres de pau para formar pequenas pontas no alto.

Mais flashes pipocaram.

— Alice? — chamou Nora no microfone. — Está aprovado?

Alice sentiu que o mundo tinha sido embrulhado numa gaze. Sua visão estava um pouco embaçada e sua boca parecia cheia de algodão. Era como se ela tivesse acabado de acordar e estivesse tentando clarear sua mente confusa com os sonhos da noite passada. Ela piscou e examinou a torta.

— Alguém pode alisar o merengue naquele canto? — pediu, surpresa por sua voz sair tão normal.

Uma mulher correu para obedecer. Alice assentiu para Nora.

— E agora, senhoras e senhores, vamos *assar* — declarou Nora.

O marido de Maggie fez um sinal de ok para o encarregado da empilhadeira. Os olhos de todo mundo se fixaram na torta magnífica sendo erguida pela empilhadeira e colocada no forno. Houve mais uma salva de palmas.

— O quarto ano teve a gentileza de se oferecer para fazer um show enquanto a torta está assando — disse Nora. — Como muitos de vocês lembram, nossa querida amiga Gina amava Elvis. Sempre que estava cozinhando, colocava uma música dele para tocar. Era impossível convencê-la a escutar outra coisa. Por isso, o quarto ano vai dançar ao som de um pot-pourri de sucessos do Elvis. Gina, querida, essa é para você.

A plateia gargalhou e comemorou quando trinta Elvis Presleys em miniatura foram andando cheios de ginga até o meio da tenda. Estavam usando óculos escuros e macacões de cetim brancos que tinham até cristais colados. Um professor apertou o botão do som e as crianças começaram a dançar "Hound dog" ao estilo de Elvis.

Não havia cadeiras para as Mães do Supermerengue, por isso todas se recostaram na mesa comprida. Algumas tiraram os aventais cor-de-rosa. Alice sentia dor nas pernas. Na verdade, sentia dor no corpo todo.

Ah, essa música é tão... familiar.

Claro, é uma música do Elvis. Todo mundo conhece.

Começou a tocar "Love me tender".

O cheiro de açúcar e limão da torta era avassalador. Era impossível pensar em qualquer outra coisa além de uma torta… de limão… com merengue.

Esse cheiro também é tão... familiar.

Sim, porque é cheiro de torta de limão com merengue. Você conhece esse cheiro.

Mas não era só isso. Aquele cheiro significava alguma coisa.

Alice estava sentindo o rosto quente e vermelho. Depois sentiu frio, como se tivesse sido atingida por um vento gelado.

Nossa, ela não estava bem. Não estava nada bem.

Olhou com desespero para a plateia, em busca de ajuda.

Viu Nick tirar Olivia subitamente do colo e se levantar.

Viu Dominick ficar de pé num pulo, com o cenho franzido de preocupação.

Os dois homens estavam atravessando um mar de joelhos para chegar até ela.

Agora estava tocando "Jailhouse Rock".

O cheiro de limão com merengue estava ficando cada vez mais forte. Entrava por suas narinas, invadindo seu cérebro e fazendo-o transbordar de lembranças.

Ai, meu Deus, claro, claro, claro.

Os joelhos de Alice dobraram.

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Não vi Alice desmaiar porque tinha saído para ir ao banheiro.

Tinha uma fileira daqueles banheiros químicos azuis de plástico.

Eu estava sangrando.

Que apropriado, pensei, *perder o bebê num banheiro químico*.

Nojento e ligeiramente ridículo. Que nem minha vida.

TRINTA E DOIS

"Oi!"

A mulher que abriu a porta exibia um sorriso radiante, enxugando as mãos num avental cheio de flores, como se Alice fosse uma amiga muito querida.

Alice não tinha querido ir. Não ficara nem um pouco feliz quando essa tal de Gina tinha se mudado para a casa do outro lado da rua e aparecido já no dia seguinte, batendo na porta deles para convidar Alice para um chá especial. Em primeiro lugar, o convite deveria ter vindo de Alice, afinal era ela quem morava ali, não? Aquilo a deixou culpada, como se aquela mulher já estivesse à sua frente numa espécie de competição de etiqueta. E ela soube, só de olhar para Gina, que não era o tipo de pessoa de quem gostava. Falava alto demais. Tinha dentes demais. Usava maquiagem demais. Perfume demais. Tudo demais. Era uma daquelas mulheres que apagavam a personalidade de Alice. E um chá especial... Por que não um chá da tarde normal, que nem todo mundo fazia?

Aquilo ia ser um horror.

"Oi, querida!"

Gina se debruçou para falar com Madison.

A menina se agarrou à perna de Alice numa timidez agoniada, enfiando o rosto na virilha da mãe. Alice detestava quando ela fazia aquilo. Sempre achava que as pessoas iam pensar que a menina tinha herdado a falta de traquejo social da mãe.

"Sou péssima com crianças", disse Gina. "Péssima. Deve ser por isso que estou tendo tanta dificuldade para engravidar."

Alice entrou na casa atrás de Gina, tentando arrancar Madison da sua perna. Havia caixas por todo lado, esperando para serem abertas.

"Eu é que devia ter convidado você", disse Alice.

"Tudo bem, eu é que estou desesperada para fazer amigos", comentou Gina. "Vou tentar seduzir você com minha torta de limão com merengue." Ela se virou depressa e esbarrou numa caixa. "Não literalmente."

"Ah, que pena", disse Alice. E então acrescentou depressa, que nem uma idiota: "Foi uma piada também."

Gina riu e a levou até a cozinha. Ali dentro estava quente e o cheiro de torta de limão com merengue se espalhava pelo cômodo. Um disco de Elvis estava tocando.

"Convidei você para um chá especial e não um chá normal", disse Gina, "como desculpa para a gente beber champanhe. Quer uma taça?"

"Ah, claro", respondeu Alice, embora, em geral, não bebesse durante o dia.

Gina fez uma dancinha.

"Graças a Deus. Se você tivesse dito não, eu não ia poder beber sozinha, e, você sabe, o álcool deixa as coisas um pouco mais fáceis quando estamos conversando com gente nova." Ela estourou a rolha e trouxe duas taças. "Mike e eu somos de Melbourne. Não conheço ninguém aqui em Sydney. Por isso estou à caça de novas amizades. E Mike tem trabalhado tanto que me sinto sozinha durante a semana."

Alice ergueu a taça para que Gina servisse o champanhe.

"Nick começou a trabalhar muito também", disse ela.

* * *

— Alice?

— Alice?

Nick estava segurando um dos lados do seu corpo e Dominick, o outro. Suas pernas tinham virado geleia.

— Volta — disse Alice.

— Você quer dar uma volta? — perguntou Dominick.

Não, eu quis dizer que está tudo voltando. Minha memória está de volta.

Era como se uma barragem houvesse se rompido em seu cérebro, liberando uma torrente de memórias.

— Pegue um pouco de água para ela — disse alguém.

* * *

Alice estava mesmo precisando de uma amiga nova. Quando Madison tinha mais ou menos um ano, Sophie terminou com Jack (uma baita surpresa!) e arranjou um novo círculo de amigas solteiras, chiques e estilosas, que gritavam muito e saíam para a balada às nove da noite, indo de táxi para os bares mais elegantes da cidade. Ela e Alice se afastaram.

E Elisabeth estava distraída, triste, sem nunca prestar atenção em nada direito.

Dessa forma, a amizade de Alice e Gina se fortaleceu muito rápido. Foi como se apaixonar por alguém. E Nick e Mike também se deram bem! Eles iam acampar.

Faziam jantares improvisados que se estendiam pela noite adentro, enquanto as crianças dormiam nos sofás. Era maravilhoso.

As gêmeas de Gina, Eloise e Rose, nasceram alguns meses antes de Olivia. As duas tinham enormes olhos castanhos, narizes arrebitados cheios de sardas e o cabelo volumoso da mãe. As crianças adoravam brincar juntas.

Num determinado ano, as duas famílias alugaram casas-barco no rio Hawkesbury. Elas ancoravam lado a lado. Iam remando de bote sob a luz da lua até a casa da outra família para fazer um churrasco no deque de cima. Olivia e as gêmeas pintaram as unhas dos pés de Alice e de Gina de cores diferentes. Certa manhã, Alice e Gina foram nadar depois do café e ficaram boiando de costas, admirando as unhas, enquanto Nick, Mike e as crianças brincavam de Marco Polo. Todos concordaram que aquelas férias tinham sido as melhores de todas.

* * *

Claro que ela havia contado para Gina que estava grávida de Olivia antes de ter contado para Nick.

Nick passou duas semanas no Reino Unido. E só ligou duas vezes.

Duas vezes em duas semanas.

Disse que estava ocupado demais. Com muita coisa na cabeça.

Mas tinham aceitado sua oferta! Ele ia receber um bônus! Iam poder construir a piscina!

* * *

— Presente — disse Alice para Nick.

— O quê?

Estava tentando dizer "Você nunca estava presente".

* * *

No ano do projeto Goodman, Nick nunca estava presente. Quando voltava para casa, estava cheirando a trabalho. A suor corporativo. Até quando falava com Alice, continuava pensando no trabalho.

Olivia teve três infecções no ouvido em três meses.

Tom fazia pirraças monumentais.

Da noite para o dia, Madison passou a ficar tão nervosa por causa da escola que vomitava todas as manhãs.

"Isso não é normal, Nick. Temos que fazer alguma coisa. Não consigo dormir de tanta preocupação."

"É só uma fase", disse Nick. "Não posso falar sobre isso agora, vou viajar amanhã de manhã cedo."

"Encontrei um psicólogo infantil que talvez possa ajudar", sugeriu Gina. "Será que você deveria conversar com o diretor da escola? O que a professora disse? Quer que eu cuide do Tom e da Olivia por um tempo para você dar uma atenção especial para Madison? Deve estar sendo um peso enorme para você!"

* * *

Gina era o tipo de pessoa que participava das atividades da escola. Ela se oferecia como voluntária para tudo. Alice também virou esse tipo de pessoa. Ela gostava. Era boa nisso.

* * *

Mike e Gina estavam tendo alguns problemas. Gina contou a Alice cada comentário cruel, cada gesto egoísta dele. Mike disse a Nick que não estava feliz com sua vida. Alice e Nick deram uma festa de Natal numa noite quente de dezembro. Mike ficou bêbado e beijou aquela horrível Jackie Holloway na área de serviço. Gina foi pegar champanhe e flagrou os dois.

* * *

Nick e Alice estavam na cama certa noite, conversando no escuro.

"Mike é meu amigo."

"Está querendo dizer que acha certo ele beijar outra mulher na nossa área de serviço?"

"Claro que não, mas toda história tem duas versões. Não vamos nos meter."

"Não tem duas versões para isso! Não tem desculpa. Ele não devia ter beijado aquela mulher e pronto."

"Bem, Gina bem que podia parar de tentar obrigar Mike a ser quem ele não é."

"Ela não faz isso! Como assim? Só porque ela quer que ele arrume outro emprego? Mas isso é porque ele não gosta de lá!"

"Olha, faz sentido a gente reencenar as brigas deles, com você no papel da Gina e eu no papel do Mike?"

Eles se viraram de costas um para o outro, tomando cuidado para não se tocar.

* * *

Não foram "cerejas". Foi metade de um prato de frutas. Um prato lindo, todo decorado, que Alice tinha passado a manhã inteira preparando para levar para a casa da mãe dele. Ela estava correndo de um lado para outro, tentando fazer as crianças se vestirem, e ele, em vez de ajudar, estava lendo o jornal e comendo tranquilamente as frutas, como se Alice fosse uma empregada.

* * *

Depois que Mike saiu de casa, Gina quis perder peso. Então, ela e Alice decidiram contratar um personal trainer. Entraram numa academia. Começaram a fazer aula de step. Os quilos a mais sumiram. Elas foram ficando cada vez mais em forma. Alice adorou. Seu manequim diminuiu dois números. Não fazia ideia de que exercício físico podia ser tão estimulante.

Gina saiu com um cara que conheceu na internet. Alice ficou cuidando das crianças. Nick estava trabalhando até tarde.

Quando Gina chegou em casa, estava linda e corada. Alice, deitada no sofá com calça de moletom, sentiu inveja. Um primeiro encontro. Que maravilhoso era ter um primeiro encontro com alguém de novo.

Quando Nick chegou em casa naquela noite, ele disse: "Você está ficando magra demais."

* * *

Assim que Nick descobriu que seu pai estava saindo com a mãe de Alice, caiu na gargalhada.

"Ela não faz o tipo dele. Ele gosta de mulheres sofisticadas que têm peito de silicone e recebem pensões gordas dos ex-maridos. Mulheres que leram todos os livros certos e viram todas as peças certas."

"Está dizendo que minha mãe não é culta o suficiente para o seu pai?"

"Detesto o tipo de mulher que meu pai namora!"

"Então seu pai está namorando alguém de uma classe social mais baixa? Que por acaso é a coitadinha da minha mãe, nascida e criada no Hills District?"

"É impossível conversar com você. Parece que quer que eu diga a coisa errada. Então tudo bem. Meu pai está namorando alguém de uma classe social mais baixa. É isso que você quer que eu diga? Está satisfeita?"

* * *

Elisabeth tinha desaparecido. Sua irmã se tornara uma pessoa amarga, raivosa, com uma risada cruel e sarcástica. Nenhuma outra pessoa sofrera tanto quanto Elisabeth. E Alice não conseguia dizer a coisa certa para ela.

Uma vez, Alice perguntara se Elisabeth já estava com outro embrião implantado e ela fizera uma careta de desdém. "O embrião é transferido", dissera com nojo, "não implantado. Quem me dera que fosse tão fácil."

Como é que Alice poderia saber todos os termos corretos? Se ela a convidava para a festa de aniversário de uma das crianças, Elisabeth suspirava, como se quisesse demonstrar que iria apesar de ser uma tortura para ela, e então passava o tempo todo com uma cara de mártir. Não se oferecia para ajudar, apenas ficava parada, sem sorrir. Não precisa vir se é só para me agradar, Alice tinha vontade de dizer.

Depois do quarto aborto espontâneo, ela tentou conversar com Elisabeth. Ofereceu-se para doar seus óvulos.

"Seus óvulos estão velhos demais", disse Elisabeth. "Você não faz a menor ideia do que está dizendo."

* * *

Quando Roger pediu a mãe de Alice em casamento, Nick ficou com raiva.

"Ah, mas que maravilha. Ótimo. Como minha mãe vai se sentir?"

Como se aquilo, de alguma forma, fosse culpa de Alice. Como se sua mãe estivesse obrigando Roger a se casar com ela.

* * *

Por fim, eles pararam de transar. Simplesmente pararam. Nem tocaram no assunto.

* * *

— Vamos levá-la para fora, para pegar um ar.
Alice teve a vaga consciência de que estava sendo meio carregada, meio arrastada para fora da tenda. As pessoas olhavam espantadas, mas ela só conseguia se concentrar na onda de memórias percorrendo seu cérebro.

* * *

Quando Alice estava grávida de Madison e sentiu a primeira contração, ela pensou *Só pode ser brincadeira. Não podem achar que vou aguentar isso*. Mas, ao que parecia, era o que achavam, sim. Sete horas depois, quando a criança nasceu, nem ela nem Nick conseguiam acreditar que era menina. Eles estavam tão ridiculamente convencidos de que era menino... "É menina!", não paravam de dizer um para o outro. A surpresa os deixou eufóricos. Ela era extraordinária. Como se fosse a primeira menina a nascer no mundo.

* * *

Tom estava na posição posterior. Alice não parava de gritar com aquela parteira de rosto gorducho e cansado: "É nas minhas costas, a dor é nas minhas costas." E o tempo todo prometeu a si mesma que nunca, nunca mais ia passar por aquilo.

* * *

Olivia foi a pior. "Temos um caso de sofrimento fetal agudo. Vamos ter que fazer uma cesárea de emergência", disseram para ela e, de repente, o cômodo se encheu de gente e ela estava sendo carregada de maca por um corredor comprido, vendo as luzes do teto passarem em intervalos regulares e se perguntando o que tinha feito para causar um sofrimento agudo em seu pobre bebê antes de ele nascer. Quando acordou da anestesia, a enfermeira disse: "Você teve uma filhinha linda!"

* * *

O primeiro dente de Madison nasceu quando ela estava com oito meses. A filha não parava de tocá-lo e franzir o cenho.

* * *

Tom se recusava a se sentar na cadeira de alimentação. Não se sentou nenhuma vez.

* * *

Olivia só andou com dezoito meses.

* * *

O casaquinho vermelho de capuz de Madison com florezinhas brancas.

* * *

O elefante azul imundo de Tom, que ele insistia em levar para tudo quanto era canto. "Cadê o elefante? Você viu o maldito elefante dele?"

* * *

No primeiro dia de aula, Olivia saiu correndo para o pátio gritando de alegria. Madison teve que ser arrancada dos braços da mãe.

* * *

Certo dia, Alice entrou na cozinha e encontrou Tom enfiando ervilhas congeladas no nariz com muito cuidado.

"Eu queria descobrir se as ervilhas iam sair pelos meus olhos", disse ele ao médico.

* * *

Olivia se perdeu em Newport Beach. O pânico fez Alice parar de respirar direito. "Você é quem estava cuidando dela", dizia Nick sem parar. Como se essa fosse a questão. O fato de Alice ter cometido um erro. Não o sumiço de Olivia, mas a culpa de Alice.

* * *

— Alice? Respire fundo.

Ela ignorou as vozes. Estava ocupada lembrando.

* * *

Era um dia muito frio de agosto. Ela e Gina estavam voltando da academia em carros separados. Em geral, iam juntas, mas Alice levara Madison ao dentista antes da aula. Ele dissera que não havia nada de errado com os dentes de Madison. Não sabia o que estava causando a dor no maxilar dela. O homem mandara a menina para a sala de espera e perguntara a Alice, muito sério: "Será que pode ser estresse?"

Alice olhara para o relógio impacientemente, desesperada para ir para a academia. Não queria perder o começo da aula de step. Já havia faltado uma aula no dia anterior por causa de uma apresentação de Olivia na escola. Estresse? Com o que Madison podia estar estressada? Que menina impossível! Devia estar querendo faltar aula com aquela história.

Durante a volta para casa, Madison estava reclamando porque teve que ficar na área infantil da academia enquanto Alice e Gina faziam aula.

"Já sou velha demais para aquilo. Só bebezinhos chatos ficam ali chorando."

"Bem, você devia ter ido à escola hoje em vez de inventar que está com dor de dente."

"Eu não inventei."

O tempo estava escuro e fechado. Relâmpagos cruzavam o céu. Começou a chover. Gotas grossas atingiram o para-brisa, pesadas como pedregulhos.

"Mãe. Eu não inventei."

"Quieta. Estou tentando me concentrar no trânsito."

Alice detestava dirigir com chuva.

O vento uivava. As árvores balançavam como se estivessem fazendo uma dança fantasmagórica.

Elas entraram na rua Rawson. Alice viu a luz do freio de Gina acender.

A amiga estava no carro que tinha se dado de presente de aniversário de quarenta anos, mas não era nem um pouco prático. Era um Mini Cooper vermelho com listras brancas nas laterais e placa personalizada. Não era um carro adequado para uma família. "Ele me faz sentir jovem e louca", dissera Gina. Sempre que estava no carro, ela abaixava a capota e colocava Elvis para tocar bem alto.

Alice viu o Mini na chuva e soube que Gina estava cantando toda animada junto com Elvis.

“Aquela árvore parece que vai cair”, disse Madison.

Alice ergueu os olhos.

Era o liquidâmbar da esquina. Ficava lindo no outono. Ele balançava para a frente e para trás, fazendo rangidos horríveis.

Não vai cair.

Caiu.

Foi tão rápido, violento e inesperado... Como uma amiga querida subitamente lhe dando um soco na cara. Como se um deus cruel tivesse feito de propósito. Por maldade. Pegou a árvore e a jogou no Mini Cooper, num ataque de pirraça. O barulho foi tremendo. Uma explosão aterradora. Alice enfiou o pé no freio. Ela jogou o braço para o lado, tocando o peito de Madison, como se quisesse protegê-la da árvore. Madison gritou: “Mamãe! Mamãe! Mamãe!”

E então fez-se silêncio, exceto pelo barulho da chuva. No rádio, tocou a música que anunciava o começo do noticiário de uma da tarde.

Um imenso tronco de árvore estava caído na rua diante delas. O carrinho vermelho de Gina parecia uma lata amassada.

Uma mulher saiu correndo de dentro de uma casa. Parou ao ver a árvore, com as mãos na boca.

Alice estacionou no acostamento e ligou o pisca-alerta. “Fique aí”, disse para Madison. Abriu a porta do carro e saiu correndo. Ainda estava vestindo o short e a camiseta que usara na academia. Escorregou e caiu, machucando um dos joelhos, então se levantou e continuou correndo, balançando inutilmente os braços, tentando fazer o tempo voltar só dois minutos.

* * *

— Pegue um cobertor para ela. Está tremendo.

* * *

Nick não foi ao enterro. Ele não foi ao enterro.

Ele não foi ao enterro.

* * *

O diretor da escola estava no enterro. O Sr. Gordon. Dominick. Ele disse: “Eu sinto muito, Alice. Sei que vocês eram muito próximas.” E lhe deu um abraço. Ela

chorou, com o rosto enfiado em sua camisa. Dominick ficou ao seu lado enquanto eles soltavam balões cor-de-rosa, que flutuaram no céu cinza.

* * *

Alice não sabia como viver sem Gina. Ela era parte do seu cotidiano. Academia. Café. Levar as crianças para a natação. Fazer aula com o personal. Cuidar dos filhos uma da outra. Assistir a um filme à noite. Rir de coisas bobas. Claro que Alice conhecia várias outras mães da escola, mas nenhuma delas era como Gina.

Toda a alegria desapareceu.

Nada parecia fazer sentido. Toda manhã ela chorava no chuveiro, com a testa encostada nos azulejos, o xampu caindo nos olhos.

Brigava com Nick. Às vezes, provocava deliberadamente as brigas, porque era um jeito de se distrair da tristeza. Precisava se controlar para não bater nele. Queria arranhá-lo, mordê-lo, machucá-lo.

* * *

Certo dia, Nick disse: "Acho melhor eu sair de casa." Ela respondeu: "Também acho." E pensou *Assim que ele for, vou ligar para Gina. Gina vai me ajudar*.

* * *

A crueldade pareceu surgir tão depressa, com tanta facilidade, como se eles sempre tivessem se detestado, como se aquela fosse afinal a oportunidade de parar de fingir e se mostrar de verdade um para o outro. Nick queria ficar com as crianças durante cinquenta por cento do tempo. Que piada! Como ele ia conseguir cuidar delas sozinho, se passava tantas horas no trabalho? Aquilo ia acabar com a rotina dos três. E ele nem queria estar com os filhos, na verdade. Só queria pagar uma pensão menor. Por sorte, Alice lembrou que sua velha colega de trabalho, Jane Turner, tinha se tornado uma advogada especializada em direito da família. Jane ia saber como enfrentar Nick.

* * *

Quatro meses depois de Nick se mudar, Dominick a chamara para sair. Eles fizeram um passeio pelo Parque Nacional e sem querer pegaram chuva. Dominick era simples e gentil. Não conhecia os restaurantes da moda. Gostava de lanchonetes despretensiosas. Os dois conversavam bastante sobre a escola. Ele respeitava as opiniões dela. Parecia muito mais verdadeiro que Nick.

Tinham feito amor pela primeira vez há pouco tempo, no apartamento dele. As crianças estavam com a mãe de Alice.

(Uma noite antes de ela bater a cabeça!)

Foi lindo.

Hum, tudo bem, foi meio desajeitado (por exemplo, ele parecia achar que devia lamber seus dedos dos pés. De onde tinha tirado essa ideia? Alice sentiu cócegas insuportáveis e sem querer lhe deu um chute no nariz). Mas, mesmo assim, tinha sido tão bom ver um homem prestando atenção no seu corpo de novo. Até nos seus dedos dos pés.

Dominick era o tipo certo de homem para ela. Nick fora um erro. Como uma menina boba de vinte e poucos anos poderia escolher o homem certo?

* * *

O sofrimento começou a melhorar um pouco. Ainda estava lá, mas não era mais um peso inacreditável esmagando seu peito. Ela se mantinha bastante ocupada.

* * *

Alice passou no Dinos certa manhã para tomar um café e viu uma pequena multidão de rostos solenes ao redor de uma mulher que estava tendo algum ataque na calçada. Até Dino estava ali. Alice se preparou para desviar os olhos — parecia que a pobre mulher era doente mental — quando percebeu, horrorizada, que era sua irmã. Era Elisabeth e, quando Dino lhe contou o que tinha acontecido, a primeira coisa que ela sentiu foi vergonha. Como podia não ter percebido que a situação estava tão ruim assim? Enquanto Alice contava para Dino tudo pelo que Elisabeth tinha passado, ela foi sentindo cada vez mais raiva de si mesma. Era como se houvesse passado a aceitar os abortos espontâneos de Elisabeth como parte da vida.

Alice levou Elisabeth para o seu carro e a deixou sentada no banco do carona, olhando para o nada, então voltou e conseguiu acalmar a mãe da criança que aparentemente sua irmã tinha tentado sequestrar (era Judy Clarke. Um dos filhos

dela estudava na turma de Madison). Quando elas estavam indo para casa, Elisabeth disse "obrigada" e só.

Bem, não dava mais. Aquele ciclo infindável de abortos tinha que acabar. Eles ficavam batendo a cabeça num muro de pedra e Elisabeth estava enlouquecendo. Alice tinha perdido a melhor amiga e seu casamento havia acabado, mas mesmo assim ela conseguira seguir em frente. Alguém precisava ajudar Elisabeth a criar juízo. Assim que chegou em casa, entrou na internet e pesquisou sobre adoção. Na quinta passada, tinha feito uma fornada fresquinha de muffins de banana e ligado para Ben, dizendo que estava com um problema no carro. Ele falou que ia passar lá imediatamente.

* * *

— Será que a gente devia chamar um médico?

— Não — disse Alice em voz alta, com os olhos fechados. — Estou bem. Só me deem um minuto.

Agora estava se lembrando da última semana. Era como se tivesse passado todo aquele tempo bêbada. Ficou mortificada.

* * *

Na manhã da aula de step, Alice tinha comido um bagel com cream cheese de café da manhã na lanchonete da academia. Por isso seu cérebro confuso estava pensando em cream cheese.

Imagine só sair da academia carregada daquele jeito? Como ela podia não ter reconhecido a academia? A professora de step? O marido de Maggie na esteira? Kate Harper saindo do elevador?

O choque de descobrir que ela e Nick estavam se divorciando.

Falar com a assistente de Nick ao telefone. Aquela mulher horrível nunca gostara dela (Alice suspeitava que tinha uma queda por Nick) e, desde a separação, tratava-a com uma grosseria espantosa.

Dançar salsa no Show dos Parentes. A química entre eles que Alice imaginava ter sentido. Caramba, ela havia devolvido a aliança da vovó Love. Tinha decidido ficar com a aliança para dar de presente a Madison. Agora Nick talvez desse para sua nova esposa, se algum dia se casasse de novo. Mas era de Madison por direito.

Nick tinha apostado vinte dólares que Alice não ia querer reatar quando sua memória voltasse. Devia ter passado todo aquele tempo rindo dela.

Alice tinha beijado Nick. Ela ficou enjoada ao lembrar. Ele estava usando sua perda de memória para obrigá-la a aceitar a abrir mão das crianças durante metade do tempo. Graças a Deus, ela não havia assinado nada.

Minha nossa, eles tinham levado Madison para tomar sorvete e observar baleias depois que ela cortou o cabelo de Chloe Harper! Que ótima forma de criar uma delinquente.

Ela dissera para a Sra. Bergen que tinha mudado de ideia sobre a alteração na legislação urbanística. Bem, simplesmente teria que explicar que mudara de ideia outra vez. Não queria continuar morando naquela casa. Trazia lembranças demais.

Tom devia ter dançado de Elvis hoje! A fantasia dele estava pronta. Ele não lembrara de propósito.

Nora se esquecera de mencionar os patrocinadores no discurso!

Ela precisava verificar toda a papelada do Guinness. Tinha que estar tudo certinho ou não seria considerado um recorde oficial. Maggie e Nora tinham boas intenções, mas não sabiam o que estavam fazendo.

A mulher com a marca de nascença que estava de pé ao seu lado era Anne Russell, mãe de Kerrie, que era da turma de Tom. Elas trabalhavam juntas na biblioteca no mesmo dia. Como podia ter esquecido Anne Russell?

Como podia ter esquecido tudo aquilo?

* * *

Alice abriu os olhos.

Estava sentada na grama ao redor da pista de corrida da escola.

Nick e Dominick estavam agachados na frente dela, em um desconforto evidente.

— Tudo bem? — perguntou Nick.

Alice olhou para ele. Nick estremeceu, como se ela houvesse lhe dado um tapa.

— Sua memória voltou — reconheceu ele.

Não era uma pergunta. Ele ficou de pé. Era como se estivesse contorcendo o próprio rosto, deixando-o frio e inexpressivo.

— Vou dizer para as crianças que está tudo bem — disse Nick. Estava prestes a se virar, mas então olhou de novo para ela e comentou: — Você me deve vinte pratas.

Alice se voltou para Dominick.

Ele sorriu, a abraçou e disse:

— Está tudo bem agora, meu amor.

TRINTA E TRÊS

Alice estava correndo com o celular na mão, para ter certeza de que ia escutá-lo tocar.

Estava fazendo o trajeto por onde ela e Gina costumavam correr com Luke. Tinha demitido o personal trainer. Não achou justificativa para um gasto de cento e cinquenta dólares por sessão com ele. Não enquanto ela e Nick ainda estivessem definindo os detalhes da divisão de bens. Além disso, saíra da academia. Nos últimos tempos, gostava simplesmente de correr e lembrar.

Desde que Alice perdera e depois recuperara a memória, tinha ficado obcecada em lembrar a própria vida. Escrevia num diário todos os dias e, sempre que ia correr, deixava que as memórias vagassem por sua mente. Ao chegar em casa, anotava tudo o que tinha lembrado. Era difícil saber se havia recuperado totalmente a memória dos últimos dez anos ou se ainda existiam lacunas. Ela sabia que, antes do acidente, não lembrava cada detalhe da década anterior, mas continuava esquadrinhando sua mente, em busca de qualquer peça que pudesse estar faltando.

Hoje Alice estava se lembrando da época em que Tom era bebê. Todo mundo tinha lhe dito que seu segundo filho ia dormir bem depois de todos os problemas com Madison. Todo mundo estava errado. Tom gostava de petiscar. Não ficava feliz em se alimentar direito a cada três ou quatro horas, preferia muito mais fazer um lanche a cada hora. De *hora em hora*. Isso significava que Alice só conseguia dormir quarenta minutos por vez antes de ser arrancada do sono pelo som do choro dele na babá eletrônica. E, apesar de Madison já ter mais de dois anos, ainda *não* dormira a noite inteira nenhuma vez.

Foi uma época em que Alice ficou obcecada pelo sono. Ansiava por ele. Via anúncios na televisão de pílulas para dormir ou colchões e sentia vontade de chorar de inveja. Depois de amamentar Tom, ela ia, cambaleando, para o quarto e se jogava na cama. Nem quando dormia o bebê saía da sua cabeça: sonhava que dormia em cima do bebê e o sufocava; que o largava no meio de uma troca de fralda e ele rolava para o chão. E então, justamente quando estava no sono mais pesado e delicioso, o som da babá eletrônica a acordava. Era como estar com uma sede desesperadora e

receber um copo cheio de água gelada de alguém que o arrancava dela logo depois do primeiro gole. Teria sido melhor não beber nenhuma gota.

Numa noite específica, Nick ia sair de manhã cedo para viajar a negócios. Alice tinha acabado de se deitar na cama, após convencer Madison a voltar a dormir — "*Por que* não posso brincar lá fora agora?" —, quando Tom começou a chorar. Sua cabeça estava girando quando ela se debruçou no berço para pegá-lo no colo. Alice sentiu uma onda de raiva por aquela pessoa que se recusava a deixá-la dormir.

"O que você quer de mim, pelo amor de Deus?" Seus braços foram se fechando com força em volta do bebê. "Você… precisa… calar… a boca."

Alice o colocou de volta no berço com todo o cuidado do mundo. Tom ficou furioso e gritou como se a mãe o houvesse deitado numa cama de pregos. Ela voltou para o quarto, acendeu a luz e disse para Nick, muito séria: "Você precisa me internar. Eu quis machucar o bebê."

Nick se sentou na cama, sonolento e confuso.

"Você machucou o bebê?"

Alice estava tremendo da cabeça aos pés.

"Não. Eu *quis*. Quis espremer o bebê até ele parar de chorar."

"Muito bem", disse Nick com calma, como se ela tivesse acabado de relatar algo perfeitamente normal. Ele se levantou, pegou a mão de Alice e a fez se deitar na cama. "Você precisa dormir."

"Mas eu preciso amamentar Tom."

"Dou o leite que você tirou e guardou no freezer. Vá dormir. Vou cancelar a viagem de amanhã. Vá dormir."

"Mas…"

"Vá dormir. Ande."

Foi a coisa mais erótica que ele já dissera para ela. Nick esticou as cobertas até o queixo de Alice, desligou a babá eletrônica e saiu do quarto, apagando a luz e fechando a porta. O cômodo ficou divinamente silencioso e escuro.

Ela dormiu.

Quando acordou, com os seios pingando e duros como pedras, o quarto estava banhado em luz do sol e a casa, tranquila. Alice olhou o relógio e descobriu que eram nove da manhã. Nick tinha feito o que prometera. Havia mesmo cancelado a viagem. Ela dormira por seis gloriosas horas seguidas. Sua visão estava mais apurada, seu cérebro, mais alerta. Alice desceu e encontrou Nick dando o café da manhã de Madison enquanto Tom resmungava e chutava o ar em sua cadeirinha de balanço.

"Obrigada", disse Alice, quase delirante de gratidão e alívio.

"De nada", respondeu Nick, sorrindo.

Ela viu em seu rosto o orgulho que ele sentia por tê-la salvado. Tinha encontrado a solução. Adorava encontrar soluções.

Então não era estritamente verdadeiro que ele nunca estivesse presente, ou que sempre colocasse o trabalho em primeiro lugar.

Talvez se Alice tivesse pedido mais ajuda? Se tivesse entrado em colapso mais vezes, para que ele pudesse ser o cavaleiro num cavalo branco (que coisa mais machista!); se não tivesse virado a especialista em tudo relacionado às crianças; se não tivesse sido tão desdenhosa quando ele vestia os três com combinações estranhas. Nick não suportava sentir que estava fazendo papel de bobo, então ele simplesmente parou. Por causa do seu orgulho idiota.

E ainda teve o orgulho idiota *dela*, de ser a melhor mãe do mundo, a mais profissional.

"Eu não venci no mundo, Nick, que nem Elisabeth e todas aquelas mulheres que trabalham com terninhos, mas venci no meu mundo."

Alice chegou na parte mais íngreme do trajeto, na qual Gina sempre usava um linguajar terrível. Seus músculos das batatas da perna se retesaram.

Era bom lembrar que, para cada recordação horrível do seu casamento, havia outra boa. Ela queria vê-lo com clareza, entender que não era tudo preto ou tudo branco. Era de um milhão de cores. E, sim, ultimamente não vinha dando certo, mas tudo bem. Só porque um casamento acabava, não queria dizer que não tivera momentos felizes.

Alice pensou naquele estranho período logo depois de sua memória ter voltado. No começo, imagens, palavras e emoções quebravam em cima dela feito ondas violentas. Ela mal conseguia respirar em meio ao caos. Então, depois de alguns dias, sua mente se acalmara, as lembranças tinham se encaixado nos lugares certos e Alice sentira um alívio maravilhoso. Quando estava sem memória, sentia-se nadando em meio à névoa, quase cega; agora tinha recuperado sua clareza de visão. E o que viu foi o seguinte: seu casamento tinha acabado e ela estava apaixonada por Dominick. Era isso. Com Dominick, Alice sentia o conforto delicioso de estar com um homem que era apaixonado e fascinado por ela, que queria descobrir quem ela era. Com Nick, tudo o que sentia era amargura, fúria e mágoa. Ele era um homem que já tinha decidido quem ela era, que podia listar todos os seus defeitos, manias irritantes e erros. Alice quase não suportava olhar para a cara dele. Só o fato de ter considerado reatar com Nick era algo aterrador e chocante. Como se alguém a houvesse drogado, hipnotizado e enganado.

Não era só a memória dos últimos dez anos que tinha voltado. Seu verdadeiro eu, *formado por aqueles dez anos*, tinha voltado. Por mais sedutor que fosse apagar a tristeza e o sofrimento dos últimos dez anos, isso teria sido uma mentira. A jovem Alice era uma tolinha. Uma tolinha inocente. A jovem Alice tinha dez anos a menos de vivência.

Mas, apesar de ter tentado argumentar com ela, repreendê-la e chorar por ela, a jovem Alice teimosamente se recusou a ir embora.

Ao longo dos meses seguintes, ela não parou de aparecer. Alice estava pagando pela gasolina no posto e flagrava sua mão se esticando para pegar uma barra do maravilhoso chocolate Lindt. Estava conversando seriamente com Nick sobre questões logísticas complicadas relacionadas às crianças e, de repente, fazia uma pergunta boba, que nada tinha a ver com a conversa, como, por exemplo, o que ele tinha comido de café da manhã. Estava a caminho da academia, mas, em vez de ir, ligava para Elisabeth e a convidava para tomar um café. Estava correndo entre um compromisso e outro e uma voz sussurrava em sua cabeça: "Relaxa."

Até que ela parou de resistir e pediu trégua. A jovem Alice podia ficar, desde que não comesse chocolate demais.

Agora era como se Alice conseguisse ajustar as lentes da sua vida e ver as coisas de duas perspectivas completamente diferentes. A perspectiva do seu eu mais jovem. Mais jovem, mais bobo e mais inocente. E a perspectiva do seu eu mais velho, mais sábio, mais cínico e mais sensato.

E, às vezes, a jovem Alice tinha razão.

Como, por exemplo, na questão de Madison. Antes de perder a memória, Alice estava passando por uma fase difícil com Madison. Tinha sido muito dura com ela, se frustrado com seu comportamento e, na parte mais oculta e vergonhosa de sua mente, tinha culpado Madison pelo acidente de Gina. Se Alice não tivesse precisado levar Madison ao dentista naquela manhã, Gina não estaria com o carro na esquina naquele instante. Em vez disso, elas teriam parado para tomar café.

Madison com certeza era inteligente o suficiente para perceber o ressentimento de Alice. Era uma criança que sentia tudo com muita intensidade. Vira a amiga da mãe morrer em um acidente e depois tivera que passar pela separação dos pais.

Não era à toa que vinha reagindo. Elisabeth recomendou um psiquiatra de quem tinham lhe falado. Um tal de Dr. Jeremy Hodges. Madison estava fazendo duas sessões por semana com ele e parecia estar ajudando. Pelo menos não tinha agredido mais ninguém na escola. Além disso, o marido de Kate Harper havia sido transferido para algum lugar na Europa, e assim, por sorte, a família inteira saíra da vida deles.

Alice ouviu uma buzinada amistosa e, quando ergueu os olhos, deparou com a Sra. Bergen em seu pequeno Honda azul. Era estranho, mas, desde que sua memória tinha voltado, ela perdera o interesse na legislação urbanística. A ideia de vender a casa por um valor alto e se mudar para um lugar novo que não lhe trouxesse tantas lembranças não parecia mais tão importante. Ela sabia que as lembranças ruins iriam junto, de qualquer forma, e não queria deixar as boas para trás.

Por outro lado, se as empreiteiras ganhassem... Bem, era a vida. As coisas mudavam. Ah, e como mudavam.

Alice chegou na esquina onde Gina morrera e se lembrou, mais uma vez, do horror e da perplexidade daquele momento. Sua dor tinha mudado desde que ela perdera e recuperara a memória. Estava mais simples, mais tranquila, mais triste. Antes, Alice transformara sua dor em várias emoções diferentes: fúria por Nick (*ele devia ter ficado do lado da Gina quando ela estava se separando do Mike*); frieza por Elisabeth (*ela nunca gostou muito da Gina*); e irritação por Madison (*Gina ainda poderia estar viva se elas tivessem ido em um carro só*). Ouvir o fato — "Sua amiga morreu" — sem as lembranças que vinham junto a ajudara a desembaralhar seus sentimentos. Agora Alice sentia apenas saudade.

O celular tocou em sua mão. Ela parou para atender sem olhar o nome na tela.

— Já soube de alguma coisa? — perguntou Dominick.

— Não! — exclamou Alice. — Pare de ocupar a linha.

— Desculpe — disse ele, rindo. — Vejo você hoje à noite. É para eu levar um frango, não é?

— É, é! Tchau!

Ele gostava de confirmar as coisas. Duas vezes. Três vezes. Só para ter certeza. Isso tinha o potencial de se transformar num hábito irritante, mas todo mundo tinha hábitos irritantes. E ela nem ao menos teria considerado a hipótese de pedir que Nick cumprisse uma tarefa tão insignificante quanto comprar um frango de padaria num dia de semana! Nick era ocupado e importante demais. Quando Dominick ia visitá-la depois de um dia de trabalho, ficava presente por inteiro. Diferentemente de Nick, que às vezes agia como se Alice e as crianças não fossem reais, como se sua vida verdadeira fosse no trabalho. E não era como se Dominick não tivesse um trabalho estressante também. Nick podia ser diretor de uma empresa, mas Dominick era diretor de uma escola. Quem contribuía mais para a comunidade?

Alice só queria parar de comparar Dominick a Nick, como se amasse o primeiro simplesmente por ele ser muito diferente do segundo. Às vezes, parecia que todo o *sentido* do seu relacionamento com Dominick era ser comparado ao seu relacionamento com Nick.

No outro dia, ela e Dominick foram ao jogo de futebol de Tom, e Nick também foi. Alice nem notara os olhos de Nick fixos neles do outro lado do campo, enquanto morria de rir das piadas de Dominick. Francamente, ela sentira um pouco de vergonha de si mesma.

O mais horrível era que, mesmo quando Nick *não* estava por perto, Alice sempre o imaginava observando. *Olhe só nós dois juntinhos no sofá vendo TV, Nick. Ele está fazendo massagem nos meus pés. Você nunca fazia isso. Olhe só nós dois entrando de mãos dadas nesse café. Ninguém se importa em encontrar a mesa "perfeita", a gente se senta e pronto! Olhe, Nick, olhe!*

Ou seja, será que seu relacionamento com Dominick não passava de uma performance?

Alice desacelerou, passou a andar com passos firmes, bastante ofegante. Lembrou-se de como ficara na cozinha tomando vinho com Nick e do alívio maravilhoso que sentira ao beijá-lo.

Que idiotice. Que vergonha. Mas ele retribuíra o beijo. Estava disposto a "tentar de novo".

Ela não tinha absolutamente nenhuma vontade de tentar de novo. Zero. Figurinha repetida não completa o álbum. Hora de seguir em frente. Tinha tomado a decisão certa. As crianças adoravam Dominick. É possível que elas tivessem passado mais tempo com ele do que jamais tinham passado com o pai.

E Alice e Nick andavam tão civilizados e maduros! Finalmente tinham definido um esquema de guarda compartilhada que era bom para os dois. Nick não ficava com as crianças durante metade do tempo, mas as via bem mais do que só no fim de semana. Estava até tirando folga do trabalho nas tardes de sexta para buscá-las na escola.

Recentemente, Alice percebera que estava ansiosa para ver Nick quando ele vinha trazer as crianças. Ia ser um divórcio amigável.

Sim, um bom casamento (na média) seguido por um bom divórcio. De acordo com as crianças, Nick tinha uma namorada. Megan.

Alice não sabia bem o que achava da tal *Megan*.

O telefone tocou de novo.

Finalmente. Era ele. Ela se sentou na cerca de tijolos vermelhos da casa de alguém.

— Ande logo — disse Alice. — Conte logo!

A princípio, ela não conseguiu entender. Ele parecia estar assoando o nariz.

— O quê? O que você disse?

— É menina — repetiu Ben, com a mais perfeita clareza. — Uma menininha linda.

TRINTA E QUATRO

Dever de casa de Elisabeth para Jeremy

Eu só acreditei que ia ter uma bebê quando ouvi o choro dela.

Desculpe admitir isso, Jeremy, afinal eu sei que você se esforçou bastante para me impedir de ser doida de pedra.

Mas só acreditei vendo. Naquele dia no banheiro químico, enquanto a maior torta de limão com merengue do mundo estava sendo assada, eu tive certeza de que estava sofrendo meu último aborto espontâneo.

Então o sangramento parou. Era só um "sangramento de escape", um termo alegre do mundo da medicina. Uma válvula de escape. Um jogo de escape.

Nem quando o sangramento finalmente parou, eu acreditei que ia ter um bebê. Nem quando a ultrassonografia foi normal. Nem quando senti o bebê chutando e virando, ou quando fui às aulas pré-natal, ou quando estava escolhendo um berço, ou lavando as roupinhas, nem quando eles começaram a me dizer "muito bem, pode fazer força agora", eu acreditei que ia ter um bebê. Não um bebê de verdade.

Até ela chorar. *Parece um bebê recém-nascido de verdade*, pensei.

E agora ela está aqui. A pequena Francesca Rose.

Ao longo de todos aqueles anos horríveis, quase nunca vi Ben chorar. Agora ele não consegue mais parar. Parece que tinha tonéis imensos de lágrimas estocados, que finalmente pôde abrir. Eu olho para Ben, segurando-a nos braços enquanto ela dorme, e lágrimas silenciosas escorrem pelo seu rosto. Quando estamos dando banho nela juntos, eu peço que ele me passe uma toalha e percebo que está chorando de novo. Eu digo: "Ben, *por favor*, meu amor."

Eu não choro tanto quanto ele. Estou concentrada demais em acertar em tudo. Ligando para Alice e fazendo perguntas sobre amamentação. Como eu sei se ela está mamando o suficiente? Preocupando-me com o choro dela. O que foi dessa vez? Gases? Preocupando-me com o peso dela. E com a pele dela (parece um pouco ressecada).

Mas, às vezes, no meio da noite, quando estou amamentando bem, quando ela pega o peito e está sugando direito, subitamente, o fato de ela ser real, de estar ali,

de estar viva, de ser tão encantadora, me atinge com tanta força, bum, e a felicidade é tão imensa, tão incrível, que explode dentro do meu cérebro feito fogos de artifício. Não sei descrever. Talvez seja parecido com o que as pessoas sentem quando usam heroína pela primeira vez.

(Como vou convencê-la a não usar drogas? Posso fazer alguma terapia infantil preventiva? O que você acha, J? Tantas preocupações…)

Bem, eu queria contar que finalmente fizemos uma cerimônia para os bebês perdidos, como você sugeriu. Levamos um buquê de rosas para a praia num dia calmo e ensolarado de inverno, andamos pelas pedras e jogamos uma rosa na água para cada pequeno astronauta perdido. Foi bom termos feito isso. Eu não chorei. Mas, enquanto observava cada rosa sair boiando, senti algo se afrouxar, como se estivesse usando algo apertado demais ao redor do peito por muito tempo. Quando estávamos voltando para o carro, sem pensar eu comecei a respirar fundo, e foi uma boa sensação.

(Também íamos ler um poema em voz alta, mas achei as orelhas de Francesca frias. Ela ainda não ficou resfriada. Estava fungando um pouco no outro dia, mas isso passou, o que foi um alívio. Estou pensando em dar um multivitamínico para ela. Alice disse que não precisa, mas… Bem, estou mudando de assunto.)

Eu também queria pedir desculpas por pensar que você era um pai arrogante com uma vida perfeita. Quando me contou, na nossa última sessão, que na verdade você e sua esposa também estavam fazendo tratamento para fertilidade, e que aquela foto na sua mesa não era dos seus filhos, mas dos seus sobrinhos, senti vergonha dos meus pensamentos autocentrados.

Então este é meu dever de casa, Jeremy. Sei que você não queria ler, mas achei melhor entregar mesmo assim. Talvez o ajude com outros pacientes. Ou talvez ajude quando sua esposa estiver meio louca, o que vai acontecer algumas vezes.

As Inférteis vieram nos visitar ontem e trouxeram um monte de presentes caros. Foi meio constrangedor. Eu sabia exatamente como elas estavam se sentindo. Sabia que estavam tentando manter a compostura, prometendo para si mesmas que só iam ficar vinte minutos ali e depois poderiam chorar no carro, fazendo questão de manter o tom de voz alegre, com seus pobres corpos inchados e cansados latejando de ansiedade quando cada uma cumpria o dever de pegar o bebê no colo. Eu reclamei da falta de sono (tinha sido uma noite muito ruim) e sabia que estava exagerando, embora *soubesse* que não existe nada mais arrogante para uma Infértil do que ouvir uma mãe recente reclamando, como se aquilo fosse fazer você se sentir melhor por não ter um bebê. É como dizer para uma pessoa cega: "Ah, claro, a gente vê montanhas e pôr do sol, mas também vê lixões e poluição! É horrível!" Não sei por que fiz isso, mas agora entendo a vontade desesperada e sem jeito de consolar os outros, mesmo quando você sabe muito bem que nada vai adiantar. As Inférteis

provavelmente vão reclamar de mim no próximo almoço. Duvido que as veja de novo — a distância entre nós agora é grande demais — a não ser, acho, que uma delas tenha a sorte de vir para o outro lado comigo.

Não sei se estou sendo intrometida, Jeremy, mas será que você e sua esposa não estão com dificuldade em saber quando é a hora de desistir?

E gostaria de dizer algo que não faz sentido algum, caso isso esteja acontecendo.

Nós devíamos ter desistido anos atrás. Está tão claro... Devíamos ter "considerado outras opções". Devíamos ter adotado. Abrimos mão de anos da nossa vida e chegamos muito perto de destruir nosso casamento. Nosso final feliz poderia e deveria ter acontecido muito mais cedo. E, apesar de eu amar o fato de que Francesca tem os olhos de Ben, agora também percebo que seu elo biológico conosco é irrelevante. Ela é uma pessoinha independente. É a Francesca. Se nós não fôssemos seus pais biológicos, ainda a amaríamos do mesmo jeito. Pelo amor de Deus, o nome dela é Francesca em homenagem à sua bisavó, que não tem qualquer elo biológico conosco e que só passou a fazer parte da nossa vida quando eu tinha oito anos. E seria impossível eu amar Frannie mais do que já amo.

Então é isso.

Mas agora, para ser totalmente sincera, tenho que me contradizer.

Porque se sua esposa me perguntasse se eu passaria por tudo de novo, isso é o que eu ia responder:

Sim. Claro. Sem a menor dúvida. Eu passaria por tudo, por cada agulha, cada perda, cada hormônio furioso, cada segundo avassalador, para estar aqui, agora, com a minha linda filha dormindo ao meu lado.

P.S.: Estou mandando também uma boneca estranha e bem feia. Pode ser que ajude. Boa sorte, Jeremy. Acho que você vai ser um pai maravilhoso. Não importa quanto tempo vai demorar e nem que caminho você vai escolher para fazer isso acontecer.

TRINTA E CINCO

OBSERVAÇÕES SUBLIMES DE UMA BISAVÓ!

Ela ficou em PRIMEIRO LUGAR!

Hoje foi a competição de oratória de Madison. Como mencionei em posts anteriores, ela estava competindo com as melhores crianças das outras escolas do primário, então era uma coisa muito séria.

Ela fez um discurso extremamente informativo e divertido sobre recordes mundiais. (Você sabia que um homem quebrou o recorde mundial de maior número de cascavéis vivas dentro da boca? Ele colocou... oito!)

Nós estávamos muito nervosos antes de começar. Meu querido Xavier estava pálido e suado, e Alice estava perdendo a paciência com todo mundo. Quando anunciaram o nome da Madison, ficamos eufóricos. Olivia dançou no corredor. Roger ficou de pé num pulo, acertando o olho de uma pobre mulher com o cotovelo (que vergonha). Barb começou a chorar.

Elisabeth e Ben estavam lá com a pequena Francesca Rose, que está cada dia mais bonita. Tom entreteve a priminha sacudindo as chaves de Ben. Ele é bom com bebês. Considera-os interessantes de um ponto de vista científico.

Alice e Dominick pareciam bem felizes juntos. (Alice está muito mais relaxada desde que sofreu o acidente. Não tem mais aquela expressão tensa e desolada. Talvez todo mundo devesse levar uma bela pancada na cabeça de vez em quando.) Andam dizendo por aí que eles vão morar juntos. Huumm. Vocês já devem saber minha opinião sobre isso! Ouvi dizer que Nick também está com uma namorada nova, mas ela não foi, graças a Deus. Nick ficou ocupado com as irmãs e a mãe. Acho que a definição moderna para mulheres como elas é "cheias de frescura".

Todo mundo me diz que não há chance de uma reconciliação entre Alice e Nick. "Nenhuma chance", dizem, como se eu fosse uma velha iludida. Mas...

Por acaso Xavier e eu estávamos sentados ao lado de Nick, bem atrás de Alice e Dominick. Quando anunciaram que Madison tinha ganhado, Alice nem olhou para Dominick. Ela se virou imediatamente para Nick. Esticou a mão para ele quase sem pensar. E ele pegou a mão dela. Só a ponta dos dedos. Por apenas um segundo. Vi a expressão dos dois. Isso é tudo o que vou dizer.

COMENTÁRIOS

DorisdeDallas disse:
Eu também vi, e acho que você é uma moça muito sábia. Vamos para a cama?

EPÍLOGO

Ela estava flutuando com os braços abertos e a água batendo no corpo, sentindo um cheiro de verão que era uma mistura de sal e coco. Havia um gosto em sua boca, uma sensação boa de saciedade, de quem tomara café e comera bacon e, possivelmente, croissants. Ela ergueu o queixo e o sol da manhã brilhou com tanta força na água que teve de apertar os olhos para ver seus pés por entre os raios de luz. Cada unha sua estava pintada de uma cor. Vermelho. Dourado. Roxo. Que engraçado. O esmalte não tinha sido passado direito. Estava borrado e cheio de bolinhas. Alguém estava flutuando na água ali bem perto. Alguém de quem ela gostava muito, que a fazia rir, com as unhas dos pés pintadas do mesmo jeito. A outra pessoa mexeu amistosamente os pés multicoloridos e ela sentiu uma preguiça gostosa. A certa distância, uma voz masculina gritou "Marco?" e um coro de vozes infantis respondeu "Polo! Polo!". O homem repetiu "Marco, Marco?" e as vozes responderam "Polo, Polo, Polo!" Uma criança riu; uma risadinha longa e gorgolejante, feito uma cascata de bolhas de sabão.

Nós estamos no rio Hawkesbury. São as férias mágicas nas casas-barco.

Alice ergueu a cabeça da água e olhou para Gina. Ela estava com os olhos fechados e seu cabelo comprido e encaracolado boiava na água feito algas marinhas.

— Gina! Você não morreu, não é?

Gina abriu os olhos e respondeu:

— Estou com cara de quem morreu?

Alice foi tomada por um alívio delicioso.

— Vamos tomar champanhe para comemorar! — sugeriu.

— Ah, vamos, sim — concordou Gina, sonolenta. — Vamos, sim.

Havia alguém nadando na direção delas. Subindo e descendo num nado de peito desajeitado. Ombros bronzeados entravam e saíam da água. Era Dominick. Seu cabelo estava grudado na cabeça. Havia gotas d'água cintilando em seus cílios.

— Oi, meninas — disse ele, boiando perto delas.

Gina não disse nada.

Alice ficou constrangida na frente da amiga. Por algum motivo, aquilo estava errado. Não era certo Dominick estar ali.

Gina virou-se de barriga para baixo e saiu nadando.

— Não, não, volte aqui! — gritou Alice.

— Ela já foi — disse Dominick com tristeza.

— Você não devia estar aqui — repreendeu Alice. Ela jogou água em Dominick, que ficou magoado. — Essas férias não são suas.

O despertador tocou. Uma canção da década de 1980 interrompeu abruptamente o silêncio da manhã.

Alguém fez um movimento brusco e a colcha saiu de cima dos ombros dela.

— Desculpe — disse a pessoa, desligando o rádio.

Alice se virou e puxou a colcha de volta.

Tinha sonhado com Gina. Fazia muito tempo que isso não acontecia. Ela adorava aqueles sonhos que pareciam tão reais que eram quase como vê-la outra vez, passar mais um dia com ela. Mas Dominick não devia ter aparecido daquele jeito. Alice sentiu-se traindo Nick por ter deixado Dominick entrar na sua lembrança das férias na casa-barco. Nick tinha adorado aquelas férias. Ela se lembrou de quando ele subiu no deque do barco, fazendo graça, fingindo que era um pirata. "Ei! Ei!" Nick agarrava Tom pela cintura e dizia: "Você vai para a prancha, menino!" E jogava-o para o alto, bem alto. Alice se lembrou tão claramente do rosto radiante de Tom, do seu corpinho bronzeado de criança, para sempre suspenso no céu azul sem nuvens.

Tom.

Ela abriu os olhos.

Tom tinha voltado para casa ontem à noite?

Seu filho havia prometido chegar à meia-noite e eles tinham ido se deitar mais cedo. Alice pretendera se levantar para ver se Tom estava na cama, mas, por algum motivo, tinha caído num sono muito pesado.

Ela estava se lembrando de ouvir a chave dele na porta? O carro raspando na entrada da garagem, o som desligado às pressas, os ruídos explosivos de adolescentes tentando não fazer barulho. Pés imensos marchando escada acima.

Ou aquilo fora outra noite?

Talvez fosse melhor dar uma olhada, mas estava muito cedo, ela continuava com sono, e era domingo. O único dia em que podia dormir até mais tarde. Alice ia se levantar, empurrar a porta do quarto de Tom e encontrá-lo ali, esparramado de roupa na cama, no quarto frio cheirando a loção pós-barba e meias sujas. Então ficaria completamente desperta, sem chance alguma de voltar a dormir. Teria que passar as próximas duas horas sentada na cozinha, esperando alguém acordar.

E era Dia das Mães! Supostamente iam trazer o café da manhã e os presentes na cama. Isso se lembrassem. No ano passado, tinham esquecido. Eram adolescentes, absortos nas próprias tragédias e êxtases.

Mas e se Tom não tivesse voltado? E se ela esperasse até as dez da manhã para avisar à polícia que ele estava desaparecido? "Eu estava dormindo", teria que explicar aos policiais quando eles perguntassem por que havia demorado tanto para denunciar o desaparecimento do filho de dezoito anos. Os policiais trocariam olhares. Que mãe ruim, preguiçosa. Uma mãe ruim, preguiçosa, que merece que o filho morra no Dia das Mães.

Alice afastou as cobertas.

— Tom está em casa — disse uma voz sonolenta ao seu lado. — Conferi mais cedo.

Ela puxou as cobertas de volta.

Tom sempre ia voltar para casa. Ele era confiável. Cumpria com o que prometia. Não gostava que fizessem muitas perguntas sobre sua vida (no máximo três seguidas, essa era a regra), mas era um bom menino. Estava estudando bastante para terminar o ensino médio. Jogava futebol, saía com os amigos e trazia para casa meninas bonitas com expressões ansiosas que pareciam achar que, se conseguissem conquistar a simpatia de Alice, teriam uma chance. (Como estavam erradas! Se Alice demonstrasse interesse demais por alguma menina, ela nunca mais era vista.)

Olivia é quem não ia voltar para casa uma noite dessas.

Alice não conseguia parar de se surpreender com a transformação de Olivia, que deixara de ser uma menininha doce e angelical e se tornara uma adolescente rabugenta, raivosa e cheia de segredos. Ela havia tingido seus lindos cachos louros de preto e alisado o cabelo, ficando parecida com a Mortícia de *A família Addams*. "Quem?", perguntara Olivia com desprezo ao ouvir isso. Era impossível conversar com ela. Qualquer coisa que dissesse podia ser uma ofensa. As batidas da porta do seu quarto reverberavam pela casa regularmente. "Odeio minha vida!", gritava ela, e Alice começava a pesquisar na internet sobre suicídio na adolescência quando, de repente, a ouvia gargalhando com as amigas ao telefone. Drogas. Gravidez precoce. Tatuagens. Tudo parecia possível com Olivia. Alice tinha certeza de que ia precisar de muita terapia depois que a caçula terminasse o ensino médio dali a dois anos.

"É só uma fase", dissera Madison. "Aguente firme, mãe."

Madison já tinha deixado toda a raiva da adolescência para trás. Agora era uma alegria só. Tão linda, que às vezes Alice levava um susto ao vê-la descer de manhã para tomar café, descabelada e com a pele translúcida. Madison cursava economia e tinha um namorado apaixonado, Pete, que Alice considerava como um quarto filho (o que era triste, porque tinha a sensação de que Madison ia partir o coração do rapaz em breve). O tempo passara tão depressa! Em um minuto estavam levando aquela bebezinha enrugada e chorosa do hospital para casa, e no minuto seguinte ela se transformara numa menina magrela, alta e cheia de opiniões.

"Passa tão depressa", dissera Alice para Elisabeth, que não acreditara muito nela. Elisabeth é que era especialista em maternidade agora. Apesar de ainda não ser mãe de nenhum adolescente, entendia mais sobre tudo. Alice queria dizer: "Espere só até sua linda Francesca começar a dormir até meio-dia e ficar se arrastando pela casa, tendo um ataque de fúria se você sugerir que talvez seja uma boa ideia tirar o pijama antes que esteja na hora de dormir de novo."

Mas Elisabeth estava ocupada demais para ouvir isso. Ocupadíssima!

Ela e Ben acabaram adotando três menininhos do Vietnã depois que Francesca nascera.

Dois eram irmãos. O mais novo sofria de asma e vivia tendo que ser internado no hospital. Um estava na fonoaudióloga para corrigir a gagueira. Francesca adorava natação, o que exigia que acordasse cedo pela manhã para treinar. Elisabeth participava de atividades com a comunidade de vietnamitas expatriados e com um grupo de apoio a pais adotivos, além de, claro, ser a tesoureira do Comitê de Pais e Amigos da escola. Ela também tinha voltado a remar e estava magra que nem um palito.

Ela e Ben tinham dois cachorros, um gato, três porquinhos-da-índia e um aquário. Aquela casinha silenciosa e arrumada que Alice visitara anos atrás, quando Elisabeth se recusava a sair da cama, tinha virado um hospício. Alice ficava com dor de cabeça após cinco minutos lá dentro.

Por sorte, todos eles iam se reunir ali para o almoço de Dia das Mães, não na casa louca de Elisabeth. Madison, aquela menina preciosa, ia cozinhar.

Durma, Alice. Daqui a algumas horas a casa vai estar cheia de gente.

Mamãe e Roger iam chegar mais cedo. Estariam desesperados para mostrar as fotos que tinham tirado na Convenção de Dança Latina em Las Vegas. Como Frannie dissera certa vez, um ano antes de morrer: "Eles criaram toda uma vida em torno da salsa." E Xavier acrescentara: "Ao contrário de nós, que criamos toda uma vida em torno do sexo." Frannie tinha passado uma semana sem falar com ele, de tão humilhada que ficou ao ouvi-lo dizer isso na frente dos seus netos.

Frannie morrera dormindo, de forma pacífica e inesperada, um ano atrás. Tinha passado os últimos anos de vida exigindo a legalização da eutanásia, brigando e fazendo as pazes com Xavier e escrevendo no blog. Centenas de leitores do mundo todo mandaram flores e cartões quando ela morreu.

Xavier ia vir hoje. Ele tinha ficado muito frágil depois da morte de Frannie. Ia se sentar numa cadeira confortável ao sol, falar pouco e cochilar.

Alice passava semanas inteiras sem pensar muito em Frannie, mas, em eventos familiares como os daquele dia, sabia que em pelo menos uma ocasião a ausência dela a atingiria como um soco no estômago.

Ah, Frannie, bem que você podia ter ficado mais alguns anos com a gente.

Durma. Durma depressa.

Ela dormiu e sonhou com Gina de novo.

Gina, Mike, Nick e Alice estavam sentados ao redor da mesa de jantar, após uma longa noite comendo e bebendo.

— O que será que a gente vai estar fazendo daqui a dez anos? — perguntou Gina.

— Vamos estar mais grisalhos, mais gordos e com mais rugas — respondeu Nick, um pouco bêbado. — Mas, com sorte, nós quatro ainda vamos ser amigos que se sentam ao redor de uma mesa como esta para falar dos velhos tempos.

— Aaaah — disse Gina, erguendo a taça. — Você é tão fofo, Nick.

— De preferência num iate — acrescentou Mike.

Era um sonho ou uma lembrança?

— Alice — chamou uma voz no seu ouvido.

Ela abriu os olhos.

O rosto de Nick estava amassado de sono.

— Você estava sonhando com Gina?

— Eu falei o nome dela?

— Dela e do Mike.

Graças a Deus, não tinha falado o nome de Dominick. Nick ainda reagia de forma um pouco estranha com a história de Dominick. Será que às vezes ele sonhava com aquela tal de Megan? Alice o encarou, desconfiada.

— O que foi? — perguntou Nick.

— Nada.

— Feliz Dia das Mães.

— Obrigada.

— Daqui a pouco vou buscar café para a gente.

— Ok.

Nick fechou os olhos e imediatamente voltou a dormir.

Alice colocou as mãos atrás da cabeça e pensou no seu sonho. Dominick tinha aparecido porque ela o vira no supermercado no dia anterior. Ele estava examinando uma embalagem de fio dental como se sua vida dependesse daquilo. Alice teve a sensação de que Dominick a vira primeiro e não estava com paciência para uma das conversas forçosamente alegres que eles tinham quando fingiam que seus encontros não eram constrangedores, então, para facilitar, ela se escondera depressa no corredor seguinte.

Era tão estranho pensar que ela já considerara seriamente a possibilidade de passar o resto da vida com Dominick (ele agora estava casado com uma das outras mães da escola e provavelmente pensava a mesma coisa sobre Alice).

Madison andava fazendo muitas perguntas a Alice sobre o ano que os pais tinham passado separados.

"Se você não tivesse perdido a memória daquela vez, acha que você e o papai iam ter reatado de qualquer jeito?", perguntara Madison ontem mesmo.

Alice ficava doente de culpa quando pensava em tudo pelo que ela e Nick tinham feito as crianças passarem durante aquele ano. Eles dois eram tão *jovens* na época, tão impressionados com a importância avassaladora dos próprios sentimentos.

"Você acha que a gente traumatizou vocês?", perguntara ela a Madison, ansiosa.

"Não precisa ficar histérica, mãe", respondera a menina, com um suspiro sábio.

Será que eles teriam reatado se ela não houvesse perdido a memória?

Sim. Não. Provavelmente não.

Alice se lembrou daquela tarde quente de verão, alguns meses após Francesca ter nascido. Nick tinha passado na casa dela para devolver a mochila que Tom esquecera no carro. As crianças estavam na piscina e Alice, Dominick e Nick tinham ficado no gramado, lembrando-se de suas próprias infâncias e dos verões que tinham passado brincando com mangueiras de água na grama (na época em que não havia racionamento). Alice e Dominick estavam próximos um do outro e Nick, um pouco afastado.

A conversa tinha levado Nick e Alice a contar para Dominick que haviam pintado a varanda num dia em que estava fazendo quarenta graus. Tinha sido um desastre. A tinta havia secado depressa demais e ficado toda rachada e descascando.

"Você estava num mau humor naquele dia", dissera Nick para Alice. "Marchando pela casa. Colocando a culpa em mim."

Ele a imitou marchando e Alice o empurrou de leve.

"Você também estava de mau humor", retrucara ela.

"Eu joguei um balde de água na sua cabeça para que se acalmasse."

"E aí eu joguei a lata de tinta na sua cabeça e você ficou *maluco*. Saiu correndo atrás de mim. Parecia o Frankenstein."

Eles riram da lembrança. Não conseguiam parar de rir. Toda vez que se olhavam, riam ainda mais.

Dominick deu um sorriso incerto.

"Acho que só tendo estado presente para achar graça."

Isso os fez rir ainda mais.

Quando eles finalmente pararam e enxugaram as lágrimas, as sombras no gramado tinham ficado mais compridas e Alice percebeu que estava parada ao lado de Nick, enquanto Dominick estava mais afastado, como se ela e Nick fossem o casal e Dominick, a visita. Alice olhou para o namorado, que estava com um olhar murcho e triste. Os três souberam. Talvez já soubessem há alguns meses.

Três semanas depois, Nick voltou para casa.

O engraçado é que Nick nem se lembrava daquele momento no gramado. Achava que Alice tinha imaginado aquilo. Para ele, o momento significativo fora na competição de oratória de Madison.

"Você se virou, me olhou e eu pensei: ah, ela me quer de volta."

Alice não tinha a menor lembrança disso.

— No que você está pensando?

Alice piscou. Nick estava de pé diante da cama, olhando para ela.

— Seu rosto estava muito sério — disse ele.

— Nas panquecas — respondeu Alice. — Espero que estejam realmente boas.

— Ah, vão estar. É Madison quem vai fazer.

Ela viu Nick abrir as cortinas e observar o dia lá fora. Ele abriu a janela e respirou fundo, satisfeito. Obviamente o tempo tinha sido aprovado. Então Nick foi para o banheiro da suíte, levantando a camiseta para coçar a barriga e bocejando.

Alice fechou os olhos e se lembrou dos primeiros meses depois que Nick voltou para casa.

Às vezes, era deliciosamente fácil ser feliz de novo. Em outras ocasiões, eles descobriram que tinham mesmo que "tentar", mas as tentativas pareciam idiotas e inúteis. Alice acordava no meio da noite pensando em todas as vezes que Nick a magoara e se perguntando por que não tinha ficado com Dominick. Mas também havia outras ocasiões, momentos inesperados de tranquilidade, em que eles se olhavam sem querer e todos os anos de dor e alegria, de tempos tristes e felizes, fundiam-se num sentimento que ela sabia ser muito mais forte, mais complexo e real do que as emoções fugazes que sentira por Dominick, e até mesmo que o amor que sentira por Nick nos primeiros anos.

Alice sempre tinha achado que aquela felicidade maravilhosa do começo do relacionamento com Nick era o melhor de tudo, o sentimento que eles sempre iam tentar sentir de novo, recuperar, mas agora sabia que isso não era verdade. Era como comparar água mineral com gás e champanhe francês. O amor do começo é excitante e estimulante. É leve e borbulhante. Todo mundo pode sentir esse amor. Mas o amor depois de três filhos, depois de uma separação e de um quase divórcio, depois que vocês se magoaram, se perdoaram, morreram de tédio e se surpreenderam, após terem visto o melhor e o pior... Bem, esse tipo de amor é inefável. Merece uma palavra só para descrevê-lo.

E era possível que Alice tivesse conseguido sentir isso por Dominick um dia. A questão nunca foi que Dominick era o homem errado e Nick, o certo. Ela podia ter tido uma vida perfeitamente feliz ao lado de Dominick.

Mas Nick era Nick. Ele tinha chegado primeiro e era o pai dos filhos dela. Ele entendia quando Alice dizia "Ai meu deuso". Eles tinham lembranças demais em comum. Era simples e complicado assim.

Quando Olivia entrara no ensino médio, Alice começara a trabalhar como consultora autônoma de eventos beneficentes. O trabalho pareceu renovar seu relacionamento com Nick. Às vezes, eles saíam para jantar depois de ambos terem passado o dia trabalhando e ela sentia uma atração totalmente nova por ele. Dois profissionais flertando numa mesa. Era o mesmo frisson de estar com um amante. Era muito bom descobrir que seu relacionamento podia continuar mudando.

Nick parou de repente, ao lado da cama, olhando para ela com a mão no peito.

— O que foi? — perguntou Alice, sentando-se depressa. — É dor no peito? Você está com dor no peito?

Ela era obcecada por dor no peito.

Ele tirou a mão e sorriu.

— Desculpe. Não. Só estava pensando.

— Meu Deus — disse Alice, irritada, voltando a se deitar. — *Eu* é que quase tive um infarto.

Nick se ajoelhou na cama ao lado dela. Alice lhe deu um empurrãozinho e falou:

— Ainda não escovei os dentes.

— Ah, pelo amor de Deus — disse ele. — Estou tentando dizer algo profundo.

— Prefiro quando você é profundo depois que eu já escovei os dentes.

— Eu só estava pensando em como fico feliz por você ter batido a cabeça naquele dia. Todos os dias agradeço a Deus por ter criado as aulas de step.

Alice sorriu.

— Que profundo — declarou ela. — Que romântico.

— Obrigado. Eu me esforço.

Nick baixou a cabeça e Alice foi lhe dar um beijo afável e rápido (ela ainda não tinha escovado os dentes, afinal estava impaciente para tomar café), mas inesperadamente o beijo ficou maravilhoso e ela teve aquela sensação de lágrimas fazendo cócegas no fundo dos seus olhos ao se lembrar de uma vida inteira de beijos: o primeiro beijo, quando ele era um namorado recente, o beijo do "pode beijar a noiva", o beijo estupefato que ele lhe dera com os olhos vermelhos e a barba por fazer depois do nascimento de Madison, e o beijo bonito de doer depois que ela terminou com Dominick e (de pé no estacionamento do McDonald's, com as crianças discutindo no banco de trás do carro) lhe disse: "Você pode, por favor, voltar para casa?"

A porta do quarto abriu com um estrondo e Nick pulou no seu lado da cama, sorrindo. Madison trazia uma bandeja com o café da manhã, Tom, um enorme buquê de girassóis e Olivia, um presente.

— Parabéns para mamãe! — cantaram eles, na melodia de "Parabéns para você".

— Estamos tentando nos redimir pelo ano passado — explicou Madison, colocando a bandeja no colo de Alice.

— É bom mesmo — disse ela. Pegou o garfo, engoliu um pedaço de panqueca e fechou os olhos. — Huumm.

Eles achavam que ela estava sentindo o sabor (de mirtilo, canela e creme: maravilhoso!), mas, na verdade, estava saboreando a manhã inteira, tentando agarrá-la, capturá-la, guardá-la, antes que todos aqueles momentos preciosos se transformassem em mais uma lembrança.

AGRADECIMENTOS

Um obrigada especial para minhas queridas irmãs, Jaclyn e Nicola Moriarty, por ler e comentar as primeiras versões do livro.

Agradeço à minha prima, Penelope Lowe, por me ajudar com as questões médicas, e à minha amiga Rachel Gordon, por responder pacientemente às perguntas sobre a vida de mãe de crianças em idade escolar.

Obrigada às minhas editoras maravilhosas ao redor do mundo: Cate Paterson e Julia Stiles na Austrália, Melanie Blank-Schroeder na Alemanha e Lydia Newhouse no Reino Unido. Todas vocês ajudaram a transformar *O que Alice esqueceu* num livro melhor.

SOBRE A AUTORA



© über photography

Liane Moriarty é autora de sete romances. Antes de se dedicar à carreira de escritora, trabalhou como gerente de marketing de uma editora e foi redatora freelancer. Pela Intrínseca, publicou também *O segredo do meu marido, Até que a culpa nos separe* e *Pequenas grandes mentiras*, que deu origem à série de TV *Big Little Lies*, da HBO, estrelada por Reese Witherspoon, Nicole Kidman e Shailene Woodley. Liane mora em Sydney, na Austrália, com o marido e os dois filhos.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Pequenas grandes mentiras



Até que a culpa nos separe

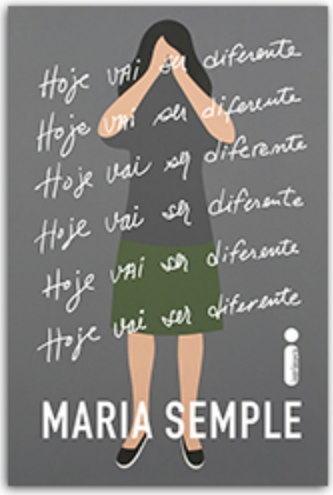


O segredo do meu marido

LEIA TAMBÉM



Um mais um
Jojo Moyes



Hoje vai ser diferente
Maria Semple



Mulheres sem nome
Martha Hall Kelly